

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING SERIES



Stunning

A PRETTY LITTLE LIARS NOVEL

SARA SHEPARD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Stunning

DESLUMBRANTES

A Pretty Little Liars Novel

SARA SHEPARD

Não importa quem começa o jogo, mas sim quem o termina.

—JOHN WOODEN

Prólogo

UM MONTE DE SEGREDOS

Você já fez algo tão vergonhoso, tão chocante, tão atípico de você que você quis desaparecer?

Talvez você ficasse escondido no seu quarto durante todo o verão, muito mortificado para mostrar o rosto. Talvez você pedisse aos seus pais para deixá-lo mudar de escola. Ou talvez seus pais nem sequer soubessem sobre o seu segredo — você também os escondeu deles. Você ficou com medo que eles dessem uma olhada em você e soubessem que você fez algo horrível.

Uma certa garota bonita de Rosewood carregou um segredo por nove longos meses. Ela fugiu de tudo e todos, exceto das suas três melhores amigas. Quando tudo acabou, elas juraram que nunca diriam a uma alma viva.

Mas essa é Rosewood. E em Rosewood, o único jeito de manter seus segredos a salvo é não ter nenhum. .

Aquele verão em Rosewood, na Pensilvânia, um subúrbio pitoresco e rico a cerca de vinte minutos da Filadélfia, foi um dos mais quentes já registrados. Para escapar do calor, as pessoas correram para a piscina do clube campestre, se reuniram em torno de uma sorveteria Rita em busca de sorvetes de morango extragrande, e nadaram nus no lago com patos da Peck, uma fazenda de queijo orgânico, apesar do boato de décadas de que um cadáver tinha sido encontrado lá. Mas a partir da terceira semana de agosto, o tempo de repente mudou. “Uma Noite de Verão Fria,” a imprensa local a chamou, porque a temperatura desceu e congelou várias noites consecutivas. Os meninos usaram moletons com capuz e as meninas vestiram seus novíssimos jeans Joe para a volta às aulas e coletes de frio. Algumas folhas das árvores mudaram para vermelho e amarelo durante a noite. Era como se o anjo da morte tivesse chegado e levado embora a estação.

Em uma noite fria de quinta-feira, um Subaru velho cruzou uma rua escura em Wessex, uma cidade não muito longe de Rosewood. O relógio verde brilhante do painel lia-se 01:26, mas as quatro garotas dentro do carro estavam bem acordadas. Na verdade, haviam cinco garotas: as melhores amigas Emily Fields, Aria Montgomery, Spencer Hastings, Hanna Marin. . e uma bebê pequena e sem nome que Emily tinha dado à luz naquele dia.

Elas passavam por casas após casas, olhando para os números das caixas de correio. Quando elas se aproximaram do número 204, Emily se sentou ereta. — Pare — ela disse acima do choro do bebê. — É aqui.

Aria, que estava vestindo um pulôver Fair Isle que ela tinha comprado durante as férias na Islândia no mês passado — férias que ela não suportaria pensar — dirigiu o carro em direção ao meio-fio. — Você tem certeza? — Ela olhou para a casa branca e simples. Ela tinha uma cesta de basquete na garagem, um salgueiro grande no pátio lateral e canteiros de flores sob as janelas da frente.

— Eu olhei esse endereço no formulário de adoção um milhão de vezes. — Emily tocou a janela. — 2-0-4 Ship Lane. Definitivamente é aqui onde eles vivem.

O carro ficou em silêncio. Até mesmo o bebê parou de chorar. Hanna olhou para a criança ao seu lado no banco de trás. Seus minúsculos e perfeitos lábios rosados estavam franzidos. Spencer também olhou para o bebê, então se mexeu desconfortavelmente. Era óbvio o que todas estavam pensando: Como isso pode ter acontecido com a doce, obediente e pequena Emily Fields? Elas tinham sido as melhores amigas de Emily desde a sexta série, quando Alison DiLaurentis, a garota mais popular da Rosewood Day, a escola particular que todas frequentavam, recrutou-as para seu novo grupo. Emily sempre foi a menina que odiava falar mal das pessoas, que nunca provocava uma briga, que preferia camisetas folgada a saias justas — e garotas ao invés de garotos. Garotas como Emily não engravidavam.

Elas pensavam que Emily estava participando de um programa de verão da Temple, assim como Spencer estava frequentando um da Penn. Mas então, de uma por uma, Emily havia dito a elas a verdade: ela estava escondida no quarto do dormitório da sua irmã na Filadélfia porque estava grávida. Aria, Spencer e Hanna tinham reagido da mesma forma quando Emily deu a notícia: de queixo caído e mudas com o choque. *Há quanto tempo você descobriu?* elas perguntaram. *Eu fiz um teste de gravidez quando voltei da Jamaica*, Emily havia respondido. O pai era Isaac, um menino que ela tinha namorado no último inverno.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Spencer perguntou calmamente. Um reflexo na janela chamou sua atenção e ela se encolheu. Mas quando ela se virou para olhar a casa oposta a deles, um rancho de tijolos também simples, não havia ninguém lá.

— Que outra opção eu tenho? — Emily girou a pulseira de borracha rosa do Hospital Jefferson em torno de seu pulso. A equipe médica nem sabia que ela tinha ido embora — os médicos queriam que ela ficasse um dia a mais para que eles pudessem monitorar a

incisão da sua cesariana. Mas se ela tivesse ficado no hospital mais um minuto, seu plano não iria funcionar. Ela não poderia dar o bebê para Gayle, a mulher rica que tinha pago uma soma enorme de dinheiro para ela, então ela disse a Gayle que tinha adiado a data prevista de sua cesariana para dois dias depois. Então, ela tinha pedido a ajuda de suas amigas para fugir do hospital logo depois que o bebê nascesse. Todas haviam desempenhado um papel na fuga. Hanna devolveu o dinheiro a Gayle. Spencer distraiu as enfermeiras enquanto Emily mancava em direção à saída. Aria providenciou seu Subaru e até mesmo encontrou um assento de carro infantil em uma venda de garagem. E elas conseguiram: Elas escaparam sem Gayle descobrir e levar o bebê.

De repente, como se fosse combinado, o celular de Emily tocou, quebrando o silêncio tenso de dentro do carro. Ela tirou-o da bolsa de plástico do hospital que ela tinha escondido em suas roupas e olhou para a tela. *Gayle*.

Emily estremeceu e clicou em REJEITAR. O celular silenciou por um momento, então tocou mais uma vez. Gayle novamente.

Hanna olhou para o celular cautelosamente. — Você não deveria atender?

— E dizer o quê? — Emily clicou em REJEITAR mais uma vez. — Desculpe Gayle, eu não quero te dar o meu bebê porque eu acho que você é uma psicopata?

— Mas isso não é ilegal? — Hanna olhou dos dois lados da rua. Não havia um carro à vista, mas ela ainda parecia nervosa. — E se ela te entregar pra polícia?

— Pra quê? — Emily perguntou. — O que Gayle fez também foi ilegal. Ela não pode dizer nada sem incriminar a si mesma.

Hanna mordeu uma unha. — Mas e se a polícia descobrir mais sobre isso, e se eles investigarem outras coisas? Tipo. . a Jamaica?

A tensão palpável percorreu o carro. Apesar de sempre estar em suas mentes, as garotas haviam prometido umas as outras nunca

mais falar sobre a Jamaica. Era para ter sido um refúgio para elas esquecerem a Verdadeira Ali, a menina diabólica que tinha matado sua irmã gêmea, Courtney, a Ali que todas conheciam e amavam. No ano passado, a Verdadeira Ali voltou para Rosewood e tentou se passar pela antiga melhor amiga das meninas, mas mais tarde foi revelado que ela era a nova A, a torturadora mandadora de mensagens. Ela havia matado Ian Thomas, o conquistador de corações da Rosewood Day e o suspeito do primeiro assassinato, e Jenna Cavanaugh, que as meninas e a Sua Ali tinham cegado na sexta série. O grande plano da Verdadeira Ali era matar as quatro meninas. Ela as levou para a casa de sua família em Poconos, trancou-as em um quarto e acendeu um fósforo. Mas as coisas não saíram como ela esperava. As meninas fugiram, deixando a Verdadeira Ali presa na casa quando ela explodiu. Apesar dos seus restos mortais não terem sido encontrados, todos acreditavam que ela estava morta.

Mas ela estava?

A viagem para a Jamaica tinha sido uma oportunidade para as meninas seguirem em frente com suas vidas e aprofundar suas amizades. Quando elas chegaram lá, porém, elas encontraram uma menina chamada Tabitha, que as fazia lembrar da Verdadeira Ali. Ela sabia coisas que só Ali saberia. Seus truques eram como os de Ali. Aos poucos, elas se convenceram de que ela era a Verdadeira Ali. Talvez ela tivesse sobrevivido ao fogo. Talvez ela tivesse vindo para a Jamaica para acabar com as meninas como ela tinha planejado.

Havia apenas uma coisa a fazer: pará-la antes que ela se vingasse. Assim que a Verdadeira Ali estava prestes a empurrar Hanna do deck com cobertura, Aria tinha intervindo, e Ali havia caído ao invés. Seu corpo machucado havia desaparecido antes das meninas descerem para a praia e ver o que elas tinham feito, provavelmente arrastado pela maré. As meninas hesitaram entre o alívio de que elas tinham se livrado de Ali de uma vez por todas.. e o horror de elas terem matado alguém.

— Ninguém nunca vai saber sobre a Jamaica — resmungou Spencer agora. — O corpo de Ali desapareceu.

O celular de Emily tocou novamente. *Gayle*. Um sinal sonoro veio logo depois. *Seis novas mensagens*, a tela anunciou.

— Talvez você devesse ouvir elas — Hanna sussurrou.

Emily balançou a cabeça, com as mãos tremendo.

— Coloque no viva-voz — Aria sugeriu. — Nós ouvimos com você.

Colocando seu lábio inferior dentro de sua boca, Emily fez como lhe foi dito e colocou a primeira mensagem para escutar. — Heather, é Gayle. — Uma voz rouca soou pelo carro. — Você não retorna minhas ligações há dias e eu estou preocupada. Você não ia ter o bebê há alguns dias, não era? Houve alguma complicação? Eu vou ligar para o Hospital Jefferson para ter certeza.

— Quem é Heather? — Spencer sussurrou nervosamente.

— É o nome falso que eu dei a todos nesse verão — Emily disse. — Eu até mesmo consegui meu emprego com uma identidade falsa que eu comprei na South Street. Eu não queria que ninguém fizesse a conexão de que eu era a melhor amiga de Alison DiLaurentis. Alguém poderia dizer à imprensa que eu estava grávida e depois meus pais teriam descoberto. — Ela olhou para seu celular. — Deus, ela realmente parece chateada.

A segunda mensagem de Gayle veio logo em seguida. — Heather, é Gayle novamente. Ok, eu liguei para o Hospital Jefferson, foi onde você agendou sua cesariana, certo? Ninguém na equipe me diz o que está acontecendo. Por favor, você pode atender e me dizer onde diabos você está?

Os tons da terceira e quarta mensagens aumentaram de intensidade e frustração. — Ok, eu estou no Hospital Jefferson agora — disse Gayle na quinta mensagem. — Eu acabei de falar com um atendente e eles não têm qualquer registro de alguém chamada

Heather na maternidade, mas depois eu descrevi como você se parece e ela disse que você esteve aqui. Por que você não me liga?

Onde diabos está o bebê?

— Você quer apostar que ela subornou a pessoa de plantão? — Emily murmurou. — Eu dei meu nome real no registro de entrada para me livrar de Gayle. — Se registrar com o nome Emily Fields tinha sido um risco, mesmo que Emily tenha dado o endereço de Philly como seu endereço e tivesse usado suas economias de babá para pagar a conta do hospital, e se, por algum motivo, seus pais ligassem para o Hospital Jefferson e descobrissem que ela esteve lá? Mas desde que Gayle a conhecia apenas por Heather, usar seu nome real parecia uma forma fácil de confundi-la.

Na sexta mensagem, Gayle havia descoberto. — Isso foi uma armação, não foi? — Ela resmungou. — Você teve o bebê e foi embora, não foi? Era essa a sua intenção o tempo todo, sua vadia? Você pretendia me enganar desde o início? Você acha que eu distribuo 50 mil dólares para qualquer um? Você acha que eu sou uma idiota? Eu vou te encontrar. Eu vou perseguir você e o bebê, e então você vai se arrepender.

— Whoa — Aria sussurrou.

— Oh meu Deus — Emily fechou o celular. — Eu nunca deveria ter prometido nada. Eu sei que nós devolvemos, mas eu nunca deveria ter pego o dinheiro pra começar. Ela é louca. Agora vocês entendem porque eu estou fazendo isso?

— Claro que sim — Aria disse calmamente.

O bebê começou a choramingar. Emily acariciou sua cabecinha e, em seguida, preparando-se, abriu a porta do carro e entrou em contato com o ar frio. — Vamos fazer isso.

— Em, não. — Aria abriu sua própria porta e agarrou o braço de Emily assim que ela caiu contra a lateral do carro, claramente com dor. — O médico disse que você não deveria se esforçar, lembra?

— Eu preciso levar o bebê para os Bakers. — Emily apontou fracamente para a casa.

Aria fez uma pausa. Uma buzina de caminhão soou à distância. Sobre o som ruidoso do motor do carro, ela pensou ter ouvido uma breve risada estridente.

— Tudo bem — Aria cedeu. — Mas eu vou levá-la. — Ela pegou a cadeirinha do bebê da parte traseira. Um cheiro de talco de bebê flutuou para cumprimentá-la, trazendo um nó à sua garganta.

Seu pai, Byron, e sua namorada, Meredith, tinham acabado de ter um bebê, e ela amava Lola com todo seu coração. Se ela olhasse muito tempo para esse bebê, ela poderia amá-la tanto quanto.

O celular de Emily tocou novamente e o nome Gayle piscou na tela. Ela o deixou cair em sua bolsa. — Vamos lá, Aria.

Aria levantou a cadeirinha do bebê mais pra cima em seus braços, e ambas as meninas cambalearam no gramado da frente. O orvalho molhava seus pés. Elas quase pisaram num regador que estava na grama. Quando elas subiram a varanda, elas notaram uma cadeira de balanço de madeira e um prato de cachorro de cerâmica que dizia GOLDEN RETRIEVERS, BEM VINDOS.

— Own — Aria apontou para ele. — Golden retrievers são incríveis.

— Eles me disseram que têm dois filhotes de cachorro golden retriever. — A voz de Emily tremeu. — Eu sempre quis um desses.

Aria viu quando um milhão de emoções passou pelo rosto de sua amiga em uma fração de segundo. Ela estendeu a mão e apertou a mão de Emily. — Você está bem? — Havia muito a dizer, mas não havia palavras para dizê-lo.

Então a expressão de Emily endureceu novamente. — É claro — ela disse através dos dentes.

Respirando fundo, ela agarrou a cadeirinha de bebê de Aria e colocou-a na varanda. O bebê berrou.

Emily olhou por cima do ombro para a rua. O Subaru de Aria estava estacionado na calçada. Algo deslizou para as sombras perto da cerca. Por uma fração de segundo, ela pensou que era uma pessoa, mas por outro lado, seus olhos estavam nublados. Era, provavelmente, as drogas que ainda estavam correndo pelo seu sistema.

Mesmo que a incisão doesse como o inferno, Emily se abaixou, tirou uma cópia da certidão de nascimento do bebê e a carta que ela escreveu pouco antes de ir para o hospital, e colocou-as no topo da cadeirinha de bebê. Felizmente, a carta explicava tudo. Felizmente, os Bakers iriam entender e amar esse bebê com todo o seu coração. Ela beijou a testa do bebê, então deixou seus dedos deslizarem por suas bochechas incrivelmente suaves. *É melhor assim*, uma voz dentro dela disse. *Você sabe disso*.

Emily apertou a campainha. Em poucos segundos, uma luz de dentro se acendeu e dois passos soaram atrás da porta. Aria agarrou a mão de Emily e elas cambalearam para o carro. A porta da frente se abriu no momento em que elas estavam colocando seus cintos de segurança. A silhueta de uma figura apareceu na porta, primeiro olhando para fora e depois olhando para a cadeirinha do bebê abandonada.. e para o bebê de dentro.

— Dirija — Emily resmungou.

Aria acelerou para a noite. Quando ela virou na primeira curva, ela olhou para Emily pelo espelho retrovisor. — Está tudo bem.

Hanna colocou a mão no braço de Emily. Spencer se virou e apertou o joelho dela. Emily se abraçou e começou a chorar, primeiro baixinho, depois com suspiros enormes e ofegantes. Os corações de todas estavam partidos por ela, mas ninguém sabia o que dizer. Esse era mais outro segredo devastador em uma longa lista de segredos que elas tinham que guardar, juntamente com a Jamaica, a quase prisão de Spencer por posse de drogas, o que tinha acontecido com Aria na Islândia e o acidente de carro de Hanna nesse verão. Pelo menos não tinha mais A — elas tinham

cuidado disso. O que elas tinham feito pode ter sido terrível, mas pelo menos ninguém jamais saberia.

Elas não deveriam ter tanta certeza disso, no entanto. Depois de tudo o que aconteceu, elas deveriam saber confiar em seus pressentimentos, levar esses risos fantasmagóricos e sombras a sério. Alguém estava lá naquela noite, afinal. Observando. Examinando. Tramando.

E esse alguém só estava esperando a oportunidade de usar tudo isso contra elas.

1

JUNTOS NOVAMENTE, E ISSO É TÃO BOM

Em uma fria noite de sábado do início de março, Aria Montgomery estava sentada à mesa de jantar de mogno na casa de seu namorado Noel Kahn. Ela sorriu quando Patrice, a chef particular da família, serviu-lhe um prato de ravióli com azeite de trufas. Noel estava sentado ao lado dela, e o Sr.

e a Sra. Kahn estavam em frente a eles, rechaçando os três premiados poodles padrão dos Kahns, Reginald, Buster e Oprah.

Noel tinha dado a Oprah seu nome quando ele era pequeno porque ele estava obcecado com o talk show.

— É tão bom ver você, Aria. — A Sra. Kahn, uma mulher imponente com rugas ao redor de seus amigáveis olhos azuis e centenas de milhares de dólares em diamantes nos dedos, deu a Aria um sorriso genuíno. Ambos os pais de Noel haviam chegado na casa momentos antes do jantar ser servido. — Você não tem vindo mais aqui.

— Bem, eu estou feliz por estar de volta — disse Aria.

Noel apertou a mão de Aria. — Estou feliz por você estar de volta, também. — Ele beijou sua bochecha.

Um formigamento correu pela espinha de Aria. Apesar de jogar lacrosse e dirigir um Range Rover, o Típico Garoto de Rosewood, Noel Kahn, não era exatamente o tipo de Aria, mas ele tinha lentamente ganhado o seu coração. Além de uma separação breve, há algumas semanas, eles namoram há quase um ano.

Desde que eles voltaram a ficar juntos, eles estavam compensando o tempo perdido. Segunda-feira à noite eles tinham ido a um jogo do Philadelphia Flyers, e Aria tinha realmente se envolvido nele, torcendo quando a equipe marcou gol após gol. Terça-feira, eles foram assistir um filme independente francês que Noel disse que foi instigante, mesmo que Aria tivesse certeza de que ele estava apenas sendo gentil. Quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira eles passaram na casa de Noel, deitados no sofá e assistindo *Lost* em DVD, e mais cedo naquele dia eles tinham ido patinar no gelo após uma incomum tempestade de neve.

Patrice apareceu novamente com saladas, e os Kahns levantaram suas taças. — Para o meu lindo marido — Sra. Kahn disse.

— Para a mulher mais bela do mundo — Sr. Kahn falou.

Noel fingiu vomitar, mas Aria deu um apreciativo “*Awww.*” Ela tinha conhecido os Kahns só no ano em que tinha namorado Noel, e eles pareciam ser um casal que se comunicava bem e ainda planejava surpresas românticas no Dia dos Namorados. Os pais de Aria nunca tinham sido assim, e provavelmente foi por isso que eles se divorciaram. Aria tinha dito a Noel ontem o quão sortudo ele era por ter pais que ainda se amavam, e ele disse que achava isso, também. Garotos poderiam ser bastante estúpidos, às vezes, mas Aria estava feliz que seu namorado reconhecia um bom relacionamento quando via um.

A Sra. Kahn tomou um gole de vinho. — Então, quais as novidades, Aria? Você está animada com a campanha do pai de Hanna para o Senado?

— Definitivamente. — Aria espetou um ravióli. — E é divertido ver Hanna em todos os comerciais de TV. — Na verdade, era um alívio ver qualquer comercial que não fosse do *Pretty Little Killer*, o filme feito para a TV sobre Aria, Hanna, Emily e Spencer, e sua experiência difícil com a Verdadeira Ali. Parecia que o filme era retransmitido a cada dois dias.

— Vai ter um grande baile de arrecadação de fundos para o Sr. Marin no próximo fim de semana — disse Noel entre mordidas.

— Ah, sim, nós também vamos — Sra. Kahn disse.

Sr. Kahn limpou levemente a boca. — Na verdade, eu não posso. Você vai ter que ir sozinha.

Sua esposa o olhou surpresa. — Por que não?

— Eu tenho um jantar de trabalho na cidade. — O Sr. Kahn de repente tornou-se muito interessado em seu BlackBerry, que estava ao lado de seu prato. — Eu aposto que vocês crianças estão entusiasmadas com o Cruzeiro Eco chegando — ele acrescentou, mudando de assunto. — Sua mãe me contou tudo sobre ele, Noel.

— Eu mal posso esperar — disse Noel com entusiasmo. Dentro de algumas semanas, a maioria da classe sênior de Rosewood Day iria viajar em um cruzeiro para um grupo de ilhas tropicais. Era parte viagem sênior, parte excursão de ciência, e Aria estava emocionada por ela e Noel terem voltado a tempo de irem juntos. Passar horas tomando sol ao lado dele soava como o paraíso.

A porta da frente se abriu, e houve passos no corredor. — Olá? — Uma acentuada voz familiar falou. — Klaudia! — a Sra. Kahn se ergueu até a metade de seu assento. — Nós estamos aqui!

Klaudia, a estudante de intercâmbio finlandesa que tinha estado com os Kahns por pouco mais de um mês, desfilou para a sala de jantar. Como de costume, ela estava usando um apertado e ultracurto vestido suéter que ostentava seus seios enormes e a cintura minúscula. Suas botas acima do joelho acentuavam suas finas e longas pernas. Seu cabelo loiro-branco derramava-se em

torno de seus ombros, e seus lábios sensuais de cor framboesa estavam franzidos.

— Olá, Noel! — Ela balançou seus dedos. Em seguida, seu olhar se voltou para Aria, e o sorriso azedou. — Oh. *Você*.

— Olá, Klaudia — Aria disse em uma voz cortante.

— Você quer jantar, Klaudia? — a Sra. Kahn perguntou ansiosamente. — Está uma delícia!

Klaudia virou o nariz no ar. — Eu bem — ela disse em seu jargão Inglês artificial. Aria sabia que na realidade ela falava Inglês perfeitamente, mas ela dava uma de inocente-garota-estrangeira porque a ajudava a se safar de todos os tipos de coisas. — Eu já comi com Naomi e Riley. — Então ela girou nos calcanhares e caminhou bruscamente para o andar de cima.

Assim que a porta se fechou, Noel deu a seus pais um olhar exasperado. — Por que ela ainda está aqui? Você disse que iria ligar para o programa de intercâmbio e mandá-la para casa!

A Sra. Kahn estalou a língua. — Você ainda está chateado por ela ter pegado emprestada a sua jaqueta?

— Ela não pegou emprestada. — A voz de Noel elevou-se. — Ela roubou.

— *Shh*. — A Sra. Kahn olhou para o teto. — Ela vai ouvir você.

Aria fixou os olhos em seu prato, sentindo uma secreta sensação de triunfo.

Não muito tempo atrás, Aria tinha certeza de que Noel queria dormir com Klaudia — quem não iria querer? Ela parecia uma garota de um comercial de cerveja, e, além disso, ela era diabólica e manipuladora. Pior ainda, Noel não tinha acreditado em Aria quando ela disse que Klaudia era louca — ele apenas achava que ela era uma meiga e infeliz estudante de intercâmbio que precisava de mimos e proteção da Grande e Má América. Foi tão gratificante quando Noel tinha ido até Aria na semana passada e dito que

Klaudia definitivamente não era para ele. Ela era louca, e ele estava fazendo tudo o que podia para fazer ela ser mandada de volta para a Finlândia.

As sobrancelhas da Sra. Kahn se franziram. — Klaudia é uma convidada em nossa casa, Noel.

Nós não podemos simplesmente expulsá-la.

Os ombros de Noel caíram. — Você está do lado dela, em vez do meu?

— Basta tentar se dar bem com ela, querido. É uma incrível experiência cultural ter Klaudia em casa.

— Tanto faz. — Noel deixou cair o garfo. — Sabe de uma coisa? Eu não estou mais com fome.

— Noel — a Sra. Kahn protestou, mas Noel já estava a meio caminho da porta. Aria ficou de pé também. — Obrigada pelo jantar — disse ela, sem jeito. Ela tentou levar o prato para a cozinha, mas Patrice, que estava esperando obedientemente no canto, pegou-o dela e enxotou-a para fora.

Aria seguiu Noel subindo as escadas para a sala do segundo andar, que tinha uma televisão de tela grande e cinco diferentes consoles de vídeo game. Noel pegou duas Sprites do frigobar do canto, deixou-se cair no sofá, e com raiva começou a mudar os canais.

— Você está bem? — Aria perguntou.

— Eu simplesmente não posso acreditar que eles não estão me ouvindo sobre ela. — Noel projetou um polegar na direção do quarto de Klaudia no final do corredor.

Aria queria apontar que não há muito tempo Noel não tinha escutado ela sobre Klaudia, mas agora provavelmente não era o momento certo.

— Só faltam mais alguns meses para ela voltar para a Finlândia, certo? Talvez você possa simplesmente ignorá-la. E de qualquer

maneira, agora que ela gosta de outra pessoa, talvez ela te deixe em paz.

— Você quer dizer o Sr. Fitz? — Noel levantou uma sobrancelha.
— Você está bem com isso?

Aria afundou-se no sofá e olhou para fora da janela para o quintal da casa de hóspedes dos Kahns. Na semana passada, enquanto ela e Noel estavam separados, Ezra Fitz, professor/namorado de Aria, voltou para Rosewood, na esperança de ganhar o coração dela de volta. Tudo tinha acontecido como a fantasia que tinha estado sendo executada constantemente na cabeça de Aria desde que Ezra tinha deixado a cidade, até que, inesperadamente, o sonho tornou-se azedo. Ezra não era mais o cara que ela se lembrava, mas, ao invés, era alguém que estava carente e inseguro.

Quando Aria não pôde dar a Ezra o estímulo do ego que ele precisava, ele virou-se para Klaudia ao invés. Na semana passada, Aria os pegou se agarrando em um vestiário em uma festa do elenco da produção da escola de *Macbeth*. Desde então, Klaudia tinha se gabado audivelmente que ela e Ezra tinham saído em encontros excitantes ao redor de Rosewood e que eles estavam procurando um apartamento em Nova York, onde Ezra vivia.

— Eu não me importo que Klaudia e Ezra estejam juntos — disse ela, falando a verdade. — Eu estou com você.

Noel largou o controle remoto e puxou-a para perto. Seus lábios se encontraram em um beijo.

Noel apertou as mãos ao longo dos lados de seu rosto, em seguida, tocou seu pescoço e ombros.

Seus dedos roçaram a alça do sutiã, e ela sabia que ele queria mais. Ela se afastou um pouco. — Nós não podemos. Não com os seus pais no andar de baixo.

Noel gemeu. — E daí?

— Pervertido. — Ela deu um tapa nele de brincadeira, mas sentiu uma pontada de saudade, também. Isso era outra coisa que havia mudado: Desde que eles tinham se reconciliado, eles dormiram juntos pela primeira vez. Isso aconteceu há poucos dias atrás, no quarto de Noel em uma tarde chuvosa, e foi tudo do jeito que Aria esperava que fosse — gentil, lento e incrível. Eles sussurraram o quanto eles se importavam um com o outro, e depois, Noel tinha dito a ela que tinha sido tão especial. Aria estava feliz por eles terem esperado. Eles fizeram isso pela razão certa — amor. Noel recostou-se nos cotovelos e a examinou. — Não vamos nunca mais deixar que ninguém fique entre nós novamente. Nem Klaudia, nem Ezra, nem ninguém.

— De acordo. — Aria massageou o antebraço de Noel.

— Eu estou falando sério. — Noel endireitou-se e olhou em seus olhos. — Eu quero que sejamos completamente honestos um com o outro. Sem mais segredos. É por isso que os meus pais ainda estão juntos — eles não escondem nada. Eu não quero que seja feito antes, também.

Aria piscou com força. O que ele diria se ela lhe contasse sobre o que tinha feito na Islândia no verão passado? O que ele diria se ela lhe dissesse que ela e suas velhas amigas haviam empurrado a pessoa que elas achavam que era a Verdadeira Ali para fora do telhado na Jamaica, apenas para descobrir mais tarde que ela era na verdade uma menina inocente chamada Tabita Clark? O que ele diria sobre a Nova A, e as mensagens de texto anônimas que tinham começado a atormentar Aria e suas amigas com seus segredos mais sombrios?

E quem *era* a nova A? A ex-amiga de Spencer, Kelsey Pierce, tinha feito tanto sentido — ela tinha estado na Jamaica durante as férias de primavera, e Spencer tinha armado para ela ser presa por posse de drogas no verão passado. Mas quando elas tinham confrontado Kelsey no hospital psiquiátrico Reserva de Addison-Stevens, ela realmente não parecia saber sobre Tabitha ou A.

E depois havia a inscrição no banco que elas tinham visto do lado de fora do hospital.

TABITHA CLARK, DEP, dizia, listando as datas em que Tabitha tinha sido uma paciente da Reserva.

Elas correspondiam com as datas em que a Verdadeira Ali tinha estado lá, também — claramente Tabitha e a Verdadeira Ali se conheciam.

— Olá? Aria?

Noel estava olhando para ela com curiosidade. — Sua mente estava longe. Tudo bem?

— É claro — Aria mentiu. — Eu.. Eu estava pensando sobre o quão incrível você é. E em como eu concordo completamente em ser honesta o tempo todo.

O rosto de Noel relaxou em um sorriso. Ele ergueu a Sprite. — Ótimo. Então, sem mais segredos?

— Sem mais segredos. — Aria levantou a Sprite, também, e eles tocaram as latas como os Kahns tinham brindado no jantar. — A partir de agora.

Ok, “a partir de agora” era uma fraude. Mas os crimes horríveis que Aria cometeu estavam no passado, e eles precisavam ficar assim — para sempre.

2

O NOVO DESAFIO DE SPENCER

Naquela noite, uma mulher magra com calças pretas apertadas ofereceu para Spencer Hastings e sua família quatro fatias de bolo em uma bandeja de prata. — Ok, nós temos de chocolate com cobertura de café, esponja de baunilha com creme de manteiga e limão, bolo de chocolate com licor Frangelico e cenoura. — Ela os colocou sobre a mesa.

— Parece delicioso. — A mãe de Spencer pegou seu garfo.

— Você está tentando fazer a minha mulher engordar, não é? — O Sr. Pennythistle, o novo noivo da Sra. Hastings, brincou.

Isso resultou em um riso educado. Spencer agarrou seu próprio garfo de prata com força, tentando manter um sorriso colado no rosto, embora ela tivesse achado a piada muito idiota. Ela estava com sua mãe, sua irmã, Melissa, o namorado de Melissa, Darren Wilden, o Sr. Pennythistle, e a filha do Sr. Pennythistle, Amelia, na Chanticleer House. A Sra. Hastings e o Sr. Pennythistle tinham escolhido a mansão de pedra com seu enorme jardim privado para suas núpcias do próximo verão.

Amelia, que era dois anos mais nova que Spencer e frequentava a St. Agnes, a escola mais esnobe da Main Line, hesitantemente cutucou o garfo na fatia de bolo de cenoura. — Os bolos da Sassafras Bakery são mais bonitos — disse ela, franzindo o nariz.

Melissa deu uma mordida e entrou em estado de êxtase. — Eles podem ser mais bonitos, mas essa cobertura de creme de manteiga é o céu. Como dama de honra, eu voto nesse.

— Você não é a única dama de honra. — A Sra. Hastings apontou o garfo na direção de Spencer. — Spencer e Amelia também podem votar.

Todos os olhos se voltaram para Spencer. Ela não tinha certeza do porquê da mãe dela querer passar por todas as extravagâncias de noiva, que incluía comprar um vestido Vera Wang com uma calda de três metros, montar uma lista de convidados com mais de 300 pessoas e obrigar Spencer, Amelia e Melissa a serem suas damas de honra, que até agora havia exigido que elas se encontrassem com os planejadores de casamento, elaborassem os anúncios do *New York Times* e *Philadelphia Sentinel* e tivessem que escolher as sacolas perfeitas das lembrancinhas da recepção.

Ainda havia dias em que Spencer pensava que sua mãe iria acordar e se dar conta de que se divorciar do pai de Spencer tinha sido um erro. Ok, então seu pai tinha tido um caso com Jessica DiLaurentis e, secretamente, era pai de duas gêmeas, Courtney e Alison. Mas, ainda assim, um segundo casamento?

Spencer cortou o bolo de chocolate Frangelico em um retângulo perfeito, com cuidado para não deixar cair migalhas em seu vestido Joie novo. — Esse é muito bom — ela disse.

— Mentes brilhantes pensam iguais. Esse também é o meu favorito. — O Sr. Pennythistle limpou a boca. — Spencer, faz tempo que eu queria te dizer que eu entrei em contato com o meu amigo Mark, que é um produtor do grupo de teatros Off-Broadway. Ele ficou muito impressionado com o seu desempenho como Lady Macbeth e talvez queira que você faça um teste para uma das futuras peças dele.

— Oh — Spencer arfou, surpresa. — Obrigada. — Ela lançou-lhe um sorriso. Em uma família de destaques era bom ser notada.

Amelia torceu o nariz. — Esse é o mesmo Mark que produz as peças dos restaurantes com apresentações de peças teatrais? As peças dele normalmente não são de lutas medievais? — Ela riu com maldade.

Spencer estreitou os olhos. *Um pouco ciumenta?* Mesmo que Amelia estivesse morando esses dias na casa dos Hastings por algumas semanas, as únicas interações entre elas consistiam

principalmente em alfinetadas maldosas, resmungos com uma palavra ou olhares raivosos sobre a mesa de jantar. Spencer já havia tido um relacionamento fraterno assim com Melissa. Ela e Melissa finalmente fizeram as pazes, ela não precisava de outra irmã adversária para tomar o lugar dela.

Amelia ainda estava olhando para Spencer. — A propósito, você ouviu falar de Kelsey ultimamente? Ela, tipo, sumiu da face da terra. Meu grupo de orquestra está com uma violinista a menos.

Spencer empurrou outro pedaço de bolo em sua boca para atrasar a resposta. A antiga amiga de Spencer, do programa de verão da Penn, agora estava no hospital psiquiátrico e centro de reabilitação Reserva de Addison-Stevens para superar seu abuso de drogas — parte disso por culpa de Spencer. Spencer tinha incriminado Kelsey no verão passado por posse de drogas fazendo ela ser mandada para o reformatório. Quando ela reapareceu na vida de Spencer recentemente, Spencer tinha pensado que Kelsey era a nova A, exigindo sua vingança.

Agora ela sabia que Kelsey não era A — ela e suas amigas receberam uma mensagem de A enquanto Kelsey estava na Reserva, que não permitia celulares. Mas quem mais poderia saber tanto sobre todas elas?

— Eu não soube nada de Kelsey — disse Spencer, o que era verdade. Ela esgueirou um olhar para Darren Wilden, que estava comendo uma fatia de bolo de chocolate. Embora ele fosse o investigador principal do caso do assassinato de Alison DiLaurentis, ele não era mais policial. Mas mesmo assim, Spencer se sentia um pouco desconfortável em sua presença. Especialmente agora que ela estava guardando novos segredos perigosos.

A garçonete reapareceu e sorriu esperançosamente. — Os bolos estão bons?

A Sra. Hastings assentiu. Melissa acenou com o garfo no ar, com a boca cheia de comida.

Quando a garçonete se afastou, Spencer olhou ao redor da enorme sala de jantar. As paredes eram revestidas de pedra e os pisos eram de mármore. Enormes buquês de flores estavam em um recanto da sala ao lado das janelas do chão ao teto. Lá fora, um labirinto de hedges enormes se estendia até onde os olhos podiam ver. Havia outras pessoas comendo na sala de jantar, a maioria deles homens mais velhos entediados, provavelmente administrando negócios. Em seguida, ela cravou os olhos em uma mulher alta, com mais ou menos 40 anos, com um cabelo loiro acinzentado, olhos cinzentos de aço e uma testa com botox. Quando ela notou o olhar de Spencer, ela rapidamente voltou sua atenção para o cardápio em suas mãos.

Spencer também olhou para longe, sentindo-se nervosa. Desde que A havia ressurgido, ela não conseguia se livrar da sensação de que ela estava sendo vigiada onde quer que fosse.

De repente, o iPhone de Spencer soltou um *bloop*. Ela pegou-o e analisou a tela. *Lembrete do Jantar da Princeton!* Dizia na linha do assunto. Spencer pressionou ABRIR. *Não se esqueça! Você está cordialmente convidado para um jantar em homenagem a todos os aceitos precocemente pela Princeton da Pensilvânia e Nova Jersey! O jantar era na segunda à noite.*

Spencer sorriu. Ela amava receber mensagens da Princeton, especialmente porque o seu futuro não parecia tão instável nessa última semana — A tinha enviado uma carta dizendo que Spencer não tinha sido admitida, e Spencer tinha dado seu máximo tentando provar-se digna, até que ela descobriu que a carta era falsa. Ela mal podia esperar até setembro, quando ela poderia começar de novo em algum lugar novo. Agora que havia uma nova A, Rosewood parecia mais do que nunca uma prisão.

A Sra. Hastings olhou para Spencer com curiosidade, e Spencer mostrou sua tela do celular. O

Sr. Pennythistle também olhou para ela e, em seguida, tomou um gole do café que a garçonete tinha acabado de servir. — Você

realmente vai gostar da Princeton, você vai fazer ótimas conexões. Você pretende participar do Clube de Comer?

— É claro que ela vai! — disse Melissa sem rodeios. — Eu aposto que você já fez o seu top três, certo, Spence? Deixe-me adivinhar. Clube Cottage? Ivy? Qual mais?

Spencer brincava com o anel de guardanapo de madeira ao lado de seu prato, sem responder imediatamente. Ela tinha ouvido falar dos Clubes de Comer, mas ela não havia pesquisado sobre eles — ela tinha estado muito ocupada estudando palavras do vocabulário, se voluntariando para um zilhão de atividades de serviços comunitários e presidindo várias organizações escolares apenas para conseguir entrar na Princeton. Talvez eles fossem como o Clube da Comida de Rosewood Day, um grupo de crianças que iam para restaurantes de luxo, faziam festas de exibição dos melhores cozinheiros chefes e utilizavam fornos caseiros econômicos para cozinhar boeuf bourguignon e coq au vin.

Wilden entrelaçou os dedos sobre o estômago. — Alguém se importa de me esclarecer sobre o que é um Clube de Comer?

Melissa parecia um pouco envergonhada por seu namorado — a estudante da Ivy League, Melissa, e o colarinho azul, Wilden, viviam em mundos completamente diferentes. — Os Clubes de Comer são como sociedades secretas — explicou ela, em uma voz um pouco paternalista (a qual Spencer não admitiria se *ela* fosse o namorado de Melissa). — Você tem que competir nesse processo chamado disputa. Mas quando você está participando, você consegue uma popularidade instantânea, amigos instantâneos e toneladas de regalias.

— Tipo uma fraternidade? — Darren perguntou.

— Oh, *não*. — Melissa parecia horrorizada. — Por um lado, os Clubes de Comer têm ambos os sexos. Mas por outro lado, eles são mais superiores do que isso.

— Você pode ir longe se você fizer parte de um Clube de Comer — O Sr. Pennythistle interrompeu. — Eu tinha um amigo que estava

no Clube Cottage e um do Clube Cottage graduado que trabalhavam no Senado, eles conseguiram o emprego num piscar de olhos.

Melissa acenou animadamente. — A mesma coisa aconteceu com a minha amiga Kerri Randolph. Ela pertencia ao clube Cap e Gown, e ela conseguiu um estágio na equipe de design da Diane von Furstenberg por uma conexão do Clube de Comer. — Ela olhou para Spencer. — Você tem que se mostrar interessada desde o início, no entanto. Eu conheço pessoas que tentaram participar dos Clubes de Comer desde que eram alunos do segundo ano do ensino médio.

— Oh — Spencer de repente se sentiu nervosa. Talvez tenha sido uma gafe enorme ela não ter se interessado pelo Clube de Comer mais cedo. E se todos os alunos aceitos antecipadamente já tiverem bajulado o pessoal do Clube de Comer, e, como num jogo musical de cadeiras, ela ficasse sem uma cadeira quando a música parasse? Ela deveria se sentir grata por ir para Princeton, mas não era assim que ela agia. Ela não poderia ser apenas uma aluna normal lá. Ela tinha que ser a melhor.

— O Clube de Comer vai ser estúpido se não me convidar — disse ela, empurrando uma mecha de cabelo loiro por cima do ombro.

— Absolutamente. — A Sra. Hastings apertou o braço de Spencer. O Sr. Pennythistle deu um *Uhum* de apoio.

Quando Spencer se recostou na cadeira novamente, uma gargalhada estridente ecoou pelas paredes. Ela ficou tensa e olhou em volta com os cabelos dos seus braços em pé. — Vocês ouviram isso? Wilden parou com o seu café no ar e olhou pela sala. As sobrancelhas do Sr. Pennythistle franziram. — Janelas velhas. Foi apenas um vento forte.

Então, todo mundo voltou a comer como se nada estivesse errado. Mas Spencer sabia que o barulho não foi de um vento forte. Era a mesma risada que ela tinha ouvido por meses. Era A.

3

O MENINO QUE ESCAPOU

Hanna Marin e sua meia-irmã, Kate Randall, estavam sentadas em uma mesa no corredor central do Shopping King James. Elas lançavam enormes e irresistíveis sorrisos do tipo *somos-lindas-e-sabemos-disso* para todos os pedestres.

— Você já se registrou na votação? — Hanna perguntou a uma mulher de meia-idade, carregando uma sacola da loja de queijo artesanal Quel Fromage!

— Gostaria de ir ao comício de Tom Marin na Câmara Municipal terça à noite? — Kate entregou um panfleto para um cara com um crachá da Banana Republic.

— Vote em Tom Marin na próxima eleição! — Hanna gritou para um grupo de vovós modernas olhando a vitrine da Tiffany.

Houve uma calmaria na multidão e Kate se virou para Hanna. — Você deveria ter sido uma líder de torcida.

— Que nada, torcer não é o meu estilo — disse Hanna despreocupadamente.

Eram sete horas da noite de sábado, e elas estavam tentando despertar o interesse das pessoas na campanha para senador do Sr. Marin. Ele estava ganhando nas pesquisas e a esperança era de que o comício na Câmara Municipal e a arrecadação de fundos que ele estava organizando na próxima semana daria-lhe uma vantagem sobre o seu concorrente, Tucker Wilkinson. Hanna e Kate eram as vozes dos jovens na campanha, mandando feeds para o Twitter e organizando Multidões Instantâneas.

Kate usava um grande broche VOTE NO TOM MARIN na lapela de sua jaqueta apertada. — Aliás, eu vi outra foto de Liam no jornal

essa manhã com uma vadia na South Street — ela sussurrou. — Parece que ele ganhou peso.

Normalmente, Hanna teria pensado que a menção feita pela sua meia-irmã de Liam, um garoto com quem Hanna infelizmente tinha saído há uma semana, a faria se contorcer — especialmente depois que ela descobriu que Liam era filho de Tucker Wilkinson. Mas, surpreendentemente, Kate tinha sido muito legal. Ela acabou com os comentários sarcásticos e *eu-sou-melhor-do-que-você* na mesa de jantar. Ela deixou Hanna ir primeiro ao banheiro três manhãs seguidas. E na noite anterior, ela havia dado o novo cd dos LMFAO, dizendo que ela achou que Hanna iria gostar. Hanna teve que admitir que a Nova Kate era impressionante, embora ela nunca fosse dizer isso a Kate.

— Talvez ele esteja comendo por causa do estresse, por eu não estar atendendo as ligações dele — Hanna disse, rindo. — Ele me deixou um monte de mensagens de voz.

Kate se aproximou. — O que você acha que Tom vai fazer com o que você contou a ele?

Hanna olhou distraidamente para um grupo de meninas da sétima série na frente da Sweet Life, uma loja de doces. Depois que ela descobriu que Liam era um grande trapaceiro, ela contou ao seu pai uma fofoca suculenta e danosa sobre o pai de Liam.

— Eu não sei — respondeu ela. — Eu não tenho certeza se a política suja é realmente o estilo dele. — Que pena. — Kate apertou os lábios e cruzou as mãos sobre a pilha de panfletos na frente dela. — Esse idiota merece se ferrar.

— Então, onde estão Naomi e Riley hoje à noite? — Hanna estendeu suas pernas longas e finas debaixo da mesa, ansiosa para mudar de assunto. — Eu pensei que você sempre passava os sábados com elas. — Naomi Zeigler e Riley Wolfe eram as BFFs de Kate. Elas eram as maiores inimigas de Hanna quando ela era a melhor amiga de Mona Vanderwaal, a menina que acabou sendo a primeira A.

Kate deu de ombros. — Na verdade, eu estou dando um tempo de Naomi e Riley.

— Sério? — Hanna se inclinou para frente com interesse. — Por quê?

Kate entregou um panfleto para uma garota de idade universitária em uma jaqueta de couro.

— Nós tivemos uma briga.

— Por quê?

Kate confessou sem jeito. — Hum, sobre o próximo Cruzeiro Eco. E foi por causa de você, na verdade.

Hanna franziu o nariz. — Por causa de mim?

— Esqueça isso. — Kate olhou para longe. — Não importa.

Hanna estava prestes a insistir para Kate dar mais detalhes quando seu pai veio da praça de alimentação com uma caixa de papelão com cafés com leites da Starbucks e uma sacola com bolinhos variados. — Vocês estão fazendo um trabalho incrível, garotas — ele disse, batendo a mão no ombro de Kate. — Eu já vi milhares de pessoas com os panfletos. Aposto que teremos muita gente no comício na Câmara Municipal na terça-feira. E Hanna, ainda estou recebendo um monte de comentários positivos sobre o comercial. Talvez eu peça para você filmar mais um. — Ele piscou pra ela.

— Claro! — Hanna disse brilhantemente. Por seis anos desde que seu pai tinha se divorciado de sua mãe, saído de sua casa e esquecido que Hanna existia, ela ansiou pela aceitação dele, se esforçando para fazer com que ele a notasse. Desde que ela tinha se saído bem no comercial, ela tinha sido uma estrela aos olhos dele. Seu pai perguntava sua opinião sobre a estratégia da campanha e ele realmente queria estar perto dela.

Então o Sr. Marin virou-se e segurou o braço de uma mulher atrás dele. Hanna esperava ver Isabel, a nova esposa do seu pai e a

mãe de Kate, mas em vez disso, era uma mulher alta e majestosa com seus quarenta e poucos anos. Ela usava um lindo casaco de pêlo de camelo e botas altas e pontudas Jimmy Choo.

— Senhoritas, essa é a Sra. Riggs — disse ele. — Ela acabou de se mudar para Rosewood e ela prometeu uma doação enorme para a campanha.

— Você merece, Tom. — A voz da Sra. Riggs era muito refinada, como a de Katharine Hepburn. — Precisamos de mais pessoas como você em Washington.

Ela se virou para as meninas, apertou a mão de Kate e depois a de Hanna. — Você parece muito familiar — disse ela, olhando Hanna de cima a baixo. — De onde eu conheço você?

Os lábios de Hanna tremeram. — Da revista People, provavelmente.

A Sra. Riggs sorriu. — Meu Deus! Por quê?

As sobrancelhas de Hanna se ergueram. Essa mulher não sabia mesmo?

— A People fez uma biografia de Hanna — o Sr. Marin disse. — A melhor amiga dela era Alison DiLaurentis. A menina assassinada pela irmã gêmea.

Hanna se contorceu em seu assento, não querendo corrigir seu pai sobre os detalhes.

Tecnicamente, a melhor amiga dela tinha sido Courtney DiLaurentis, a menina que tinha personificado Alison enquanto Alison tinha sido forçada a ficar no lugar de Courtney no hospital psiquiátrico. Mas era muito complicado de explicar.

— Eu ouvi algo sobre isso. — A Sra. Riggs olhou para Hanna com simpatia. — Coitadinha. Você está bem?

Hanna deu de ombros. De certa forma ela estava bem.. e de certa forma ela não estava. Você realmente poderia superar algo assim? E depois havia uma nova A em cena. A sabia sobre Tabitha,

sobre as fotos maliciosas de Hanna tiradas por Patrick, o fotógrafo que tinha prometido torná-la modelo, mas que só queria entrar nas calças dela, e sobre seu encontro amoroso com Liam.

Qualquer uma dessas coisas poderia arruinar sua vida — e a campanha de seu pai. Graças a Deus A não sabia sobre o acidente que ela teve no verão passado.

A Sra. Riggs checou seu relógio. — Tom, nós estamos atrasados para a reunião de estratégias.

— Vá na frente. Eu estarei lá em um segundo — disse o Sr. Marin. A Sra. Riggs deu um aceno de adeus para as meninas e depois foi em direção ao The Year Of the Rabbit, um sofisticado restaurante chinês.

O Sr. Marin ficou para trás, olhando para Hanna e para Kate quando a Sra. Riggs estava a uma distância segura. — Seja legal com a Sra. Riggs, ok? — Ele murmurou.

Hanna fez uma careta. — Eu fui legal!

— Eu sempre sou legal, Tom — Kate acrescentou, parecendo ofendida.

— Eu sei, eu sei meninas, estou apenas lembrando. — Os olhos do Sr. Marin estavam arregalados. — Ela é uma grande filantropa e muito influente. Precisamos do dinheiro dela para transmitir os nossos comerciais pelo estado. Isso pode significar a diferença entre ganhar e perder.

Seu pai correu até onde a Sra. Riggs estava e Kate se dirigiu ao banheiro. Hanna olhou para os pedestres novamente, irritada por seu pai ter dado uma lição de moral como se ela fosse uma criança impertinente de seis anos de idade. Desde quando Hanna precisava de aula para ser legal com os doadores?

Uma figura surgiu da Armani Exchange, e Hanna se animou. Hanna observou o cabelo ondulado do menino, o queixo quadrado e a jaqueta de couro surrada e de corte fino. Algo dentro dela se emocionou. Era seu ex, Mike Montgomery. Ela o evitou desde a festa

do elenco de Macbeth, há algumas semanas, onde ele pediu para ela voltar com ele e ela o rejeitou. Mas essa noite ele parecia positivamente delicioso.

Hanna chamou o nome dele, Mike ergueu os olhos e sorriu. Enquanto caminhava em direção a ela, Hanna ajeitou a blusa de seda de bolinhas para que um pouquinho de seu sutiã ficasse aparecendo e rapidamente checou seu reflexo na parte traseira do seu iPod. Seu cabelo castanho estava brilhante e liso, e seu delineador estava perfeitamente aplicado.

— Oi — Mike apoiou os cotovelos sobre a mesa. — Fazendo campanha, hein?

— É. — Hanna cruzou as pernas provocadoramente com uma agitação nervosa em seu estômago. — E você está.. fazendo compras? — Ela queria se bater por ter soado tão idiota.

Mike levantou a bolsa A/X. — Eu comprei aquele suéter preto que você e eu olhamos um tempo atrás.

— Aquele apertado? — Hanna enrolou uma mecha de cabelo em torno do dedo. — Ele ficou muito bem em você.

Duas covinhas apareceram em cada lado do rosto de Mike quando ele sorriu. — Obrigado — disse ele timidamente.

— Mike?

Mike pulou com o chamado. Uma menina pequena, com os cabelos longos e castanhos, um rosto oval e olhos grandes como os de uma boneca apareceu atrás dele. — Aí está você! — Ela falou.

— Oh, oi! — A voz de Mike subiu de tom. — Uh, Hanna, você conhece Colleen? Minha..

namorada?

Hanna se sentiu como se Mike tivesse chutado seus seios. É claro que ela conhecia Colleen Bebris — elas iam para a mesma escola há séculos. Mas ela era a. . namorada dele? Colleen era uma das puxas-saco que tentava ser melhor amiga de todo mundo. Antes, Colleen

tinha feito do seu objetivo pessoal ser BFF de Hanna e Mona, embora ela fosse dois anos mais nova e ridiculamente idiota. Elas fizeram Colleen fazer anotações para elas de Latim I enquanto elas fugiam da escola para ir às compras, levaram as roupas para a lavanderia a seco e acampavam em frente à loja da Apple no fim de semana para que elas não tivessem que esperar na fila pelo iPod mais recente.

Eventualmente, Colleen tinha descoberto e começado a sair com o pessoal do Festival Shakespeare ao invés. Mas ela sempre dava um grande sorriso para Hanna e Mona nos corredores, dizendo *beijo beijo!* sempre que passava. Mona costumava acotovelar Hanna e murmurar: *Não, não!*

— É bom ver você — Hanna disse firmemente. De repente se sentindo estranha, ela empurrou um panfleto no rosto de Colleen. — Vote em Tom Marin.

— Oh, Hanna, eu não sou velha o suficiente para votar. — Colleen lamentou, como se Hanna não estivesse apenas tentando puxar assunto. — Mas seu pai é incrível. Esse cara Wilkinson parece um idiota, você não acha? E o filho dele é um conquistador.

Os olhos de Hanna se arregalaram. Como Colleen sabia que Liam era um conquistador?

Colleen tocou o braço de Mike. — Nós deveríamos ir. Nossas reservas são para às sete e quinze. — Ela sorriu para Hanna. — Temos reservas no Rive Gauche essa noite. É uma tradição de sábado. Eu absolutamente amo os *moules frites*.

— Eu li que *moules frites* têm o pior tipo de gordura. Mas você realmente não parece com alguém que se preocupa com esse tipo de coisa — disse Hanna docemente para Colleen. Então, ela olhou explicitamente para Mike. Ele sempre quis ir para o Rive Gauche quando eles estavam namorando, mas Hanna havia recusado porque Lucas Beattie, o ex dela, trabalhava lá. Porém, o Rive Gauche era o ponto de encontro da Rosewood Day, e Hanna odiava o pensamento de a elite da escola ver Mike Montgomery e Colleen juntos. Namorar

Mike iria fazer Collen automaticamente ser notada e ela não merecia isso.

— Até mais, então — Mike disse, não percebendo a irritação de Hanna — ou sua frustração.

Quando ele foi embora, sua mão entrelaçou-se na de Colleen, e Hanna sentiu uma estranha sensação de perda e saudade. Ela nunca tinha percebido o quanto a bunda de Mike era bonita. Ou o quanto ele era atencioso com suas namoradas. De repente, ela sentia falta de tudo nele. Ela sentia falta das compras, ele pacientemente ficava fora do vestiário e comentava as roupas de Hanna, dos comentários maldosos que ele fazia sobre as garotas Kardashians quando elas apareciam no E!, de quando ele deixou Hanna maquiá-lo uma vez — surpreendentemente, ele ficou ótimo de delineador. Hanna até sentia falta do chaveiro estúpido do Hooters que ficava pendurado no zíper da mochila dele. Seu tempo com Liam pode ter sido elétrico e inebriante, mas com Mike, ela tinha sido tola, imatura e totalmente ela mesma.

De repente, isso a atingiu como uma mensagem chocante de A: Ela queria Mike de volta. Ela até mesmo podia imaginar o tipo de mensagem que A poderia escrever para essa ocasião:

A grama do vizinho é sempre mais verde, não é, Hannakins? Parece que você está tão ultrapassada quanto os jeans pantalonas!

4

UMA VIAGEM PELA ESTRADA DA MEMÓRIA

Na noite seguinte, a mãe de Emily Fields agarrava o volante do Volvo da família e virava para sair da Faculdade Lyndhurst, onde Emily tinha competido em sua última competição de natação de longa distância do ano. As janelas do carro estavam embaçadas, e os aromas misturados de cloro, xampu UltraSwim e o café com leite e baunilha da Sra. Fields flutuavam no ar.

— Seu nado borboleta está muito bom — a Sra. Fields falou, batendo na mão de Emily. — A equipe da UCN vai estar feliz por ter você.

— Mm-hmm. — Emily passou os dedos sobre o interior peludo de sua jaqueta de natação. Ela sabia que deveria estar animada com a sua bolsa de natação da Universidade da Carolina do Norte no próximo ano, mas ela estava apenas aliviada que esta temporada de natação tinha acabado. Ela estava exausta.

Ela pegou seu celular e verificou a tela pela décima primeira vez naquele dia. *Não há novas mensagens.* Ela desligou o celular e ligou-o novamente, mas a caixa de entrada ainda estava vazia.

Ela clicou no aplicativo Horóscopo Diário e leu sobre o seu signo, Touro. *Você vai brilhar no trabalho hoje, dizia. Prepare-se para ter surpresas pela frente.*

Surpresas.. surpresas ruins ou surpresas boas? Uma semana inteira se passou sem uma única mensagem da Nova A. Não tinha havido ameaças, nem provocações sobre o que Emily e as outras tinham feito na Jamaica, nenhum “tsk tsk” por acreditarem que Kelsey Pierce, uma menina por quem Emily tinha se apaixonado, era a pessoa por trás delas. Mas a ausência de A era mais assustadora do que uma enxurrada de mensagens sobre seus segredos mais sombrios. Emily não podia deixar de imaginar A deitada em

expectativa e traçando um novo ataque, algo perigoso e devastador. Ela temia o que poderia ser.

A mãe de Emily parou em um sinal de parada em um pequeno conjunto habitacional. As casas modestas eram enquadradas por velhos carvalhos, e havia uma cesta de basquete no final de um beco sem saída. — Este não é o caminho que normalmente usamos para ir para casa — ela murmurou. Ela verificou o GPS. — Eu me pergunto por que essa coisa está me enviando para essas estradas secundárias.

Ela deu de ombros e continuou dirigindo. — De qualquer forma, você já entrou em contato com alguma das meninas da equipe da UCN? Pode ser bom você começar a conhecê-las.

Emily passou as mãos em seu cabelo úmido loiro-avermelhado. — Uh, é. Eu deveria fazer isso.

— Algumas delas vivem em dormitórios 'limpos' — você sabe, do tipo onde o tabagismo, o uso de álcool e atividade sexual são malvistas? Você deve solicitar um desses quartos. Você não gostaria de perder sua bolsa de mergulho por participar de festas demais.

Emily conteve um gemido. É claro que sua mãe ultraconservadora queria que ela vivesse como uma freira na faculdade. No início da semana, quando sua mãe havia descoberto que Kelsey, a menina com quem ela tinha estado saindo, teve um problema com drogas, ela tinha interrogado Emily para descobrir se Emily estava usando drogas, também. Emily estava surpresa por sua mãe não haver lhe pedido para fazer xixi em um copo para fazer um teste de drogas em casa.

Enquanto a Sra. Fields falava besteiras sobre os dormitórios limpos, Emily pegou o celular novamente e rolou através das mensagens anteriores que ela tinha recebido de A, terminando na última:

Procurem o quanto quiserem, vadias. Mas vocês NUNCA vão me encontrar.

Seu estômago revirou. Em alguns aspectos, ela quase desejou que A apenas expusesse todas elas e acabasse logo com isso — a culpa e a mentira eram horríveis demais para suportar. Ela também desejava que A se revelasse como a pessoa que Emily sabia que era ela — a Verdadeira Ali.

Suas amigas podiam não acreditar, mas Emily sabia lá no fundo de seus ossos que Ali tinha sobrevivido ao incêndio da casa de Poconos. Afinal, Emily tinha deixado um caminho para Ali escapar, abrindo a porta para ela antes que a casa explodisse.

As peças começaram a se encaixar. Ali e Tabitha estavam na Reserva ao mesmo tempo, e talvez fosse por isso que Tabitha tivesse agido de um jeito muito parecido com Ali na Jamaica.

Talvez as duas houvessem agido juntas de alguma forma — talvez Ali houvesse entrado em contato com Tabitha depois que ela escapou do fogo em Poconos.

Talvez Ali mesma enviou Tabitha à Jamaica para ferrar com as mentes das meninas e levá-las à loucura.

A coisa toda partiu o coração de Emily. Ela sabia, logicamente, que o seu tormento não era pela *Sua* Ali, a menina que ela tinha adorado por anos, com quem passou muito tempo e beijou na casa da árvore dos DiLaurentis no final da sétima série. Mas ela não podia deixar de reviver aquele momento do ano passado quando a Verdadeira Ali havia retornado, representando a Sua Ali, e beijou Emily com tanta paixão. Ela parecia tão... *genuína*, não uma fria psicopata.

— Sabe, você provavelmente devia se inscrever para uma vaga nos dormitórios limpos agora — a Sra. Fields estava dizendo enquanto dirigia subindo uma colina, passando por um grande pátio de uma escola. Vários adolescentes estavam sentados nos balanços,

fumando cigarros. — Eu adoraria ter isto resolvido antes de seu pai e eu sairmos da cidade na quarta-feira. — o Sr. e a Sra.

Fields iam fazer uma viagem ao Texas para o sexagésimo quinto aniversário de casamento da avó e do avô de Emily, deixando Emily sozinha em casa pela primeira vez. — Quer que eu ligue para o escritório da casa do estudante amanhã e pergunte?

Emily gemeu. — Mãe, eu não sei se eu quero—

Ela parou, de repente, percebendo onde estavam. SHIP LANE, dizia uma verde placa de rua. Lá na frente havia um rancho pequeno e branco bastante familiar com venezianas verdes e uma grande varanda frontal. Foi nessa mesma varanda que ela e suas amigas haviam deixado um certo bebê numa cadeirinha alguns meses atrás.

— Pare — ela falou.

A Sra. Fields pisou no freio. — O que foi?

O coração de Emily batia tão rápido que ela tinha certeza de que sua mãe podia ouvir cada válvula oscilando entre aberta e fechada. Esta casa tinha aparecido nos sonhos de Emily quase todas as noites, mas ela jurou nunca mais se dirigir até ela novamente. Parecia extra-assustador que o GPS tivesse guiado elas até aqui, quase como se o computador soubesse que esta casa possuía memórias dolorosas. Ou talvez, pensou com um arrepio, era alguém que sabia, alguém que tinha de algum modo programado o GPS.

A.

De qualquer forma, agora que ela estava aqui, ela não conseguia desviar seu olhar. A tigela do cachorro, que dizia GOLDEN RETRIEVERS, BEM-VINDOS não estava mais na varanda da frente, mas a cadeira de balanço ainda estava lá. Os arbustos do jardim da frente estavam um pouco crescidos demais, como se eles não tivessem sido podados há algum tempo. As janelas estavam escuras, e havia um monte de jornais embalados no gramado, um sinal claro de que a família estava de férias.

Todos os tipos de memórias inundaram espontaneamente de volta para Emily. Ela se viu cambaleando saindo do avião da Jamaica, nauseada, tonta e exausta. Ela achou que era só por causa de algo que ela tinha comido no resort, mas com o passar do tempo, os sintomas pioraram. Ela mal conseguia ficar acordada durante as aulas. Ela não conseguia manter as comidas no estômago.

Certas coisas, como queijo, café e flores, tinham um cheiro horrível.

Então, uma semana depois, ela estava mudando os canais da TV e pegou o final de um episódio de *True Life* na MTV sobre adolescentes que tinham estado grávidas na escola. Uma menina se sentiu mal por meses, mas pensou que era mononucleose; quando ela fez um teste de gravidez, ela já estava com quatro meses. Assistir aquilo tinha iluminado o cérebro de Emily. No dia seguinte, ela tinha ido a uma farmácia algumas cidades longe de Rosewood e comprou um teste de gravidez. Com medo de que sua mãe encontrasse as provas, ela fez o teste em um banheiro úmido e escuro no parque da vizinhança.

Deu positivo.

Ela passou os próximos dias em uma horrorizada vergonha, sentindo-se confusa e perdida. O

pai tinha que ser Isaac, o único namorado que ela teve naquele ano. Mas eles só fizeram sexo uma vez. Ela não tinha certeza se ela *gostava* de garotos. E o que diabos seus pais iriam dizer sobre isso?

Eles nunca, jamais a perdoariam.

Quando sua cabeça clareou, ela começou a fazer planos: Ela iria fugir para Philly aquele verão e ficar com sua irmã Carolyn, que estava fazendo um programa de verão na Universidade de Temple. Ela usaria blazers e blusas largas para esconder o ganho de peso até a escola acabar. Ela ia a um médico na cidade e pagar em dinheiro para que suas consultas não aparecessem na conta do seguro de seus pais.

Ela tinha entrado em contato com uma agência de adoção e feito arranjos. E enquanto ela tinha feito todas essas coisas, ela conheceu os Bakers, que viviam nesta casa.

Depois de Emily ligar para Rebecca, a coordenadora de adoção, e dizer que ela tinha feito a sua escolha, ela pegou um ônibus para Nova Jersey para visitar Derrick, seu amigo do Poseidon, o restaurante de peixe na Filadélfia, onde ela trabalhava como garçone. Derrick era o único amigo com quem ela confidenciou todo o verão, seus olhos suaves e seu jeito tranquilo a ajudavam a se tranquilizar. Ele tinha sido o seu ouvinte crítico, sua fortaleza, e ela contava a ele quase tudo sobre si mesma, desde seus sofrimentos com A até a sua paixão por Maya St. Germain. Às vezes, Emily lamentou que ela fosse a única que sempre jogava todos os seus problemas sobre ele — ela não sabia muito sobre ele, de nenhuma maneira — mas Derrick apenas deu de ombros e disse que sua vida era chata, em comparação com a dela.

Derrick estava trabalhando como jardineiro em uma grande casa em Cherry Hill nos fins de semana e disse a Emily para encontrá-lo lá. Ela era o tipo de mansão com portões de ferro, uma casa de hóspedes na parte de trás, e um caminho longo e sinuoso feito de belas pedras de ladrilho azuis em vez de asfalto. Derrick disse que os proprietários não se importariam se eles conversassem na casa de verão, e foi lá onde Emily lhe contou a notícia. Ele ouviu pacientemente e abraçou-a com força quando ela terminou, o que trouxe lágrimas aos seus olhos. Derrick foi uma dádiva de Deus — ele estava lá justo quando ela precisava dele, ouvindo todos os seus problemas.

Enquanto conversavam, a porta traseira da mansão, que dava para um pátio exuberante com uma longa e retangular piscina, se abriu e uma mulher alta, de cabelo loiro curto e um nariz longo e arrebitado saiu. Ela notou Emily imediatamente e olhou-a de cima a baixo, de seus cabelos crespos para seus grandes peitos e para seu estômago enorme. Um guincho pequeno e atormentado escapou de sua boca. Ela atravessou o pátio e se aproximou de Emily, olhando

para ela com uma expressão tão triste que fez o coração de Emily parar.

— De quanto tempo você está? — ela perguntou em voz baixa.

Emily se encolheu. Como ela era uma adolescente, a maioria das pessoas desviavam os olhos de sua gravidez como se fosse um enorme tumor. Era estranho ouvir o som de alguém tão genuinamente interessada. — Hum, cerca de sete meses e meio.

A mulher tinha lágrimas em seus olhos. — Isso é tão precioso. Você está se sentindo bem?

— Acho que sim. — Emily olhou cautelosamente para Derrick, mas ele só mordeu o lábio inferior.

A mulher estendeu-lhe a mão. — Eu sou Gayle. E esta é a minha casa.

— Eu sou, uh, Heather — Emily respondeu. Era o nome falso que ela tinha dado a todos neste verão, exceto para Derrick. *Heather* era até mesmo o nome que estava no seu crachá do restaurante.

A magra e pré-grávida Emily estava em toda a Internet, ligada à história de Alison DiLaurentis, e Emily poderia imaginar um item sobre sua gravidez ilícita em um blog de fofocas local, seguido de uma ligação horrorizada de seus pais.

— Você é tão sortuda — Gayle murmurou, olhando carinhosamente para a barriga de Emily.

Quase parecia que ela queria estender a mão e tocá-la. Então, o sorriso de Gayle de repente transformou-se em uma carranca, e lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Oh, Deus — ela deixou escapar, em seguida, virou-se e correu encurvada para a casa, batendo a porta com força.

Emily e Derrick ficaram em silêncio por um tempo, ouvindo os sons de um cortador de ervas daninhas ao lado. — Eu fiz alguma coisa para aborrecê-la? — Emily perguntou preocupada. A mulher parecia tão frágil.

Derrick revirou os olhos. — Não importa. Não se preocupe com isso.

Até então, Emily não tinha se preocupado com isso. Mal ela sabia que estaria prometendo dar seu bebê a Gayle apenas algumas semanas mais tarde.. e depois voltando atrás com sua palavra.

As mensagens furiosas de Gayle depois do dia que Emily colocou o bebê na porta da casa dos Bakers passaram pela sua mente. *Eu vou te perseguir. E eu vou te encontrar.* Felizmente, Gayle não tinha feito isso.

— Emily, querida, você está bem? — a Sra. Fields perguntou, interrompendo os pensamentos de Emily.

Emily apertou com força o interior de sua bochecha. — Uh, eu conheço uma menina que mora aqui — ela gaguejou, sentindo suas bochechas queimarem. — Eu pensei que eu tinha visto ela na janela, mas eu acho que não. Nós podemos ir agora.

A Sra. Fields olhou para o quintal. — Meu Deus, o gramado deles está horrível — ela murmurou. — Eles nunca vão vender esta casa com todas essas ervas daninhas.

Emily semisserrou os olhos. — O que você quer dizer, vender a casa?

— Está à venda. Tá vendo?

Ela apontou para uma placa no jardim da frente. À VENDITA, dizia, com uma imagem do corretor de imóveis e um número de telefone. No canto direito superior de uma starburst¹ dizia RETORNO RÁPIDO!, e OS PROPRIETÁRIOS SE MUDARAM!, e COMPRE ELA AGORA! Havia também um anúncio de uma casa aberta que seria realizada no sábado seguinte a partir do meio-dia até às quatro horas.

Uma sensação de mal estar correu através do corpo de Emily. Só de saber que esta casa estava aqui, que seu bebê estava perto, tinha feito ela se sentir confortada e aliviada — ela poderia fechar os

olhos e imaginar onde seu bebê estava em todos os momentos. Mas os Bakers não estavam de férias — eles tinham se mudado.

O seu bebê se foi.

1 Starburst: É um efeito que parece uma estrela de várias pontas.

5

AS COISAS QUE VOCÊ DESCOBRE NA SEÇÃO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS...

No dia seguinte, o sinal tocou na aula de História da Arte, e todos os vinte e dois alunos se levantaram em massa. — Leiam o capítulo oito para amanhã! — a Sra. Kittinger disse atrás deles.

Aria empurrou seus livros em sua mochila e seguiu a multidão porta a fora. Assim que ela estava no corredor, ela olhou para seu celular, que havia estado piscando na última hora. *Nova Google alerta para Tabitha Clark*, dizia a tela.

Seu estômago retorceu. Ela vinha acompanhando as notícias relacionadas à Tabitha, lendo os relatos tristes de amigos, parentes de luto, e pais furiosos que protestavam contra o consumo excessivo de álcool nas viagens do recesso escolar da primavera. Hoje, havia uma história em um jornal. A manchete dizia PAI DA ADOLESCENTE MORTA NO RECESSO ESCOLAR DE PRIMAVERA PROCESSA RESORT DA JAMAICA POR TER SERVIDO ÁLCOOL PARA SUA FILHA.

Ela clicou no link. Havia uma foto do pai de Tabitha, Kenneth Clark, um homem alto, de óculos, que era o chefe de uma indústria. Ele queria acabar com a bebida na adolescência e punir bares que serviam bebidas para menores de idade. — Eu estou curioso para saber qual era o nível de álcool no sangue dela quando ela morreu

— disse ele. Houve também uma citação de Graham Pratt, que tinha estado namorando Tabitha quando ela morreu. — Eu acho que é bastante possível que o resort The Cliffs tenha servido bebida a ela, mesmo que ela estivesse visivelmente bêbada.

Whoa. E se a família de Tabitha e amigos de alguma forma descobrirem que Tabitha não tinha morrido de uma overdose de álcool? A garganta de Aria estava seca, e seu coração começou a bater forte. Era bastante difícil passar o dia sem pensar na garota inocente caindo para sua morte — ela quase não dormiu algumas noites, e ela não estava comendo muito. Mas se o pai de Tabitha descobrir, se a polícia ligar a morte a elas, se as vidas das amigas de Aria forem arruinadas por causa de algo que ela tecnicamente fez. . bem, ela não saberia como continuar.

— Aria?

Aria se virou e viu Emily atrás dela. Ela estava usando uma jaqueta da equipe de natação de Rosewood, jeans skinny preto, e tinha um olhar estranho em seu rosto redondo, agradável e sardento.

— Hum, oi. — Aria colocou o celular no bolso. Não havia necessidade de mostrar isso para Emily e fazê-la ficar preocupada com algo que provavelmente não ia dar em nada. — O que foi?

— Eu queria saber se você vai para o comício do pai de Hanna na Câmara Municipal na terça-feira. — Emily saiu do caminho quando alguns caras da equipe de remo passaram abrindo caminho.

— Ela perguntou se eu estaria lá.

— Sim. — Aria já havia dito a Hanna que ela participaria dos eventos políticos do pai dela. — Quer se sentar comigo?

— Isso seria bom. — Emily deu a Aria um sorriso pequeno e aguado que Aria reconheceu instantaneamente. Na época em que faziam parte do grupo de Ali, Aria o tinha apelidado de sorriso Bisonho de Emily. Ela tinha visto ele bastante no rosto de Emily após a Sua Ali desaparecer.

— Qual é o problema, Em? — Aria disse suavemente.

Emily olhou para seus tênis New Balance cinza. Atrás dela, um grupo de meninos do segundo ano empurrava uns aos outros brincando. Kirsten Cullen olhava para o vidro da vitrine de troféus, retocando seu batom. — Eu passei por aquela casa em Ship Lane ontem — Emily finalmente disse.

Aria piscou, lembrando-se do significado de Ship Lane. — Como é que foi?

Emily engoliu em seco. — Havia uma placa de À VENDA no gramado e a casa parecia vazia.

Eles se mudaram. — Seu queixo tremia como se estivesse prestes a chorar.

— Oh, Em. — Aria abraçou a amiga. Palavras não podiam descrever o quão chocada ela se sentiu no verão passado quando Emily disse que ela estava grávida. Ela ligou para Aria subitamente e pediu-lhe para não contar às outras. *Eu tenho tudo sob controle, ela tinha dito. Eu escolhi uma família para o bebê depois que ele nascer. Eu só tinha que contar a alguém.*

— Eu gostaria de saber por que eles foram embora — Emily murmurou.

— Mas faz sentido, você não acha? — Aria perguntou. — Quero dizer, de repente, eles tinham um bebê. Isso provavelmente pareceria estranho para os vizinhos. Talvez eles tenham se mudado para evitar perguntas.

Emily levou isso em consideração. — Para onde você acha que eles foram?

— Por que não tentamos descobrir? — Aria sugeriu. — Talvez o corretor de imóveis saiba.

Os olhos de Emily se iluminaram. — A placa de À VENDA dizia que há uma casa aberta neste fim de semana.

— Se você quiser companhia, eu vou com você — Aria ofereceu.

— Sério? — Emily pareceu aliviada.

— É claro.

— Obrigada. — Emily abraçou Aria novamente e apertou-a com força. Aria apertou-a de volta, agradecida por elas estarem próximas novamente. Elas tinham passado tanto tempo evitando umas as outras, esquivando-se dos segredos que elas compartilhavam, mas isso não tinha feito muito bem a elas. Era melhor lutar contra A juntas. Além disso, Aria sentia falta de ter boas amigas.

O celular de Aria tocou, e Emily se afastou, dizendo que ela tinha que ir para a aula. Quando ela saiu andando pelo corredor, Aria olhou para a tela e franziu a testa. *Chamada de Meredith*. Era incomum a noiva de seu pai ligar para ela.

— Aria? — Meredith disse quando Aria atendeu. — Oh meu Deus, eu estou tão feliz por ter te encontrado. — No fundo, o bebê de Meredith e Byron, Lola, chorava. Havia também sons de panelas batendo e pratos quebrando. — Eu realmente preciso da sua ajuda — ela continuou. — Eu quero recriar um prato de massa incrível que tinha em um restaurante italiano na Filadélfia para seu pai esta noite, mas eu só fui ao Fresh Fields, e eles não tem *Tatsoi*. O Fresh Fields em Bryn Mawr tem, mas eu não posso ir lá agora — a superexigente Lola e eu não queremos piorar as coisas por arrastá-la em público. Você pode ir para mim depois da escola?

Aria recostou-se na parede e ficou olhando distraidamente para um cartaz lembrando aos seniores para se inscreverem para excursões na ilha do Cruzeiro Eco que já estava próximo. — Você não pode fazer isso amanhã? — Bryn Mawr não era exatamente perto.

— Eu realmente preciso disso hoje à noite.

— Por quê? — Aria perguntou. — Byron vai receber professores visitando a cidade ou algo assim?

Meredith fez um barulho de incômodo na parte de trás de sua garganta. — Esquece. Não importa.

Agora Aria estava curiosa. — Sério. Qual é a ocasião?

Outra longa pausa. Meredith suspirou. — Ok, é o aniversário do nosso primeiro beijo.

Náusea percorreu o intestino de Aria. — Oh — disse ela sordidamente. Seus pais ainda estavam casados quando Byron e Meredith deram o seu primeiro beijo.

— Você perguntou! — Meredith protestou. — Eu não queria dizer a você!

Aria empurrou a mão livre no bolso do blazer. Se Meredith realmente queria esconder isso dela, então por que ela ligou para Aria, em primeiro lugar?

— Aria? — a voz de Meredith soou através do telefone. — Você está aí? Olha, me desculpe por ter dito a você. Mas eu realmente preciso da sua ajuda. Você pode fazer isso por mim só desta vez?

Lola começou a chorar ainda mais alto no fundo, e Aria fechou os olhos. Ela não apoiava esse aniversário, mas quanto mais estressada Meredith ficasse, mais Lola iria sofrer.

Dizer não provavelmente também faria isso voltar para Byron, e ela não queria ouvir o final disso. — Tudo bem — ela disse enquanto o segundo sinal tocava. — Só que você tem que me dizer o que é um tatsoi.

*

Poucas horas depois, Aria entrava no Fresh Fields em Bryn Mawr. A cidade era a cerca de dezesseis quilômetros de distância, tinha uma pequena faculdade de artes liberais, um cinema de arte que produzia peças de vanguarda, e uma antiga estalagem com um cartaz que dizia: GEORGE

WASHINGTON DORMIU AQUI. Os carros no estacionamento da mercearia eram cobertos com adesivos nos para-choques suplicando

que as pessoas SALVEM AS BALEIAS, SEJAM ECOLÓGICAS, VIVAM EM PAZ e DESTRUAM SUA TELEVISÃO.

Depois de passar pelas portas automáticas do supermercado e entre pelo menos 30 barris de azeitonas, ela dirigiu-se para a seção de verduras do departamento de produtos agrícolas.

Aparentemente, tatsoi era tipo um espinafre. Por que Meredith não poderia ter usado espinafres no jantar estúpido vamos-comemorar-nosso-caso estava além do seu entendimento.

A coisa toda ainda fazia Aria ter náuseas. Ela tinha sido a pessoa que pegou Byron e Meredith se beijando em um beco na sétima série. Byron lhe pedira para não dizer nada a Ella, e apesar de Aria querer dizer, ela pensou que mantendo o segredo de seu pai, seus pais ficariam juntos.

Por um longo tempo, Sua Ali era a única que sabia sobre o namorico do seu pai, e Aria tinha desejado que ela não soubesse. Ali costumava implicar com ela sobre isso o tempo todo, perguntando se Byron tinha tido casos com outras garotas, também. Quando Ali desapareceu, Aria tinha ficado parcialmente aliviada — pelo menos ela não podia mais provocá-la sobre o segredo.

Mas era solitário manter o segredo para si mesma, também. Ela tentou enterrá-lo profundamente, dizendo a si mesma que ela estava fazendo um sacrifício pela sua família. No final, porém, o seu sacrifício não importou. A tinha revelado o caso para Ella, e seus pais haviam se separado.

Aria passou por uma balança e tocou levemente com a ponta dos dedos. Talvez não valia a pena se estender sobre isso. Não era como se Ella e Byron fossem o casal perfeito, de qualquer maneira, mesmo muito antes de Meredith. Eles não eram como, por exemplo, os pais de Noel. Nem como Aria queria que ela e Noel fossem.

Ela passou por um monte de bulbosas, berinjelas roxas escuras e enormes, caixas com o aroma de manjeriço tailandês e hortelã maçã e provou um pedaço de acelga frita de uma mulher com um avental do Fresh Fields. No fim do corredor, havia uma caixa

pequena cheia do nome TATSOI escrito em verde. Aria pegou um saco de plástico do dispensador e começou a enchê-lo.

Com o canto do olho, ela notou uma mulher perto dos tomates da herança. Ela usava um vestido rodado estilo Pucci, e tinha a pele bronzeada, sobancelhas espessas e muita maquiagem. Havia algo nela que fez Aria se lembrar do pai de Noel. Esta mulher poderia ser irmã dele.

Quando Aria se aproximou, considerando perguntar a mulher onde ela tinha comprado o seu vestido — Ella iria adorar ele — a mulher girou, revelando mais o rosto dela. De repente, algo azedou dentro de Aria, e ela se abaixou ao virar a esquina. Depois de um momento, ela sorratamente lançou outro olhar para o rosto da mulher e engasgou.

A mulher não era irmã do Sr. Kahn. Ela era o Sr. Kahn.

6

SPENCER SE ENTURMA

Naquela noite, pouco depois das seis, Spencer entrou no Striped Bass, um restaurante na Walnut Street, na Filadélfia. O lugar tinha tetos altos que ecoavam, pisos Brasileiros cor cereja brilhantemente

polidos e colunas Coríntias em todo o perímetro. Luminárias enormes e em forma de cilindro balançavam em cima, garçons giravam em torno das mesas com toalhas de mesa brancas e drapejadas e o ar cheirava a manteiga derretida, peixe-espada grelhado e vinho tinto.

JANTAR DE BOAS-VINDAS PARA OS ACEITOS ANTECIPADAMENTE PELA PRINCETON lia-se em um pequeno cartaz logo atrás de onde o garçom chefe estava, indicando uma pequena sala à direita. Lá dentro, trinta adolescentes ansiosos da idade dela estavam em pé em torno das mesas.

Os caras estavam todos vestindo calças cáqui, camisa de botão e gravatas, e tinham aqueles olhares um pouco nerds e superconfiantes que todos os oradores tinham. As meninas usavam conjuntos de suéteres, saias recatadas na altura do joelho e saltos altos *eu-vou-fazer-advocacia-algum-dia*.

Algumas delas eram magras e pareciam modelos, outras eram gordinhas ou usavam óculos de armação escura, mas todas elas pareciam que tinha um 4,0 na média de notas e uma pontuação perfeita no SAT2.

A tela de uma TV, que estava piscando acima do bar principal, chamou a atenção de Spencer.

NESSA SEXTA, UMA REPRISE DE *PRETTY LITTLE KILLER*, anunciava em letras amarelas. A menina interpretando Alison DiLaurentis apareceu, dizendo as atrizes que faziam Spencer, Aria, Hanna e Emily que ela queria ser BFF delas novamente. — Eu senti falta de todas vocês — ela deu um sorriso falso. — Eu quero vocês de volta.

Spencer se virou, calor subindo em seu rosto. Já não estava na hora deles pararem de mostrar esse estúpido documentário dramático? De qualquer forma, o filme não contava a história toda. Ele deixava de fora a parte em que todas as meninas pensaram que a Verdadeira Ali tinha aparecido na Jamaica.

Não pense na Ali — ou na Jamaica, Spencer repreendeu-se silenciosamente, erguendo os ombros e caminhando para a sala de jantar. A última coisa que ela precisava era enlouquecer, como a Lady Macbeth, em sua primeira festa da Princeton.

Assim que ela atravessou as portas duplas, uma menina com cabelos loiros e grandes olhos violeta deu um sorriso enorme. — Oi! Você veio para o jantar?

— Sim — disse Spencer, endireitando-se. — Spencer Hastings. De Rosewood. — Ela rezou para que ninguém reconhecesse seu nome ou tenha reparado na versão levemente mais gorda e com vinte e poucos anos que estava passando na TV na sala por trás dessa.

— Bem-vinda! Eu sou Harper, uma dos embaixadores do estudante. — A menina remexeu em um monte de crachás e encontrou um com o nome de Spencer escrito em letras maiúsculas. — Ei, você conseguiu isso na Conferência de Liderança de Washington D.C há dois anos? — ela perguntou, olhando para o chaveiro prata em forma do Monumento de Washington que estava pendurado na bolsa de couro excessivamente grande de Spencer.

— Foi! — Spencer disse, feliz por ter prendido o chaveiro no zíper no último minuto. Ela estava torcendo para alguém reconhecê-lo.

Harper sorriu. — Eu tenho um desses em algum lugar. Eu pensei que eles só chamavam estudantes universitários para isso.

— Normalmente eles só chamam universitários — disse Spencer com uma falsa timidez. — Você esteve lá, também?

2 SAT: Teste de avaliação de conhecimento exigido para entrar em curso superior nos E.U.A.

Harper assentiu ansiosamente. — Foi ótimo, você não achou? Conhecer todos os senadores, fazer aquelas simulações de reuniões da ONU, apesar de que o jantar de abertura foi um pouco.. — Harper parou, fazendo uma cara estranha.

— Estranho? — Spencer chutou, rindo. — Você está falando do mímico, certo? — Os coordenadores do evento haviam contratado um mímico como entretenimento. Ele passou o jantar inteiro fingindo que estava preso em uma caixa invisível ou passeando com seu cachorro imaginário.

— Sim! — Harper riu. — Ele era tão assustador!

— Lembra que o senador de Idaho amou ele? — Spencer gargalhou.

— Totalmente. — O sorriso de Harper era entusiasmado e genuíno. Seu olhar se moveu para o crachá de Spencer. — Você estuda na Rosewood Day? Uma das minhas melhores amigas estuda lá.

Você conhece Tansy Gates?

— Ela era do meu time de hóquei de campo! — Spencer gritou, emocionada por outra coincidência. Tansy era uma das meninas que insistiu para Rosewood Day deixar as alunas da sétima série participarem da equipe juvenil do hóquei de campo, torcendo para que Spencer fosse escolhida. Ali tinha sido escolhida ao invés, e Spencer tinha sido transferida para a equipe horrível da sexta série, que não deixavam ninguém jogar.

Então Spencer olhou para o crachá de Harper. Ele listava as atividades que ela estava envolvida na Princeton. *Hóquei de campo. Jornal da Princeton.* No final, em letras pequenas, estava as palavras *Presidente do Clube de Comer da Ivy.*

Ela quase engasgou. Ela tinha feito uma tonelada de investigação sobre os Clubes de Comer desde que ela tinha sido pega de surpresa na degustação do bolo. O clube da Ivy, que ostentava chefes de Estado, diretores-executivos de grandes empresas e gigantes literários como seus ex-alunos, estava no topo da lista do qual ela deveria se juntar. Se Harper era a presidente, isso significava que ela era encarregada de escolher os novos membros. Ela definitivamente era a pessoa para se enturmar.

De repente, alguém começou a bater palmas na frente da sala. — Bem-vindos, calouros! — Um cara desajeitado com cabelo encaracolado loiro-avermelhado gritou. — Eu sou Steven, um dos embaixadores. Nós vamos começar o jantar, todos poderiam sentar nos seus lugares?

Spencer olhou para Harper. — Quer sentar perto de mim?

O rosto de Harper desanimou. — Eu adoraria, mas os nossos lugares são marcados. — Ela apontou para o crachá de Spencer. — O número do seu crachá diz onde você vai sentar. Mas eu tenho certeza de que você vai conhecer alguns alunos aceitos antecipadamente impressionantes!

— É — disse Spencer, tentando esconder seu desapontamento. E então, antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa, Harper se afastou rapidamente.

Spencer caminhou para a mesa quatro e se sentou diante de um menino asiático com cabelo espetado e óculos angulares que estavam colados à sua tela do iPhone. Dois caras com jaquetas combinadas da escola Pritchard Prep estavam falando sobre um torneio de golfe que eles competiram no verão passado. Uma menina pequena em um terninho Hillary Clinton estava gritando em um celular sobre venda de ações. Spencer levantou uma sobrancelha, se perguntando se a menina já tinha um emprego. Esses adolescentes da Princeton não perdiam tempo.

— Hola.

Um cara com uma barba de bode no queixo, cabelo castanho desgrenhado e olhos sonolentos olhou para Spencer do assento ao lado. Sua calça cinza tinha uma bainha irregular, seus sapatos tinham solas grossas, e certamente, feitas de maconha, e ele cheirava igual ao enorme narguilé que Mason Byers tinha trazido de Amsterdã.

O garoto maconheiro estendeu a mão. — Eu sou Raif Fredricks, mas a maioria das pessoas me chama de Reefer. Eu entrei na Princeton, mas eu sinto como se eu estivesse indo para a faculdade

comunitária. Meus pais estão implorando para mim não ir, mas eu estou tipo assim, '*Claro que não!*'

Eu preciso da minha liberdade! Eu quero formar círculos de tambores no meu quarto às quatro da manhã! Eu quero ter reuniões de protestos assassinos durante o jantar!'

Spencer piscou para ele. Ele disse isso tudo tão rápido que ela não teve certeza de que ela entendeu tudo. — Espere, você entrou em Princeton?

Reefer, Deus, que apelido estúpido, sorriu. — Não é por isso que estamos todos aqui? — Sua mão ainda estava pendurada na frente de Spencer. — Uh, normalmente essa é a parte que as pessoas apertam as mãos. E você diz: 'Oi, Reefer, meu nome é..'

— Spencer — ela disse atordoada, apertando a enorme palma de Reefer por uma fração de segundo. Sua mente girou. Esse cara pertencia a um montinho de grama de Hollis com outras poucas crianças que se formavam em suas escolas do ensino médio. Ele não parecia o tipo que agonizava com os exames de AP e se certificava de que ele tivesse cumprido todas as horas suficientes de serviço comunitário.

— Então, Spencer. — Reefer sentou-se e olhou para Spencer de cima a baixo. — Eu acho que foi o destino que nos colocou para sentar juntos. Você parece entender isso, sabe? Você não aparenta como uma prisioneira do sistema. — Ele a cutucou. — E tem mais, você é totalmente bonita.

Eca, Spencer pensou, virando propositalmente para a direção oposta e fingindo estar encantada com as saladas de escarola que os garçons estavam servindo. Que sorte a dela ter se sentado ao lado desse perdedor.

Reefer não se tocou, no entanto. Ele se inclinou para mais perto, tocando seu ombro. — Está tudo bem se você é tímida. Então veja só: Eu estava pensando em ir ao Salão da Independência e olhar o protesto Ocupar Filadélfia depois disso. Você está afim? Provavelmente vai ser bem legal.

— Não, obrigada — disse Spencer, irritada com o quão alto o cara estava falando. E se todos pensassem que eles eram amigos?

Reefer empurrou um pedaço de escarola em sua boca. — Você não sabe o que vai perder.

Aqui, no caso de você mudar de ideia. — Ele arrancou um pedaço de papel de um velho caderno de espiral de sua bolsa, rabiscou algo e entregou a Spencer. Ela olhou para as palavras. *Que viagem longa e estranha tem sido.* Hein?

— Jerry é o meu guru — Reefer disse. Em seguida, ele apontou para vários números abaixo da citação. — Ligue a qualquer hora do dia ou da noite. Estou sempre disponível.

— Uh, obrigada. — Spencer colocou o papel em sua bolsa. Ela notou Harper observando-a do outro lado do restaurante, encontrou seus olhos e revirou os dela em um *Oh-meu-Deus-ele-é-tão-estranho.*

Felizmente, Steven, o outro embaixador, começou a falar seu discurso longo sobre como todos da sala eram maravilhosos e surpreendentes, e que certamente mudariam o mundo um dia porque eles iriam para Princeton para continuar suas trajetórias. Assim que os garçons recolheram as sobremesas, Spencer levantou de seu assento tão rápido quanto suas pernas torneadas pelo hóquei de campo podiam levantar. Ela encontrou Harper perto da cafeteira e deu-lhe um sorriso enorme.

— Quer dizer que você já conheceu Reefer — Harper piscou.

Spencer fez uma careta. — É, sorte a minha.

Harper deu um olhar incompreensível a Spencer, em seguida, moveu-se para mais perto. — Olha, eu sei que é de última hora, mas você tem planos para esse fim de semana?

— Eu acho que não. — Nada além de ajudar sua mãe na degustação de mais alguns doces para o casamento. Um segundo casamento realmente precisava de um bolo e uma torre de cupcake?

Os olhos de Harper brilharam. — Ótimo. Porque tem uma festa que eu adoraria te levar. Eu acho que você realmente vai se dar bem com os meus amigos. Você podia ficar comigo na grande casa, eu moro no campus. Pra você ter uma noção das coisas.

— Isso soa maravilhoso — disse Spencer rapidamente, como se por acaso ela parasse por ao mesmo um milésimo de segundo, Harper anularia sua oferta. A casa grande do campus era a Casa da Ivy, como presidente, Harper morava lá.

— Ótimo. — Harper clicou em algo em seu celular. — Me dê seu e-mail. Vou te enviar o meu número e as direções de onde me encontrar. Esteja lá às seis.

Spencer deu a Harper seu e-mail e o número do seu celular e, rapidamente, o e-mail de Harper apareceu em sua caixa de entrada. Quando ela leu, ela quase gritou em voz alta. Sem dúvida, Harper tinha dado as instruções para a Casa da Ivy na Avenida Prospect.

Ela caminhou em direção à saída do restaurante, se sentindo nas nuvens. Quando ela empurrou a porta giratória para a rua, seu celular, que estava escondido em sua bolsa, soltou um som abafado. Quando ela tirou e viu a tela, seu coração despencou como uma pedra. *Nova mensagem anônima.*

Oi Spence! Você acha que os seus amigos da faculdade iriam te deixar entrar no Clube de Comer se eles soubessem sobre o seu apetite por assassinato? Beijós!

—A

7

HANNA ESTÁ A TODO VAPOR

Na noite seguinte, Hanna estava parada do lado de fora do vestiário dos meninos, puxando para baixo seu vestido justo que ela tinha colocado depois do último sinal. Em todas as direções dela, os alunos saíam apressados para pegar seus ônibus depois da aula, corriam para atividades ou subiam em seus carros para ir ao Shopping King James.

O celular de Hanna tocou e ela rapidamente baixou o volume. Era mais uma mensagem de Isabel, lembrando a Hanna para ela ir mais cedo ao comício do pai dela na Câmara Municipal naquela noite para conhecer e cumprimentar alguns dos doadores. *Dã*, como se ela já não soubesse disso. Ela ajudou a organizar a coisa toda. E ela chegaria lá quando quisesse. A missão em suas mãos era a única coisa em sua mente agora.

Os aromas de meias sujas e spray corporal Axe flutuaram para o corredor. Vozes abafadas e os sons dos chuveiros ecoavam. Acontece que os meninos da equipe de pista coberta tinham vindo de um treino cansativo que envolvia correr em volta do estacionamento gelado. Mike também estava na equipe de pista coberta para se manter em forma para o lacrosse. A operação Conseguir Mike de Volta estava prestes a começar.

A porta azul abriu com um ruído e dois alunos do segundo ano em jaquetas emergiram, dando olhares estranhos a Hanna quando passaram. Ela olhou para eles de volta, então se aproximou da porta novamente.

— Foi uma genialidade colocar na academia uma aula de pole dancing. — A voz barítona e rouca de Mason Byers soou. — Você já viu as meninas que estão participando?

— Cara, nem me fale — James Freed respondeu. — Eu nem mesmo me mexi da última vez que eu estive lá, eu só assisti elas o tempo todo.

— Aquela menina que o Mike está saindo está participando — disse Mason.

Hanna franziu o cenho. Colleen estava participando de pole dancing agora? No show de talentos da oitava série, Colleen havia vestido um traje da Letônia e dançado os passos dos seus ancestrais nativos. Hanna e Mona tinham tirado sarro dela por meses.

— Eu sei. — James deu um grunhido estranho de garoto. — Não é à toa que ele está transando com ela. — Ele riu. — Você sabia que Bebris significa castor em Letão?

Espera. Os caras acabaram de dizer que Mike estava *transando* com ela, não foi? Hanna sentiu uma pontada aguda. Ela e Mike não tinham feito isso, e eles namoraram por mais de um ano.

Mais dois caras saíram do vestiário, e Hanna espiou lá dentro. James e Mason estavam fora de vista, mas Mike estava em seu armário. Ele estava de cueca, seu cabelo preto emaranhado e molhado sobre sua cabeça, pequenas gotas de água caíam sobre seus ombros largos. Ele sempre tinha sido musculoso assim?

Hanna ergueu seus ombros. *Está na hora.* Ela caminhou até o vestiário cheio de vapor. Ela nunca tinha entrado no vestiário dos meninos antes e ficou desapontada ao descobrir que ele não parecia muito diferente do das meninas, além de uma cueca protetora de testículos jogada no chão de um dos corredores. O lugar cheirava a talco e meias suadas e a lata de lixo estava transbordando com garrafas de Gatorade vazias.

Ela andou na ponta dos pés sobre o chão de azulejos cinza até que ficou a poucos metros de distância de Mike. Em suas costas havia uma cicatriz em forma de lua crescente que ele tinha adquirido ao cair da bicicleta quando era pequeno. Eles mostraram um ao outro todas as suas cicatrizes numa tarde na casa de Hanna, eles despiram suas roupas íntimas, mas não foram mais adiante. Em

alguns aspectos, Hanna tinha muito medo de ter relações sexuais com Mike — ela nunca tinha dormido com ninguém antes, e fazer isso com ele parecia ser especial. E apesar de Mike sempre falar sobre o quão louco por sexo ele era, Hanna se perguntava se ele também tinha tido um pouco de medo.

Hanna estendeu as mãos e cobriu os olhos de Mike. — Boo.

Mike pulou, mas depois relaxou. — Ooooi — disse ele, arrastando a palavra. — O que você está fazendo aqui?

Ao invés de dizer qualquer coisa, Hanna começou a dar beijinhos na parte de trás do pescoço de Mike. Mike se inclinou contra ela, sua pele nua e quente contra seu vestido apertado. Ele estendeu a mão pra trás e passou os dedos pelos cachos de Hanna. De repente, ele se virou, abriu os olhos e a encarou.

— Hanna — Mike pegou a toalha do banco e cobriu seu torso nu. — O que diabos?

Hanna agarrou o colar que Mike tinha usado desde que sua família retornou da Islândia e puxou-o para mais perto. — Não seja tímido. Apenas continue. Essa não é uma das suas fantasias sexuais?

Mike se afastou dela com os olhos arregalados. — Você enlouqueceu? — Ele não notou o vestido apertadíssimo ou os sapatos com um super-salto alto de Hanna que faziam seus tornozelos doerem. Ao invés disso, ele estava olhando para ela como se ela estivesse sendo loucamente inapropriada. — Você tem que ir embora.

Hanna enrijeceu. — Você parecia estar gostando alguns segundos atrás.

— Foi porque eu pensei que era outra pessoa. — Mike puxou uma camiseta sobre sua cabeça e vestiu suas calças rapidamente.

Hanna se apoiou nos armários, sem sair do lugar. — Olha, Mike, eu quero você de volta, ok? Eu e o meu namorado terminamos. Eu

sei que você também me quer de volta. Então, pare de agir como um idiota e me beije!

Ela completou isso com uma pequena gargalhada, para que ela não parecesse completamente agressiva, mas Mike apenas olhou para ela sem entender. — Você me ouviu no shopping na outra noite, eu tenho uma namorada agora.

Hanna revirou os olhos. — Colleen? Por favor. Você não se lembra de que enfiaram a cabeça dela na boa e velha privada quatro vezes na sexta série? E Mike, ela é uma nerd do teatro. Você está totalmente destruindo sua popularidade por namorar ela.

Mike cruzou os braços sobre o peito. — Na verdade, Colleen tem um agente para a coisa do teatro. Ela esteve em audições para várias coisas importantes na TV. E eu não me importo com popularidade.

Yeah, certo. — Ela é fácil ou algo assim? — Hanna foi surpreendida por o quão amarga ela soou.

O rosto de Mike endureceu. — Eu gosto dela, Hanna.

Ele olhou para ela com firmeza, e as nuvens na mente de Hanna começaram a se afastar. Mike não estava saindo — e dormindo — com Colleen porque ela estava à disposição, mas porque ele se importava com ela.

Alguém riu de perto das pias, e Hanna viu James e Mason escondidos atrás da parede, ouvindo cada palavra. Ela colocou seus braços ao redor de seu corpo, de repente se sentindo exposta.

Eles estavam rindo dela. A estúpida Hanna dando em cima do seu ex. A estúpida Hanna, fazendo a si mesma de idiota. Ela poderia muito bem ter sido a gordinha novamente, com um cabelo castanho cor cocô e aparelho nos dentes. A gordinha feia e perdedora que ninguém amava.

Sem outra palavra, ela se virou e saiu do vestiário, nem mesmo parando quando seu tornozelo torceu. *Isso não está acontecendo, isso não está acontecendo*, ela silenciosamente repetiu várias vezes.

De jeito algum ela tinha sido superada por alguém molenga como Colleen.

Ela fechou a porta do vestiário com força e saiu para o corredor silencioso. De repente, outro riso ecoou pelo corredor, estridente e ainda mais sinistro do que o dos meninos. Hanna congelou e ouviu. Ela estava louca ou parecia com o riso de Ali? Ela inclinou a cabeça para o lado, esperando.

Mas então, o som desapareceu.

8

OLÁ, MEU NOME É HEATHER

Naquela noite, Emily caminhou para o Rosewood Arms, um hotel perto da Hollis que era em parte uma pitoresca meia-pensão, e em parte um resort sofisticado. A antiga mansão pertenceu uma vez a um barão ferroviário, e cada quarto foi decorado com armários antigos de valor inestimável e um punhado de cabeças de veado, bisão e leão. Uma das alas havia sido convertida em um spa. A antiga garagem do barão, que foi usada para alojar dezenas de carruagens top de linha e antigos carros de corrida, agora era a sala do banquete.

Nesta noite em particular, o espaço tinha sido alugado para o comício do Sr. Marin na Câmara Municipal. Havia longas filas de cadeiras de frente para um palco. Havia um microfone solitário no centro, e banners proclamando mensagens como TOM MARIN PARA MUDANÇA e A PENSILVÂNIA PRECISA DO MARIN. Era estranho ver o rosto do pai de Hanna sobre cartazes de campanha. Emily ainda pensava nele como o cara que tinha uma vez repreendido Ali por ter jogado um chiclete na janela do carro dele. Mais tarde, Ali tinha feito todas elas andarem em um círculo, chamando o pai de Hanna de Sr.

Idiota — até mesmo Hanna, que tinha feito isso com lágrimas nos olhos.

Emily examinou a multidão. Havia pessoas aqui que ela não tinha visto há anos — a Sra. Lowe, sua antiga professora de piano, cujo rosto angular sempre fazia Emily se lembrar de um galgo, estava bebendo algo de uma caneca térmica Starbucks no canto. O Sr. Polley, que costumava ser o mestre de cerimônias dos banquetes da equipe de natação de Emily, estava olhando para seu BlackBerry perto de uma das janelas. O Sr. e a Sra. Roland, que tinham se mudado para a velha casa dos Cavanaughs, estavam sentados em cadeiras dobráveis que haviam sido colocadas perto do palco, e a filha deles, Chloe, estava sentada ao lado deles.

Emily se encolheu. O Sr. Roland tinha conseguido para ela uma bolsa de estudos na UCN, mas seu comportamento lascivo custou a Emily sua amizade com Chloe.

As únicas pessoas que Emily não via eram as suas amigas. Quando ela se virou para procurá-

las em uma sala diferente, ela se chocou contra um fornecedor que estava carregando uma bandeja de prata carregada com aperitivos. O fornecedor se lançou para frente, mas ele milagrosamente pegou a bandeja antes de cair no chão. — Me desculpa! — Emily exclamou.

— Não se preocupe — ele respondeu com rapidez. — Felizmente, eu tenho reflexos relâmpagos. — Então ele se virou e ficou estupefato.

— Emily?

Emily piscou. Olhando para ela, vestido com o smoking de um fornecedor, estava Isaac Colbert, seu ex-namorado — e pai da sua filha. Ela não o tinha visto desde que tinham terminado há mais de um ano atrás.

— O-oi. — O coração de Emily disparou. Isaac parecia mais alto do que ela se lembrava — mais largo, também. Seu cabelo castanho

estava até o queixo, e havia uma tatuagem sob o colarinho.

Ela olhou para o desenho de uma espiral preta em sua pele. O que sua mãe superprotetora tinha dito sobre isso? Dado que a Sra. Colbert tinha cortado a cabeça de Emily de todas as fotos dela e Isaac juntos e a chamado de vadia, Emily não podia imaginar que ela estivesse empolgada por seu filho ter feito uma tatuagem.

— O que você está fazendo aqui? — ela proferiu.

Isaac apontou para o logotipo no bolso do peito. SERVIÇO DE BUFÊ COLBERT. — A empresa do meu pai está fornecendo as bebidas. Ele é um fã de Tom Marin. — Então ele deu um passo para trás e olhou Emily de cima a baixo. — Você parece. . diferente. Você perdeu peso?

— Eu duvido disso. Eu ainda sinto que está sobrando algum peso da.. — Ela parou antes que ela pudesse dizer *gravidez* e quase engoliu a língua. O que havia de errado com ela?

Ela quase tinha ligado para Isaac algumas vezes para lhe contar enquanto ela estava grávida — Isaac tinha sido maravilhoso com ela antes do que aconteceu com sua mãe. Eles costumavam conversar durante horas, e ele tinha aceitado tão bem quando ela lhe disse que ela tinha namorado com garotas no passado. Então, numa tarde de inverno, eles se despiram lentamente em seu quarto.

Ele tinha sido tão doce sobre o seu desejo de fazer com que a sua primeira vez fosse significativa.

Mas toda vez que ela pegava o telefone para ligar para ele, ela não conseguia descobrir como dar a notícia. “*Ei! Eu tenho uma história para te contar!*” Ou: “*Ei, lembra da única vez que dormimos juntos?*”

E o que Isaac teria dito? Ele teria querido dar o bebê para adoção, também, ou ele teria exigido que eles o criassem juntos? Emily não podia imaginar fazer algo assim — ela adorava crianças, mas ela não estava pronta para ela própria cuidar de uma. Então, novamente, Isaac poderia até não ter acreditado nela. Ou ele

poderia ter ficado muito, muito zangado por ela não ter lhe dito mais cedo.

Era algo, ela decidiu, que ela tinha de lidar por conta própria. E assim ela examinou os perfis online de esperançosos casais adotivos sozinha. Quando ela chegou em uma conta de duas pessoas felizes e sorridentes que tinham escrito *Casal apaixonado casado por oito anos está tão animado para ser um papai e uma mamãe*, ela parou. Charles e Lizzie Baker diziam que eles eram almas gêmeas, que faziam viagens de caiaque nos fins de semana, liam o mesmo livro ao mesmo tempo para que eles pudessem discutir sobre ele na sobremesa, e estavam consertando a sua velha casa em Wessex. *Nós sempre deixaremos seu filho saber que ele ou ela foi colocado para adoção por amor*, seu perfil tinha dito. Algo nele havia tocado Emily profundamente.

Agora, Isaac colocou a bandeja em uma mesa próxima e colocou a mão em seu braço. — Eu queria te ligar tantas vezes. Eu ouvi sobre a coisa horrível pela qual você passou.

— O quê? — Emily sentiu a cor de seu rosto ser drenada.

— Sobre Alison DiLaurentis voltar — disse Isaac. — Eu me lembro de você falando sobre Ali, o quanto ela significava para você. Você está bem?

O coração de Emily lentamente voltou ao seu ritmo normal. É claro. *Alison*. — Acho que sim — respondeu ela com a voz trêmula. — E, hum, como você está? A banda ainda está junta? E o que é isso? — Ela apontou para sua tatuagem. Qualquer coisa para tirá-lo do assunto dela.

Isaac abriu a boca para falar, mas um cara alto e mais velho em um uniforme de fornecedor bateu em seu ombro e lhe disse que estavam precisando dele no serviço de preparação. — Eu tenho que ir — ele disse a Emily, caminhando em direção à porta. Então ele parou e olhou para ela de novo. — Você gostaria de nos encontrarmos após o comício desta noite e colocar o papo em dia?

Por um momento, Emily considerou aceitar a proposta dele. Mas então ela pensou em como ela ficaria tensa o tempo todo, o segredo inchando dentro dela como um balão de água cheio demais. — Hum, eu já tenho planos — ela mentiu. — Sinto muito.

O rosto de Isaac desanimou. — Ah. Bem, talvez outra hora, então.

Ele seguiu o outro fornecedor pela multidão. Emily virou-se e caminhou na direção oposta, sentindo-se como se ela tivesse escapado de algo terrível, mas também era triste e lamentável que ela tivesse dispensado Isaac.

— Emily?

Emily virou-se para a esquerda. Hanna estava ao lado dela, vestida com uma roupa apertada e listrada e saltos altos. O Sr. Marin estava ao seu lado, parecendo senatorial com sua poderosa gravata vermelha. — Oi — disse ela, abraçando os dois.

— Obrigado por vir. — Hanna soou grata.

— Estamos felizes em ter você aqui, Emily — o Sr. Marin disse.

— E eu estou feliz de estar aqui — respondeu Emily, embora depois de seu encontro com Isaac, tudo o que ela queria fazer era ir para casa.

Então o Sr. Marin virou-se para uma mulher que tinha acabado de se juntar ao grupo. Ela tinha um cabelo loiro acinzentado, postura perfeita, e usava um terno impecável que parecia que custava uma pequena fortuna. Emily começou, de repente, a sentir que seu corpo estava em chamas. *Não.*

Não podia ser. Emily tinha de estar vendo coisas.

A mulher a notou, também, e parou de falar no meio da frase.

— Oh! — Ela falou, seu rosto ficando branco.

Bile subiu na garganta de Emily. Era Gayle.

O Sr. Marin percebeu a troca de olhares estranhos entre ambas e limpou a garganta. — Uh, Emily, esta é a Sra. Riggs, uma das minhas maiores doadoras. Ela e seu marido mudaram-se recentemente para Nova Jersey. Sra. Riggs, esta é a amiga da minha filha, Emily.

Gayle tirou uma mecha de cabelo loiro dos olhos. — Eu pensei que o seu nome fosse Heather — disse ela em uma voz medida e gelada.

Todos os olhos estavam sobre ela. Hanna virou-se e olhou para Emily. Parecia que 10 anos se passaram antes de Emily falar de novo. — Uh, você deve ter me confundido com outra pessoa — ela falou rapidamente. E então, incapaz de ficar lá por mais um momento, ela virou e correu o mais rápido que pôde para a porta mais próxima, que levou a uma sala de armazenamento. Ela trancou-a por dentro e encostou-se na parede com o coração batendo em seus ouvidos.

Como se fosse combinado, seu celular tocou. Emily o pegou, seu estômago saltando em todo o lugar. *Uma nova mensagem*, a tela dizia.

Hey, mamãe. Acho que o bicho vai pegar! —A

9

NÃO HÁ FÚRIA NO INFERNO IGUAL À DE UMA

SENHORA RICA DESPREZADA

Quando o Sr. Marin subiu ao palco no comício na Câmara Municipal sorrindo para seus adorados eleitores, Spencer entrou pelas portas dos fundos da sala de banquete de um pequeno estacionamento. Apenas alguns espaços haviam sido ocupados, tomados por picapes velhas e carros compactos. Na parte de trás do estacionamento, ao lado de uma lixeira verde coberta de caixas de papelão vazias, Emily se movia rapidamente como se seu vestido suéter estivesse em chamas.

A porta se abriu de novo, e Aria e Hanna saíram. Ambas estavam segurando seus celulares e parecendo confusas. Há pouco tempo, Emily tinha enviado para todas elas uma mensagem enigmática dizendo que ela precisava encontrá-las aqui e conversar. Spencer mandou uma mensagem de volta perguntando se elas poderiam conversar lá dentro, fora estava frio, mas Emily tinha respondido com um *NÃO!*

— Em? — Aria chamou, descendo os degraus de metal pouco seguros. — Você está bem?

— Meu pai vai ficar se perguntando onde eu estou. — Hanna segurou o corrimão com força, cautelosa em seus saltos altos. — O que está acontecendo?

Emily empurrou seu celular na direção delas quando elas se aproximaram. — Eu recebi isso.

As meninas leram a mensagem na tela. O estômago de Spencer revirou quando ela leu as palavras. — Espere. A sabe sobre o bebê?

Emily assentiu, parecendo apavorada.

— Mas como isso é possível? E por que A nunca mencionou antes? — Spencer perguntou. Ela ainda mal conseguia acreditar que Emily tinha tido um bebê. Antes das aulas terminarem no ano passado, Emily aparentava e parecia tão normal, como se nada a perturbasse. Mas no meio de julho, logo após o problema de Spencer com a polícia por posse de Easy A, Emily tinha ligado para Spencer em pânico, dizendo que ela estava grávida. De primeira, Spencer tinha pensado que era uma piada. Mas nem um pouco engraçada.

— Eu não sei — Emily respondeu com lágrimas nos olhos. — Talvez porque A saiba de tudo.

Mais alguém recebeu uma mensagem?

Tremendo, Spencer levantou a mão. — Na verdade, eu recebi. Ontem à noite. Eu ia dizer a vocês essa noite.

Ela abriu a mensagem em seu celular, e as outras se reuniram ao redor.

Você acha que os seus amigos da faculdade iriam te deixar entrar no Clube de Comer se eles soubessem sobre o seu apetite por assassinato?

Apenas lê-la novamente fez o coração de Spencer galopar. Ela mal tinha dormido na noite passada, meditando sobre as possibilidades de quem poderia ser A.

— Como A sabe sobre Tabitha e o bebê? — Emily sussurrou.

Hanna exalou audivelmente, sua respiração visível no ar gelado. — Da mesma forma que A sabe de tudo.

— Muitas pessoas te viram. — Spencer estremeceu em seu blazer fino que ela tinha escolhido para usar. — Você ficou na Filadélfia durante o verão inteiro. A pode ter ficado também. Talvez foi assim que A soube sobre mim e Kelsey.

Emily marchava de um lado para o outro em uma linha amarela apagada que delimitava um espaço de estacionamento. — Você sabe o quão enorme eu fiquei. Eu não parecia com uma menina da capa da People. Suponho que alguém poderia ter descoberto. — Ela arqueou as costas e olhou para os galhos finos das árvores acima de suas cabeças.

— Esse alguém não é qualquer um — Aria ressaltou. — É uma pessoa que está lá para nos pegar. Alguém que nós prejudicamos. Alguém que quer vingança.

— Mas quem? — Hanna perguntou.

Emily parou de andar. — Todas vocês sabem quem eu acho que é A.

Spencer gemeu. — Não diga Ali, Em.

— Por que não? — A voz de Emily se elevou. — Ela e Tabitha estiveram na Reserva juntas. Ali poderia ter descoberto que matamos Tabitha. Talvez ela queira vingança por isso, acima de tudo o que fizemos com ela.

Spencer suspirou. Ela não conseguia acreditar que Emily ainda estava nessa missão *Ali-está-*

viva. — Então, Ali e Tabitha estiveram na Reserva ao mesmo tempo. Isso não prova nada. E pela última vez, os ossos de Ali não foram encontrados nos escombros, mas todas nós vimos ela na casa pouco antes dela explodir.

Uma sombra passou pelo rosto de Emily. — É só que, quem mais a não ser Ali iria nos seguir em todos os lugares, acompanhar todos os nossos passos? — Ela disse, olhando para seus pés. — E

vocês não vão acreditar em quem está aqui, Gayle. E se A planeja dizer a ela o que eu fiz com o bebê? E se Gayle disser a todo mundo sobre mim?

— Espere um minuto. — Hanna franziu a testa. — Gayle, a mulher que queria o bebê, está lá dentro?

Emily assentiu. — Ela era a mulher que o seu pai me apresentou. A Sra. Riggs.

— Então foi por isso que ela te chamou de Heather. — Hanna fechou os olhos. — Gayle prometeu ao meu pai um monte de dinheiro para a campanha dele.

— Bem, que adorável coincidência — Spencer disse sarcasticamente.

Aria limpou a garganta. — Talvez não seja uma coincidência, afinal.

Todo mundo olhou para ela. Aria se virou para Emily. — Deixe-me ver se eu entendi, Em. Você acabou de ver a mulher que você prometeu entregar o bebê, a mulher que você enrolou no final.

Certo?

— Eu tive que enrolar ela — Emily interrompeu com um olhar atormentado no rosto. — Eu tive que fazer o que era certo para o bebê!

— Eu sei, eu sei. — Aria acenou com as mãos, impaciente. — Apenas acompanhe comigo, ok?

Você estava muito preocupada com Gayle te perseguindo, no entanto. E você disse que Gayle era louca. Não foi por isso que você não quis dar o bebê a ela?

Emily franziu o nariz. — Eu não estou entendendo onde você quer chegar.

— Não é óbvio? — Aria exclamou. — Você vê Gayle lá dentro. E então, segundos depois, você recebe uma mensagem de A sobre o bebê. Gayle é A! Talvez ela tenha descoberto o que você fez, o que todas nós fizemos! E agora ela quer se vingar de todas nós por ter te ajudado a levar o bebê pra longe dela!

Emily apertou os olhos. — Isso não faz sentido. Como Gayle poderia saber sobre o problema de Spencer com as drogas? Como ela poderia saber sobre o que aconteceu na Jamaica?

— Talvez ela tenha uma conexão com a Penn e a Jamaica — Aria disse. — Ela é muito rica.

Talvez ela tenha contratado um detetive. Nunca se sabe.

— Mas o que ela quer de nós? — Hanna perguntou.

Todo mundo pensou por um momento. — Talvez ela queira saber onde o bebê está — sugeriu Aria. — Ou talvez Gayle só queira te machucar como você machucou ela — disse Spencer com um arrepio. — Lembra das mensagens deixadas no seu correio de voz, Em? Ela parecia louca. — Ela fechou os olhos e recordou a voz áspera da mulher vinda através do alto-falante minúsculo do celular. *Eu vou te encontrar, a última mensagem de voz tinha dito. Eu vou perseguir você e o bebê, e então você vai se arrepender.*

Lá dentro, a voz de Tom Marin trovejou através do microfone. Hanna lançou um olhar para a porta. — O que você quis dizer quando disse que Gayle ser a maior doadora do meu pai pode não ser uma coincidência, Aria?

— Pense nisso. — Aria brincou com um dos seus brincos de penas. — Se Gayle é A, talvez ela tenha se envolvido com a campanha do seu pai para se aproximar de você. Talvez seja parte do plano mestre dela.

Hanna fechou os olhos. — Meu pai disse que o dinheiro dela é crucial para a campanha, no entanto. Se ela mudar de ideia por qualquer motivo, ele pode não ter o dinheiro para bancar os comerciais por todo o estado.

— Talvez também seja parte do plano mestre — disse Spencer sombriamente.

— Gente, vocês estão se ouvindo? — Emily parecia irritada. — De jeito algum Gayle é A. É, foi terrível eu ter me encontrado com ela. E sim, eu não sei o que eu vou fazer agora que ela me viu.

Mas temos que pensar em A mantendo contato com Gayle, e não A sendo Gayle.

— Eu acho que nós precisamos de mais fatos — disse Spencer. — Talvez haja uma forma de provarmos se Gayle é ou não é A. Se ela é a maior doadora do seu pai, Hanna, talvez você possa bisbilhotar um pouco?

— Eu? — Hanna apertou a mão no peito. — Por que eu tenho que fazer isso?

Elas foram subitamente interrompidas por um rangido alto. A porta se abriu, e Kate enfiou a cabeça para fora. — Aí está você — ela disse, parecendo mais aliviada do que irritada. — Eu estive te procurando em todos os lugares. Papai nos quer no palco com ele.

— Ok. — Hanna se moveu em direção à porta. Ela olhou por cima do ombro para as outras, indicando que elas deveriam segui-la. Aria e Spencer a seguiram, mas Emily ficou onde estava. *Eu não vou voltar para dentro*, sua expressão teimosa dizia. *Não com Gayle lá.*

Spencer deu a Emily uma aceno de desculpas antes de voltar para a sala do banquete. O lugar estava ainda mais lotado do que antes, cada assento estava ocupado. O Sr. Marin estava no palco respondendo perguntas e mostrando seu sorriso político. Spencer agarrou o braço de Hanna antes dela se juntar ao pai. — Quem é Gayle, afinal?

Hanna apontou para uma mulher em um terno de saia vermelho na primeira fila. — Ela.

Spencer olhou para a mulher, avaliando seus cabelos loiros, rosto fino e os diamantes enormes em seus dedos. De repente, algo se encaixou. A degustação do bolo. Gayle estava a algumas mesas de distância, vestindo um terno Chanel. Spencer tinha sentido o olhar da mulher em suas costas, mas ela tinha se esquecido da expressão estranha e presunçosa de Gayle, dizendo a si mesma que ela estava apenas sendo paranoica.

Mas talvez ela não estivesse. Talvez Gayle tenha estado olhando para ela.

Porque talvez, apenas talvez, Gayle seja A.

10

ALIMENTO PARA O PENSAMENTO

Na tarde de quarta-feira, Aria e Noel estavam de pé em uma bancada no porão da Faculdade de Gastronomia de Rosewood, onde eles estavam fazendo Introdução à Culinária. Potes e panelas brilhantes os rodeavam. Havia especiarias trituradas em tigelas de preparação pequenas e claras, e um alho-poró cortado em pedaços estava inerte em sua tábua de corte. O lugar cheirava a caldo de galinha cozinhando, a gás das bocas dos fogões, e ao picante Trident de canela que Marge, a mulher de trás deles, mastigava sem parar.

Todos os olhos estavam sobre Madame Richeau, sua instrutora. Mesmo que tivesse sido apenas uma cozinheira em um navio de cruzeiro de Carnaval por seis meses nos anos oitenta, ela agia como se ela fosse uma chef famosa da Food Network, usando um chapéu de chef de cozinha e falando com um duvidoso sotaque francês.

— A chave para fazer um bom risoto é mexer constantemente — Madame Richeau disse, inserindo uma colher de madeira em uma panela e girando-a lentamente ao redor. Ela pronunciou o *a* como *la*. — Não pare de mexer até o arroz ficar cremoso. É uma técnica difícil de dominar! Agora, mexam, mexam, mexam!

Noel cutucou Aria. — Você não está mexendo rápido o suficiente.

Aria voltou sua atenção e olhou para a panela, que estava cheio de arroz Arborio e um caldo borbulhante. — Oops — ela disse distraída, dando a mistura algumas boas mexidas.

— Você prefere cortar? — Noel levantou a faca japonesa que tinha trazido da cozinha de seus pais. Ele estava cortando uma cebola vermelha para uma salada. — Eu não quero que nosso risoto seja arruinado. Madame pode nos premiar com a guilhotina — disse ele com um sorriso malicioso.

— Eu estou legal — disse Aria, olhando para sua estação de trabalho. — Além disso, eu nunca poderia cortar uma cebola tão bem quanto você. — Surpreendentemente, Noel acabou sendo muito bom nessa classe — especialmente na parte de cortar. Aria sempre ficava aborrecida no meio e deixava os legumes em pedaços grandes difíceis de manejar.

Ela podia sentir Noel estudando ela, mas ela fingiu não notar, ao invés, ficou mexendo vigorosamente o risoto. Felizmente, Noel tinha perdido o comício na Câmara Municipal na noite passada porque ele e seus amigos de lacrosse tiveram um jantar do time. E seus horários não se cruzaram na escola nos últimos dois dias, o que significava que ela não o tinha visto nos corredores.

Ela considerou não vir à aula de culinária, também, mas então Noel iria perguntar por quê. E o que ela deveria dizer, que ela tinha visto seu pai apertando tomates em um vestido no Fresh Fields?

Ela estremeceu, a imagem nadando em sua mente de novo. O momento em que ela percebeu que a irmã desaparecida do Sr. Kahn só poderia ser o Sr. Kahn mesmo, ela disparou para fora da seção de produtos agrícolas o mais rápido que podia e se escondeu atrás de uma prateleira de pão francês. Ela observou o homem de longe, rezando para que ela estivesse errada. Talvez fosse outro cara vestido de drag. Talvez tenha sido uma mulher muito feia. Mas então o celular da pessoa tocou.

— Alô? — uma voz de homem disse para o receptor — a voz de um homem que soava exatamente como o Sr. Kahn. A chance de estar errada se foi.

Aria não tinha certeza se ela se sentia mais envergonhada pelo Sr. Kahn ou por si mesma. Ela não conseguia se livrar da sensação de que a coisa toda foi culpa dela, que era como ela se sentiu quando encontrou Byron beijando Meredith na sétima série. Se ela não tivesse descido pelo beco, se ela não tivesse virado a cabeça naquele momento, ela não teria ficado sobrecarregada com o segredo do seu pai — ou a luta angustiante para decidir se contava

a Ella. Da mesma forma, se ela tivesse apenas ido para o Fresh Fields alguns momentos mais tarde, ou permanecesse no balcão de queijos, ela não saberia algo tão prejudicial sobre o pai de Noel.

Mas agora que ela sabia, ela estava morrendo de vontade de cavar mais fundo. Era algo que o Sr. Kahn fazia muitas vezes? Ele era um pouco estranho — ele tinha se vestido como um homem das cavernas Viking na festa de Klaudia de Bem-Vindo-Aos-EUA há um mês, e ele ficava sempre bêbado, cantando canções de ópera e músicas populares nas festas de arrecadação de fundos do conselho escolar de Rosewood Day. Mas vestir-se como uma mulher — em público? Será que ele não pensava como seria se alguém o pegasse? E, certamente, o casamento do Sr. e da Sra. Kahn não era tão sólido como Aria tinha pensado. Era um daqueles casais que viviam de aparências, mas secretamente não amavam um ao outro absolutamente? Isso só iria partir o coração de Noel ainda mais. Ele idolatrava o vínculo forte entre seus pais.

Aria havia prometido não ter mais segredos, mas era definitivamente algo que Noel não precisava saber — ou queria saber. E ela só podia esperar que A nunca descobrisse.

No momento em que ela tinha acordado ontem, Aria ficou à espera de uma mensagem provocativa de A sobre o Sr. Kahn. Mas, milagrosamente, nenhum bilhete havia sido colocado sob o seu limpador de para-brisa, nem deixado em seu armário, ou enviado para o celular dela. O que significava uma de duas coisas: A estava esperando o momento perfeito.. ou A não sabia.

Se Gayle era A, talvez Gayle tivesse estado muito ocupada perseguindo Spencer e Emily para perder tempo com Aria, também. Não era como se Gayle pudesse estar em todo lugar ao mesmo tempo. E se A não sabia, a melhor coisa que Aria poderia fazer era fingir que ela nunca tinha visto o Sr. Kahn. Ela não teria sequer que pensar sobre isso.

— Todo mundo, pegue a sua *beurre* e meça uma colher e meia!
— Madame Richeau falou na frente da sala.

— O que é *beurre* mesmo? — Noel resmungou. — Eu odeio quando ela diz coisas em francês.

— Manteiga. — Aria enfiou a mão no mini-frigorífico sob o balcão e tirou um pedaço de manteiga Land O'Lakes. Quando ela desembulhou, sua mente vagou novamente. Por que Gayle, uma mulher rica, bem-sucedida, perderia tempo e dinheiro perseguindo quatro estudantes do ensino médio? Entretanto, ela era louca. Aria havia encontrado Gayle antes apenas uma vez, e ela pôde dizer imediatamente que havia algo de errado com ela.

Tinha sido logo após Emily admitir a Aria que ela estava grávida. Aria foi se encontrar com Emily na cidade. Elas tinham planejado vasculhar o Mercado Italiano, mas depois Emily perguntou se elas poderiam parar para tomar café com Gayle, uma mulher estranha e rica que ela conheceu uma semana antes.

— Ela entrou em contato comigo através de Derrick — Emily explicou, referindo-se ao seu amigo do restaurante. — Ele trabalha para ela nos fins de semana. Ele pediu a ela mais horas e me registrou como uma referência de caráter. — Ela sorriu se desculpando. — Só vai ser alguns minutos, eu prometo. E oh, eu tenho que te avisar. Ela é um pouco.. chorosa. Mas ela parece ser muito boa.

Aria concordou, e Emily pediu-lhe para usar uma peruca e óculos escuros para que Gayle não a reconhecesse e fizesse a conexão de que ambas eram as famosas *Pretty Little Liars*.

A única peruca que Aria tinha era uma rosa de alguns Halloweens atrás, mas ela tinha usado de qualquer maneira.

O café era próximo de um estúdio de yoga e uma loja que fazia piercings na língua. Era o tipo de lugar que tinha mesas de madeira reaproveitadas de casas de fazenda, cata-ventos pregados às paredes, e um menu feito à mão em um quadro que dizia que o café da manhã era servido durante todo o dia. Gayle estava esperando por elas em uma cabine, e já havia uma grande pilha de panquecas

de mirtilo sobre a mesa. Assim que ela viu Emily caminhando pelo corredor, ela empurrou o prato para o outro lado da mesa.

— Coma. O mirtilo é bom para o cérebro em desenvolvimento do bebê.

— Oh. — Emily parecia assustada. — Isso é muito legal da sua parte.

— Eu só estou fazendo o que é melhor para o bebê — disse Gayle, seu olhar diretamente sobre Emily, e um doce sorriso em seu rosto.

— Eu aprecio isso. — Emily deu uma mordida numa panqueca e sorriu. — Elas estão muito boas. Gayle pigarreou, sem jeito. — Me perdoe se você acha que isso é um pouco adiantado, mas eu suponho que você está colocando o seu bebê para adoção. Posso perguntar se você já encontrou uma família?

Um músculo na bochecha de Emily se contraiu. Aria estendeu o braço debaixo da mesa e pegou a mão de Emily, como se dissesse, *Se você quiser fugir daqui agora, eu estou bem atrás de você.*

Mas em vez disso, Emily tinha aspirado. — Uh, sim. Eu encontrei um simpático casal que vive nos subúrbios, não muito longe de mim.

Gayle parecia desanimada. — Eu contava com isso. Recentemente, eu perdi um filho, e isso foi devastador. Meu marido e eu queremos um bebê, e eu já passei por inúmeros tratamentos de fertilidade, gastamos dezenas de milhares de dólares, mas não tivemos sorte.

— Isso deve ter sido tão difícil para você — disse Emily, suas feições amolecendo.

Os olhos de Gayle se encheram de lágrimas. — Eu quero tanto um bebê que seja meu. Você parece ser uma menina boa, inteligente e bem madura. Eu ficaria honrada em criar seu filho, mas eu acho que não era para ser. — Ela baixou a cabeça.

— Deus, se eu soubesse — Emily murmurou, brincando com o garfo. — Eu realmente sinto muito.

— Tem certeza de que você não poderia mudar de ideia? — a voz Gayle se elevou. — Eu poderia fazer valer a pena. Meu marido e eu vivemos muito bem, e nós poderíamos recompensá-la generosamente.

Zilhões de alarmes soaram na cabeça de Aria. Essa mulher estava dizendo de verdade que ia pagar a Emily pela criança?

Mas Emily não parecia perturbada. Ela pegou o copo de água e tomou um longo gole, acenando para Gayle continuar.

— O bebê teria todos os privilégios do mundo — disse Gayle. — Escolas privadas. Aulas de todos os tipos. Incríveis viagens ao redor do mundo. Você que escolhe.

Aria olhou em volta para os outros clientes do café, espantada por ninguém ter ouvido o que acabara de acontecer. Isso não era ilegal? Então Gayle deixou cair uma nota de vinte dólares na mesa e se levantou.

— Pense nisso, Heather. Eu ligo para você em alguns dias, ou você me liga. — Ela entregou a Emily um cartão de visita. Um segundo depois, ela foi deslizando para fora do café, dando tchau para o proprietário careca de suspensórios atrás do balcão, como se ela não tivesse acabado de se oferecer para comprar um bebê de uma estranha.

Assim que Gayle desapareceu na calçada, Aria soltou um suspiro. — Você quer ligar para a polícia, ou eu ligo?

Emily parecia surpresa. — O quê?

Aria olhou para ela. — Você está louca? Ela acabou de lhe oferecer dinheiro pelo seu bebê.

Emily pegou uma panqueca. — Eu me sinto terrível por ela. É óbvio que ela realmente quer um bebê. Ela parece tão triste.

— Você comprou aquela história triste? — Aria balançou a cabeça. Emily sempre foi a mais sensível do grupo, a única que tinha salvado os filhotes de passarinho quando a mãe empurrou-os para fora do ninho muito cedo, ou que tentava parar Ali quando ela brincava com alguém muito maldosamente.

— Em, as pessoas normais não andam em cafés e oferecem-se para comprar crianças de adolescentes em gestação. Mesmo as pessoas que estão desesperadas para terem filhos. Há algo seriamente errado nela.

Mas Emily estava olhando melancolicamente para sua barriga, parecendo não ouvir uma única palavra do que Aria disse. — Não seria bom ter tudo o que queria no mundo? Viagens exóticas?

Acampamentos de verão fantásticos? A vida do bebê seria incrível.

— Dinheiro não é tudo, você sabe — Aria apontou. — Veja Spencer. Ela tem todos os privilégios do mundo, e sua família é uma bagunça. Você pode me dizer certamente se a mulher seria uma mãe carinhosa e protetora?

— É possível — disse Emily com um olhar compreensivo no rosto. — Nós nem mesmo a conhecemos.

— Exatamente! — Aria bateu o garfo em cima da mesa para dar ênfase. — Eu amei a primeira família que você escolheu, Em. Você tem que conhecê-los. Você os escolheu por uma razão.

— Mas eles são professores — Emily protestou. — Nenhum deles ganham muito dinheiro.

— Desde quando você se importa com isso?

— Desde que eu fiquei grávida! — as bochechas de Emily coraram. Ela disse isso tão alto que um casal de clientes olhou para cima assustado, então timidamente voltou para suas refeições.

Aria falou sobre isso sem intervalo, listando razão após razão pela qual Emily não deveria dar nenhuma atenção a Gayle, mas

Emily ainda tinha aquele olhar dividido e distante em seu rosto. Não foi uma surpresa quando Emily disse a ela alguns dias depois que ela aceitou a oferta de Gayle.

Também não foi tão surpreendente que, apenas algumas semanas depois, Emily ligou para Aria de novo em pânico, dizendo que ela tinha mudado de ideia e que Aria tinha que ajudá-la a sair da confusão de Gayle.

— O risoto ficou gelatinoso!

Madame Richeau estava de pé sobre Aria, olhando para sua panela com um olhar de horror em seu rosto. Com certeza, o arroz tinha congelado em uma pasta grossa. Ela tentou mexer a colher de pau por ele, mas a massa não se mexia.

Madame Richeau balançou a cabeça e afastou-se, resmungando. Toda a classe olhou para Aria com pequenos sorrisos forçados em seus rostos. Noel olhou para Aria com curiosidade. — Você tem certeza de que está tudo bem? — perguntou ele.

Uma forte pressão estabeleceu-se por trás dos olhos de Aria. Ela considerou contar a Noel sobre o que tinha acontecido com a gravidez de Emily. Talvez até sobre A. Casais contavam tudo um ao outro, afinal de contas. Eles deveriam confiar um no outro, certo?

Mas, então, a imagem do Sr. Kahn naquele vestido correu para a linha de frente da sua mente novamente. Ela se levantou e deu um sorriso autodepreciativo a Noel. — Desculpe. Eu estava pensando sobre o que eu ia usar no baile de arrecadação de fundos do pai de Hanna, no domingo.

Você acha que eu deveria ir com algo do meu closet ou comprar algo novo?

Noel estudou-a por um momento, parecendo perplexo, depois deu de ombros e passou o braço em torno de seu ombro. — Você vai ficar fantástica em qualquer coisa.

Aria se aconchegou contra ele, sentindo que seu interior estava tão lamacento e não apetitoso quanto o risoto que ela tinha

estragado. Tanto pelo pacto de honestidade. Com o canto do olho, ela viu algo branco flutuar pela janela. Isso era. . um flash de cabelo loiro? Mas quando ela se separou de Noel e olhou mais de perto, a coisa já havia desaparecido.

11

FAÇA ISSO FUNCIONAR

Mais tarde naquela noite, Hanna atravessou as portas duplas da The Pump, uma academia de musculação no Shopping King James. A academia cheirava a suor, a bebida Gatorade derramada e aquele não identificável, mas totalmente masculino, cheiro de testosterona

que sempre faziam Hanna ficar enjoada. Um cara de cabelo liso parecendo ter saído do elenco principal do reality show Jersey Shore estava sentado atrás do balcão de recepção, bebendo um shake de proteína e lendo uma revista de musculação. Em frente a ele tinha um mural gigante de um gorila musculoso levantando pesos, seus músculos abdominais eram bem definidos e seus bíceps enormes. Ela supôs que era para inspirar as pessoas a malhar mais, mas quem queria se parecer com um gorila?

Hanna pagou por um dia e entrou na sala principal de exercícios, que continha prateleiras com pesos livres, filas de máquinas de musculação e vários espelhos. Havia um barulho ensurdecedor dos pesos de metal batendo nas barras de aço. Quando Hanna olhou no canto perto das janelas, seu coração começou a bater com força. James Freed e Mason Byers estavam fazendo flexões nas máquinas lado-a-lado. De pé ao lado deles, usando uma camiseta velha da equipe de baseball Phillies com as mangas cortadas, e encarando sonhadoramente alguma coisa do outro lado da academia, estava Mike.

Hanna se virou e seguiu o olhar de Mike até uma grande sala de aula de exercícios. Na frente da porta havia uma placa que dizia POLE DANCING, 6:30. Vários postes de metal foram espaçados uniformemente na frente dos espelhos. Algumas mulheres de meia idade vestidas com collants de ginástica apertados, minissaias com babados e saltos altos estavam ao redor da sala. Posicionada no centro, perfeitamente equilibrada em saltos altos pontudos de stripper, estava Colleen.

A nova namorada de Mike passou os dedos pelo cabelo. Ele não parecia tão castanho cor de rato hoje, e seu corpo parecia ao mesmo tempo ágil e cheio de curvas em shorts apertados e um sutiã top amarelo. Quando Colleen percebeu o olhar de Mike, ela se virou, acenou e soprou um beijo para ele. Mike soprou um de volta.

Hanna fechou os punhos, pensando nos dois juntos em uma cama.

Ela correu para o vestiário, deixou cair a mochila no chão e vestiu um top com estampa de tigre e estilo stripper que tinha encontrado no shopping no começo dessa tarde. Após se enfiar nele — ela comprou num tamanho menor do que o normal para aumentar ao máximo seu decote — ela verificou-se no espelho. Seu cabelo estava cheio e selvagem, graças a toneladas de spray de cabelo.

Ela estava usando o triplo da quantidade de maquiagem que ela normalmente usava, embora ela tivesse se parado antes de aplicar os cílios postiços. E depois havia a melhor parte: um par incrivelmente alto e incrivelmente pontudo de sandálias prata Jimmy Choo. Ela só tinha usado uma vez, para o baile do ano passado, Mike tinha achado elas tão sexys que ele até mesmo tinha feito ela usá-las no pós-festa com seus jeans. Hanna calçou-as e analisou-as de frente e de trás. Elas pareciam perfeitas. Ela só torcia para conseguir dançar pole dance com elas.

Seu celular tocou, e ela olhou para ele nervosamente. *Uma nova mensagem.* Felizmente, era apenas de Kate perguntando se ela estaria disposta a ajudá-la a distribuir folhetos na corrida de dez quilômetros de Rosewood na manhã de sábado. *Claro,* Hanna escreveu de volta, tentando ignorar suas mãos trêmulas enquanto digitava. Agora que Spencer e Emily tinham recebido novas mensagens de A, ela esteve esperando o dia todo pela dela.

Será que Gayle era A? Hanna não tinha visto a mulher durante o verão — ela só ouviu falar dela quando Emily entrou em contato pouco antes de sua cesariana, mas as mensagens de celular que Gayle tinha deixado na noite em que elas tiraram Emily e o bebê do hospital tinham continuado na mente dela. Elas não eram as mensagens de voz desesperadas e chorosas que a maioria das pessoas deixava quando achava que não poderia conseguir o filho que eles desejaram e rezaram pedindo — elas eram duras e enfurecidas. Gayle não era o tipo de pessoa de se enganar, e agora ela estava metida na campanha do Sr. Marin.

Naquela manhã, no café da manhã, Hanna se sentou ao lado do seu pai na mesa. — Como você conheceu Gayle? Vocês são velhos

amigos?

O Sr. Marin continuou a passar manteiga em sua torrada. — Eu realmente não a conhecia até cerca de uma semana atrás. Ela me ligou para dizer que ela tinha se mudado recentemente para a Pensilvânia e realmente gostava da minha plataforma política. A quantidade de dinheiro que ela prometeu é impressionante.

— Você não verificou os antecedentes dela? E se ela for, eu não sei, uma adoradora de Satanás? — Hanna corou. *Ou uma louca perseguindo sua filha?*

Seu pai deu-lhe um olhar estranho. — O marido de Gayle acabou de fazer uma enorme doação para Princeton construir um novo laboratório de pesquisa de câncer. Eu não sei se muitos adoradores de Satanás fariam isso.

Desanimada, Hanna tinha subido e pesquisado o nome de Gayle no Google, mas nada condenatório apareceu. Ela era influente em incontáveis instituições de caridade da Nova Jersey, e ela participou de uma competição de adestramento no espetáculo Devon Horse Show há dez anos.

Mas por outro lado, o que apareceria? Não era como se Gayle fosse manter um blog sobre como ela sistematicamente torturava quatro meninas do ensino médio e se chamava de A.

A porta do vestiário se abriu e uma mulher suada e sarada entrou. Hanna enfiou sua mochila em um armário, girou a combinação de travar e foi em direção à sala de aula. Mason e James pararam suas flexões quando ela passou. Eles cutucaram Mike. Hanna fingiu não notar quando ele se virou e olhou, movimentando seus quadris de um lado para o outro e rezando para que sua bunda parecesse incrível.

— Bem-vinda! — Uma mulher em um collant preto que não cobria quase nada, meia calça e franja comprida acenou quando Hanna entrou pela porta. — Você é nova, certo? Eu sou Trixie. — A instrutora fez um gesto para um poste livre no centro da sala, ao lado da de Colleen. — Esse poste tem o seu nome.

Hanna caminhou até ela e lançou um sorriso para Colleen. — Oh, oi! — ela falou em uma voz de falsa surpresa, como se o encontro fosse completamente por acaso e Hanna não tivesse estrategicamente planejado isso desde o momento em que ela tinha ouvido os meninos conversando no vestiário da escola.

— Hanna? — Colleen olhou para Hanna de cima a baixo. — OmeuDeus! Que legal! Eu não sabia que você dançava pole dance.

— Não parece tão difícil — Hanna bufou, convocando sua Ali interior. Ela checou seu reflexo no espelho. Seus quadris eram mais finos do que os de Colleen, mas Colleen tinha seios maiores.

— Bem, você vai adorar essa classe — disse Colleen. — É claro que se você dançar pole dance o tempo todo você provavelmente vai achar muito fácil. Eu aposto que você é realmente boa. — Ela se inclinou para mais perto. — E nós estamos bem em relação a Mike, certo?

Hanna não tinha certeza se Colleen estava sendo doce ou diplomática, por isso ela ergueu o nariz. — Tanto faz — ela disse friamente. — Mike dava muito trabalho para mim. Havia muita pressão para eu me parecer com as garçonetes peitudas. E ele ficava sempre olhando para outras meninas em festas, isso costumava me deixar louca. — Ela atirou a Colleen um sorriso de desculpas.

— Eu tenho certeza que ele não faz isso com você, no entanto.

Colleen abriu a boca para falar, parecendo tão preocupada que Hanna se perguntou se ela estava um pouco tensa lá no fundo. Só então, a canção *Hot Stuff* soou nos alto-falantes. Trixie caminhou até a frente da classe, enganchou sua perna ao redor do seu poste, levantou a bunda no ar e fez uma rodada meio-atrevida, meio *Circo de Soleil*. — Ok, pessoal! — Ela gritou em um fone de ouvido com microfone. — Vamos começar com alguns agachamentos!

Ela dobrou os joelhos nos lados e abaixou-se no chão. A classe a imitou, acompanhando a batida. Hanna espiou Colleen, seus agachamentos eram baixos, equilibrados e perfeitos. Colleen olhou

para ela e lhe deu um sorriso largo. *Você está indo muito bem!* Ela gesticulou com a boca.

Hanna lutou contra a vontade de revirar os olhos. Ela poderia ser mais repugnantemente positiva?

Trixie conduziu-as a uma série de giradas de pescoço, levantamentos de ombros, movimentos provocativos com o quadril. Em seguida, elas tentaram uma série de movimentos de dança que envolveu giros em torno do poste, com *Gene Kelly* cantando *Singin' in the Rain*. Hanna manteve o ritmo muito bem, com o coração batendo forte e um pouco de suor escorrendo em sua testa. Suor sexy, é claro.

Da próxima vez que Hanna olhou por cima do ombro, os rapazes estavam sentados nos tapetes do lado de fora da sala de aula, olhando para as meninas como cães esfomeados. Abastecida pela presença deles, ela juntou seu cabelo e o deixou cair atrás das costas, balançando sua bunda para eles. James Freed visivelmente estremeceu. Mason assobiou. Colleen notou os meninos e fez uma dança sexy. Os meninos cutucaram um ao outro apreciativamente.

Colleen deu uma piscadela cúmplice a Hanna. — Eles não se fartam de nós, hein? — Hanna queria bater nela. Ela não percebeu que elas estavam competindo?

— Apenas estudantes avançados façam esse próximo movimento — Trixie anunciou quando a trilha sonora mudou para uma música da Adele. Ela caminhou até o poste, colocou os braços e as pernas em torno dele e subiu como se fosse um macaco. — Usem suas coxas para segurar o poste, meninas!

Colleen começou a se contorcer no poste. Ela levantou uma das mãos, arqueou as costas e se pendurou de cabeça para baixo por um momento. Os garotos aplaudiram.

Hanna cerrou os dentes. O quão difícil poderia ser esse movimento? Ela agarrou o poste e começou a subir. Ela foi capaz de ficar por um momento, mas depois suas coxas se desprenderam e ela começou a escorregar em direção ao chão. Ela desceu mais e

mais até que sua bunda bateu no chão. Seu reflexo no espelho parecia ridículo.

— Boa tentativa, Hanna — Colleen falou. — Esse movimento é mesmo difícil.

Hanna se levantou, em seguida, olhou em volta para as outras meninas da sala fazendo amor com seus postes. De repente, elas não pareciam com strippers, apenas mulheres gordinhas de meia idade fazendo a si mesmas de tolas. Essa era a aula de ginástica mais idiota que ela já tinha feito.

Havia uma forma muito mais fácil de chamar a atenção dos meninos. Ela se virou para a janela de novo e olhou para os meninos. Quando ela teve certeza de que eles estavam olhando para ela, ela casualmente puxou para baixo seu top de estampa de leopardo e camiseta muito pequena e expôs a parte superior do seu sutiã vermelho de renda.

Pelos olhares nos rostos dos meninos, ela soube que eles viram. Suas mandíbulas caíram.

James sorriu. Mason fingiu desmaiar. Mike não abriu um sorriso, mas ele não conseguiu tirar os olhos de cima dela. Era bom o suficiente para Hanna. Ela caminhou em direção à saída da classe, balançando os quadris ao ritmo da batida do strip-tease.

— Você não vai ficar? — James perguntou com uma voz cheia de decepção.

— Eu tenho que deixar algo para a sua imaginação, não é? — Hanna disse timidamente.

Mesmo sem se virar, ela tinha certeza de que Mike ainda estava olhando. Ela também sabia que Colleen a estava olhando no espelho, provavelmente se sentindo um pouco confusa. Mas tanto faz.

Ela sabia o que a Sua Ali diria se ela ainda estivesse viva: No amor e no pole dance vale tudo.

12

PALAVRAS DE SABEDORIA

Naquela noite, Emily estava de pé no corredor da Santíssima Trindade, a igreja que sua família frequentava. Um monte de papéis em forma de balão impressos com salmos e versículos da Bíblia foram pregados nas paredes. Um longo corredor dourado se expandia de um lado para o outro do salão. O ar cheirava a uma mistura de incenso, café velho e cimento, e o vento soprava ruidosamente debaixo da porta. Anos atrás, Ali tinha dito a ela que era o vento assobiando os lamentos das pessoas enterradas no cemitério nos fundos. Às vezes, Emily ainda acreditava que era verdade.

A porta no final do corredor se abriu, e um homem grisalho olhou para fora. Era o padre Fleming, o sacerdote mais velho e doce da igreja. Ele sorriu. — Emily! Entre, entre!

Por um segundo, Emily considerou dar a volta e escapular de volta para seu carro. Talvez isso fosse um erro enorme. Ontem, quando ela chegou em casa da prática de natação, sua mãe tinha se sentado com ela na mesa da cozinha e disse que ela e seu pai estavam considerando adiar sua viagem para o Texas. — Por quê? — Emily tinha perguntado. — Vocês planejam essa viagem há meses!

— Você simplesmente não parece com você mesma — disse a Sra. Fields, dobrando e desdobrando um guardanapo de pano repetidamente. — Eu estou preocupada com você. Eu pensei que, com a bolsa de estudos da UCN, você melhoraria e deixaria tudo para trás. Mas algo ainda está pesando em sua mente, não é?

Lágrimas inadvertidamente encheram os olhos de Emily. Claro que tudo ainda estava pesando sobre ela — nada tinha mudado. Pior ainda, a mulher que queria seu bebê a tinha encontrado. Se A não contar a todos sobre sua gravidez, Gayle provavelmente faria. E

então, o que aconteceria? Emily ainda teria uma casa para morar? Será que seus pais nunca mais fariam com ela novamente?

Ela colocou o rosto nas mãos e murmurou que tudo era tão difícil. A Sra. Fields afagou seu ombro. — Está tudo bem, querida. — O que fez Emily se sentir ainda pior; Emily não merecia a simpatia de sua mãe.

— Eu tenho uma ideia. — A Sra. Fields pegou o telefone sem fio do gancho. — Por que você não fala com o Padre Fleming na igreja?

Emily fez uma careta, pensando no Padre Fleming. Ela o conhecia desde sempre. Ele ouviu a sua primeira confissão quando ela tinha sete anos de idade, dizendo-lhe para não se aborrecer por Seth Cardiff ficar chamando-a de cavalo-marinho no pátio da escola. Mas admitir a um padre que ela tinha feito sexo antes do casamento? Parecia tão errado.

O problema era que a Sra. Fields não aceitaria um não como resposta — e na verdade, ela já tinha marcado um encontro com o Padre Fleming no dia seguinte, sem perguntar a Emily primeiro.

Emily cedeu, apenas para tranquilizar os pais que estava tudo bem para eles irem para o Texas como o planejado. Eles partiram para o aeroporto naquela manhã, embora a Sra. Fields tivesse deixado uma lista de quilômetros de comprimento de contatos de emergência na mesa da cozinha e pedido para vários vizinhos checarem Emily durante o tempo em que estariam fora.

Mas agora, aqui estava ela, arrastando-se para o escritório do Padre Fleming.

Antes que ela percebesse, ela estava pendurando o casaco em um gancho no formato de uma mão fazendo um sinal de um polegar para cima na parte de trás da porta e olhando ao redor da sala.

A decoração a surpreendeu. Uma cabeça de cerâmica de Curly de *Os Três Patetas* ria na janela. O

pregador devoto de *Os Simpsons* fazia um biquinho com os lábios franzidos de lado de uma luminária. Havia um monte de

textos religiosos nas estantes, mas também os mistérios de Agatha Christie e os suspenses de Tom Clancy. Na mesa havia duas pequenas bonecas artesanais que acabavam com problemas, feitas na Guatemala.

Padre Fleming a notou olhando para elas. — Você deve colocá-las sob o travesseiro para ajudar a dormir.

— Eu sei. Eu tenho algumas, também. — Emily não conseguiu esconder a surpresa em sua voz.

Ela achava que os padres não eram supersticiosos. — Elas funcionam com você?

— Não realmente. E com você?

Emily balançou a cabeça. Ela comprou seis bonecas de problemas em uma loja que vende equipamentos para fumo em Hollis logo após o que aconteceu na Jamaica, na esperança de que as colocando debaixo do travesseiro a acalmasse à noite. Mas os mesmos pensamentos ainda zumbiam por sua mente.

O Padre Fleming sentou-se na cadeira de couro atrás da mesa e cruzou as mãos. — E então. O

que eu posso fazer por você, Emily?

Emily olhou para o esmalte verde de sua unha que estava descascando. — Eu estou bem, de verdade. Minha mãe estava apenas preocupada com os meus níveis de estresse. Não é nada importante.

Padre Fleming assentiu com simpatia. — Bem, se você quiser conversar, estou aqui para ouvir.

E o que você disser não vai sair desta sala.

Uma das sobrelhas de Emily levantou. — Você não vai dizer a minha mãe sobre... qualquer coisa? — Claro que não.

Emily passou a língua sobre os dentes, sentindo como se o seu segredo de repente fosse uma ferida purulenta dentro dela. — Eu tive um bebê — ela revelou. — Este verão. Ninguém da minha

família sabe sobre ele, exceto minha irmã. — Dizer isso em voz alta em um lugar santo a fez se sentir como o diabo.

Quando ela sorrateiramente deu uma espiada no Padre Fleming, porém, ele ainda tinha a mesma expressão impassível no rosto. — Seus pais não fazem ideia?

Emily assentiu. — Eu me escondi na cidade durante o verão para que eles não descobrissem.

Padre Fleming puxou seu colarinho. — O que aconteceu com o bebê?

— Eu o dei para adoção.

— Você conheceu a família?

— Sim. Eles foram muito legais. Tudo correu muito bem.

Emily olhou para a cruz na parede atrás da mesa do Padre Fleming, nervosamente esperando que ela não saísse do seu gancho e a empalasse por mentir. O bebê estava com os Bakers, mas as coisas tinham acontecido o *oposto* do muito bem.

Depois de Gayle se encontrar com Emily e Aria no café, Emily não conseguiu tirar a oferta de Gayle da sua mente. Os Bakers pareciam especiais, mas o que Gayle falou na mesa era especial, também. Aria tinha repreendido Emily por estar tão preocupada com o dinheiro de Gayle, mas ela não queria que este bebê crescesse do jeito que ela tinha crescido, ouvindo sua mãe se atormentar por causa de dinheiro a cada Natal, perdendo uma viagem de campo para Washington, D.C., porque o seu pai estava sem trabalho, sendo forçada a continuar em um esporte que ela não estava mais interessada porque ele era seu único bilhete para a faculdade. Emily queria dizer que o dinheiro não importava para ela, mas como ela sempre tinha que pensar em dinheiro, definitivamente importava.

Dois dias mais tarde, após o seu turno no restaurante, Emily ligou para Gayle e disse que queria conversar mais. Elas marcaram um encontro em um café perto da Temple naquela mesma noite. Um pouco antes das 20h, Emily cortou caminho por um pequeno parque

da Filadélfia, e uma mão tinha se estendido para fora da escuridão e segurou sua barriga. — Heather — disse uma voz, e Emily gritou. Uma figura entrou na luz, e Emily não poderia estar mais surpresa ao ver o rosto sorridente de Gayle. — O-o que você está fazendo aqui? — Ela engasgou. Gayle encolheu os ombros.

— Está uma noite tão agradável que eu pensei que nós poderíamos conversar aqui fora. Mas alguém está nervosa — disse ela com uma risada.

Emily deveria ter se virado e ido embora, mas em vez disso ela disse a si mesma que talvez ela estivesse nervosa. Talvez Gayle fosse apenas brincalhona. Então, ela aceitou o copo de café descafeinado que Gayle trouxe para ela e ficou. — Por que você quer o meu bebê? — ela perguntou.

— Porque você não pode ir para uma agência de adoção?

Gayle deu um tapinha no assento ao lado dela, e Emily se sentou no banco. — A espera em uma agência de adoção é muito longa — disse ela. — E nós suspeitamos que as mães potenciais não escolheriam eu e meu marido por causa do que aconteceu com a nossa filha.

Emily levantou uma sobrancelha. — O que aconteceu com ela?

Um olhar distante e desconfortável tomou conta do rosto de Gayle. Sua mão esquerda massageava sua coxa. — Ela tinha problemas — disse ela calmamente. — Ela sofreu um acidente quando era mais jovem e nunca se recuperou completamente.

— Um.. acidente?

De repente, Gayle colocou a cabeça entre as mãos. — Meu marido e eu estamos morrendo de vontade de sermos pais novamente — disse ela com urgência. — Por favor, deixe-nos ficar com o bebê. Podemos lhe dar 50 mil dólares em dinheiro pelo seu problema.

Emily sentiu uma sacudida palpável de surpresa. — Cinquenta mil dólares? — ela repetiu. Isso poderia pagar os quatro anos da

faculdade. Ela não teria que nadar por causa da bolsa de estudos todo ano. Ela poderia ter um ano sabático e viajar pelo mundo. Ou ela poderia doar tudo para a caridade, para outros bebês que não teriam uma oportunidade como esta.

— Talvez possamos arranjar isso — Emily disse calmamente.

O rosto de Gayle se contraiu. Ela soltou um grito de alegria e abraçou Emily apertado. — Você não vai se arrepender — disse ela.

Então ela levantou abruptamente, tagarelou informações sobre como elas se encontrariam novamente em poucos dias, e foi embora. A escuridão engoliu Gayle inteiramente. Só a risada dela permaneceu, uma gargalhada assustadora que ecoou pela floresta. Emily ficou sentada no banco por mais alguns minutos, observando a fila longa e brilhante do tráfego na via expressa 76 à distância. Ela não ficou com uma sensação de conforto, como ela esperava. Em vez disso, ela só se sentia.. estranha. O que ela tinha acabado de fazer?

Uma nota de um órgão de tubos ecoou pelo salão da igreja. O Padre Fleming levantou um peso de papel de jade de sua mesa e o abaixou de volta. — Eu posso imaginar o quão difícil isso tem sido para você. Mas parece que você fez a coisa certa, dando a criança para uma família que realmente a queria.

— Uh huh. — A garganta de Emily estava coçando, um sinal certo de que ela estava prestes a chorar.

— Deve ter sido duro para você dá-la — Padre Fleming continuou. — Mas você sempre estará no coração dela, e ela vai estar sempre no seu. Agora, o que aconteceu com o pai?

Emily sobressaltou-se. — O que tem ele?

— Ele sabe sobre isso?

— Oh meu Deus, não. — O rosto de Emily estava quente. — Ele e eu terminamos muito antes de eu saber que eu estava.. você sabe. Grávida. — Ela se perguntou o que o Padre iria pensar se ele

soubesse que o pai era Isaac, um dos membros de sua paróquia. A banda de Isaac tocava em várias festividades da igreja.

Padre Fleming cruzou as mãos. — Você não acha que ele merece saber?

— Não. De jeito nenhum. — Emily sacudiu a cabeça com veemência. — Ele iria me odiar para sempre.

— Você não tem como saber disso. — Ele pegou uma caneta esferográfica e apertou-a abrindo e fechando. — E mesmo se ele ficar com raiva de você, você pode se sentir melhor apenas por dizer a verdade.

Eles conversaram por mais algum tempo sobre como Emily tinha conseguido ter um bebê por conta própria, como sua recuperação tinha sido, e quais eram os seus planos para a universidade.

Justo quando o organista iniciou uma longa variação da música *Canon in D*, o iPhone do Padre Fleming tocou. Ele sorriu gentilmente. — Eu receio ter que sair agora, Emily. Eu tenho uma reunião com o conselho de administração da igreja em cerca de dez minutos. Você acha que vai ficar bem?

Emily encolheu os ombros. — Acho que sim.

Ele se levantou, deu um tapinha no ombro de Emily, e guiou-a para a porta. Na metade do corredor, ele se virou e olhou para ela. — É desnecessário dizer, mas tudo o que você me disse só ficará entre nós — ele disse suavemente. — Ainda assim, eu sei que você vai fazer a coisa certa.

Emily assentiu em silêncio, perguntando-se o que era a coisa certa. Ela pensou em Isaac novamente. Ele tinha sido tão legal no comício na Câmara Municipal do pai de Hanna. Talvez o Padre Fleming estivesse certo. Talvez ela devesse isso a ele. Era o bebê dele, também.

Com o coração disparado, Emily pegou seu celular e escreveu uma nova mensagem para Isaac.

Eu tenho uma coisa para te contar. Podemos nos encontrar amanhã?

Antes que ela pudesse mudar de ideia, ela pressionou ENVIAR.

13

TRIM, TRIM, É A VERDADEIRA ALI

Poucas horas depois, Aria estava sentada na cozinha da casa de Byron e Meredith, com seu laptop na mesa em frente a ela. Uma mensagem instantânea de Emily apareceu na tela. *Alguma novidade?*

Emily obviamente queria saber se Aria tinha recebido alguma mensagem de A. *Nenhuma*, respondeu Aria. *Eu não recebi nada ainda.* Ela esperava que continuasse assim. Até onde ela sabia, ela não sabia nada de interessante sobre o Sr. Kahn. A não tinha novas razões para atormentá-la. O

segredo iria ficar trancado para sempre.

Sábado ainda está de pé? Emily escreveu depois.

Demorou um momento para Aria se lembrar de que Emily queria que ela fosse para a casa aberta da propriedade em Ship Lane. *Definitivamente.*

A porta da frente bateu, e depois houve sons de chaves caindo em uma tigela e Meredith arrulhando suavemente para Lola. Meredith caminhou até a cozinha e pegou uma garrafa de água da geladeira. Ela estava vestida com calças de malha e uma camiseta branca folgada, e tinha um tapete de yoga debaixo do braço. Seu cabelo escuro estava preso em um rabo de cavalo, suas bochechas estavam vermelhas e ela parecia muito relaxada.

Lola estava amarrada a seu torso em um portador de bebê, dormindo.

— Ugh, estou tão fora de forma — Meredith gemeu, revirando os olhos. — Talvez eu tenha voltado a ensinar um pouco cedo demais. Eu não consegui nem mesmo fazer uma parada de mão hoje. — Eu

nunca fui capaz de fazer uma parada de mão — Aria disse, encolhendo os ombros.

— Eu poderia te ensinar, se você quiser — Meredith ofereceu.

— Desculpa, eu não gosto muito de yoga — disse Aria. A última coisa que ela queria era que Meredith lhe ensinasse alguma coisa.

Meredith colocou a garrafa de água na ilha e limpou a garganta. — Eu realmente aprecio você ter ido ao Fresh Fields para mim no outro dia.

Aria resmungou, olhando para uma pintura abstrata da Bruxa Má do Oeste de *O Mágico de Oz* que Meredith tinha trazido de seu antigo apartamento. Se não fosse pelo jantar estúpido de Meredith, Aria não teria descoberto o segredo terrível do Sr. Kahn. Ela não podia evitar culpá-la um pouco.

— E eu sinto muito. . sobre a razão por trás do jantar. — A voz de Meredith falhou.

De primeira, Aria enfureceu-se, mas depois percebeu que ela realmente tinha algo que ela queria perguntar a Meredith. — Quando você e meu pai estavam saindo, você contou a alguém sobre isso?

Meredith ficou tensa. Depois de um momento, ela ajustou o portador de bebê para que Lola ficasse mais confortável. — Não — ela disse calmamente. — Eu não podia. Quero dizer, quando estávamos juntos pela primeira vez, seu pai era meu professor — eu não queria fazer ele ser demitido. E então quando vocês foram para a Islândia e eu pensei que as coisas entre nós tinham acabado, eu contei à minha mãe. Ela ficou furiosa comigo. Ela achou que era horrível eu estar saindo com um homem casado.

Aria olhou para o chão, surpresa. Ela tinha assumido que Meredith se gabava de seu namorado professor mais velho para seus amigos, rindo da família que ela estava destruindo, e rindo do quão idiota Ela era por não suspeitar de que algo estava acontecendo.

— Quando vocês voltaram da Islândia e seu pai e eu começamos a namorar de novo, não me atrevi a dizer à minha mãe o que estava acontecendo — Meredith continuou. — Eu não contei a mais ninguém, também, no caso de eles quererem contar a ela — ou me julgar duramente. Eu sabia que o que eu estava fazendo era errado.

Aria traçou o dedo sobre um jogo americano de juta, surpreendida novamente. Meredith parecia tão confiante quando ela e Byron estavam secretamente namorando, insistindo que ela não era uma destruidora de lares porque ela e Byron estavam apaixonados. Ela não esperava que Meredith se importasse com o que os outros pensavam.

— Então, você não disse nada a ninguém? Esse tempo todo? — Aria perguntou incrédula.

Lola se mexeu e Meredith agarrou uma chupeta rosa da mesa e colocou na boca do bebê. — Eu temia que o segredo se espalhasse. E eu estava com medo de que sua mãe nos pegasse.

— Mas ela iria descobrir eventualmente — Aria apontou.

— Eu sei, mas eu não queria ser a pessoa a dar a notícia.

Meredith apertou seus dedos em sua têmpora. — Eu realmente não estava determinada a destruir a vida de ninguém, eu juro. Pode não ter parecido, mas eu me sentia mal pelo que estávamos fazendo.

Aria fechou os olhos. Ela queria acreditar em Meredith, mas ela não tinha certeza se podia.

— Sabe, eu vi quando você pegou eu e Byron nos beijando no carro dele — Meredith disse baixinho. — Eu vi o olhar em seu rosto, e o quão devastada você ficou.

Aria virou-se, essa memória horrível inundando de volta para ela.

— Eu me senti mal por isso. Eu queria me explicar. Mas eu sabia que você não iria querer falar comigo.

— Você está certa — Aria admitiu. — Eu não iria querer.

— E então você começou a aparecer em todos os lugares — Meredith continuou. — Você foi para o estúdio de yoga — e eu te reconheci imediatamente. Então você apareceu na minha aula de arte. Você jogou tinta em mim, lembra?

— Uh huh — Aria murmurou, olhando para o chão. Ela tinha desenhado um *A* vermelho escarlate de “adúltera” no vestido de Meredith. Parecia tão imaturo agora.

Nenhuma das duas disse nada por um tempo. Meredith amarrou novamente seu rabo de cavalo. Aria olhou para as bordas irregulares de suas unhas. Lola deixou escapar um alto arroteo em seu sono, e a chupeta caiu de sua boca.

Aria deu uma risadinha. Meredith riu, também, em seguida, soltou um longo suspiro. — Não é divertido guardar segredos — ela disse. — Mas às vezes você tem que fazer para se proteger. E para proteger as pessoas em torno de você.

Pela primeira vez, Aria concordou com Meredith. Proteger alguém era exatamente o que ela estava fazendo não dizendo a Noel que o seu pai usava roupas de mulher. Colocar isso dessa forma a fez se sentir melhor sobre sua decisão.

Meredith abriu a geladeira e pegou uma mamadeira para Lola. — Eu tenho que te dizer uma coisa, no entanto. Eu me senti um lixo quando a sua amiga me ligou e me xingou.

Aria franziu a testa. — Que amiga?

— Você sabe. A menina com quem você estava naquele dia em que você nos viu. Alison.

Um choque frio passou zunindo pelas veias de Aria. — Espere. Ela ligou para você?

Meredith ergueu a cabeça. — Ela me ligou pouco tempo depois que vocês nos pegaram no carro — em algum dia de junho. Ela me fez um monte de perguntas sobre eu e seu pai — se estávamos apaixonados, quando começamos a namorar, se já tínhamos feito *aquilo*. Ela fez eu me sentir horrível.

Ela procurou o rosto de Aria. — Você não pediu para ela fazer isso?

— Não... — Ali tinha atormentado Aria sobre Meredith constantemente, mas ela nunca disse a Aria que ela tinha ligado para Meredith por trás de suas costas. O que Ali pretendia conseguir? E

por que ela esperou até junho para ligar para ela? Aria e Ali tinham pego Meredith e Byron em abril.

De repente, um pensamento horrível surgiu em sua mente. — Que dia de Junho Alison ligou pra você?

Meredith tamborilou com os dedos sobre a mesa. — Na manhã do dia quinze. Eu me lembro porque era o aniversário do meu irmão. Eu pensei que era ele que estava ligando, mas era ela.

A cozinha começou a girar. *Quinze de Junho*. Esse foi o dia da festa do pijama delas do fim-da-sétima-série com a Sua Ali. De acordo com os eventos construídos através de cartas, testemunhos, documentos públicos, e a investigação policial, a secreta irmã DiLaurentis havia saído da Reserva no dia anterior. Um infeliz reencontro de família tinha ocorrido. Duas gêmeas que se odiavam estavam juntas novamente.

No dia da festa do pijama, Aria, Spencer, Hanna e Emily tinham ido ao quarto de Ali e encontraram ela sentada, lendo o que parecia ser o seu diário com um grande sorriso no rosto. A partir deste dia, Aria se perguntava se tinha sido a Sua Ali em seu quarto.. ou sua irmã gêmea.

— Aria? Você está bem?

Aria pulou. Meredith estava olhando para ela com seus redondos olhos azuis.

Aria acenou com a cabeça levemente, sentindo-se tonta. Ali havia ligado para Meredith todos aqueles anos atrás, ok — mas não poderia ter sido para fazer Meredith se sentir mal. Poderia ter sido para procurar alguma sujeira. E não era a Sua Ali, tampouco.

Era a Verdadeira Ali.

COLOCANDO O PAPO EM DIA

Quinta à noite, Emily entrou no Belíssima, o bistrô italiano do Shopping Devon Crest do outro lado da cidade, onde iria se encontrar com Isaac para jantarem. O piso do restaurante era feito de ladrilhos de terracota cor de bronze, e as paredes foram pintadas para parecer como se fossem parte de uma fazenda velha desmoronando. Uma brilhante máquina de café expresso feita de latão ficava atrás do balcão, garrafas de vinho foram alinhadas em prateleiras ao redor do grande salão, e o ar cheirava pungentemente a azeite e mussarela. Emily tinha ido a este shopping há dois Natais atrás, quando ela concordou em ser o Papai Noel do shopping. Ela tinha vindo a este restaurante com Cassie, uma dos duendes do Papai Noel, e elas tinham se unido por causa da amizade delas com Ali.

Seu celular tocou, e quando ela verificou a tela, havia um Google Alerta para Tabitha Clark.

Havia um monte de notícias relacionadas a Tabitha que ela não tinha lido — era muito doloroso — mas só porque ela estava nervosa e queria algo para fazer com as mãos ela olhou para a tela.

O alerta ligava a um quadro de mensagens do site do Memorial de Tabitha Clark. O site consistia principalmente de imagens de Tabitha e seus amigos. Um vídeo de um baile de formatura mostrava Tabitha em um vestido de cetim roxo, seu colar de ouro brilhava à luz estroboscópica enquanto dançava com seu namorado, um garoto bonito com cabelos castanhos e compridos e olhos verdes claros, uma música da Christina Aguilera. Havia algumas postagens desoladas de amigos e críticas sobre como o resort The Cliffs devia ser fechado. Mas a postagem mais recente foi a que chamou a atenção de Emily: *O pai de Tabitha devia realizar uma autópsia. Eu não acho que ela morreu por beber demais.*

Emily sentiu um arrepio. Com todo o drama sobre o seu bebê e Gayle, ela perdeu o foco em outra coisa horrível que A sabia. Ela

fechou os olhos e viu a foto que A tinha enviado para o celular de Spencer do corpo de Tabitha torcido e quebrado na areia depois que elas a empurraram para fora do telhado.

— Emily! Aqui!

Isaac estava sentado em uma banquetta no canto, e havia um prato de lula frita na frente dele.

Seu cabelo foi puxado para trás de seu rosto, e ele usava uma camiseta azul que realçava seus olhos de safira. — Hey! — Ele chamou, gesticulando para ela vir.

O estômago de Emily revirou, e ela empurrou o celular de volta na bolsa. Então, ela olhou para a saia de lã verde que ela tinha escolhido da parte de trás do seu guarda-roupa. Ela realmente iria dizer a verdade a Isaac? Durante toda a tarde, em vez de prestar atenção em Inglês, Cálculo e Biologia II, ela tinha ensaiado como ela iria abordar o assunto. *Então, sabe quando nós fizemos sexo aquela vez no ano passado? Bem, isso teve um, uh, efeito duradouro.*

Pra piorar, Isaac parecia tão feliz agora, como se ele estivesse muito feliz por ela ter aparecido.

Isso ia arrasá-lo. Mas ela tinha que dizer alguma coisa. Ela devia isso a ele. Ela certamente não queria que A dissesse a ele primeiro.

Suas mãos tremiam enquanto ela se contorcia em torno das mesas ocupadas e se esquivou de uma garçonete com uma bandeja de tiramisu. Isaac ficou de pé quando Emily se aproximou. — Eu pedi lula. Espero que esteja tudo bem. Você costumava gostar quando nós.. você sabe. — Suas palavras saíram rapidamente em uma confusão nervosa.

— Eu ainda amo lula. — Emily deslizou no assento de couro confortável.

Isaac tocou em seu braço, em seguida, afastou-se, talvez preocupado de que estivesse muito adiantado. — Você ainda está nadando?

Emily assentiu. — Eu consegui uma bolsa de estudos da UCN para o próximo ano.

— UCN? — Isaac sorriu. — Isso é incrível. Parabéns.

— Obrigada — disse Emily. — Você já decidiu para qual você vai? — Ela estendeu a mão e espetou um pedaço de lula do prato. A textura estava perfeita e o molho grosso e picante.

Isaac deu de ombros. — Eu adoraria ir para a Juilliard, mas eu provavelmente vou acabar na Hollis. — Nunca se sabe. Você é talentoso o suficiente para a Juilliard. — Emily pensou nas performances da banda de Isaac. Sua voz era rica e cheia, e ele parecia muito com o vocalista do Coldplay. Muitas meninas ficavam em êxtase por ele em seu show, e Emily tinha ficado espantada quando ele a escolheu dentre as outras.

Isaac tomou um longo gole de água com gás. — Não. Eu nem sequer solicitei. Eu estava apavorado por causa da audição. Eu provavelmente surtaria no palco.

— Desde quando você surta no palco? — Emily perguntou, surpresa. — Você mudou tanto assim desde a última vez que eu te vi?

— Bastante. — Isaac apoiou seu queixo em suas mãos e sorriu para ela.

— Bem, talvez você tenha mudado. — Emily apontou para a tatuagem em seu pescoço. — Eu não me lembro de você ser o tipo de cara que faz tatuagem.

Isaac olhou para a tatuagem. — Eu a fiz quando completei 18 anos. Todos da banda iriam fazer uma, mas todos eles se acovardaram no último minuto. Eu fui o único que fui em frente.

— Doeu?

— Sim. Mas deu pra aguentar.

— Posso ver?

— Claro. — Isaac puxou a gola de sua camisa para baixo, revelando um desenho preto que parecia uma abstrata mariposa gigante.

— Uau! — Emily exclamou. — É enorme!

— É. — Isaac puxou a gola de volta para cobri-la. — Eu queria algo significativo.

Emily queria tocar na parte que ainda estava visível, mas ela se segurou. Talvez isso desse a Isaac uma ideia errada.

— Ela significa alguma coisa especial?

— Bem, eu sempre gostei muito de mariposas. — Isaac pegou outra lula. — Você sabia que elas podem ver a luz ultravioleta? E elas podem sentir o cheiro de suas companheiras de até dez quilômetros de distância?

— Sério? — Emily fez uma careta.

Isaac assentiu. — Eu sempre pensei que as mariposas eram realmente belas, mas ninguém presta atenção nelas da maneira que fazem com as borboletas. Elas são meio que.. esquecidas.

Foi uma coisa tão Isaac de dizer, sensível, pensativo e um pouco idiota, tudo ao mesmo tempo.

Emily tinha se esquecido disso sobre ele.

Ela tinha se esquecido de como ele era bonito, também. Uma onda inesperada de saudade tomou conta dela. Em seguida, uma voz ecoou dentro dela, rasgando-a de volta à realidade. *Você teve um bebê dele. Diga a ele.* Ela apertou os dentes de seu garfo levemente na palma da mão.

A garçonete apareceu. — Vocês já tiveram a oportunidade de ver o cardápio?

Emily olhou para baixo, sentindo-se um pouco aliviada por eles terem sido interrompidos. Ela pediu o macarrão especial, e Isaac pediu vitela com parmesão. No momento em que a garçonete fechou o bloco de pedidos e se afastou, o sentimento corajoso tinha

passado. Então Emily perguntou a Isaac mais algumas coisas sobre ele mesmo — o que estava acontecendo na escola, em quantos shows sua banda havia tocado, quais eram seus planos para as férias de verão. Então ela contou a ele mais sobre a UCN, sobre o Cruzeiro Eco que ela iria em algumas semanas, e que ela estava pensando em arranjar um emprego de verão. Na maior parte, a conversa foi suave e sem esforço, e antes que Emily soubesse, restavam apenas alguns pedaços de lula no prato. Ela tinha esquecido como era fácil falar com Isaac e de como ele ria de todas as partes apropriadas de uma história. Seus punhos fechados se abriram. Talvez tudo desse certo.

— Então, como está a sua família? — Isaac perguntou enquanto a garçonete lhes servia a comida.

— Oh, você sabe. — Emily encolheu os ombros com indiferença. — O mesmo. Minha mãe ainda é muito ativa na igreja. Ela é BFF do Padre Fleming. Ela me fez ir vê-lo ontem.

— Sério? Por quê?

Emily empurrou um pouco de macarrão em sua boca para que ela não tivesse que falar. *Diga a ele. Você deve isso a ele.* E mais uma vez, a sua boca não conseguia formar as palavras.

Ela deve ter levado muito tempo para responder, porque Isaac limpou a garganta. — Como está a sua irmã mais velha? Qual era o nome dela. . Carolyn?

Um forte odor do leitoso molho Alfredo flutuou nas narinas de Emily, revirando seu estômago.

— Ela está. . bem.

— Para que faculdade ela foi?

— Stanford.

— Ela gostou de lá?

— Eu acho que sim.

Não que Emily realmente soubesse. Depois de compartilharem um quarto por quase 18 anos, Carolyn mal tinha dito uma palavra a Emily desde o último verão. Emily não sabia a quem recorrer quando ela descobriu que estava grávida, mas como Carolyn estava passando o verão na Filadélfia, ela parecia ser a melhor opção. Emily achava que Carolyn iria lhe dar apoio e ser sua irmã mais velha, mas durante o tempo em que Carolyn deixou Emily ficar, Carolyn nunca a deixou esquecer o quão decepcionada e enojada ela estava. Ela nunca perguntou como Emily estava se sentindo. Ela nunca quis saber como a sua mais recente ultrassom tinha sido. Ela nem sequer perguntou quem era o pai. Quando Emily descobriu que ela tinha que agendar uma cesariana, porque o bebê estava na posição errada, ela ligou para Carolyn e disse a ela imediatamente. Tudo o que Carolyn disse foi: — Eu ouvi dizer que a recuperação de uma cesariana é terrível.

Emily não se atreveu a dizer a Carolyn sobre a luta pela escolha dos pais adotivos. Nem ela lhe contou que Gayle tinha oferecido a ela 50 mil dólares, ou sobre o dia que ela tinha ido na casa enorme de Gayle, em Nova Jersey, para cobrar o cheque. Gayle tinha olhado para ela como se ela fosse um espécime em um frasco. E quando Emily embolsou o cheque que Gayle deu a ela, ela se sentiu suja e terrível.

Carolyn não estava lá por ela, mas talvez Isaac tivesse estado, se ela tivesse dado a ele a chance.

Ela respirou fundo. — Isaac, há algo que eu preciso falar para você.

Ele acenou com a cabeça. — Sim, você disse isso em sua mensagem. O que foi?

Emily girou o garfo em torno do seu prato, seu coração estava martelando.

Aqui vai. — Bem..

— O que você está fazendo aqui?

A cabeça de Emily se ergueu. De pé sobre eles, vestida em um terno azul-claro de algum momento dos anos oitenta — mas não dos anos oitenta legais — estava a mãe de Isaac. Enquanto o olhar da Sra. Colbert saltou de Isaac para Emily e de volta para Isaac novamente, sua expressão mudou de aborrecimento para raiva.

— Você me disse que ia sair para jantar com seus companheiros de banda — a Sra. Colbert sibilou com as sobrancelhas curvadas juntas. — Não com. . ela.

— Mãe, pare — alertou Isaac. — Eu sabia que você ia ficar louca e irracional se eu te dissesse que eu ia me encontrar com Emily. Ela é uma boa pessoa, eu não sei por que você não consegue ver isso. Nós estamos tendo um ótimo jantar e colocando o papo em dia.

As bochechas de Emily coraram quando sentiu uma mistura de prazer e culpa. Ela não conseguia se lembrar da última vez que alguém tinha defendido ela assim.

A Sra. Colbert deixou escapar um bufo pouco lisonjeiro. — Eu não acho que ela seja uma boa pessoa, Isaac.

— Por que você está dizendo isso? — Isaac perguntou.

A Sra. Colbert não respondeu. Em vez disso, ela olhou para Emily com um olhar penetrante no rosto. Era quase como se ela soubesse o que Emily tinha feito. Emily prendeu a respiração. Será que A tinha entrado em contato com ela?

Finalmente, a Sra. Colbert arrancou seu olhar e se virou para Isaac. — Seu pai está procurando você. Um dos fornecedores do evento desta noite teve que ir embora, e ele precisa que você o substitua.

— Agora? — Isaac perguntou. Ele apontou para o prato. — Eu estou no meio do jantar.

— Mande eles embrulhá-lo. — A Sra. Colbert virou-se e saiu em direção ao bar, claramente esperando Isaac segui-la.

Isaac olhou para Emily, e seus olhos estavam grandes e tristes. — Eu sinto muito. Podemos marcar para nos encontrarmos outro dia? Fazer algo no final da semana?

— Uh, claro — disse Emily atordoada, olhando para a Sra. Colbert enquanto ela digitava alguma coisa em seu celular.

Eles sinalizaram para a garçonete, que trouxe a conta e um recipiente de isopor de quentinhas. Então Isaac empurrou dinheiro no envelope da conta e entregou-o de volta para a garçonete.

— Você estava dizendo algo antes de sermos interrompidos. — Ele tocou a mão de Emily levemente. — É importante?

A boca de Emily ficou seca. — Não tem importância — disse ela calmamente.

— Você tem certeza? — Isaac parecia preocupado.

Emily assentiu. — Absolutamente. Eu prometo.

Isaac deu um abraço em Emily. Quando ele a apertou com força, tantas emoções a inundaram.

Ela tinha esquecido como seu cabelo era macio, a sensação do seu rosto levemente áspero contra o pescoço dela, e que ele tinha cheiro de laranja espremida na hora. Sentimentos reprimidos há muito tempo despertaram dentro dela, causando arrepios cada vez mais fortes.

Ele afastou-se rapidamente. — Me deixe compensar por eu ter que sair. Eu vou estar de folga no sábado e nós poderíamos ir à sorveteria em Hollis. — Seus suaves olhos azuis imploraram a ela.

Depois de um momento, Emily acenou com a cabeça, e Isaac a deixou para se juntar à sua mãe no balcão. A Sra. Colbert lançou a Emily um último olhar desagradável, então caminhou para fora do restaurante.

Emily afundou na cabine, um alívio estabelecendo-se sobre ela. De repente, ela estava feliz por a Sra. Colbert ter interrompido eles — e que ela não tivesse contado a Isaac seu segredo. Se a Sra.

Colbert descobrisse, ela ligaria para os pais de Emily imediatamente, e provavelmente diria a toda a igreja que Emily era uma vagabunda.

E Isaac pode não querer ir tomar sorvete com você se ele souber o que você fez, uma voz pequena e egoísta sussurrou em seu ouvido. Mas Emily não podia mudar o passado. O que foi feito foi feito, e o que Isaac não sabia não o machucaria.

Certo?

15

IVY OU SER PRESA

Na tarde de sexta-feira, Spencer desceu de um táxi na frente das portas da Universidade de Princeton, fechou o zíper de sua jaqueta de couro e olhou em volta. Estudantes em sobretudos e lenços xadrezes Burberry se movimentavam pra lá e pra cá. Professores usando óculos de armação de arame e blazers com veludo remendado nos cotovelos caminhavam juntos, sem dúvida ganhariam um prêmio Nobel pela qualidade das conversas. Os sinos da torre do relógio soaram às seis em ponto, o som ricocheteando no chão.

Um tremor passou por Spencer. Ela já tinha vindo na Princeton muitas vezes para as competições de debates, visitas de campo, acampamentos de verão e excursões universitárias, mas o campus parecia muito, muito diferente hoje. Ela iria ser uma estudante daqui no próximo ano.

Seria um sonho conseguir dar o fora de Rosewood e ter um começo totalmente novo. Até mesmo esse fim de semana parecia um novo começo. Assim que o trem saiu de Rosewood, seus ombros haviam relaxado. A não estava aqui. Spencer estava segura.. pelo menos por um tempo.

Ela olhou para as direções que Harper lhe enviara do Clube de Comer da Ivy. Era na Avenida Prospect, onde todos da Princeton chamavam simplesmente de "A Rua." Quando ela virou à esquerda e andou até a avenida arborizada, o celular dela tocou. *Você fez alguma pesquisa sobre você-sabe-quem?* Hanna havia escrito.

Esse era um código para Gayle. *Nada que levasse a algum lugar,* Spencer escreveu de volta. Ela vasculhou a Internet para conseguir detalhes sobre Gayle, verificando se havia alguma chance de ela ser A. A primeira coisa seria descobrir se Gayle poderia ter estado na Jamaica no ano passado ao mesmo tempo em que as meninas estiveram — talvez, como elas tinham suposto sobre Kelsey, Gayle tenha visto o que elas fizeram e mais tarde, depois que Emily a enrolou, ela ligou os pontos e usou isso contra elas.

O The Cliffs não era o tipo de lugar que uma mulher elegante de meia-idade estaria, mas Spencer telefonou para alguns resorts perto do The Cliffs, se identificando como a assistente pessoal de Gayle e perguntando quando Gayle tinha tirado férias lá. Nenhum dos associados das reservas tivera qualquer registro de Gayle ter ficado neles — nunca. Ela expandiu sua busca, ligando para os resorts a vinte, trinta e até cinquenta quilômetros de distância, mas, pelo que Spencer pesquisou, Gayle nunca tinha estado na Jamaica.

E então como Gayle poderia saber sobre o que elas tinham feito com Tabitha? Como ela poderia ter a foto de Emily e Tabitha ou de Tabitha deitada torcida e machucada na areia? Gayle tinha ido para a Jamaica com um nome falso? Ela estava agindo com outra pessoa? Ela havia contratado um detetive como Aria havia sugerido?

Além disso, mesmo que Gayle fosse A, a questão de Tabitha ainda era intrigante. Por que ela tinha agido como Ali no The Cliffs? Ela e Ali eram amigas quando elas estavam na Reserva, e ela estava tentando se vingar pela morte de Ali? Ou era tudo uma coincidência terrível?

Antes que ela percebesse, ela havia chegado no endereço que Harper tinha lhe dado. Era uma grande casa de tijolo de estilo gótico, com lindas janelas de vidro chumbado, arbustos bem cuidados e uma bandeira americana na varanda da frente. Spencer caminhou até o caminho de pedra e tocou a campainha da frente, que soltou alguns *bongs* impressionantes com as notas de abertura da Quinta Sinfonia de Beethoven. Houveram passos e, em seguida, a porta se abriu. Harper apareceu, parecendo diferente em um top roxo com mangas dolmã, jeans skinny e botas de couro até o tornozelo. Um cobertor de cashmere da marinha estava ao redor dos seus ombros.

— Bem-vinda — ela gritou. — Você veio!

Ela conduziu Spencer para dentro. O hall de entrada era frio e cheirava a uma mistura de couro e perfume de jasmim. Vigas de madeira clara cruzavam o teto e vitrais decoravam as paredes.

Spencer poderia imaginar os últimos vencedores do Prêmio Pulitzer de pé junto à lareira ou sentados nas poltronas, tendo discussões importantes.

— Isso é incrível — ela falou emocionada.

— É, é legal — disse Harper indiferente. — Eu tenho que me desculpar com antecedência, no entanto. Meu quarto lá em cima está muito frio e é um pouco pequeno.

— Eu não me importo — disse Spencer rapidamente. Ela dormiria no armário de vassouras da Ivy se fosse preciso.

Harper agarrou a mão de Spencer. — Deixa eu te apresentar as outras.

Ela levou Spencer através de um longo corredor iluminado por lâmpadas de cromo e vidro para uma sala maior e mais moderna na parte de trás da casa. Uma parede com janelas tinha vista para a floresta por trás da propriedade. Outra, ostentava uma TV de tela plana, estantes e uma grande estátua de pasta de papel do tigre mascote da Princeton. Cobertores cobriam as meninas que descansavam em sofás de camurça, mexendo em seus iPads e laptops, lendo livros, ou, no caso de uma menina loira, tocando uma guitarra acústica. Spencer tinha quase certeza de que a menina asiática que estava mexendo em seu celular havia vencido a Orquídea Dourada há alguns anos atrás. A menina em calças de brim verde escuro perto da janela era um sócio de Jessie Pratt, a menina que tinha conseguido que seu livro de memórias sobre a vida na África com seus avós fosse publicado aos dezesseis anos.

— Gente, essa é Spencer Hastings — disse Harper e todas olharam para cima. Ela apontou para as meninas ao redor da sala. — Spencer, essa é Joanna, Marilyn, Jade, Callie, Willow, Quinn e Jessie. — Então era Jessie Pratt. Todas acenaram alegremente. — Spencer é uma das aceitas antecipadamente — Harper continuou. — Eu a conheci no jantar que eu fui embaixadora, e eu acho que ela combina com a gente.

— Prazer em conhecê-la. — Quinn deixou sua guitarra acústica de lado e apertou a mão de Spencer. Suas unhas estavam pintadas de rosa. — Qualquer amiga de Harper é nossa amiga.

— Eu gosto da sua guitarra — disse Spencer, apontando para ela. — É uma Martin, certo?

Quinn levantou suas sobrancelhas loiras perfeitamente feitas. — Você entende de guitarras?

Spencer deu de ombros. O pai dela gostava de guitarras, e ela costumava ir para algumas das exposições vintage com ele em busca de novas para adicionar a coleção dele.

— Você gostou dele? — Jessie Pratt disse, apontando para o livro que Spencer estava carregando. Era uma cópia de *V* de Thomas Pynchon.

— Oh, é ótimo — disse Spencer, embora ela realmente não conseguisse entender o fundamento da história. O escritor mal utilizava pontuação.

— É melhor a gente ir. — Harper pegou um suéter na parte de trás de um dos sofás.

— Ir para onde? — Spencer perguntou.

Harper deu um sorriso enigmático. — Uma festa na casa de um cara chamado Daniel. Você vai amá-lo.

— Legal. — Spencer deixou cair a mochila perto da porta da frente, esperou que Harper, Jessie e Quinn colocassem seus casacos e pegassem suas bolsas, e seguiu-as para a noite fria. Elas caminharam pelas calçadas nevadas, tendo cuidado para não escorregar no gelo. A lua estava fora de vista, e além de alguns carros passando na avenida principal, o mundo estava muito quieto e calmo. Spencer olhou para um enorme SUV estacionado no meio-fio com o motor ligado, mas ela não podia ver o condutor através do vidro fumê.

Elas dobraram a esquina em direção a uma mansão grande de estilo holandês. Um baixo trovejou de dentro e sombras passaram em frente das janelas iluminadas. Havia vários carros estacionados na calçada e mais adolescentes iam em direção ao gramado da frente. A porta da frente estava aberta e um cara bonito com sobrelhas grossas e cabelos castanhos compridos estava no hall de entrada, o comitê oficial de boas-vindas.

— Saudações, senhoritas — ele disse em uma voz bajuladora, bebendo em um copo de plástico.

— Oi, Daniel — Harper deu-lhe um beijo no ar. — Essa é Spencer. Ela vai ser uma caloura no próximo outono.

— Ah, sangue novo. — Daniel olhou Spencer de cima a baixo. — Eu aprovo.

Spencer seguiu Harper para dentro da casa. A sala de estar estava lotada, e uma música de 50

Cent soava alto. Os caras estavam bebendo uísque; as meninas estavam com vestidos e saltos e usavam brincos de diamantes em suas orelhas. No canto, as pessoas estavam sentadas em torno de um narguilé, a fumaça azulada flutuando em torno de suas cabeças. Quando alguém a agarrou pelo braço e puxou-a para ele, Spencer achou que era um cara gostoso — havia muitos deles para escolher. Mas então, ela olhou para os olhos caídos do cara, seus sujos dreadlocks, seu sorriso torto e sua camiseta tingida com Grateful Dead 1986 Tour.

— Spencer, certo? — O sorriso do cara aumentou de tamanho. — Você não sabe o que perdeu na outra noite. O protesto Ocupar Filadélfia foi maneiro.

Spencer olhou para ele. — O quê?

— É Reefer. — O cara levantou os braços em um gesto *tã-dã!* . — Do jantar da Princeton da semana passada. Lembra?

Spencer piscou. — O que você está fazendo aqui? — Ela gritou.

Reefer olhou ao redor da sala. — Bem, um professor me convidou para almoçar. E então eu conheci o Daniel na sala de jantar e ele me contou sobre a festa de hoje à noite.

Foi a coisa mais absurda que Spencer já tinha ouvido. — Um professor convidou você para vir aqui?

— Sim, o professor Dinkins — Reefer disse, encolhendo os ombros. — Ele está no departamento de física quântica. É o que eu vou cursar no próximo ano.

Física quântica? Spencer olhou novamente para os jeans sujos e os sapatos gastos de maconha de Reefer. Ele nem sequer parecia capaz de usar uma máquina de lavar roupa. E era normal os professores convidarem calouros para visitar o campus? Ninguém da faculdade tinha convidado Spencer para visitar. Isso significava que ela não era especial?

— Aí está você. — Harper agarrou o braço de Spencer. — Eu estive procurando por você!

Quer me fazer companhia lá fora?

— Por favor — disse Spencer, aliviada.

— Você pode perguntar a Reefer se ele também quer vir — Harper sussurrou.

Spencer olhou por cima do ombro para Reefer. Felizmente, agora ele estava conversando com Daniel e não estava prestando atenção a nenhuma delas. Talvez Daniel fosse perceber o quão idiota era Reefer e pedir para ele ir embora.

— Uh, eu acho que ele está ocupado — disse Spencer, se virando para Harper. — Vamos.

Harper abriu a porta dos fundos e levou Spencer através de um pátio de tijolos para um pequeno gazebo. Vários adolescentes estavam sentados ao redor de uma fogueira e bebendo vinho.

Um casal estava se pegando perto das hedges. Harper se sentou em um banco, tirou um cigarro do bolso de sua jaqueta e acendeu-

o. Uma fumaça fedorenta girou em torno de sua cabeça. — Quer um? Demorou alguns segundos para Spencer perceber que era maconha.

— Hum, não, obrigada. Maconha me deixa sonolenta.

— Vamos lá. — Harper inalou profundamente. — Essa coisa é incrível. Te deixa nas alturas.

Snap. Um galho quebrou na floresta. Um som de vento encheu o ar e depois suaves sussurros.

Spencer olhou em volta nervosamente. Depois do que aconteceu no verão passado com Kelsey, a última coisa que ela queria era ser pega com drogas.

— Você realmente acha que deveria fazer isso? — Spencer disse, olhando para a maconha. — Quero dizer, você não pode entrar em apuros?

Harper tirou um pouco das cinzas da ponta. — Quem é que vai me dedurar?

Houve outro estalo. Spencer olhou para a floresta escura, sentindo-se cada vez mais nervosa.

— Hum, minha bebida está acabando — ela murmurou, segurando seu copo vazio.

Ela correu para dentro da casa, sentindo-se aliviada quando voltou para a sala superaquecida.

Ela encheu novamente seu copo com vodca de limão e rebolou na pista de dança. Quinn e Jessie convidaram-na para seu círculo de dança, e ela dançou três músicas sem pensar, tentando perder-se na música. Um garoto chamado Sam se aproximou, se inclinando contra Spencer dramaticamente. A vodca zumbiu nas veias dela, ardente e potente.

Quando ela viu luzes refletindo pela janela, ela pensou que alguém tinha estacionado na rua em frente da casa. Mas então, dois policiais uniformizados abriram a porta da frente e enfiaram a

cabeça dentro. A maioria dos convidados escondeu suas bebidas nas costas. A música parou.

— O que está acontecendo aqui? — Um dos oficiais ligou uma lanterna na sala.

Todo mundo se espalhou. Portas se fecharam. O outro policial levantou seu megafone para a boca. — Nós estamos procurando por Harper Essex-Pembroke — sua voz abafada aumentou. — Senhorita Essex-Pembroke? Você está aqui?

Murmúrios percorreram a multidão. Naquele exato momento, Harper apareceu na porta de trás, seu cabelo despenteado e um olhar assustado em seu rosto pálido. — E-Eu sou Harper. Qual é o problema?

O policial aproximou-se dela e agarrou seu braço. — Temos uma denúncia anônima de que você está em posse de maconha e com intenção de vender.

A boca de Harper se abriu. — O-O quê?

— Isso é um crime grave. — O canto da boca do policial se curvou para baixo.

Todo mundo observou quando Harper foi escoltada pela sala. Quinn balançou a cabeça em horror. — Como diabos a polícia descobriu que Harper tinha maconha?

Como se tivesse ouvido a pergunta de Quinn, Harper se virou e olhou para Spencer. — Bom trabalho — ela sussurrou. — Você estragou a festa para todos e para si mesma.

Os olhos de Spencer se arregalaram. — Eu não disse nada!

Harper apenas deu-lhe um olhar incrédulo enquanto os policiais a escoltavam pela porta.

Jessie e Quinn estavam boquiabertas com Spencer. — Você contou? — Quinn exclamou.

— Claro que não! — disse Spencer.

Os olhos castanhos de Jessie estavam arregalados. — Mas você estava lá fora com ela, não estava? Nenhum de nós iria contar.

— Não fui eu! — Spencer exclamou. — Eu juro!

Mas suas palavras caíram em ouvidos surdos. Em poucos segundos, todo mundo da festa estava olhando para ela, desconfiados. Spencer saiu da sala com o rosto em chamas. O que diabos tinha acontecido? Como ela de repente era a culpada?

Bzz.

Ela pegou o celular. *Uma nova mensagem anônima.* Ela olhou para as árvores altas e as estrelas silenciosas. Estava tão tranquilo lá fora, mas ela se sentia claramente como se alguém estivesse por perto à espreita, se esforçando para não rir. Respirando fundo, ela olhou para a tela do seu celular.

Fique feliz por eu não ter contado a polícia os SEUS segredos. —A

16

CORRENDO POR SUA VIDA

— Está ótimo, pessoal! — Hanna falou para a multidão trovejando a avenida principal de Rosewood na anual corrida Hospitalar de Rosewood de 10 quilômetros. Era sábado de manhã e uma chuva constante estava caindo. O cabelo de Hanna estava uma droga e sua maquiagem estava manchada, mas ela havia prometido ao seu pai que iria entregar os broxes e os agrados de Tom Marin.

— Pegue uma banana! — Ela disse a um homem magro mais velho que estava fumando e usando uma capa de chuva transparente, e entregou-lhe uma banana com um adesivo VOTE EM

TOM MARIN na casca. — Vote em Tom Marin! — Ela entregou copos de água impressos com TOM

MARIN a duas mulheres gordinhas de meia idade que estavam na corrida amontoadas sob um guarda-chuva. — Vão, vão, vão!

Kate, que estava de pé ao lado dela com seu casaco anoraque fechado, riu alegremente. — Eu não acho que sua torcida vai fazê-las se mover mais rápido.

— Provavelmente não — Hanna riu enquanto as mulheres de meia-idade com grandes traseiros desapareciam na curva.

— Por que você não está correndo esse ano? — Kate empurrou uma banana meio descascada para uma mulher atlética com os fones de ouvido do seu iPod. — Eu lembro da mamãe mandar eu torcer por você no ano passado.

Hanna encolheu os ombros. No ano passado, ela correu com Mike e o venceu por dois segundos. Eles tinham comemorado com uma grande tigela de macarrão no Spaghetti Heaven depois e ficaram tão empolgados pelo tempo deles que se inscreveram para

mais outras corridas que eles tinham participado nesse verão. Mas Hanna não tinha corrido desde que ela e Mike tinham terminado.

Ela deu a Kate um olhar de soslaio. — Na verdade, a pergunta é: por que você não está correndo? — Kate era a campeã da sua equipe de corrida a corta-mato em sua antiga escola em Annapolis. Isabel nunca parava de falar sobre isso.

Kate passou os dedos em seu rabo de cavalo castanho. — Porque Naomi e Riley se inscreveram primeiro. A trajetória não é grande o suficiente para todas nós.

Hanna derramou mais água nos copos, só para fazer algo com as mãos. — Então, vocês ainda estão brigadas?

— É. — Kate bateu palmas ruidosamente para os corredores que passaram. — A briga é apenas com Naomi. Não com Riley.

Hanna deu a Kate um olhar curioso, esperando que ela explicasse. A briga ainda era sobre ela?

Kate era a favor de Hanna ou anti Hanna? Mas então, o celular de Kate tocou, e ela caminhou até debaixo da marquise da lanchonete atrás delas para atender a ligação. Hanna observou as pessoas passando correndo. Havia adolescentes da Faculdade Hollis, suas camisetas coladas ao peito. Havia corredores entusiasmados com camisetas e sapatos de corrida. De repente, duas figuras familiares apareceram na curva. O cabelo preto de Mike estava empapado contra a sua cabeça, e ele usava uma camisa branca de mangas compridas, calções de corrida pretos e largos e Nike amarelo neon. Sua mão direita estava firmemente entrelaçada com a de Colleen. Eles estavam usando roupas combinadas, a não ser pela camiseta branca de Colleen que agora estava transparente por causa da chuva. Doía ver que o hobby Mike e Hanna agora era um hobby Mike e Colleen.

Hanna tentou se esconder atrás da mesa de água, mas então Colleen a viu e abriu um sorriso enorme. *Merda*. Eles correram devagar, respirando com dificuldade. — OmeuDeus, Hanna, é tão amável que você esteja distribuindo água! — Colleen falou

entusiasmada, pegando um copo, engolindo com vontade e pegando outro. — Obrigada!

— Porque não bebe logo o galão inteiro! — Hanna disse baixinho, querendo enfiar o copo de plástico na garganta dela. Em seguida, ela se virou para Mike e também ofereceu-lhe um copo de água. — Se divertindo? — ela perguntou com a voz mais doce que conseguiu reunir, como se não houvesse nenhum ressentimento.

— Sim. — Mike bebeu a água, em seguida, escolheu uma banana da bandeja. — Essa corrida é maneira. Estou amando ver as bundas das meninas com lycra molhada.

— Mike — Colleen repreendeu, franzindo as sobrancelhas. Mike abaixou a cabeça em desculpas, e Colleen revirou os olhos antes de correr para a lixeira mais próxima para jogar seu copo de água vazio. Hanna levantou uma sobrancelha. Colleen não suportava as piadas sexuais de Mike? Como é que eles ainda conversavam?

Mike olhou para Hanna com curiosidade. — Estou surpreso por você não estar correndo esse ano. Hanna deu de ombros. — Não, o dever do papai chama. — Ela mostrou-lhe o broxe VOTE EM

TOM MARIN que ela tinha prendido na jaqueta. — Eu me lembro do ano passado, no entanto.

Depois que terminamos, nós nos enfiamos no meio dos arbustos e nos pegamos lá, ainda usando nossas medalhas.

Os lábios de Mike tremeram. — Uh, é..

Hanna checou Colleen. Ela estava conversando com um dos outros voluntários de Tom Marin perto da lata de lixo. — E depois houve os 10 quilômetros da Trilha Marwyn nesse verão, estava tão quente que fomos nadar nus no lago. Lembra que aquela mulher idosa quase nos pegou?

As bochechas de Mike ficaram vermelhas. — Hanna, eu não tenho certeza..

— Nós deveríamos ter feito naquele dia, você não acha? — Hanna interrompeu.

O pomo de adão de Mike se moveu. Ele abriu a boca, mas as palavras não saíram. Ele poderia estar desconfortável, mas ele definitivamente não parecia revoltado. Talvez ele quisesse ter relações sexuais com ela, afinal.

Hanna enxugou uma gota de água da bochecha de Mike. — Sabe, vai ter um baile de campanha do meu pai amanhã à noite — ela murmurou no ouvido dele. — Você deveria ir.

Os lábios de Mike se separaram novamente. Havia um brilho intrigado em seus olhos, e Hanna tinha certeza de que ele estava pensando em dizer sim. Em seguida, uma mão agarrou o braço dele.

— Ei, minhas duas pessoas favoritas! Sobre o que estamos conversando? — Colleen perguntou.

Mike piscou com força, depois ergueu-se ereto. — O baile de campanha do Sr. Marin — ele murmurou.

Os olhos de Colleen se iluminaram. — OmeuDeus! Mike e eu estamos tão animados para isso!

Hanna olhou para Mike, mas ele claramente estava evitando seu olhar. — Colleen comprou um vestido muito bonito — ele murmurou.

— Sim — Colleen falou emocionada. — Na loja bebe no King James. Você conhece esse lugar, Hanna?

Hanna bufou. — Yeah. Só vadias compram lá.

Colleen fez uma careta. As sobrancelhas de Mike se ergueram, e então, ele agarrou a mão de sua namorada e puxou-a pela multidão de corredores. — Isso não foi muito legal — ele disse sobre seu ombro. E então foi embora.

O Que *Diabos*? Enquanto Hanna observava algumas pessoas jogando cascas de bananas por cima de suas cabeças, um risinho sarcástico soou através do ar e os cabelos da parte de trás do seu pescoço se eriçaram.

Ping. Ela olhou para seu celular que estava guardado no bolso de sua jaqueta. *Uma nova mensagem.* Preocupadoramente, a mensagem veio de várias letras amontoadas sem sentido e números.

Você acha que Colleen é tão inocente quanto parece? Pense novamente. Todo mundo tem segredos... Até mesmo ela. —A Hanna encarou a mensagem por um longo tempo. Do que diabos A estava falando?

— Hanna! Aí está você!

Seu pai estava atrás dela, segurando um enorme guarda-chuva golf listrado. Ao lado dele estava uma mulher alta e esguia usando um chapéu de chuva, jaqueta North Face, calça jeans reta e botas felpudas. Uma bolsa Louis Vuitton estava pendurada casualmente em seu braço, um celular estava em sua mão e ela estava olhando para Hanna com uma expressão sorridente. O estômago de Hanna revirou no segundo em que ela se deu conta de quem ela era.

Gayle.

— Oh. — Isso saiu como um grasnido. — O-oi. — Hanna olhou para o celular na mão de Gayle.

A tela estava acesa como se o celular tivesse sido usado. Ela tinha enviado para Hanna aquela mensagem?

— Hanna, a Sra. Riggs vai nos ajudar com a campanha — disse o Sr. Marin. — Não é legal da parte dela?

Gayle sacudiu a mão com desdém. — Oh, por favor. Tudo para ajudar a causa Tom Marin. — Ela deslizou seu celular no bolso do seu casaco. — Me desculpe, eu cheguei muito tarde, Tom. Meu marido e eu estávamos em um jantar da Princeton ontem à noite para comemorar o novo laboratório de câncer que ele financiou, e nós acabamos de chegar.

— Não tem nenhum problema. — O Sr. Marin olhou para a multidão de corredores. — Eu odeio fazer você ficar aqui com esse

tempo, no entanto. Se você realmente insiste em ajudar, talvez você prefira fazer campanha na lanchonete ao invés?

— Realmente, não é nenhum problema — disse Gayle despreocupadamente. — Eu não me importo com um pequeno chuvisco. E, além disso, eu posso ficar e conhecer a sua filha adorável! — Ela se virou para Hanna com um sorriso sinistro nos lábios. — Eu realmente queria conversar com você no comício na Câmara Municipal, mas você desapareceu, Hanna — ela disse docemente. — Eu acho que você queria ficar com as suas amigas, hein?

— Sim, várias amigas de Hanna participaram do comício na Câmara Municipal — disse o Sr.

Marin. — Todas elas vêm apoiando a campanha.

— Que ótimo — Gayle falou entusiasmada. — Quem era aquela garota com o cabelo avermelhado que eu vi com você?

Hanna enrijeceu. — Ah, acho que você quer dizer Emily Fields — o Sr. Marin se intrometeu antes que ela pudesse detê-lo. — Ela tem sido amiga de Hanna por um longo tempo.

— Emily Fields. — Gayle fingiu ponderar. O Sr. Marin virou-se para atender uma ligação e Gayle se aproximou mais. — Engraçado, comigo ela se passou por Heather — ela acrescentou em voz baixa.

Hanna mordeu o interior do seu lábio com força, sentindo o olhar ardente e impaciente de Gayle. — Eu não sei do que você está falando — ela murmurou.

— Ah, eu acho que você sabe. — Gayle olhou para a multidão que passava. — Eu acho que você sabe exatamente o que eu quero dizer. Não pense que eu não sei o que está acontecendo. Não pense que eu não sei sobre tudo.

Hanna tentou manter sua expressão neutra, mas parecia que tinha uma bola de ping-pong saltando em seu estômago. Gayle tinha admitido que era A?

Ela pensou no final do verão. Logo antes de Emily fazer sua cesariana, ela juntou Hanna e as outras garotas no hospital e explicou que ela precisava delas para ajudá-la a fugir com a bebê antes que Gayle pudesse vir e levá-la embora.

Ela colocou um envelope pesado nas mãos de Hanna. — Eu preciso que você dirija até Nova Jersey e coloque isso na caixa de correio de Gayle — explicou ela. — É o cheque com o dinheiro que ela me deu, junto com uma carta de desculpas. Apenas coloque na caixa de correio e vá embora. Não deixe que ela te veja. Se ela perceber que eu devolvi o dinheiro, ela vai para o hospital mais cedo e nosso plano estará arruinado.

Hanna não pôde dizer não. Naquela tarde, depois que a bebê nasceu, ela levou quinze minutos sobre a ponte Ben Franklin para chegar à enorme casa de Gayle. Ela parou no meio-fio, se sentindo trêmula e enjoada. Ela não queria ficar cara-a-cara com uma mulher louca. Não depois do que havia acontecido com a Verdadeira Ali.

Ela estremeceu quando abriu a janela e puxou a alavanca para abrir a caixa de correio. Suas mãos tremeram quando ela colocou o envelope dentro. Um som sibilante passou pelas suas orelhas.

Algo se moveu nas árvores ao lado da casa. Hanna pisou no acelerador com força, só diminuindo a velocidade para colocar o cinto quando estava em segurança fora do bairro. Ela tinha acabado de arruinar o plano de Emily? Alguém tinha visto ela? A propriedade tinha câmeras de segurança?

Um grupo de pessoas ao lado de Hanna aplaudiu ruidosamente, trazendo-a de volta ao presente. Seu pai ainda estava falando em seu celular e Gayle estava tão perto de Hanna que seus quadris se tocavam. Ela colocou uma mão gelada no braço de Hanna. — Escute, e escute bem — ela sussurrou com os dentes cerrados. — Tudo o que eu quero é o que eu tenho direito. Eu não acho que é pedir demais. E se eu não conseguir, eu posso, e eu vou fazer de tudo para garantir que eu consiga isso. Eu posso jogar sujo, muito sujo. Passe essa mensagem para a sua amiga. Entendeu?

Seus lábios se curvaram em um sorriso cruel e suas unhas cravaram na pele de Hanna. A mandíbula de Hanna tremeu.

— Gayle? — O Sr. Marin desligou a ligação e apareceu ao lado delas.

Gayle imediatamente soltou o braço de Hanna. Ela girou e sorriu brilhantemente para o pai de Hanna. — Meu gerente de campanha está aqui — disse o Sr. Marin. — Eu adoraria que você o conhecesse.

— Maravilhoso! — Gayle falou entusiasmada. E assim, ela se foi.

Hanna deixou-se cair em um banco próximo, se inclinou para frente e cobriu o rosto com as mãos. Seu pulso estava vibrando de forma tão vigorosa que ela conseguia senti-lo em suas mãos. As palavras de Gayle estalaram em seus ouvidos. *Tudo o que eu quero é o que eu tenho direito. Eu posso jogar sujo, muito sujo.* Havia tanta coisa que Gayle poderia fazer. Expor todas elas. Arruiná-las.

Enviá-las para a cadeia. Destruir suas vidas. E também arruinar a vida do pai dela.

Ela enfiou a mão no bolso para pegar o celular dela e apertou o botão de discagem rápida para Emily. — Atende, atende — ela sussurrou, mas o celular tocou e tocou. Ela desligou sem esperar o sinal sonoro, ao invés disso digitou uma mensagem para Emily ligá-la assim que possível. Foi então que ela percebeu um pequeno ícone de mensagem no canto superior da tela. Outra mensagem tinha chegado enquanto ela estava escrevendo. Hanna olhou em volta, inquieta. Seu pai, Gayle e o gerente de campanha do Sr. Marin estavam perto da lanchonete, conversando. Gayle estava fingindo prestar atenção, mas seus olhos estavam em seu celular. Por uma fração de segundo, ela olhou para Hanna com um sorriso estranho no rosto.

Estremecendo, Hanna pressionou LER.

Melhor fazer o que te mandaram! Você não gostaria que a campanha do seu pai virasse fumaça. —A

17

SORRIA! VOCÊ ESTÁ SENDO FILMADO!

Sábado à tarde, Aria estava na sala de jogos dos Kahns, uma grande parte seccionada do porão, com uma mesa de sinuca, várias máquinas de pinball e uma grande mesa de poker coberta de feltro.

Noel, os pais de Noel, e seu irmão mais velho, Eric, estavam em torno da mesa de sinuca com ela, olhando as bolas em jogo. A Sra. Kahn passou giz na ponta do seu taco de sinuca e afundou a bola seis na caçapa do canto.

— *Yeah* — a Sra. Kahn disse animadamente, afastando-se e soprando a ponta do taco como se estivesse fumegando.

— Boa, querida. — O Sr. Kahn cutucou Noel e Eric. — Eu acho que as mulheres vão nos vencer.

Noel fez beicinho. — Isso é porque são cinco contra três.

Aria considerou protestar, atirando um olhar para Klaudia, Naomi Zeigler e Riley Wolfe, o terceiro, quarto e quinto membros da equipe feminina do jogo de sinuca. Elas não tinham dado nenhuma tacada. Aria sabia que elas estavam aqui apenas para fazer ela se sentir desconfortável.

— Klaudia? — A Sra. Kahn disse docemente. — Você quer jogar?

— Tudo bem. — Klaudia olhou para Aria. — Eu estou esperando um telefonema do meu novo namorado. Ele é um escritor que vive em Nova York.

— Eu acho que você o conhece, Aria — disse Naomi, e Riley explodiu em risos.

Aria segurou o taco com força, resistindo à vontade de lançá-lo na direção delas.

Noel caminhou até Aria, colocou seu braço ao redor dela, e lhe deu um beijo longo e apaixonado. Ela sentiu as meninas movendo-se desconfortavelmente atrás dela, e quando ela abriu os olhos, Klaudia estava incisivamente desviando o olhar. Aria deslizou sua mão na de Noel, agradecida. — O que eu fiz para merecer você? — ela sussurrou.

— Eu sinto muito por elas estarem te importunando. — Noel revirou os olhos na direção delas. Aria encolheu os ombros. — Eu estou acostumada com isso.

Foi a vez do Sr. Kahn dar uma tacada, e ele arregaçou as mangas de sua camisa azul Brooks Brothers, se inclinou sobre a mesa, e acertou a bola com a precisão de um laser. Ela inclinou para a borda mais longe e bateu contra o número seis, enviando mais duas bolas para dentro das caçapas.

A Sra. Kahn aplaudiu. — Tacada brilhante, querido! Você ainda tem o toque mágico.

O Sr. Kahn olhou para os seus filhos. — Sua mãe já contou a vocês que eu arrebentei num jogo de sinuca em um fim de semana em Monte Carlo?

— Você estava tão sexy — a Sra. Kahn ronronou, beijando a bochecha do Sr. Kahn.

— Gente, *que nojento*. — Noel cobriu os olhos.

O Sr. Kahn tomou as mãos de sua esposa e começou a valsar ao redor da sala. — Precisamos praticar para a Festa a Fantasia do Museu de Arte no próximo mês.

— Eu mal posso esperar — a Sra. Kahn falou alegremente. — É tão fascinante se fantasiar, não é mesmo, querido? — Ela olhou para os outros. — Nós vamos como Maria Antonieta e Luís XVI.

— Nós iremos fazer um lindo par. — O Sr. Kahn inclinou sua esposa tão para baixo que o topo de sua cabeça praticamente beijou o tapete. — Eu adoro um bom disfarce.

Aria ficou tão alarmada que quase engoliu o chiclete. Mas, enquanto observava os Kahns girarem em torno da sala de jogos, ela sentiu-se relaxar. Não importava o que o Sr. Kahn fazia em seu tempo livre, este era um casal que se amava. Havia provavelmente uma explicação lógica para o Sr. Kahn ter se vestido como uma mulher no Fresh Fields. Talvez ele estivesse entrando no personagem para a festa a fantasia do Museu de Arte — as pessoas gastavam milhares de dólares em fantasias extravagantes para o evento. Ou talvez ele tenha perdido uma aposta com um parceiro de negócios.

Aria agarrou a mão de Noel e apertou-a com força, sentindo-se vitoriosa. Ela não tinha recebido nenhuma mensagem sobre isso, o que significava que ela tinha vencido A no jogo de A.

Pela primeira vez, *ela* estava no controle da informação, e não o contrário.

Sr. e Sra. Kahn continuaram dançando, e o jogo de sinuca continuou. Os meninos afundaram o resto das bolas, dando-lhes a vitória. Mais tarde, Noel pegou Aria em seus braços. — Quer sair daqui? Fugir para assistir um filme no Ritz, talvez? — Suas sobrancelhas se levantaram e desceram sugestivamente. Ir ao Ritz era um código para se sentar na fileira de trás e namorar.

Justamente nessa hora o Sr. Kahn bateu palmas. — O que todos dizem de tomarmos sorvete?

Há um novo local em Yarmouth que eu estava morrendo de vontade de experimentar.

— Ooh, eu ouvi dizer que o lugar era divino. — A Sra. Kahn deslizou os tacos de sinuca de

volta para a prateleira. — Eu estou dentro.

— Talvez eu queira — disse Eric.

Naomi fez uma careta. — Sorvete é, tipo, gordura pura.

— Eu não gosto de coisas que são frias, só quentes — Klaudia disse, desviando os olhos sensualmente para Eric, que a ignorou. Aparentemente, ele tinha recebido a mensagem de que Klaudia era uma lunática, também.

Noel olhou para Aria se desculpando, provavelmente pensando que ela queria sair de lá, mas Aria apenas deu de ombros. Ela não tinha tempo de ir ao cinema com Noel, de qualquer maneira — ela tinha que se encontrar com Emily na casa aberta dos Bakers em cerca de uma hora e meia.

— Eu acho que seria ótimo tomar sorvete — disse ela ao Sr. Kahn.

— Fantástico. — O Sr. Kahn já estava no meio da escada. — Eu vou lá comprar.

— O tempo está tão sombrio, no entanto. — A Sra. Kahn espiou pela porta do porão a chuva batendo no pátio de tijolos. — Eu não queria que você tivesse que dirigir todo o caminho para Yarmouth.

— Eu não me importo — disse o Sr. Kahn por cima do ombro. — Por que todo mundo não me dá os seus pedidos?

Noel, Aria, Eric e a Sra. Kahn subiram as escadas atrás do Sr. Kahn e esperaram que ele pegasse o cardápio de uma pasta de couro na gaveta do armário. Eles selecionaram seus sabores, e o Sr. Kahn fez a ligação. Quando ele estava vestindo sua capa de chuva, a Sra. Kahn tocou em seu braço. — Quer que eu vá com você?

O Sr. Kahn a beijou suavemente nos lábios. — Não há nenhuma necessidade de nós dois ficarmos encharcados. Não vai demorar muito.

Ele fechou a porta da frente e o motor do seu carro rugiu. A Sra. Kahn e Eric desapareceram na sala de lazer, e Noel pediu licença

para ir ao banheiro, deixando Aria sozinha na vasta cozinha. A casa enorme estava de repente muito calma e opressiva, o único som era da chuva batendo contra o telhado. De repente, um trovão estalou, e a cozinha ficou escura. Aria gritou. — Noel — ela gritou, tateando ao longo das paredes.

Em algum lugar distante, alguém — Naomi, talvez — riu. Outro trovão soou, sacudindo as panelas penduradas sobre a ilha da cozinha. Um relâmpago iluminou a cozinha. Por uma fração de segundo, Aria teve certeza de que ela viu um par de olhos olhando para ela de fora da janela traseira. Ela gritou novamente.

Em seguida, as luzes estalaram com uma faísca. O frigorífico zuniu calmamente, as luzes embutidas lançaram um pacífico brilho amarelo sobre o cômodo, e os olhos na janela foram embora. Quando Aria olhou para baixo, viu que o celular dela, que estava aninhado em seu bolso, estava piscando. Ela agarrou-o e engoliu em seco. *Uma nova mensagem de texto de Anônimo.*

Ela apertou LER, temendo o que ela pudesse ver. Era uma foto de uma mulher de cabelos loiros aplicando batom vermelho cereja no banco da frente de um carro. A mulher usava uma camisa oxford azul e um caro relógio de ouro — os mesmos que o Sr. Kahn havia usado durante o jogo de sinuca. Tirando suas reveladoras sobrancelhas espessas e a boca reta, ninguém saberia que era ele. O relógio no painel de seu carro dizia 13:35 — três minutos atrás. A alta águia de ferro em um pilar no canto da imagem era a mesma águia na porta da frente dos Kahns. Ele colocou a peruca antes mesmo de deixar a propriedade.

Aria correu para a janela, certa de que veria alguém à espreita no final da garagem, mas não havia ninguém lá. Suor escorria na sua testa. *Não.*

— Aria? — Noel chamou do corredor. — Você está bem?

Aria soltou a cortina e se virou. Noel estava caminhando na sua direção. Ela se atrapalhou para apertar o botão APAGAR em seu celular, não querendo que Noel visse a foto, mas o dedo esbarrou na

seta da direita ao invés, e apareceu uma nota que tinha vindo junto com a imagem.

Quando Aria leu, seu coração parou.

Segredos são uma droga. Termine com seu namorado amoroso, ou essa foto vai a público. —A

18

A CASA DOS SEUS SONHOS

— Bem-vindas à casa aberta! — Uma bem-humorada corretora de imóveis com um cabelo preto e duro parecendo um capacete disse quando ela conduziu Emily e Aria através da porta aberta da Ship Lane 204. Ela colocou um cartão quadrado nas mãos de cada uma delas. — Meu nome é Sandra. Deem uma olhada ao redor!

Emily virou o cartão. *Deixe-me encontrar a casa dos seus sonhos*, o slogan de Sandra dizia. — Na verdade, eu estava pensando. . — ela começou, mas Sandra já estava atendendo um novo casal que tinha vindo atrás delas.

Sacudindo o guarda-chuva e empurrando para trás o capuz de sua capa de chuva, Emily entrou no hall de entrada da casa pela qual ela tinha estado obcecada durante os últimos sete meses. Ela estava vazia, e apenas alguns indícios dos Bakers permaneceram. O ar cheirava a uma vela de menta e ao limpa vidros Windex. As paredes foram pintadas de um azul alegre, e em um armário aberto tinha um jornal do *Philadelphia Sentinel* envolvido em um plástico azul. Havia pequenos arranhões no brilhante piso de madeira de unhas de cachorro, e alguém tinha deixado um enfeite *Olho de Deus* feito com barbante pendurado sobre a porta.

Emily olhou para a tira de latão que separava o vestíbulo de azulejos do piso de madeira da sala de estar, com medo de pisar mais adiante para entrar na casa. Ela estava realmente pronta para ver este lugar?

Aria virou-se para Emily, como se sentisse sua apreensão. — Você está bem?

— Uh huh — disse Emily confusa. — Obrigada por vir comigo.

— Sem problema. — Um olhar inquieto varreu o rosto de Aria, mas quando ela notou Emily olhando para ela, ela rapidamente

sorriu de novo.

— Você está bem? — Emily perguntou.

A mandíbula de Aria tremeu. — Eu não quero te incomodar com isso. Já tem bastante coisa acontecendo com você.

Emily revirou os olhos. — Vamos lá. O que aconteceu?

Após um momento de hesitação, Aria se inclinou para mais perto, seus brincos de penas roçando contra a bochecha de Emily. — Bem, ok. Eu recebi uma mensagem de A há cerca de uma hora atrás.

A boca de Emily se abriu. — O que dizia?

Aria apertou os lábios brilhantes. — Isso não importa. Apenas algumas coisas estúpidas. Mas eu estava na casa de Noel, e A tirou uma foto de algo no final da garagem de Noel. A estava tão perto e eu perdi de ver quem era.

Um arrepio serpenteou pela espinha de Emily. — Lembra da mensagem que eu recebi no meu carro na ponte coberta? Aquela que tinha a foto de mim e Tabitha? A estava perto, também.

Aria saiu do caminho de mais duas pessoas que tinham entrando pela porta da frente. — Como é que nós continuamos a perder A de vista? E como é que A sempre sabe onde estamos?

— Ali sempre sabia onde estávamos — Emily disse calmamente.

Os ombros de Aria se abaixaram. — Em, A não é Ali. Não tem como ser ela.

Emily fechou os olhos. Ela estava tão cansada de ouvir esse mesmo argumento repetidamente.

Mas ela não podia explicar por que ela estava convencida de que Ali não estava morta — ela tinha que confessar que ela deixou a porta aberta na casa em chamas em Poconos.

Aria entrou na sala de estar. O tapete azul tinha marcas profundas de onde a mobília estava.

— A definitivamente é Gayle, Em. Lembra do quão estranha ela estava naquele dia no café? Ela é totalmente capaz de nos perseguir.

— Mas isso não faz sentido. — Emily olhou por cima do ombro para ter certeza de que um casal de idosos vestidos com suéteres de tricô combinados não estava escutando. — Gayle não tem conexão com a Jamaica. Como ela poderia saber o que nós fizemos?

— Tem certeza que você não disse algo para alguém? — Aria perguntou. — E aquele seu amigo, Derrick? Ele trabalhava para Gayle, certo? Tem certeza de que você não vacilou e disse a ele algo sobre Tabitha?

Emily se virou e olhou para Aria. — Claro que não! Como você pode pensar isso?

Aria levantou as mãos em sinal de rendição. — Me desculpa. Eu estou apenas tentando cobrir todas as bases.

A voz de Sandra soou na outra sala, falando a um potencial comprador sobre a metragem quadrada e as reformas da cozinha. Emily tentou engolir seu aborrecimento, sabendo que Aria não estava tentando acusá-la de nada. Ela caminhou para fora da sala e subiu as escadas para o segundo andar. O quarto principal era o primeiro quarto à direita.

O quarto foi pintado com um cinza empoeirado e tinha persianas de madeira nas janelas.

Emily conseguia imaginar uma cama em uma parede e uma cômoda na outra. Mas ela não conseguia imaginar os Bakers vivendo entre estas paredes. Eles eram dorminhocos ou madrugadores? Será que eles lanchavam biscoitos e batatas fritas na cama, deixando migalhas nos lençóis? Quantas lágrimas tinham derramado por não serem capazes de ter um filho?

Foi uma das primeiras coisas que os Bakers tinham dito a Emily quando ela se encontrou com eles — eles tinham tentado por mais de quatro anos sem sucesso. — Nós dois trabalhamos com crianças

todos os dias, e nós adoraríamos ter as nossas próprias — a Sra. Baker disse seriamente.

— Nós sempre quisemos ser pais. — Os dedos do Sr. Baker seguraram a mão de sua esposa rigidamente.

Agora, Emily andava pelo perímetro do quarto, tocou no interruptor de luz, traçou uma pequena rachadura na parede e enfiou a cabeça em um guarda-roupa vazio. Ela só podia imaginar como os Bakers tinham ficado felizes quando eles descobriram que ela os havia escolhido como os pais adotivos de seu bebê. Eles provavelmente se deitaram na cama à noite, sonhando com seu filho, fantasiando sobre aulas de natação, férias, e o primeiro dia de escola. Então ela imaginou o choque dos Bakers quando descobriram que Emily tinha mudado de ideia. Ela pediu a Rebecca, a coordenadora de adoção, para passar a mensagem — ela não teve coragem de dizer aos Bakers.

Rebecca havia ficado confusa. — Então. . você vai ficar com o bebê? — ela sondou.

— Uh, acabou de surgir outra opção — Emily disse evasivamente, não querendo admitir que ela tinha encontrado outros pais adotivos — ou que Gayle tinha oferecido a ela um monte de dinheiro.

A coordenadora ligou de volta um pouco mais tarde e disse a Emily que os Bakers tinham sido muito gentis com a sua decisão. — Eles querem que seu bebê tenha o melhor lar possível, e se você pensa que será em outro lugar, eles entendem — disse Rebecca. Em alguns aspectos, isso decepcionou Emily: Ela teria preferido que tivessem ficado furiosos com ela. Era o que ela merecia.

Emily tinha pensado bastante nos Bakers depois que ela tomou a decisão de dar o bebê para Gayle, especialmente depois de Gayle começar a ligar para Emily sem parar. Cada vez que o celular de Emily tocava, era Gayle, verificando-a. No começo, Emily cedeu a ela, racionalizando a fala rápida de Gayle, sua risada trêmula, suas perguntas nervosas. Ela estava muito animada, certo? Ela tentou justificar por que ela ainda não tinha conhecido o marido de Gayle, o

pai em potencial — Gayle dizia que ele estava muito ocupado, mas ele estava cem por cento a bordo. Quando seu celular começou a tocar a cada hora, Emily deixou as chamadas irem para a caixa postal, uma inquietação crescendo mais nítida e acre dentro dela. Algo não estava certo. Ela começou a procurar maneiras de desfazer o acordo. Ela temia o dia em que ela teria que dar o bebê.

A gota d'água veio duas semanas antes de Emily agendar a cesariana. Derrick pediu a Emily para buscá-lo na casa de Gayle depois do trabalho em um sábado; eles iriam para o Aquário de Camden. Emily não disse a Gayle que ela estava indo, ela estava cansada demais para lidar com ela.

Depois de estacionar o carro na longa entrada, ela caminhou até a porta da frente e olhou pela janela.

Gayle estava de pé no foyer de costas para Emily, falando ao celular. — Sim, é verdade — ela estava dizendo para o receptor. — Eu vou ter um bebê. Eu sei, eu sei, eu mal ganhei peso, mas eu acho que eu sou uma das grávidas sortudas.

Emily tinha quase caído para fora da varanda. Que tipo de pessoa louca fingia que estava grávida quando ela realmente não estava? Ela estava tentando fingir que o bebê de Emily era dela mesma? Isso deixou um gosto horrível em sua boca. Os Bakers haviam dito a Emily que a criança saberia que ela tinha sido adotada. Eles até mesmo contariam a ela sobre Emily. O que mais Gayle mentiu sobre o bebê?

Ela correu de volta para seu carro, ligou o motor rapidamente, e conduziu para longe, muito chateada até mesmo para deixar uma mensagem para Derrick. Tudo estava tão claro agora. De nenhuma maneira ela ia dar seu bebê a Gayle. O dinheiro não importava. A vida privilegiada que a criança poderia ter aos cuidados de Gayle não importava. E assim, no dia seguinte, ela ligou para Gayle e lhe disse que o médico havia remarcado a sua cesariana para dois dias mais tarde do que o previsto inicialmente. Então ela ligou para Aria, Hanna e Spencer, pedindo a ajuda delas.

— Emily? — Aria chamou agora. — Em, você tem que vir ver isto!

Emily seguiu a voz de Aria para um pequeno quarto no corredor.

— Olha! — Aria disse, estendendo os braços.

Emily virou. As paredes eram listradas com tinta verde e amarela. Na parede do fundo havia um mural de um trem de circo, um leão, um tigre, um elefante e um macaco espreitando do lado de fora de carros. Acima do mural tinha um decalque que dizia *Violet*, o *O* era um rosto sorridente, e havia uma flor brotando para fora do topo do *T*.

— Era o quarto dela — Aria sussurrou.

Lágrimas encheram os olhos de Emily. Ela lembrou-se dos Bakers dizendo que eles tinham projetado o quarto para o bebê em cores de gênero neutro, deixando um espaço na parede para o nome do menino ou o nome da menina. Eles não tinham contado a Emily suas escolhas, porém, dizendo que queriam ver como era o bebê antes que eles tomassem uma decisão final. O nome *Violet*, ela pensou, era perfeito.

— É tão lindo — Emily murmurou, caminhando para o pequeno assento da janela e sentando sobre a almofada. Havia ainda marcas de onde o berço e o trocador estavam. Quando os Bakers encontraram a cadeirinha do bebê em sua porta, eles a tinham trazido aqui para dormir? Não, Emily decidiu. Não na primeira noite. Eles provavelmente seguraram o bebê até o sol aparecer, surpresos por ela ser deles. E com medo, também. Eles provavelmente fizeram planos sobre como agir naquela mesma noite para evitar perguntas e certificar-se de que o bebê não seria levado.

De repente, Emily sabia com certeza de uma coisa: Os Bakers tinham feito tudo o que podiam pelo bebê. Eles mudaram suas vidas apenas para garantir que pudessem ficar com ela, a sua felicidade significa mais do que a sua comunidade e a sua casa. Isso valia mais do que qualquer montante de dinheiro. Ela tinha feito a escolha certa dando sua filha — *Violet* — para eles.

— Hey — Aria disse suavemente, observando o rosto de Emily cheio de lágrimas.

Ela colocou os braços ao redor de Emily e a abraçou apertado. Emily abraçou-a de volta, e permaneceram assim durante vários minutos. Ela se sentia feliz e triste ao mesmo tempo. Foi maravilhoso saber que o bebê tinha um lar amoroso, mas ela odiava que ela ainda não soubesse para onde os Bakers tinham ido.

Emily interrompeu o abraço de Aria e começou a descer as escadas para encontrar a corretora de imóveis, de repente abastecida com um propósito. Sandra estava na cozinha, arrumando papéis em uma pasta.

— Com licença — ela chamou. Sandra se virou com um sorriso de plástico congelado no rosto.

— Você sabe o que aconteceu com a família que vivia aqui antes?

— Se bem me lembro, eles saíram no início de Setembro, eu acredito. — Sandra folheou um arquivo da pasta contendo as informações sobre a casa.

— Seus nomes eram Charles e Lizzie Baker.

— Você tem um endereço? — Emily perguntou.

Sandra balançou a cabeça. — Foi você que me mandou um e-mail perguntando isso?

— E-mail? — Emily levantou uma sobrancelha. — Não...

Sandra tirou seu BlackBerry e ficou mexendo nele. — Isso é engraçado. Recebi um e-mail fazendo a mesma pergunta. Alguém mais também estava ansioso para saber onde os Bakers foram.

Aria, que acabara de chegar na cozinha, tossiu. — Você se lembra quem enviou o e-mail?

Sandra olhou para seu BlackBerry. — Eu jurava que eu tinha ele aqui, mas talvez eu tenha deletado. Era o nome de uma mulher, definitivamente. Talvez começava com um G?

— Gayle Riggs? — Aria deixou escapar.

O rosto de Sandra se iluminou. — Sim, eu acredito que é esse! Você a conhece?

Emily e Aria trocaram um olhar assombrado. Emily nunca disse a Gayle quem ela tinha originalmente escolhido para dar o seu bebê. A agência de adoção nunca teria dado essa informação, tampouco. E se ela descobriu, de alguma forma? E se A tivesse dito a ela?

E se — o coração de Emily começou a acelerar — Gayle estivesse tentando rastrear o bebê?

De repente, um *ping* soou de dentro da bolsa de Aria. Ela puxou-o para fora e olhou para seu celular. — Hanna está dizendo que está tentando entrar em contato com você, Em.

Emily vasculhou em seu bolso procurando o celular dela e estudou a tela escura. — A bateria está descarregada.

Os olhos de Aria ainda estavam em seu celular. Ela apertou um botão e engasgou.

— Olha isso. — Ela passou para Emily. *Diga a Em que é urgente, uma mensagem de Hanna dizia. Eu acho que Gayle está atrás do seu bebê. Me ligue o mais rápido possível.*

— Oh meu Deus — Emily sussurrou.

Outro *ping* soou quando uma nova mensagem chegou no celular de Aria. O remetente era um amontoado de letras e números. Aria bateu a mão na boca. O coração de Emily batia mais rápido enquanto ela lia as palavras.

Acho que Emily não é a única que está procurando um pequeno pacote de alegria. Quem vai achar primeiro? —A

19

HANNA, A AGENTE SECRETA

O problema da roupa de camuflagem, Hanna percebeu, era que era muito feia. Devia haver roupa de camuflagem da Louis Vuitton ou que realmente complementasse o tom de pele. Não era como se ela estivesse se escondendo em uma floresta verde e marrom, afinal. Ela estava à espreita no Shopping King James.

Era o fim com limão da tarde de sábado, e Hanna tinha acabado de vestir sua primeira — e última — roupa de camuflagem para colocar em ação a Operação Descobrir Se Colleen Está Escondendo Algo. Ela havia comprado sua vestimenta na Rosewood Exército/Marinha, uma loja aterrorizante cheia de máscaras de gás, porta-granadas, botas de combate desfavoráveis e diversas outras coisas que ela nunca mais queria ver de novo, exceto talvez no CNN. Ela também comprou um binóculo Fieldscope arranhado (provavelmente de alguma guerra assustadora), óculos de visão noturna e um capacete de pelotão, só no caso dela ter que fazer uma rolagem de surpresa ou saltar de um carro em movimento. Talvez tenha sido um exagero ela comprar todos esses equipamentos para espionar uma garota que provavelmente ficaria feliz se soubesse que Hanna tinha adquirido um interesse tão agudo por ela, mas Hanna achou que o equipamento iria ajudá-la a entrar no clima. Agora, ela estava agachada atrás de uma grande planta artificial no meio da calçada e olhando através dos binóculos para Colleen e Mike passeando na Victoria Secret. Hanna sentiu um momento de apreensão. Era estranho ela estar fazendo isso? Isso era mais ou menos como se ela estivesse se tornando A. Mas por outro lado, talvez Gayle estivesse certa, talvez Colleen tenha um segredo que ela não sabia. Todo mundo tinha.

Hanna checou a hora. Ela iria esperar mais meia hora, ela decidiu, e depois ligaria para Emily novamente. E em relação a coisa de Colleen, não era como se ela e Gayle estivessem na mesma

equipe ou algo do tipo — A apenas havia tido uma boa ideia pela primeira vez. Tudo o que ela precisava fazer era descobrir algum segredo embaraçoso de Colleen para tirá-la do caminho de Mike de uma vez por todas e mandá-la de volta para o lugar dos idiotas que era onde ela pertencia.

Havia apenas um problema: até agora, Colleen parecia um livro aberto. Hanna havia dado uma espiada no carro de Colleen no estacionamento, mas ela o mantinha arrumado e desinteressante.

Ela seguiu o casal até a Otter, a melhor boutique do shopping, e observou quando a vendedora favorita de Hanna mostrava para Colleen um modelo totalmente novo dos jeans James que tinha acabado de chegar — jeans que Hanna deveria ver primeiro.

Traidora.

Agora, Colleen se aproximou da vendedora da Victoria Secret e explicou que ela estava procurando uma lingerie nova. — Qual é o seu tamanho? — A assistente perguntou. Hanna tinha aprendido leitura labial quando estava na quinta série, principalmente para decifrar as brigas tensas dos seus pais pelo vidro da porta traseira do pátio. Colleen deu-lhe a resposta e a mandíbula de Hanna caiu. Os peitos de Colleen eram ainda maiores do que ela pensava.

Enquanto a vendedora procurava alguns modelos que Colleen poderia gostar, Mike caminhou até uma mesa de sutiãs de cetim, segurou um enorme sutiã rosa na frente do peito e começou a fazer poses exageradas. Hanna riu. Mike costumava fazer isso o tempo todo quando eles iam fazer compras juntos e ele sempre a fazia rir. Mas quando Colleen viu, uma carranca de desaprovação se formou em seu rosto. Mike fez beicinho e deixou o sutiã cair de volta à mesa, parecendo um cachorrinho repreendido.

O celular de Hanna tocou alto e ela freneticamente golpeou a tela para silenciá-lo. A foto de Aria estava piscando na tela. — Você conseguiu entrar em contato com Emily? — Hanna sussurrou para o receptor.

— Eu estou com Emily e Spencer, também. — A voz de Aria ecoou no viva-voz. — Estamos realmente assustadas. Eu recebi uma mensagem hoje. A definitivamente está atrás do bebê de Emily. Hanna se escondeu ainda mais no meio dos arbustos. — Temos que provar que Gayle é A. Mas como fazer isso sem ir à polícia?

— Gayle é louca — Aria explicou. — Assim como Kelsey. Os policiais não acreditariam em nada que ela dissesse.

— Sim, mas ela tem dinheiro — Hanna lembrou. — E ela é adulta. Isso influencia, você não acha? — Gente, eu não tenho tanta certeza de que Gayle é A — a voz de Spencer soou distante. — Eu recebi uma mensagem ontem à noite e eu estava em Princeton. Como Gayle poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo?

Hanna observou quando um bando de adolescentes da Rosewood Day passou. — Talvez ela possa. Na corrida de hoje de manhã, Gayle pediu desculpas pelo atraso e disse que ela tinha acabado de chegar da Princeton. O marido dela tinha doado dinheiro para algum laboratório de câncer.

Spencer fez um pequeno ruído na parte de trás de sua garganta. — Você acha que ela me seguiu até a minha festa? Eu não teria notado alguém como ela no meio de uma multidão de adolescentes?

— Ela provavelmente estava escondida lá fora, nos arbustos — disse Hanna.

— Isso ainda não prova que Gayle é A — Emily protestou. — De qualquer forma, o mais importante é, ela está atrás do bebê. Como é que vamos descobrir para onde os Bakers foram?

Precisamos alertá-los.

— A corretora de imóveis não tem informação do lugar para onde eles se mudaram — Aria acrescentou em tom desanimado. — Eles podem estar em qualquer lugar.

— Na verdade, talvez eu seja capaz de encontrá-los. — Hanna passou o celular para o outro ouvido. — A campanha do meu pai tem informações do registro eleitoral de todas as pessoas da

Pensilvânia. Se eles continuam no estado, eu posso pesquisar o novo endereço deles.

— Sério? — Emily soava esperançosa. — Em quanto tempo você consegue fazer isso?

— Eu vou pesquisar quando chegar em casa — Hanna prometeu. — Pode levar alguns dias, no entanto.

— Eu ainda acho que Gayle é A — Aria disse. — Mas como podemos provar isso?

Houve uma pausa na linha. — Bem, A está seguindo todas nós, certo? — Spencer disse depois de um momento. — Talvez uma de nós possa tentar pegá-la no ato.

— Ou uma de nós possa tentar roubar o celular dela — Hanna falou.

— Isso seria ótimo, mas nós teríamos que saber a agenda de compromissos dela e aparecer em algum lugar onde ela vá estar. — Aria parecia desanimada.

— Eu sei um lugar onde ela vai estar. — Hanna passou a língua nos dentes. — Amanhã, no baile de campanha do meu pai. Talvez pudéssemos descobrir uma forma de pegar o celular dela e olhar as mensagens. Todas vocês vão estar lá mesmo, certo?

Emily gemeu. — Eu nunca mais quero ver Gayle de novo.

— Nós vamos te manter segura — Hanna assegurou. — Mas se Gayle decidir confrontar você, nós poderíamos roubar o celular dela enquanto ela está ocupada. Então nós teríamos a prova de que ela é A.

— Mas ela não pode ser A — Emily gemeu.

— Veja desse modo — Aria disse gentilmente. — Mesmo que ela não seja A, talvez haja algo no celular dela sobre a busca do bebê. Talvez A deu a ela uma dica ou algo assim. Você quer saber o que ela está tramando, certo?

Emily concordou e as meninas prometeram prestar atenção se alguém as seguisse e entrar em contato na hora em que recebessem outra mensagem de A. Depois que desligou, Hanna separou duas folhas da planta e espiou a Victoria Secret. Mike e Colleen não estavam mais lá. *Merda.*

Então ela os viu andando de mãos dadas em direção à saída. Saindo de trás das plantas e recebendo olhares estranhos dos pedestres, ela os perseguiu até o estacionamento. Eles estavam parados no carro de Colleen conversando. Hanna se escondeu atrás de um Fusca para conseguir ouvir. — Você tem certeza de que eu não posso ir com você? — Mike estava dizendo.

— É melhor eu ir sozinha — Colleen respondeu com a mão na porta do motorista.

— Qual é. — Mike tirou a franja de Colleen dos olhos. — Eu aposto que vai ser muito mais interessante.

Colleen beijou a ponta do nariz de Mike. — Eu conto tudo a você quando eu terminar, ok?

Ela deslizou para o banco do motorista e ligou o motor. Mike acenou até que ela dobrou a esquina. Hanna correu até seu carro, que estava estacionado a apenas algumas vagas de distância.

Ela tinha que se apressar se quisesse seguir Colleen até seu encontro secreto.

Ela seguiu Colleen do pequeno estacionamento do shopping até a Avenida 30, então levou o carro até uma série de estradas secundárias. Centros comerciais deram lugar a casas vitorianas antigas e edifícios escolares de pedra e tijolos de Hollis. Uma rua estava bloqueada por causa de uma batida entre um Jipe e um Cadillac antigo. Hanna desviou os olhos, as velhas memórias do seu próprio acidente de carro no verão passado voltando para ela. Não que ela tivesse ficado para ver as luzes da ambulância.

Colleen virou em uma rua lateral e habilmente estacionou paralelamente no meio-fio. Hanna virou o carro em um beco,

estacionou torto e se escondeu em um arbusto bem a tempo de ver Colleen subindo os degraus da frente de uma casa grande e antiga na esquina. Colleen tocou a campainha e se afastou, ajeitando o cabelo.

A porta se abriu e um homem grisalho com pés de galinha abriu a porta. — Que bom te ver — ele disse, dando um beijo no ar para Colleen.

— Muito obrigada por me receber em tão pouco tempo — disse Colleen.

— Qualquer coisa por você, querida. — O cara segurou o rosto de Colleen em suas mãos. — Você tem uma estrutura óssea tão boa. Você é perfeita para isso.

Colleen riu timidamente. — Estou tão feliz por você pensar assim.

Perfeita pra quê? Hanna tirou a franja dos olhos. Colleen estava traindo Mike com esse velhote?

Quando a porta se fechou, Hanna correu até a varanda e olhou para uma placa ao lado da campainha. JEFFREY LABRECQUE, FOTÓGRAFO dizia.

Hanna riu. Então Colleen estava tirando fotos profissionais. Ela sabia exatamente onde isso iria dar, se esse Jeffrey fosse parecido com Patrick, seu fotógrafo aproveitador, ele iria adular Colleen e depois convencê-la a tirar a blusa. A reação ciumenta de Mike em relação a Patrick e a reação de Hanna foram o que os separou. Isso também poderia arruinar Mike e Colleen.

Hanna olhou para a janela, observando o fotógrafo montar várias luzes ao redor de uma tela preta. Ele gesticulou para Colleen se sentar em um banquinho, então foi para trás de sua câmera. O

flash disparou repetidamente, Colleen cruzava seus joelhos de várias formas e fazia caretas que variavam de empolgadas à parecendo chateada. Depois de alguns minutos, Jeffrey Labrecque caminhou em direção a Colleen e disse algo que Hanna não pôde ouvir. Ele se afastou, e Colleen tirou seu suéter. Hanna se inclinou

para frente. Esse provavelmente era o momento em que ela iria posar com seu sutiã preto de renda.

Mas quando Jeffrey se afastou, Colleen ainda estava com uma camiseta. Ela sorriu para a câmera, parecendo saudável e doce. Em poucos minutos, a sessão de fotos acabou e Colleen se levantou do banquinho, o fotógrafo entregou-lhe um cheque e apertou a mão dela.

— Inacreditável — Hanna murmurou. Tudo era tão malditamente puro que todas as fotos deveriam estar com uma áurea sobre ela.

Colleen se direcionou para a porta da frente, e Hanna saiu da varanda antes que Colleen a visse. Quando ela dobrou a esquina, ela quase deu de cara com um sedan preto se movendo ruidosamente no beco. As janelas eram escuras, mas ela pôde ver um par de olhos espiando pela janela do banco de trás que estava ligeiramente aberta. Antes que ela pudesse ver quem era, o carro se moveu com velocidade. Hanna se virou e olhou para o carro se afastando, mas ele estava muito longe para ela conseguir ver a placa.

Beep.

O celular de Hanna brilhou no fundo de sua bolsa. As palavras da nova mensagem golpearam-na assim que ela olhou para a tela.

Você está perto, Hanna. Continue investigando. —A

20

POTE DE OURO

Naquela mesma tarde, Spencer deixou o decadente Motel 6, nos arredores do campus da Universidade de Princeton, onde ela estava hospedada desde o desastre da festa de ontem à noite, e estava indo em direção à estação de trem. A chuva havia diminuído, o sol

havia aparecido fazendo as calçadas brilharem e o ar cheirava a flores frescas. As pessoas desarmaram seus guarda-chuvas e tiraram seus capuzes da capa de chuva. Um par de jogadores de Ultimate Frisbee saiu dos seus dormitórios e voltaram a jogar. Se fosse qualquer outro dia, Spencer teria tido a oportunidade de se sentar em um dos bancos e apenas contemplar o esplendor que era a Universidade de Princeton.

Mas hoje, ela só se sentia exausta.

Quase imediatamente depois que a polícia levou Harper da festa, Spencer mandou uma mensagem para Harper com várias desculpas, mas Harper não tinha respondido. Nem Quinn, Jessie ou qualquer outra pessoa cujos números ela tinha pego antes da grande apreensão de drogas.

Spencer sabia que se hospedar na Casa da Ivy — ou em qualquer outro lugar do campus — não era uma opção, então ela havia pesquisado motéis próximos e foi parar no quarto do Motel 6 quase meia-noite. Tudo o que ela queria era dormir e esquecer tudo o que tinha acontecido, mas ela ficou acordada quase a noite toda com a música tecno que vinha da livraria para adultos ao lado do motel. Seu cabelo estava oleoso por causa do shampoo do motel, sua pele coçava por causa dos lençóis baratos de algodão e sua cabeça estava girando com o quanto ela tinha arruinado suas chances de entrar na Ivy.

Ela estava pronta para ir para casa.

Vários adultos em trajes de negócios passaram parecendo respeitáveis e importantes. Hanna havia dito que Gayle estava no campus da Princeton. Era óbvio que Gayle tinha espionado ela na noite anterior e tinha denunciado Harper para a polícia. Spencer entendia que essa mulher estivesse com raiva por Emily não ter dado o bebê a ela, mas ser lunática a tal ponto de mexer com crianças com metade da idade dela?

Uma loira sentada em um banco apareceu na visão dela, e Spencer parou. Lá, lendo um romance de D. H. Lawrence e

segurando um café Starbucks grande, estava Harper.

— Oh — Spencer deixou escapar. — O-oi!

Harper olhou para cima e suas feições formaram uma carranca. Ela voltou a olhar para seu livro sem uma palavra.

— Eu tenho tentado falar com você. — Spencer andou rapidamente até o banco, deixando sua mochila cair aos seus pés. — Você está bem?

Harper virou uma página. — Se você queria me causar problemas, você está sem sorte. Os policiais não conseguiram encontrar nenhuma maconha em mim. Eles me deixaram ir com uma advertência.

— Eu não queria te meter em problemas! — Spencer gritou. — Por que eu faria uma coisa dessas?

— Você era a única pessoa da festa que eu não conhecia muito bem e você parecia muito desconfortável comigo fumando. — Harper ainda não havia olhado para cima.

Um bando de pombos pousou perto delas, brigando por um pedaço de pizza. Spencer desejava poder dizer a Harper sobre A, mas A iria causar estragos se ela o fizesse. — Eu tenho alguns esqueletos no meu armário, por isso eu estava nervosa em ser pega de novo — ela admitiu em voz baixa. — Mas eu nunca iria delatar você.

Harper finalmente encontrou o olhar de Spencer. — O que aconteceu?

Spencer levantou um ombro. — Uma amiga e eu estávamos estudando à base de drogas no verão passado. Fomos pegas por causa delas.

Os olhos de Harper se arregalaram. — Você entrou em apuros?

— Eu fui solta com um aviso. — Spencer encarou sua mochila. Não adiantava começar a falar de Kelsey agora. — Isso me assustou.

Mas eu juro que eu não denunciei você. Por favor, me dê outra chance.

Harper marcou sua página com um marcador e fechou o livro com força. Ela olhou para Spencer por um longo momento, como se tentasse ler seus pensamentos. — Sabe, eu realmente quero gostar de você, Spencer — ela disse. — Se você quiser fazer as pazes comigo, vai ter um almoço da Ivy amanhã, você pode vir. Mas tem um problema: Você tem que levar um prato.

Spencer piscou. — Eu tenho que cozinhar alguma coisa? Onde é que eu vou encontrar uma cozinha?

— Isso é você que tem que descobrir. — Harper guardou o livro em sua bolsa e se levantou. — Todo mundo tem que levar um prato. É um *potluck*.

— Tudo bem — Spencer disse. — Eu vou pensar em alguma coisa.

Os cantos da boca de Harper lentamente se curvaram em um sorriso. — Eu vejo você na Casa da Ivy amanhã às doze em ponto. Tchau!

Ela caminhou pela calçada, balançando seus quadris e sua bolsa saltando em sua bunda.

Spencer mudou de um pé para o outro, perplexa. Um potluck? Sério? Isso soava como algo que a Nana Hastings teria feito na Liga Feminina que ela já foi presidente. Até mesmo o termo potluck estranhamente parecia da década de cinquenta, invocando imagens de salada de macarrão extremamente coloridas e gelatinas feitas em moldes.

As palavras ressoaram em sua cabeça novamente. *Potluck*. Harper tinha piscado para ela como se tivesse um duplo sentido. Spencer riu alto, entendendo. Era um potluck³, literalmente. Harper queria que ela cozinhasse maconha junto com a comida. Essa era a oportunidade de Spencer provar que ela não era uma dedo-duro.

O relógio dela soou com a hora, e os pombos saíram da calçada de uma vez só. Spencer se afundou no banco, pensando. Mesmo que ela odiasse a ideia de conseguir drogas novamente, ela estava desesperada para fazer as pazes com Harper — e entrar no clube da Ivy. Só que, como ela iria conseguir isso? Ela não conhecia ninguém daqui, além das pessoas que ela conheceu na festa, e eles provavelmente nunca iriam ajudá-la.

Ela se endireitou e foi atingida por uma flecha de genialidade. *Reefer*. Ele morava perto da Princeton, certo? Ela vasculhou sua bolsa, procurando o pedaço de papel que ele tinha lhe dado no jantar da Princeton. Felizmente, ele estava escondido em um bolso. *Que viagem longa e estranha tem sido*, dizia a nota.

Nem me fale, Spencer pensou. Em seguida, ela prendeu a respiração como se fosse entrar em um quarto com um cheiro desagradável e discou o número dele, torcendo para que não estivesse cometendo um enorme erro.

*

— Eu sabia que você ia ligar — Reefer disse quando abriu a porta de uma grande casa antiga em um bairro a poucos quilômetros do campus da Princeton. Ele estava vestindo uma camiseta excessivamente grande do Bob Marley, jeans largos com um desenho da folha de maconha no joelho, e os mesmos tênis de maconha que ele tinha usado no jantar do Striped Bass. Seu cabelo comprido tinha sido escondido em um daqueles chapéus jamaicanos coloridos e horríveis que todos os drogados que Spencer conhecia amavam vestir, mas ele pelo menos tinha raspado a barba de cabra. Ele parecia um milhão de vezes melhor sem ela, não que ela achasse ele bonito ou alguma coisa do tipo.

— Eu agradeço por você ter arrumado um tempo para me ver — disse Spencer meticulosamente, ajeitando seu suéter.

3 Pot: Pode ser traduzido como panela ou maconha.

— Mi casa es su casa. — Reefer estava praticamente salivando quando ele a levou para dentro.

Os saltos de Spencer soavam no vestíbulo. A sala de estar era longa e estreita com um tapete bege, sofás de couro e cadeiras. Volumes velhos de uma Enciclopédia World Book dos anos oitenta estavam alinhados nas estantes e uma harpa dourada estava no canto. Ao lado da sala de estar era a cozinha que tinha um papel de parede psicodélico e giratório e um pote de biscoitos em formato de uma coruja com um olhar desconfiado. Spencer se perguntou se Reefer ficava paralisado ali quando estava drogado.

Ela aspirou o ar. Estranhamente, a casa não cheirava a maconha, mas a velas de canela e antisséptico bucal de menta. E se Reefer não fumasse em casa? Pior ainda, e se ele fosse um daqueles garotos que só fingiam estar drogados o tempo todo, mas realmente tinha medo da coisa?

— Então, o que eu posso fazer por você? — Reefer perguntou.

Spencer colocou as mãos nos quadris, de repente insegura. Ela tinha arrumado drogas no verão passado, mas isso envolveu senhas secretas e negociações num beco escuro. Ela duvidava que conseguir maconha seria do mesmo jeito. Ela decidiu ser franca e precisa: — Eu estou querendo saber se eu poderia comprar um pouco de maconha de você.

Os olhos de Reefer se iluminaram. — Eu sabia! Eu sabia que você fumava! Você totalmente pode pegar algumas! Podemos até fumar juntos, se você quiser!

Bem, isso respondia suas dúvidas. — Obrigada — Spencer disse, sentindo-se aliviada. — Mas não é pra mim. É para o potluck organizado pelo Clube de Comer da Ivy. Basicamente, eles querem

que todos levem um prato com maconha dentro. Então, eu preciso de um pouco de maconha. . e uma receita. É realmente importante.

Reefer levantou uma sobrancelha. — Isso tem alguma coisa a ver com você metendo a garota da festa de ontem à noite em apuros?

Os ombros de Spencer ficaram tensos. — Eu não a meti em apuros! Mas é por isso, sim. Harper é muito influente no clube da Ivy e eu quero me certificar de que eu vou entrar.

Reefer puxou uma corda da harpa. — O clube da Ivy realiza festas com maconha? Eu não sabia que eles eram tão descolados.

O que você sabe? Spencer pensou, irritada. — Bem, você tem maconha pra mim ou não?

— É claro. Por aqui.

Ele subiu as escadas para o segundo andar. Eles passaram por um pequeno banheiro com um tema de navios e um quarto de hóspedes contendo várias peças de equipamento do exercício e, finalmente, entraram no quarto de Reefer. Era claro e grande, com uma cama queen, estantes brancas, uma cadeira reclinável branca Eames e uma poltrona. Spencer esperava um esconderijo de drogas fedido com estranhos pôsteres de ilusão de óptica nas paredes, mas isso parecia um quarto de hotel de Nova York. Mas é claro, ele provavelmente não o tinha decorado.

— Então você está competindo para entrar no clube da Ivy, hein?
— Reefer caminhou até o guarda-roupa no final do quarto.

Spencer bufou. — Uh, sim. Todo mundo não está?

Reefer encolheu os ombros. — Não. É um pouco entediante pra mim.

— Um clube que organiza um potluck com drogas é entediante?

— Eu não gosto de clubes. — Reefer fez aspas no ar com a palavra *clube*. — Eu não gosto de ser colocado em uma categoria, sabe? É tão opressor.

Spencer começou a rir. — O roto falando do esfarrapado.

Reefer olhou para ela sem entender, encostando-se na mesa.

— Eu só estou dizendo. Você não está se colocando em uma categoria? — Spencer agitou as mãos para cima e para baixo do corpo de Reefer. — E a coisa toda rastafariana que você usa?

Um meio-sorriso apareceu no rosto de Reefer. — Como você sabe que eu não sou mais do que isso? Você não deve julgar um livro pela capa. — Então ele se virou para o seu guarda-roupa. — Por que você se importa tanto em entrar no clube da Ivy, de qualquer maneira? Você não parece o tipo de garota que tem dificuldade em fazer amizades.

Spencer se irritou. — Huum, por que participar de um Clube de Comer é uma grande honra?

— É mesmo? Quem disse isso?

Spencer franziu o nariz. Em que planeta esse cara vive? — Olha, eu posso ver a maconha?

— É claro. — Reefer abriu as portas do seu guarda-roupa e se afastou. Dentro havia um armário alto de plástico transparente com pelo menos trinta gavetas com puxadores. Cada gaveta era marcada com drogas como Northern Lights e Skunk Power. Dentro, Spencer pôde ver pequenas folhas cinza-esverdeadas que pareciam um cruzamento entre um pequeno musgo e um dreadlock.

— Uau — Spencer sussurrou. Ela havia imaginado que Reefer esconderia em uma meia suja debaixo da cama ou enrolaria em um monte de jornais socialistas. O organizador era totalmente limpo e havia a mesma quantidade de drogas em cada uma das gavetas, como se ele as tivesse obsessivamente pesado. No lado esquerdo do armário havia variedades de maconha como Americano, Buddha's Sister e Caramella. No lado direito, bem lá no fundo, havia várias chamadas Yumboldt — Spencer supôs que não havia nenhuma maconha que começasse com a letra Z. Estava em ordem alfabética. Spencer sorriu interiormente. Se ela fosse viciada em drogas, ela provavelmente organizaria seu esconderijo desse jeito.

— Isso tudo é seu? — ela perguntou.

— Uh huh — Reefer parecia orgulhoso de si mesmo. — A maioria delas eu mesmo plantei usando hibridização e técnicas de recombinação genética. São totalmente orgânicas, também.

— Você é um traficante? — De repente, ela se sentiu nervosa. Era perigoso estar aqui? Reefer balançou a cabeça.

— Não, é mais como uma coleção. Eu não trafico, exceto para meninas lindas como você.

Spencer baixou os olhos. O que Reefer viu nela, afinal? Garotas que vão a Lilith Fair, que têm sobrancelhas perfuradas e usam coisas com tachas boêmias pareciam mais o tipo dele. — Então, qual tipo é bom para cozinhar? — ela perguntou, mudando de assunto.

Reefer abriu uma gaveta e escolheu uma planta esverdeada. — Esse material é super suave e muito perfumado. Cheire.

Spencer se afastou dele. — Não é como se fosse vinho.

Reefer deu-lhe um olhar arrogante. — Em algumas culturas, distinguir os tipos de maconha é muito mais refinado do que ter um bom paladar para vinhos.

— Eu acho que você é especialista. — Spencer trouxe a maconha para suas narinas e inspirou.

— Eca. — Ela virou a cabeça, incomodada pelo familiar fedor de gambá. — Isso tem cheiro de bunda.

— Iniciante. — Reefer riu. — Continue franzindo o nariz. Essa droga é mais do que parece. Ela tem um segredo que está disfarçado.

Spencer deu-lhe um olhar desconfiado, mas depois deu de ombros e se moveu para dar outra aspirada. Depois de aspirar o cheiro fedorento e nojento da maconha, ela começou a sentir outro cheiro lá no fundo. Algo quase.. perfumado. Ela ergueu os olhos, surpresa. — Cascas de laranja?

— Exatamente. — Reefer sorriu. — É um híbrido de dois diferentes tipos de maconha que têm características realmente parecidas com frutas. Eu mesmo criei a combinação. — Ele se virou, pegou outro broto e balançou-o sob as narinas de Spencer. — Que tal essa?

Spencer fechou os olhos e inspirou. — Chocolate? — ela disse depois de um momento.

Reefer assentiu. — É chamada de Chocolate Chunk. Você tem um nariz muito bom.

— Se houvesse uma carreira de cheiradora de maconha — Spencer brincou. Mas no fundo, ela não pôde evitar de se sentir satisfeita. Ela gostava quando alguém dizia que ela era boa em alguma coisa. Ela ousou sorrir para Reefer e ele sorriu de volta. Por um momento, ele pareceu realmente bonito. Seus olhos eram dourados suave. Se ele se livrasse daquelas roupas estúpidas, ele seria lindo. Então, Spencer forçou os cantos dos lábios para baixo, assustada com seus pensamentos. Os cheiros das maconhas provavelmente estavam dominando-a. — Então, pode colocar isso em brownies? — ela perguntou.

Reefer limpou a garganta e também se afastou. — Aham. Eu tenho uma ótima receita que você também pode pegar. — Ele tirou um fichário de uma estante organizada, pegou um cartão de índice e entregou a ela. *Mistério Mágico dos Brownies* lia-se no topo.

Spencer colocou o cartão no bolso. — Quanto eu te devo?

Reefer abanou a mão. — Nada. Como eu disse, eu não sou traficante.

— Eu quero te dar alguma coisa.

Reefer pensou por um momento. — Você pode me responder uma coisa. Por que você quer participar da Ivy?

Spencer se irritou. — Por que você se importa?

Reefer encolheu os ombros. — Eu só não entendo os Clubes de Comer. Parece que a maioria das pessoas usa eles para se sentir melhor sobre si mesmos, mas você realmente precisa de um clube estúpido para dizer-lhe que você é legal?

O rosto de Spencer ficou quente. — Claro que não! E se você perguntar a alguém que pertence a eles, tenho certeza de que também não é por isso que eles participam deles.

Reefer bufou. — Até parece. Eu ouvi aquelas meninas da Ivy na festa. Elas são totalmente metidas. Eu garanto que a única razão delas participarem do clube é para impressionar os pais delas, um dos irmãos delas ou porque eles automaticamente lhe deram um grupo. Eles são tão..

seguros.

A mente de Spencer hesitou. — Eu lhe asseguro que isso não é o que elas pensam. E também não é o que eu penso.

— Tudo bem. — Reefer cruzou os braços sobre o peito. — Me diga o que você pensa, então.

Spencer abriu a boca para falar, mas as palavras não saíram. Irritantemente, ela não conseguia pensar em uma única explicação que Reefer fosse entender. Pior ainda, talvez ele estivesse certo, talvez ela quisesse automaticamente entrar num grupo. Talvez ela quisesse impressionar seus pais, o Sr. Pennythistle, Amelia, Melissa e todos da Rosewood Day que não acreditavam nela. Mas Reefer tinha feito soar como se querer essas coisas fosse superficial e tedioso. Ele a descreveu como uma menininha ansiosa e insegura, apenas querendo fazer o papai e a mamãe felizes, que não pensava por si mesma.

— De onde você veio? — ela gaguejou, enfrentando Reefer. — O que te fez ser tão superior e poderoso? E a Princeton? Eles só admitem algumas pessoas e rejeitam muitas. Você não tem nenhum problema em ser parte dela!

— Quem disse que eu não tenho problema com isso? — Reefer disse calmamente. — Você realmente não deveria. .

— Julgar um livro pela capa, eu entendi — Spencer falou com raiva. — Talvez você devesse ouvir seu próprio conselho. — Ela pegou sua carteira e atirou duas notas de vinte em Reefer pela maconha. Ele olhou para elas como se fossem cobertas de antraz. Então, ela saiu da casa e bateu a porta atrás dela.

O ar frio foi uma saudação de boas-vindas em sua pele quente. Sua mandíbula doía de tanto apertá-la. Por que ela se importava com o que Reefer pensava? Eles nem eram amigos. Mesmo assim, ela olhou para a janela do quarto dele. As cortinas não se separaram e Reefer não estava olhando tristemente para fora, pedindo-lhe perdão. *Imbecil.*

Erguendo seus ombros, ela desceu os degraus e tirou seu celular para ligar para a empresa de táxi para levá-la de volta para o motel. Seus olhos se encheram de lágrimas, ela forçou-as a não caírem e cheirou a capinha de couro do celular. Cheirava a maconha que Reefer tinha lhe dado.

Ela franziu o nariz, amaldiçoando o fedor. Ela já não tinha o cheiro doce e ácido de cascas de laranja. Talvez ela nunca tivesse tido.

21

UM ENCONTRO AMIGÁVEL

Na noite de sábado, Emily corria pela rua do Old Hollis, o distrito comercial ao lado da faculdade que ostentava bares, restaurantes, lojas de camisetas modernas e um vidente que lia cartas de tarô. Uma placa de néon em forma de um cone de sorvete balançava em um toldo em frente, e seu estômago fez um movimento nervoso. Ela estava no caminho para se encontrar com Isaac novamente, e mesmo que o seu segredo pesasse sobre ela, a sensação prazerosa e vertiginosa que ela teve desde quando ela o viu pela última vez não tinha cessado.

Ela não conseguia parar de pensar em Isaac desde o jantar deles. A maneira como ele ouvia suas palavras, a forma como ele a defendeu de sua mãe — ele parecia mais velho, de alguma forma, realmente maduro.

— Emily?

Ela olhou através da rua escura. Uma figura de casaco azul estava acenando para ela do Snooker, um bar da faculdade que tinha bandeiras do time de futebol Eagles e luminárias do Pabst Blue Ribbon. Ele tinha um protetor de pulso em sua mão e o cabelo escuro espetado. Quando ele chamou o nome dela, Emily reconheceu a voz imediatamente. Era Derrick, seu amigo mais próximo durante o verão.

— Oh, meu Deus — gritou Emily, atravessando a rua. Um motorista buzinou com raiva quando ele desviou para evitá-la. — O que você está fazendo aqui? — Ela perguntou alegremente para Derrick.

— Assistindo algumas aulas na Hollis. — Derrick agarrou Emily e envolveu-a em um abraço enorme. Ele a olhou de cima a baixo. — Cara, você parece um pouco diferente desde que eu te vi pela última vez. O que aconteceu com você, afinal? Você sumiu da face da terra!

Nós deveríamos sair no verão, mas você nunca apareceu. Nunca ligou, também.

Emily olhou para seus tênis, sentindo-se envergonhada. Ela abandonou Derrick no dia em que ela tinha ouvido Gayle dizendo que era ela que estava grávida. Ela pretendia ligar para ele mais tarde para colocá-lo a par dos acontecimentos, mas ela não tinha feito isso. Ela pensou que ela iria vê-lo no restaurante, mas seus horários nunca eram compatíveis. Uma semana se passou, depois outra, e de repente parecia estranho ligar para ele. Coisas demais tinham acontecido. Havia muito o que explicar.

Derrick se inclinou para mais perto, dando a Emily um olhar preocupado. — Como foi tudo com o bebê?

— Shhh. — Emily olhou em volta, com medo de que um dos pedestres da rua movimentada pudesse ouvir. — Ninguém sabe sobre isso. Especialmente os meus pais.

As sobrancelhas de Derrick se ergueram. — Você ainda não disse a eles?

Emily balançou a cabeça. — Eu não precisei.

— Então, eu acho que você não ficou com ele. — Derrick torceu sua boca. — E eu sei que você não o deu a Gayle. — Ele parecia magoado. — Sabe, eu deveria estar com raiva de você. Você me envolveu em uma merda profunda com aquela mulher.

Emily estremeceu ao som do nome de Gayle. — O que você quer dizer?

— Cerca de duas semanas depois que você me abandonou, ela me encontrou em seu jardim e me disse que você tinha dado para trás com sua palavra. Ela estava desequilibrada. Ela pensou que eu tinha alguma coisa a ver com isso, que a ajudou a fugir ou algo assim. Ela começou a atirar coisas em mim — um saco de alpiste, um ancinho, depois uma pá. Ela quebrou uma janela — foi insano.

Tentei dizer a ela que eu não tinha ideia do que ela estava falando, mas ela não acreditou em mim.

— Ele mordeu o lábio. — Eu nunca tinha visto ela assim.. violenta.

Emily cobriu a boca com as mãos. Ela pensou na última mensagem de A, que praticamente explicitou que Gayle estava procurando pela bebê. O que Gayle planejava fazer quando ela a encontrasse? Ela iria levá-la para longe dos Bakers? E exatamente que função A tinha nisso tudo?

Emily sentiu uma presença ao seu lado e olhou para cima. De pé na frente de Derrick, com um olhar estranho em seu rosto, estava Isaac. — O-oi — disse ele com cautela. Seus olhos viraram para Derrick, depois de volta para ela.

— Oh! — Emily falou um pouco alto demais. — Isaac! Hey! — Ela fez um gesto para Derrick.

— Este é meu amigo, Derrick. Derrick, este é, uh, Isaac.

Os olhos de Derrick se arregalaram. — *Isaac?* — Emily lembrou-se de uma noite do verão passado que ela tinha admitido o nome de Isaac para Derrick.

— Nós deveríamos ir — disse Emily, inserindo-se entre os dois meninos. Ela sabia que Derrick não diria nada, mas tudo isso era muito estranho.

— Devíamos terminar a nossa conversa um dia desses — Derrick disse, dando um tapinha no ombro de Emily. — Eu senti sua falta.

— Uh huh — Emily disse rapidamente, tomando o braço de Isaac e correndo pela rua. — Foi muito bom te ver, Derrick! Tchau! — Ela se sentiu mal por dispensar Derrick novamente, mas ela não se atreveu a se virar.

Eles passaram por uma loja de brinquedos retro, um banco e por uma loja com a fachada vazia antes de Isaac limpar a garganta. — Então, quem é ele?

— Derrick? — Emily falou inocentemente, empurrando-o para a sorveteria. Os sinos da porta soaram alegremente. — Oh, ele é

apenas um amigo que conheci no verão passado em Philly.

Então, ela ficou olhando penetrantemente o quadro do cardápio acima do balcão e começou a divagar. — Então, qual você vai pedir? Eu ouvi dizer que o de baunilha com cereja é muito bom. Ou, oh, olha! Rocky Road Orgânico! — Se ela continuasse falando, ela esperava, Isaac não seria capaz de falar uma palavra.

— Emily.

Ela sentiu-se culpada. Na luz brilhante da sorveteria, os olhos de Isaac pareciam mais azuis do que nunca. Ele brincou com uma pulseira de corda em torno de seu pulso. — Você tem certeza de que está bem? Você parece um pouco estranha.

— É claro que eu estou bem! — Emily disse, sabendo que sua voz soava aguda e estranha.

— Não leve a mal — disse Isaac — mas aquele cara, Derrick, fez alguma coisa com você?

Parecia que você mal podia esperar para ficar longe dele.

Emily examinou seu rosto. — Oh, meu Deus, não. — Era tão engraçado que ela começou a rir.

Se as coisas fossem simples assim.

A fila moveu-se, e Emily e Isaac se aproximaram do registro. — Eu me preocupo com você, isso é tudo. Eu não quero ver você se machucar.

Emily manteve o olhar fixo no raspador do sorvete cromo atrás do balcão, seu coração interrompido com a bondade de Isaac. Ela *queria* que ele se importasse com ela. — Ele é apenas um velho amigo que eu confidenciei muitas coisas sobre Ali — foi provavelmente isso o que você estava sentindo — disse ela hesitantemente. — Não há nada estranho acontecendo. Eu prometo.

— Você tem certeza? — Isaac perguntou, agarrando as mãos de Emily.

— Absoluta. — Ela olhou para seus dedos entrelaçados. Eles pareciam tão agradáveis juntos.

Será que as mãos da bebê pareciam uma combinação da deles? Será que a bebê tinha o sorriso de Isaac e as sardas de Emily? Um nó se formou em sua garganta.

— Ok, bem, nesse caso, há algo que eu queria te perguntar — disse Isaac, parecendo sério.

Emily engoliu em seco, de repente preocupada que ele pudesse ler seus pensamentos. — Sim?

Isaac olhou em seus olhos. — Você quer ir comigo amanhã na festa de arrecadação de fundos de Tom Marin? Parece divertido, e a empresa do meu pai não é a fornecedora do bufê.

— Oh! — Emily disse, incapaz de esconder sua surpresa. Ela planejava ir à arrecadação de fundos sozinha, especialmente porque ela só ia a fim de ajudar as meninas a roubar o celular de Gayle. Ir com Isaac seria complicado. E se Gayle dissesse alguma coisa? E se ela desse uma olhada em Isaac e soubesse que, de alguma forma, ele era o pai? Mas Isaac estava olhando para ela nervosamente, como se ele fosse ficar destruído se ela dissesse que não. E antes que ela pudesse se conter, ela deixou escapar — Sim!

— Ótimo! — Isaac disse, parecendo aliviado. — É um encontro.

Emily forçou um sorriso brilhante no rosto. Ela nunca sentiu tantas coisas ao mesmo tempo.

Estranha, definitivamente. Satisfeita, também — ela queria ver Isaac novamente. Mas ela também odiava a si mesma por tudo o que ela não estava lhe dizendo. Ela estava jogando um jogo muito perigoso.

Era a sua vez de fazer o pedido, e eles se aproximaram do balcão. Um motor de motocicleta acelerou, e ela olhou para a rua pela janela. Lá, do outro lado da larga avenida, iluminado pelo neon da Hollis Liquor Store, estava alguém em um capuz preto, olhando para ela. No começo, ela pensou que poderia ser Derrick, mas esta

pessoa era menor, mais magra. Emily se afastou de Isaac e contorceu-se em torno das mesas para olhar mais de perto, mas quando ela chegou no vidro, a pessoa já tinha ido.

22

A DECISÃO MAIS DIFÍCIL DE TODAS

Aria estava na janela da casa de Ella em Rosewood olhando para a rua escura. Ela sentiu uma mão em seu ombro e cheirava ao familiar perfume patchouli de Ella. Sua mãe usava um avental de artista respingado com tintas e pauzinhos em seu cabelo. Ela tinha recentemente conseguido inspiração para uma série de pinturas nova, e entre seu novo namorado, seu trabalho em uma galeria de arte em Hollis e seu tempo no estúdio, Aria mal a via.

— O que você e Noel planejaram para hoje à noite? — ela perguntou, empoleirando-se na poltrona paisley que ela e Byron tinham comprado em um mercado de objetos de segunda mão há um milhão de anos atrás. — É ele quem você está esperando, né?

Um nó se formou na garganta de Aria. Sinceramente, ela estava esperando que Noel não aparecesse para o seu encontro. Dessa forma, Aria não teria que romper com ele.

A mensagem de A torturou-a todos os dias, e ela tinha debatido entre dizer algo e continuar em silêncio. Se ela tivesse que manter o segredo, ela teria que terminar com ele. Por outro lado, se ela expusesse o pai de Noel, Noel iria odiá-la e, provavelmente, acabar o namoro de qualquer maneira. E como diabos A tinha descoberto? Como é que A sabia de tudo?

Aria não tinha dúvida de que A espalharia o segredo do Sr. Kahn de vestir-se com roupas de mulher, se ela não agisse logo. Já era ruim o suficiente para ela ainda sentir como se tivesse arruinado a sua própria família — ela não poderia arruinar a de Noel, também. Só que, ela poderia realmente terminar com Noel depois de tudo o que tinham passado? Ela o amava tanto.

Ela olhou para sua mãe e tomou uma respiração profunda. — Você ainda me culpa pelo que aconteceu entre você e Byron?

Ella piscou com força. — O que você quer dizer com *ainda*?

— Eu mantive isso em segredo. Se eu tivesse dito alguma coisa para você, talvez você pudesse ter. . A mãe de Aria afundou ainda mais na almofada da poltrona. — Querida, seu pai te colocou em uma posição horrível. Você nunca deveria ter tido que tomar a decisão de contar ou não contar.

Mesmo se você tivesse me dito antes, não teria mudado nada no final. Não é culpa sua. — Ela colocou a mão na coxa de Aria.

— Eu sei, mas você ficou tão brava comigo por não dizer nada — Aria murmurou. Ella a tinha chutado para fora de casa, e ela teve que ir morar com Sean Ackard, seu namorado na época.

Ella embalou uma almofada tricotada entre as mãos. — Eu não devia ter reagido assim. Eu fiquei tão surpreendida, e eu tinha que descontar em alguém. — Ela olhou para cima. — Eu sinto muito, muito, querida. Você não deve se preocupar mais com isso. Coisas acontecem. E todos nós estamos mais felizes e saudáveis, certo?

Aria concordou, sentindo um nó no estômago. — Mas se acontecesse tudo de novo, você preferiria que eu lhe dissesse antes?

Ella pensou sobre isso por um momento, correndo o dedo sobre o lábio inferior. — Talvez não — disse ela. — Eu acho que eu precisava estar no escuro, pelo menos por mais algum tempo. Eu precisava ficar forte o suficiente para saber o que eu queria e perceber que eu era capaz de viver por conta própria. Mudar para a Islândia, descobrir um novo país, realmente me ajudou, mas foi por causa de seu pai que nós fomos para lá. Então, na verdade, Aria, se eu soubesse antes, eu nunca teria tido essa experiência. De uma forma estranha, eu estou feliz por descobrir do jeito que foi.

Aria acenou com a cabeça, operando tudo isso em sua mente. — Então você está dizendo que se você sabe um segredo sobre alguém, mas você também sabe que esse alguém não está pronto para ouvi-lo, você deve mantê-lo para si mesmo?

— Eu acho que depende. — Ella franziu o cenho parecendo desconfiada. — Por quê? Você sabe de um segredo sobre alguém?

— Não — disse Aria rapidamente. — Eu só estava falando hipoteticamente.

O celular de sua mãe tocou, salvando Aria de ter que explicar melhor. Mas então ela olhou para fora da janela e viu o Escalade de Noel estacionado no meio-fio, e seu estômago se apertou. O

conselho de Ella fez todo o sentido, mas isso significava que ela tinha que romper com Noel.

Engolindo em seco, ela acenou um adeus a Ella, fechou o zíper de sua jaqueta jeans, e caminhou em direção à porta. Seu coração se partiu quando ela viu o rosto sorridente de Noel através da janela. — Você está linda, como sempre — ele sussurrou, quando ela abriu a porta.

— Obrigada — murmurou Aria, mesmo que ela estivesse usando os seus mais feios jeans e um suéter grande e volumoso que foi um dos seus primeiros projetos de tricô. Ela queria parecer tão pouco atraente quanto possível para suavizar o golpe.

— Então, aonde você quer ir? — Noel passou a marcha e se afastou do meio-fio. — Williams-Sonoma para os suprimentos de cozinha? Eu ouvi dizer que na próxima semana nós iremos fazer bolinhos popovers.

Aria olhou para os postes de luz que passavam em sua visão turva, mantendo a boca fechada.

Ela estava com medo de que se ela dissesse alguma coisa, ela explodisse em lágrimas.

— Ok, não vamos ao Williams-Sonoma — Noel disse devagar, virando o volante. — E aquele café legal que encontramos em Yarmouth? Ou hey, poderíamos voltar naquela loja psíquica perto da estação de trem. Onde tudo começou. — Ele cutucou Aria de brincadeira. Ele estava se referindo à quando eles haviam ido fazer uma sessão na loja ao mesmo tempo no ano passado.

Aria brincou com o zíper de sua jaqueta, desejando que Noel apenas ficasse em silêncio.

— Última tentativa — Noel disse alegremente. — Que tal irmos para Hollis e apenas ficarmos realmente bêbados? Jogar alguns dardos e jogar Beer Pong, agir como idiotas...

— Noel, eu não posso — desabafou Aria.

Noel chegou a parar em um semáforo ao lado de um grande shopping center. — Não pode o quê? Beber? — Ele sorriu. — Vamos lá. Eu sei que você bebia bastante na Islândia.

Ela fez uma careta. A menção da Islândia apenas torceu a boca mais dolorosamente — era mais um segredo que ela estava guardando. — Não, eu não posso fazer... *isso*. — Sua voz falhou. — Eu e você. Não está funcionando.

Um sorriso congelado apareceu no rosto de Noel. — Espere. O quê?

— Estou falando sério. — Ela olhou para os brilhantes números vermelhos do relógio no painel. — Eu quero terminar.

O sinal ficou verde e, sem palavras, Noel desviou para a outra pista e virou para o shopping center. Era um desses centros de compras monstruosos que continham uma superloja Barnes & Noble, uma Target, uma loja de vinhos do tamanho de um armazém, um monte de salões de beleza de luxo e boutiques de joias.

Noel entrou em um espaço de estacionamento, desligou o motor, e olhou para ela. — Por quê?

Aria manteve a cabeça baixa. — Eu não sei.

— Você tem que ter algum motivo. Não é Klaudia, é? Porque eu não suporto aquela garota, eu juro. — Não é Klaudia.

Noel passou as mãos sobre a testa. — Você está afim de outra pessoa? É aquele cara, Ezra?

Aria balançou a cabeça vigorosamente. — Claro que não.

— Então o que é? Me diga!

Havia uma expressão suplicante e desesperada em seu rosto. Aria usou todas as suas forças para não jogar os braços ao redor de Noel e dizer-lhe que ela não quis dizer isso, mas a mensagem de A estava marcada em sua mente. Ela não seria a responsável por destruir a família dele. Ela precisava ficar o mais longe possível de Noel. Ela era veneno para ele.

— Eu sinto muito, mas é apenas algo que eu tenho que fazer — ela sussurrou. — Eu vou passar na sua casa amanhã e pegar o material que deixei lá. — Então ela puxou a maçaneta da porta e colocou suas pernas no pavimento. O ar frio atacou seus sentidos. O aroma de pizza em um forno de tijolo flutuava em suas narinas, revirando seu estômago.

— Aria. — Noel inclinou-se e pegou o braço dela. — Por favor. Não vá. — Aria reprimiu as lágrimas, olhando fixamente para o compartimento de carrinho de compras.

— Não há mais nada a dizer — disse ela em uma voz morta. Então ela pulou para fora do carro, bateu a porta com força, e começou a andar às cegas para a loja mais próxima, uma Babies “R” Us. Noel chamou o nome dela várias vezes, mas ela continuou andando, olhando para suas botas, inspirando e expirando, e garantindo que nenhum carro passasse por cima dela. Finalmente, o motor do Escalade soou, e o SUV deu ré e acelerou em direção à saída.

Beep.

O celular de Aria soou do fundo de sua bolsa. A tela se iluminou quando ela puxou-o para fora.

Havia uma nova mensagem de texto.

Parabéns, Aria. Sem sofrimento, não há ganho, certo?
Mwah! —A Aria jogou seu celular de volta na bolsa severamente. *Você ganha, A,* pensou ela, piscando através das lágrimas. *Você ganha cada maldita vez.*

Ela estava na calçada da Babies “R” Us agora. Um carrinho em exibição tomava toda a vitrine, e banners de bebês felizes rindo decoravam a loja. Mulheres grávidas cruzavam os corredores, comprando mamadeiras, macacões personalizados e fraldas. Toda a felicidade que ela viu parecia como um chute em seu estômago. Ela sentiu vontade de bater um carrinho de compras contra a janela e ver o vidro quebrar em volta da cena feliz.

As portas automáticas se abriram, e uma mulher em um casaco de lã preto de aparência cara empurrou um carrinho cheio de sacolas de compras para baixo da rampa. Ela parecia tão feliz quanto as outras, mas havia algo em sua expressão que parecia um pouco tensa. Aria olhou com mais atenção, e sua pulsação acelerou.

Era Gayle. Mas o que ela estava fazendo aqui? Estocando coisas para quando ela sequestrasse o bebê de Emily?

Sem quebrar seus passos, Gayle encontrou o olhar de Aria. Suas sobrancelhas se ergueram, e ela piscou, parecendo satisfeita consigo mesma.

Provavelmente porque tinha sido ela quem tinha escrito a mensagem exigindo que Aria e Noel terminassem. Provavelmente porque ela viu o rosto de Aria cheio de lágrimas agora e entendeu que Aria tinha ido até o fim.

Porque ela era A, e ela estava comandando tudo.

23

ALMOÇO DE SENHORITAS

Spencer tocou a campainha da Casa da Ivy, depois recuou e examinou seu reflexo no vidro ao lado da porta. Era uma tarde de domingo e, poucos minutos depois de Harper ter dito para ela chegar ao potluck, ela ficou pronta. Ela conseguiu escovar seu cabelo com um secador de cabelo de má qualidade do motel e tinha feito a maquiagem no espelho quebrado. Ela tinha usado o ferro para tirar os amassados do vestido que ela tinha trazido e, o mais importante, ela estava segurando três panelas de pegajosos brownies de chocolates com maconha em suas mãos. A porta se abriu, e Harper, usando um vestido de bolinhas e saltos altos de couro, deu-lhe um sorriso frio. — Oi, Spencer. Você veio.

— Sim, e eu trouxe brownies. — Spencer ofereceu as panelas de alumínio. — Duplo de chocolate. — Com uma pitada de maconha, ela quis acrescentar. Harper parecia satisfeita. — Brownies são perfeitos. Vamos entrar.

Spencer imaginou que o potluck fosse ter apenas sobremesas — brownies com maconha, especificamente. Mas quando Harper levou-a para uma enorme cozinha moderna, com um enorme forno Wolf de oito bocas, uma geladeira grande e uma ilha maior do que a mesa da sala de jantar dos Hastings, ela viu vários tipos de pratos à disposição. Caçarolas com quinoa. Quiche. Ziti cozido com o vapor saindo da bandeja. Havia uma grande tigela de ponche cheia com um líquido avermelhado com pedaços de maçã flutuando em cima. Havia um prato com queijos Brie, Manchego e Stilton.

Ela ficou boquiaberta com a abundância. Como todos conseguiram contrabandear drogas para tudo isso? Tinha sido uma luta para Spencer simplesmente assar os brownies; o forno da cozinha do motel tinha sido uma dádiva de Deus. De noite, ela implorou ao cara de plantão na recepção para deixá-la usar a cozinha, ela misturou a massa do brownie em sua tigela e despejou

a maconha no último minuto. Ela tinha adormecido no sofá do lobby, enquanto eles cozinhavam, acordando apenas com o apito sonoro. Ela não tinha ideia se eles tinham ficado bons ou não, mas não importava — ela os tinha feito.

As palavras de desaprovação de Reefer passaram por sua cabeça. *Você realmente precisa de um clube estúpido para te dizer que você é legal?* Mas ele provavelmente disse todas essas coisas depreciativas sobre o clube da Ivy porque ele sabia que nunca iria entrar em algo tão prestigioso.

Perdedor.

— Pratos e talheres ali. — Harper apontou para uma mesa.

Spencer caminhou até a comida, espantada por cada item ter uma substância ilegal. Ela não queria comer nada. Ela murmurou algo sobre não estar com fome e seguiu Harper para a sala. A sala estava cheia de rapazes bem vestidos com gravatas e calças cáqui e meninas em vestidos. Uma música clássica tocava no fundo, e uma garçonete estava vagando com taças de mimosa. Spencer ouviu conversas sobre um compositor que nunca tinha ouvido falar, natureza versus criação, a política externa do Afeganistão e férias em St. Barts. Era por isso que ela queria pertencer a Ivy, todo mundo parecia inteligente, bem informado e adulto conversando sobre assuntos complexos.

Que se dane Reefer e sua atitude condenatória.

Harper se juntou a Quinn e Jessie. As meninas olharam para Spencer com surpresa, mas depois deram-lhe um sorriso cauteloso e um olá cordial. Todo mundo sentou em um sofá de couro e retomou a conversa sobre uma menina chamada Patricia, aparentemente, seu namorado a tinha engravidado durante o feriado.

— Ela vai ter o bebê? — Harper perguntou, espetando com um garfo a salada de macarrão.

Jessie deu de ombros. — Eu não sei. Mas ela morre de medo de dizer aos pais. Ela sabe que eles vão pirar.

Quinn balançou a cabeça com simpatia. — Os meus também iriam.

Era desconcertante que as meninas estivessem falando sobre uma questão que estava tão perto da compaixão de Spencer. Enxergando a situação de Emily objetivamente, era uma loucura que Emily houvesse escondido a gravidez de quase todos que ela conhecia. Era ainda mais louco que ela tivesse tirado o bebê do hospital e o deixado na porta de alguém. E ainda pior, A — Gayle — havia descoberto exatamente o que aconteceu. Gayle iria contar? Não só isso, mas tudo o que elas tinham feito?

Ela olhou para o prato vazio, desejando ter algo para fazer com as mãos.

— Spencer, eles estão muito bons — disse Harper, apontando para um brownie que ela tinha pego de uma das panelas de Spencer. — Experimente.

Ela empurrou o brownie em direção à boca de Spencer, mas Spencer recuou. — Eu não quero não. — Por quê? Eles são incríveis!

Quinn estreitou os olhos. — A menos que você também seja anti-açúcar?

As meninas estavam todas olhando para ela tão interrogativamente que Spencer começou a se sentir insegura. Ela se perguntou se comer era um requisito, como um rito de passagem do clube da Ivy. Talvez ela não tivesse escolha. — Obrigada — ela disse, aceitando uma mordida. Harper estava certa: o brownie estava pegajoso e delicioso, e Spencer nem sentiu o gosto da maconha. Seu estômago roncou em resposta, ela não tinha comido desde a noite passada. Um pouco de brownie não faria mal, certo?

— Ok, você me convenceu — Spencer disse, levantando do seu assento para pegar um brownie para si mesma.

Quando ela voltou, depois de ter comido quase todo o brownie no momento em que se sentou novamente, as meninas estavam falando que elas queriam fazer um filme para entrar no concurso

Cinema dos Alunos da Princeton. — Eu quero fazer um sobre brinquedo, assim como Charles e Ray Eames fizeram — disse Quinn.

— Eu estava pensando em fazer um filme sobre Bethany. Lembra que eu disse a vocês sobre ela? A menina bem gorda que sentava na minha frente na aula de Introdução à Psicologia? — Jessie revirou os olhos. — Ele poderia ser chamado de *A Menina Que Come Donuts*.

Spencer deu uma mordida no brownie quadrado e desejou ser corajosa o suficiente para dizer a Jessie que ela não era exatamente esbelta. Por alguma razão, a palavra esbelta de repente lhe pareceu engraçada. As sardas nas bochechas enormes de Jessie também eram um pouco engraçadas. Jessie olhou para ela de forma estranha. — O que foi?

— Uh, eu não sei — Spencer disse, dando outra mordida no brownie. Algumas migalhas caíram em seu colo, elas pareciam com cocô de um rato-do-deserto. Ela começou a rir de novo.

Harper levantou-se, dando a Spencer um olhar de *você está totalmente estranha*. — Eu vou pegar outro brownie. Meninas, vocês querem?

— Traga um pra mim — disse Quinn. Jessie pediu um também.

Os brownies. Foi por isso que Spencer achou tudo muito engraçado. Ela só tinha fumado maconha duas vezes, ambas as vezes nas festas na casa de Noel Kahn, mas as sensações familiares a invadiram novamente. Sua pulsação diminuiu. Seu jeito normalmente obsessivo começou a desaparecer. Ela se inclinou para trás e sorriu para os adolescentes bonitos ao redor dela, maravilhada com seus vestidos coloridos brilhantes e suas gravatas de seda. Suas pálpebras estavam pesadas e seus membros relaxaram no sofá.

De repente, ela despertou. Um casal estava se pegando no outro lado da sala, com as mãos um sobre o outro, suas línguas se debatendo. Outro casal estava se beijando perto do piano de cauda.

Eles estavam tão perto do piano que estavam inclinados sobre as teclas, os tilintares das teclas ressoando. Havia um grupo de adolescentes olhando para um copo no armário de vidro, comentando sobre o quão incrível eram os desenhos do copo. Quinn estava de pé na porta, contando uma história de que sua empregada sempre falava *doto lado* ao invés de *do outro lado* em uma voz esnobe e do tipo as-pessoas-da-limpeza-são-cidadãos-de-classe-baixa. Os olhos de Jessie estavam vidrados e vermelhos e ela estava balançando suas unhas na frente do seu rosto como se elas fossem incríveis.

Spencer esfregou os olhos. Por quanto tempo ela ficou desacordada?

— Correr pelado! — Alguém gritou, e um cara usando um gorro da Princeton e nada mais, correu pela sala com um brownie meio comido em sua mão. Um casal de adolescentes tirou suas roupas e caminhou pelo corredor.

Harper apareceu acima de Spencer e a levantou. — Vamos participar, dorminhoca!

Spencer desajeitadamente tirou seu vestido de algodão pela cabeça, sentindo-se nua com sua roupa íntima. Elas seguiram vários estudantes para a biblioteca, a sala de jantar e depois a cozinha.

Havia panelas e caçarolas espalhadas pelo chão da cozinha, uma bandeja de nachos virada sobre a mesa e, por algum motivo, um rolo de papel higiênico estava amarrado em torno do lustre da ilha de preparar comida. Sua panela de brownies estava quase vazia. Spencer pegou o último quadrado e colocou na boca.

Quando elas voltaram para a sala, mais adolescentes estavam namorando e um grupo estava jogando uma versão de Strip Twister, usando o grande tapete do centro da sala como se fosse o tapete do jogo. Spencer caiu para trás no sofá. — Sou só eu, ou essa festa de repente ficou selvagem?

— ela perguntou a Harper.

— Não é incrível? — Os olhos de Harper brilharam. — Todo mundo está voando alto, certo?

Uh, não era esse o objetivo? Spencer queria dizer, mas Harper tinha se virado e estava olhando pela janela. — Ei, você sabe o que eu quero fazer? — ela disse, excitada. — Fazer para mim um vestido de cortina como a Scarlett O'Hara fez em *E o Vento Levou!*

Ela subiu no parapeito da janela e arrancou as cortinas dos varões antes que alguém pudesse impedi-la. Em seguida, pegou um abridor de cartas da mesa próxima e cortou o tecido em tiras longas. Spencer meio riu, meio estremeceu. Provavelmente, aquelas eram cortinas antigas e valiosas.

Quinn pegou seu celular. — Que incrível. Isso deveria ser o nosso filme para a competição!

— E eu quero que todas sejam as estrelas! — Harper disse desmazeladamente, tropeçando nas sílabas. Ela olhou para Spencer. — Você pode nos gravar no seu celular?

— Okay — disse Spencer. Ela clicou na função de vídeo em seu iPhone e começou a gravar.

Harper puxou mais para baixo a cortina e arrancou a espuma das almofadas do sofá de couro, parecendo enlouquecida.

— Yeah! — Daniel, o garoto que tinha dado a festa da sexta-feira, pegou uma faixa de tecido da cortina e envolveu-a em torno do seu corpo nu — ele fazia parte do grupo de pelados — como um manto. Outros caras seguiram o exemplo, e todos eles caminharam em círculos cantando *Man-to!*

Man-to! Man-to!

Quando o grupo foi embora, Spencer teve um vislumbre de um cara com um cabelo escuro e comprido. Era Phineas? Ela não o tinha visto desde antes do seu encontro com os policiais da Penn no ano passado. Mas quando ela piscou, ele desapareceu, como se nunca tivesse estado lá. Ela apertou os dedos na têmpora e massageou lentamente em círculos. Ela estava tão drogada.

Spencer se virou para Harper. Aparentemente, ela tinha cansado de arruinar as cortinas e estava agora deitada no tapete, com as pernas no ar. — Eu me sinto tão.. viva — ela falou emocionada. Então, ela olhou para Spencer. — Hey. Eu tenho algo para te dizer. Sabe aquele cara, Raif, Reefer? Ele tem uma queda por você.

Spencer gemeu. — Que perdedor. Como ele entrou na Princeton, afinal? Ele é um estudante de legado?

Os olhos de Harper se arregalaram. — Você não sabe?

— Sabe o que?

Harper colocou os dedos nos lábios e riu. — Spencer, Reefer é tipo um gênio. Como Einstein.

Spencer riu. — Uh, eu acho que não.

— Não, eu estou falando sério. — De repente Harper parecia totalmente sóbria. — Ele tem uma bolsa de estudos integral. Ele inventou um processo químico que, tipo, converteu plantas em energia renovável realmente mais barata. Ele recebeu um Grant Genius MacArthur.

Spencer bufou. — Hum, nós estamos falando da mesma pessoa?

A expressão de Harper ainda estava séria. Spencer se inclinou para trás em seus cotovelos e deixou isso entrar em sua mente. Reefer era.. inteligente? Ridiculamente inteligente? Ela pensou no que ele tinha dito ontem em sua casa. *Não julgue um livro pela capa.* Ela começou a rir. As risadas vieram tão rápidas e furiosas que lágrimas começaram a cair dos seus olhos e ela mal pôde respirar.

Harper começou a rir também. — O que é tão engraçado?

Spencer balançou a cabeça, sem ter certeza. — Eu comi muitos brownies com maconha, eu acho. Eu estou fora de mim.

Harper fez uma careta. — Maconha nos brownies? Onde?

Os músculos da boca de Spencer pareciam inchados e soltos. Ela examinou Harper cuidadosamente, perguntando-se se isso também

era uma alucinação. — Eu cozinhei a maconha nos brownies que eu trouxe — ela disse em uma voz isso-é-tão-óbvio.

A boca de Harper formou um O. — Fala sério — ela sussurrou, batendo na mão de Spencer. — Essa foi a melhor ideia do mundo. — Ela começou a rir pra valer. — Por isso eu estou me sentindo tão animada! E eu pensando que alguém tinha colocado absinto no ponche!

Spencer riu nervosamente. — Bem, não foi necessariamente os meus brownies, não é? — Harper tinha comido todos os outros pratos, afinal. Quem sabia o que eles haviam colocado neles.

Quando ela percebeu o olhar perplexo no rosto de Harper, tudo virou de cabeça para baixo.

Talvez nenhum dos outros pratos tivesse substâncias ilegais dentro deles. E se foram os brownies de Spencer que fizeram todo mundo ficar tão louco?

Ela olhou ao redor da sala. Em um canto, uma menina estava alimentando outra garota com um pedaço de algo gosmento parecido com um brownie. Dois caras perto da janela devoravam os brownies como se eles fossem a última refeição deles. Os brownies estavam por toda parte. Em pratos deixados em mesas de centro. Nas mãos das pessoas enquanto bebiam um gole de ponche.

Nas bochechas, debaixo das unhas e colados nas fibras do tapete. Uma bandeja comida pela metade estava na mesa de café. Outra bandeja estava equilibrada sobre o radiador. Spencer olhou para a cozinha. Suas três panelas de brownies ainda estavam lá com os fundos raspados. Mais alguém tinha trazido brownies ou ela tinha trazido cinco em vez de três? Sua mente parecia tão nublada que ela não conseguia pensar em nada com clareza.

Sua pele se arrepiou. Harper pareceu feliz com a brincadeira dos brownies com maconha. Mas uma coisa era os brownies dela serem os únicos alimentos ilegais da festa e outra era essa droga secreta fazer todo mundo agir insanamente.

As paredes pareciam estar se fechando sobre ela. — Eu já volto — ela murmurou para Harper, se esforçando para ficar em pé. Ela desviou de um grupo de garotos fazendo anjos de neve no tapete e dois caras duelando com espadas antigas que antes estavam nos ganchos da parede, e pegou seu casaco de uma pilha perto da cozinha. À sua frente estava uma porta grande que dava para o quintal, ela empurrou-a e ficou no ar fresco do final do inverno. Para sua surpresa, apenas uma faixa fina de sol brilhava pelas árvores. Horas devem ter se passado desde que ela chegou.

Spencer saiu do pátio, aspirando profundamente o ar frio. Os edifícios universitários brilhavam no horizonte. Um outdoor cortava o céu, com uma imagem de um bebê recém-nascido e as palavras ESCOLHA O HOSPITAL DA PRINCETON PARA OS SEUS MOMENTOS MAIS PRECIOSOS.

Isso fez Spencer pensar no dia em que ela se encontrou com Emily no hospital para a cesariana. No momento em que ela chegou lá, ainda desconcertada com a novidade de Emily, Aria e Hanna estavam de pé ao lado dela. A mandíbula de Spencer caiu quando ela olhou para a barriga inchada de Emily. Seu coração acelerou quando viu a imagem imprecisa do bebê na tela do monitor fetal ao lado da cama de Emily. Era verdade.

— Emily? — Uma enfermeira disse, colocando a cabeça dentro do quarto. — Eles estão prontos para você. É hora de ter o seu bebê.

Não havia dúvida de que Spencer e as outras estariam ali para a cirurgia de Emily. Elas vestiram as roupas hospitalares azuis e seguiram a maca até uma sala de operação. Emily estava pirando, mas as três seguraram suas mãos o tempo todo, dizendo que ela era forte e incrível.

Spencer não teve coragem de brechar pela cortina para ver o obstetra cortando a barriga de Emily, mas em poucos minutos, ele soltou um grito feliz. — Uma menina saudável!

O médico levantou uma criaturinha minúscula e perfeita sobre a cortina. Ela tinha a pele vermelha, enrugada, minúsculos olhos

fechados e uma grande boca que gritava. Lágrimas rolaram nos olhos de todas elas. Era incrível e triste, tudo ao mesmo tempo. Elas apertaram as mãos de Emily com força, gratas por elas terem compartilhado isso com ela.

Felizmente, o bebê não precisava ficar na UTI, o que significava que as meninas poderiam continuar seus planos de tirarem a mãe e o bebê do hospital na mesma noite. À meia-noite, quando houve uma mudança de turno da enfermeira, as meninas ajudaram Emily a sair da cama e vestir suas roupas. Elas vestiram o bebê tão silenciosamente como puderam e na ponta dos pés saíram do quarto de Emily. A maternidade estava silenciosa e imóvel. As enfermeiras supervisionavam os recém-nascidos do berçário. Quando um médico dobrou no corredor, Spencer o distraiu pedindo instruções para o refeitório. As outras levaram Emily e o bebê para o elevador. Quando elas chegaram ao térreo, ninguém olhou para elas duas vezes.

Elas foram até a garagem, as luzes da Filadélfia brilhando ao seu redor. Mas, quando elas estavam entrando no carro de Aria, um movimento detrás de uma das vigas de concreto chamou a atenção de Spencer. Nervos correram através de sua barriga. Tirar um bebê do hospital antes de ter alta era ilegal? Ela ficou imóvel por alguns momentos, à espera de alguém aparecer, mas ninguém o fez. Ela supôs que estava apenas cansada, mas agora ela não tinha certeza. Talvez A tenha estado lá.

Talvez A tenha visto tudo.

Snap.

Spencer voltou ao presente com um sobressalto. Árvores escuras a cercavam. Ramos arranhavam sua pele. A casca das árvores em espiral tinha uma forma psicodélica; as estrelas estavam enormes e chamativas no céu como uma pintura de Van Gogh. O que diabos tinha nessa maconha, afinal? Houve um som de alguém andando pelas folhas. Spencer esfregou os olhos. — Olá?

Quem está aí?

Nenhuma resposta. Os sons de folhas esmagadas ficaram mais e mais altos. Spencer piscou, procurando o caminho de volta para a Casa da Ivy, mas sua visão estava distorcida e embaçada. — Olá — ela gritou de novo.

Uma mão bateu no ombro dela e ela gritou. Ela agitou os braços, tentando ver quem era, mas seus sentidos estavam muito confusos e a noite muito escura. Suas pernas cederam sob ela e ela se sentiu caindo, caindo e caindo. A última coisa que ela se lembrava era de ter visto uma forma escura de pé ao lado dela, olhando. Talvez querendo machucá-la. Talvez querendo se livrar dela para sempre.

E então, tudo ficou escuro.

HANNA FAZ SEU JOGO

Hanna sabia que deveria estar na limusine com seu pai, Isabel e Kate, para ir à arrecadação de fundos e não equilibrada em seus saltos plataforma Louboutin de dez centímetros do lado de fora da casa vitoriana familiar em Old Hollis que era o estúdio de fotografia Jeffrey Lebreque. Mas aqui estava ela, goste ou não. Pronta para se livrar de Colleen de uma vez por todas.

A luz da varanda estava acesa, lançando luz dourada no rosto profissionalmente maquiado de Hanna. A janela da sala da frente também estava toda iluminada, o que significava que o fotógrafo estava em casa. Pouco antes de Hanna subir os degraus, seu celular tocou. Era Richard, um dos assistentes da campanha do pai dela. *Só queria que você soubesse que o banco de dados do registro eleitoral foi ativado*, escreveu.

Perfeito, Hanna respondeu. Isso significava que ela poderia pesquisar para onde os Bakers tinham se mudado. O site tinha sido desativado e ela teve que recorrer a Richard para perguntar sobre isso, mas ela não se atreveu a pedir a ele para pesquisar sobre a família.

Então, ela ergueu os ombros e tocou a campainha. Houveram passos, a porta se abriu e o mesmo homem grisalho que ela tinha visto no dia anterior atendeu.

— Olá? — Jeffrey Lebreque olhou para Hanna de cima a baixo, para seus cachos grandes em seu cabelo, seu vestido de chiffon azul escuro e para sua pele de marta falsa em torno dos seus ombros que ela havia escolhido para o baile. Havia um gigante anel de ouro no dedo mindinho dele e os dois primeiros botões de sua camisa estavam desabotoados, expondo um pouco do cabelo do peito. *Eca*.

— Oi! — Hanna disse animadamente. — Você é o Sr. Lebreque?

— Isso mesmo. — O homem franziu o cenho. — Nós marcamos uma hora?

— Na verdade, eu estou aqui para pegar as fotos de Colleen Bebris. — Hanna disse com sua voz mais inocente, batendo os cílios para ele. — Eu sou a melhor amiga dela, ela me pediu para pegar as fotos. Ela está fazendo aula de ginástica. Ela é dançarina, você sabia?

O fotógrafo fez uma careta. — Eu não tenho certeza de que posso fazer isso. A Srta. Bebris não disse que alguém vinha buscá-las. Talvez eu devesse ligar para ela. — Ele enfiou a mão no bolso da camisa e tirou um celular.

— Não precisa! — Hanna disse rapidamente, pegando seu próprio celular e mostrando a ele uma mensagem na tela. — Viu? — O remetente era Colleen Bebris, e a mensagem perguntava se Hanna poderia pegar as fotos dela. É claro que não era realmente de Colleen — Hanna tinha usado o celular da mãe dela para enviar a mensagem, mudando temporariamente as informações de contato de sua mãe para o nome de Colleen.

Jeffrey Lebreque leu a mensagem e suas sobrancelhas de lagarto se juntaram. — Tem também a questão do pagamento.

— Oh, ela me disse para pagar por ela e ela me paga depois. — Hanna aumentou a voz, ainda bem que ela havia pensado em assaltar sua caixa de sapatos com seu dinheiro para emergências antes de vir.

O fotógrafo observou Hanna e, por um momento, ela ficou com medo de que ele fosse chamá-

la de mentirosa. Mona-como-A e a Verdadeira-Ali-como-A ficavam preocupadas quando se escondiam, roubavam e mentiam para descobrir informações sobre os segredos bombásticos de Hanna e das outras? Era errado da parte dela fazer isso? Ela não estava arruinando a vida de Colleen, no entanto. Tudo o que ela queria era o namorado dela de volta.

— Siga-me — o Sr. Lebreque disse, ele se virou, caminhou pelo corredor e foi para o seu estúdio. Slides e fotos impressas cobriam uma mesa de trabalho e uma grande tela de monitor da Apple

brilhava no canto. Um gato branco peludo caminhava preguiçosamente pelo lugar e um tecido calico estava preso no parapeito da janela. O lugar cheirava a uma mistura de poeira e areia de gato, ele foi projetado de um jeito que Hanna não conseguiria explicar direito. Ela procurou por sinais indicando que esse cara estava realizando uma operação pornô secreta na internet, embora ela não estivesse inteiramente certa do que ela deveria procurar. Revistas da Playboy? Cortinas para escurecer as janelas? Bottles of Cristal, aquilo que eles bebiam nos cliques de hip-hop?

O Sr. Lebreque se arrastou até uma mesa no fundo do estúdio, vasculhou uma pilha de envelopes e pegou um. — Eu imprimir essas hoje. Diga a Colleen que eu imprimir todas elas, assim como ela pediu, mas se ela quiser cópias, vai custar mais caro. — Ele digitou alguns números em uma calculadora. — Então... custou 450 dólares.

Hanna rangeu os dentes. Colleen não poderia ter escolhido um fotógrafo um pouco mais barato? Relutantemente, ela trocou o dinheiro pelo envelope de fotos, deu adeus ao fotógrafo e saiu correndo do apartamento o mais rápido que pôde. Seus olhos estavam começando a coçar por causa do pêlo do gato.

O celular dela tocou quando ela pisou na varanda, mas era apenas o pai dela — ele, Isabel e Kate já estavam no evento e ele estava perguntando onde Hanna estava. *Já estou chegando*, Hanna digitou antes de deslizar seu celular em sua bolsa e excitadamente rasgar o envelope. Ela se perguntou se as várias As também se sentiam assim quando estavam com informações valiosas em suas mãos. Havia algo satisfatório nisso.

Ela olhou para a pilha de fotos sob a luz da rua. A primeira era de Colleen com um aspecto jovem e saudável e oh-tão-doce, como uma atriz em um programa da Disney Channel. As próximas fotos eram praticamente do mesmo jeito, apenas com expressões faciais e ângulos da câmera um pouco diferentes. Hanna folheou a pilha, olhando para Colleen parecendo eufórica, pensativa e então estudiosa. Antes que percebesse, Hanna estava olhando para a última foto, uma foto de Colleen piscando para a câmera sobre seu

ombro. Ela folheou-as mais uma vez, apenas para ter certeza de que não tinha deixado de ver nenhuma, mas ela tinha visto todas.

Eram exatamente as mesmas fotos que ela tinha visto pela janela no dia anterior. Nenhuma era de uma sessão de fotos anterior, nada que ela não tenha visto. Todas eram totalmente puras e profissionais e, pior, Colleen parecia realmente incrível em muitas delas, muito mais fotogênica do que Hanna. Hanna chutou o poste de luz. Por que diabos A tinha dito a ela para seguir essa estúpida pista? Só para brincar com ela? Para ela perder dinheiro? Ela deveria ter imaginado que A iria ferrá-la com ela e não ajudá-la.

Alguém do outro lado da rua tossiu e Hanna ficou ereta. Era apenas um casal de idade universitária andando de mãos dadas pela calçada, mas ela se sentiu nervosa do mesmo jeito. Ela caminhou até seu Prius com seus tornozelos já doendo, abriu a porta, e jogou o envelope dentro do carro com tanta força que ele bateu na porta e caiu nos pés dela. Gemendo, ela deslizou para o banco do motorista e estendeu a mão para pegar, mas ela agarrou o lado errado e todas as fotos caíram no chão.

— Droga. — Hanna se inclinou e empurrou de novo as fotos de volta para o envelope pequeno. Seus dedos roçaram algo atrás da última foto. Isso não era liso como as fotos, era mais parecido com um pedaço de papel de computador.

Ela tirou o papel do envelope e segurou-o sob a luz. *Colleen Evelina Bebris*, dizia no início em uma fonte simples, listando o endereço, o e-mail, o nome, o Twitter e o blog dela. Abaixo disso havia algo que parecia ser uma lista. *Experiência teatral*, dizia em negrito. Havia descrições dos diversos jogos escolares que Colleen havia participado e sua participação em Macbeth na semana passada.

Era um currículo, presumivelmente para as audições de Colleen. *Tedioso*.

Então, alguma coisa no final chamou sua atenção. *Experiência comercial*, um título dizia. Havia apenas um registro abaixo do título.

Visiem Labak, Letônia, dizia. *Papel principal no comercial da Letônia para um importante suplemento alimentar*. De acordo com o currículo, o comercial tinha sido produzido no ano passado no canal de TV mais popular da Letônia.

Vasculhando sua bolsa, Hanna pegou o celular e discou *Visiem Labak* no Google. *Tudo de bom*, uma tradução apareceu. Vários sites, que ela supôs serem da Letônia, também apareceram na tela, alguns mostravam uma pessoa sorrindo e tomando iogurte. Um link do YouTube apareceu na parte inferior da primeira página de pesquisa. *Comercial Visiem Labak*, dizia. E ainda havia uma foto do rosto de Colleen.

Hanna clicou no link. O comercial começou com três garotas sentadas em torno de uma mesa tomando café da manhã, bebendo café e rindo. Então, a câmera focou em Colleen, que falava algo em uma língua que Hanna não podia sequer começar a decifrar, em seguida, ela abraçou seu estômago. As outras meninas entregaram-lhe um copo de iogurte e Colleen começou a tomar com vontade. Depois disso, Colleen se trancou no banheiro de uma cafeteria, colocando uma placa que certamente era OCUPADO em letão. Uma música animada, cantada em letão, tocava. Então, Colleen saiu do banheiro com um olhar vitorioso. Ela segurava um pote de iogurte e tinha um sorriso maníaco. O comercial terminou com outro gole do iogurte.

— Oh. Meu. Deus — Hanna sussurrou. Esse era exatamente como aqueles comerciais estúpidos que Jamie Lee Curtis induzia Activia para mulheres inchadas e com prisão de ventre. E

aqui estava Colleen, interpretando a menina letã que precisava de um iogurte laxante para voltar a ser regular novamente. Não é de se admirar ela não ter se gabado disso. Hanna supôs que ela não tinha contado a ninguém.

— Yeah — ela sussurrou, colocando o currículo e o envelope no porta-luvas. Depois que tudo isso acabasse, ela iria cobrar a Colleen

pelas fotos, se ela ainda quisesse. Hanna não precisava mais delas. Essas fotos não eram interessantes. Mas um determinado vídeo era.

SEGREDOS, ABERTOS E OCULTOS

Quando o sol se punha, Aria estava dirigindo pela entrada circular da casa de Noel e desligando o motor. A casa estava escura, com apenas uma das luzes da varanda acesa. Ela verificou a mensagem em seu celular novamente. *Venha às seis*, Noel tinha dito — e eram seis em ponto.

Ela saiu do carro e caminhou em direção à porta, tendo cuidado para não tropeçar em seus saltos altos. Ela iria para a festa de arrecadação de fundos do Sr. Marin depois disso, um evento que ela e Noel deveriam participar juntos. Obviamente, isso não iria mais acontecer. Aria não tinha certeza se Noel estava planejando ir mesmo assim. Um monte de garotos de Rosewood Day estaria lá, afinal de contas.

Soaram passos do lado de dentro depois que ela tocou a campainha. Noel abriu a porta silenciosamente, sem olhar nos olhos dela. Aria quase engasgou com a sua aparência. Seu rosto estava inchado e vermelho e seus olhos injetados de sangue. Seu cabelo parecia que não tinha sido lavado de manhã, e ele estava com uma aparência exausta, suas pálpebras pareciam pesadas como a de alguém que não tinha dormido.

— Eu vou pegar as suas coisas — disse Noel rudemente, virando e indo em direção à sala. Aria o seguiu. A casa estava estranhamente calma e tranquila, sem TVs ligadas, sem música tocando e sem o zumbido alegre de Patrice na cozinha.

— Onde estão todos? — Ela perguntou.

Noel fungou, andando com dificuldade até uma caixa de papelão que estava em cima do sofá.

— Minha mãe foi para aquela arrecadação de fundos. Meu pai está. . em algum lugar. — Ele olhou para ela. — Por que você se importa, afinal?

Aria estremeceu. Era estranho ver Noel irritado, especialmente com ela.

— Eu estava só puxando papo — ela disse timidamente. Ela pegou a caixa e levantou-a em seus braços. — Eu já vou, ok?

— Isso provavelmente é uma boa ideia — Noel rosnou.

Mas então, sem jeito, ele engoliu em seco. Aria virou-se e encontrou seu olhar. Ela olhou para ele por um longo momento, tentando transmitir que romper com ele era a única maneira de fazer as coisas ficarem bem.

Noel olhou para longe. — Eu vou te acompanhar para fora — disse ele, dirigindo-se para as escadas. Ele segurou a porta aberta para ela, e Aria murmurou um tchau e saiu. Quando ela pisou para fora do alpendre, a caixa escorregou de sua mão e caiu no caminho de tijolos. Ela arrastou-se para pegar os CDs, livros e camisetas derramados, e então sentiu uma mão em seu braço.

— Aqui. — Noel inclinou-se, sua voz suavizada. — Eu faço isso.

Aria lhe permitiu recolher suas coisas e carregá-las de volta para a caixa. Quando ela se levantou, viu algo se mover na parte de trás da propriedade dos Kahns. Alguém estava se escondendo em torno da casa de hóspedes. De primeira, ela temia que fosse A, mas então um foco de luz irradiou para baixo sobre o penteado alto da figura loira em um vestido com babados e saltos altos desajeitados.

A figura virou-se na luz, revelando seu rosto. Aria ficou tensa. Não era a Sra. Kahn.. era o pai de Noel. Vestido de drag. Em casa.

Aria engasgou antes que ela pudesse parar a si mesma e, como se estivesse em câmera lenta, viu a cabeça de Noel virar na direção que ela estava olhando.

— Não! — ela gritou, se jogando na frente de Noel para obstruir sua visão.

— O que você está fazendo? — Noel perguntou.

— Hum, eu estava. . — Aria olhou por cima do ombro. O Sr. Kahn já tinha ido. — Eu, hum, pensei que eu tinha visto um morcego descendo para sua cabeça.

Noel olhou para ela como se ela fosse louca. Alguns longos e tensos segundos se passaram.

Encolhendo os ombros, ele ajudou a colocar as coisas de Aria na parte de trás de seu carro, em seguida, virou-se para a casa. Ao mesmo tempo, a porta da frente se abriu. O Sr. Kahn tinha chegado através da casa e foi para a porta da frente, e agora ele estava na varanda em seu batom e vestido.

Ele olhou para Noel, então para Aria. O sangue drenou-se de seu rosto.

— P-pai — Noel gaguejou.

— Oh — ele resmungou, sua voz rouca e profunda. — Eu-eu pensei que ninguém estava em casa. O Sr. Kahn deu uma meia-volta e marchou de volta para dentro da casa. Aria cobriu o rosto com as mãos. Mas, surpreendentemente, Noel não estava fazendo nenhum barulho. Nem suspiros, nem surtos violentos, nada.

Ela olhou para ele através de seus dedos. Em vez de olhar para a porta da frente, pela qual o Sr. Kahn tinha acabado de passar, ele estava boquiaberto para ela.

— Você bloqueou minha visão — disse ele. — Você estava tentando me impedir de ver o meu pai, não é?

Aria mudou seu peso. — Bem, sim.

Noel estudou-a por um longo tempo. Seus olhos se arregalaram. — Você sabia, não é? Antes de agora, quero dizer. Você sabia que meu pai gosta de vestir... *isso*. E você pensava que eu não sabia.

Você estava escondendo isso de mim.

Aria sentiu um calor rastejar para suas bochechas. — Não é desse jeito! — ela exclamou.

Então, ela deu um passo atrás. — Espere. Você sabia?

— Bem, sim. Eu sei há anos. — Os olhos de Noel chamejaram. — Há quanto tempo você sabe?

O queixo de Aria tremeu. — Apenas alguns dias. Eu vi o seu pai no Fresh Fields na semana passada. Eu tinha medo de te dizer.

— Então você decidiu terminar comigo em vez disso? — A boca de Noel estava apertada, e seus olhos estavam selvagens. — Ou há algum outro motivo misterioso para você ter feito isso?

— Claro que não! — Aria protestou. — Por favor, se acalme! Nós podemos falar sobre isso, não podemos?

De repente, ela se encheu de esperança. Talvez houvesse uma fresta de esperança para eles. Se Noel já sabia sobre seu pai, se esta não era uma grande e arruinadora revelação de fazer a terra tremer, A não tinha nada sobre ela. Era apenas um blefe. — Eu mudei de ideia. Eu estava confusa.

Eu quero que fiquemos juntos.

Noel soltou uma risada fria e sinistra, do tipo que Aria nunca tinha ouvido antes. — Esse trem já saiu da estação. Eu sabia que algo estava em sua mente, Aria. Eu lhe perguntei um milhão de vezes sobre isso, e você me disse que estava tudo bem. Apenas alguns dias atrás, eu implorei para que você fosse honesta comigo sobre tudo, e em vez disso você mente?

— Você mentiu, também! — Aria disse, agarrando-se a qualquer coisa. — Você nunca me disse que seu pai. . você sabe!

Os olhos de Noel se estreitaram, como se ele particularmente não gostasse dessa mudança de marchas. — Você nunca me perguntou. E, só para constar, eu ia contar. Eu só não queria fazer isso quando estávamos na minha casa, e ultimamente você parecia tão distraída, e.. — Ele parou com a boca aberta. — Você acha que isso é *estranho*? É por isso que você terminou comigo?

— Noel, não! — Aria gritou, agarrando suas mãos.

Noel puxou com violência as mãos das dela, e havia um horrível toque de raiva em seu rosto.

— E eu que pensava que você tinha a mente aberta. — Ele virou-se e voltou para dentro, batendo a porta com tanta força que a casa tremeu. Um silêncio terrível se seguiu.

Aria olhou para suas mãos trêmulas, questionando se o que tinha acontecido era real. Ela esperou que Noel voltasse, mas ele não voltou. Como isso tinha acontecido? Ela pensou que tinha feito a coisa certa, mas ela tinha acabado de deixar as coisas um milhão de vezes piores.

E então uma ideia a atingiu: Talvez A tenha tido intenção de que as coisas acontecessem desta maneira. Talvez A soubesse que o travestismo do Sr. Kahn era um segredo aberto o tempo todo, mas a levou a acreditar que iria destruir a família de Noel. Afinal, a única coisa pior do que A estragar um relacionamento era Aria sabotar tudo por conta própria.

26

OVERDOSE — NÃO, ELA NÃO TEVE

— *Spencer. Pssiu! Spencer!*

Spencer abriu os olhos. Ela estava deitada em uma cama pequena no meio de um quarto que tinha um cheiro mordaz de antisséptico. Seus membros pareciam colados no colchão e ela tinha certeza de que alguém tinha colocado uma tocha em sua garganta. Quando sua visão clareou, ela viu uma menina bonita com cabelos loiros e olhos grandes no pé da cama. Ela estava usando um vestido amarelo familiar e tinha um sorriso em seu rosto.

Spencer se levantou, reconhecendo-a instantaneamente. — Tabitha?

Tabitha estendeu os braços. — Bom te ver de novo. Como você está se sentindo?

Spencer tocou a testa. Ela estava molhada, como se tivesse coberta de suor ou sangue. — Nada bem. Onde estou?

Tabitha riu. — Você não se lembra do que aconteceu?

Spencer tentou pensar, mas sua mente era um buraco profundo e preto. — Eu não me lembro de nada.

Os saltos de Tabitha soaram contra o chão duro quando ela se aproximou de Spencer. Sua pele cheirava a baunilha, o mesmo sabonete que Ali costumava usar. — Você está aqui por causa do que você fez — ela sussurrou, sua respiração quente no rosto de Spencer. — Do que todas vocês fizeram. Ela me disse que vocês pagariam e ela estava certa.

— O que você quer dizer com ela? Quem?

Tabitha fingiu trancar os lábios e jogar a chave fora. — Eu prometi que não iria contar.

— O que aconteceu comigo? — Spencer tentou mover as pernas debaixo das cobertas, mas elas estavam amarradas com um cinto grosso de couro. — Onde eu estou?

Tabitha revirou os olhos. — Eu tenho que soletrar tudo pra você? Eu pensei que você fosse inteligente. Você foi aceita na Princeton, afinal. Não que você vá pra lá agora.

Os olhos de Spencer se arregalaram. — P-por que não?

O sorriso de Tabitha era torto e estranho. — Porque você está morta. — E então ela se inclinou e tocou os olhos de Spencer, como se fosse fechá-los. — Diga adeus!

Spencer gritou e lutou para manter os olhos abertos, chutando o cinto de couro. Quando ela abriu os olhos novamente, ela estava em um quarto diferente. As paredes eram verdes e não rosas.

Um suporte de soro e um monte de máquinas zumbindo estavam ao lado de sua cama, medindo sua pressão arterial e seu pulso. Ao seu alcance estava uma pequena mesa bandeja contendo uma jarra de plástico amarela, seu celular e três compridos brancos e redondos. Quando Spencer olhou para o vestido de algodão que ela estava usando, estava escrito as palavras HOSPITAL GERAL DE

PRINCETON.

A voz de Tabitha ecoou na mente de Spencer. *É por causa do que você fez. Do que todas vocês fizeram. Ela me disse que vocês pagariam e ela estava certa.* Tabitha estava falando de Gayle? Mas como ela e Gayle se conheciam? Ou ela quis dizer a Verdadeira Ali?

Mais importante ainda, o que diabos ela estava fazendo em um hospital? Tudo o que ela se lembrava era de estar vagando no quintal da Ivy e ouvir alguma coisa na floresta. Houveram passos.. alguém tinha tocado nela... e depois o quê?

Seu monitor soou. E como se fosse combinado, uma enfermeira, vestindo um uniforme hospitalar e uma faixa de cabeça de pano, entrou no quarto. — Ah, você acordou. — A enfermeira olhou para as máquinas, então, colocou uma luz nos olhos de Spencer. — Seu nome é Spencer Hastings, certo? Sua carteira de motorista diz que você é da Pensilvânia. Você sabe que dia é hoje?

Spencer piscou. Tudo estava se movendo rápido demais. — Hum, domingo?

— Isso mesmo. — A enfermeira escreveu algo na prancheta que estava segurando.

— O-o que aconteceu comigo? — Spencer grunhiu.

A enfermeira colocou um medidor de pressão no braço de Spencer. — Você teve uma overdose de uma mistura perigosa de drogas. Nós tivemos que colocar uma sonda no seu estômago há cerca de uma hora.

— O quê? — Spencer sentou-se na cama. — Isso é impossível!

A enfermeira suspirou. — Bem, seu sangue foi testado positivamente para maconha, metilfenidato e LSD. O exame toxicológico dos outros 26 adolescentes da mesma festa também deram positivos para as substâncias, mas eles continuam me dizendo que também não usaram nenhum tipo de droga. — Ela revirou os olhos. — Eu só gostaria que um de vocês tivesse admitido

quando nós trouxemos vocês para cá. Teriam tornado a nossa vida muito mais fácil.

Spencer lambeu os lábios, eles estavam tão secos que doíam. Mais pessoas da festa estavam aqui? — Todos estão bem?

— Todo mundo está bem, mas vocês todos tiveram um grande susto. — A enfermeira

escreveu algo em sua prancheta, em seguida, deu uma tapinha na perna de Spencer. — Descanse agora, ok? Seu corpo passou por muita coisa.

A porta se fechou com um clique e Spencer ficou sozinha novamente. Ela se moveu na cama, certificando-se de que suas pernas não estavam mais amarradas à cama como estavam em seu sonho. Como todas essas outras drogas entraram em seu sistema? Não apenas no dela, mas também nos dos outros 26 adolescentes?

Spencer fechou os olhos e pensou na festança bizarra que tinha tomado conta do potluck. Em como haviam tantos adolescentes namorando e desaparecidos no andar de cima. Estudantes nota A que haviam tirado a roupa e corrido nu pela casa. Harper tinha começado a destruir a casa e os outros tinham imitado. Até mesmo Spencer tinha feito coisas que ela normalmente não faria. A experiência toda foi um tanto... insana. Bizarra.

— Oh, meu Deus — Spencer falou sem pensar, entendimento de repente abrindo seu cérebro.

Foi por causa dos brownies? Eles foram a única coisa que ela tinha comido. Ela lembrou de Reefer oferecendo-lhe um enorme aglomerado de maconha, alegando que era muito suave e perfeita para assar. Ele sorriu para ela, como se fosse completamente inocente e honesto, então disse várias coisas sobre o clube da Ivy. Talvez esse fosse o conceito dele de desobediência civil. Ele havia alegado que esses clubes eram sérios, chatos e exclusivistas.

Spencer inclinou o corpo para pegar o celular sobre a mesinha e discou o número do celular de Reefer. Ele tocou algumas vezes, e então Reefer atendeu, deixando escapar um cauteloso olá.

— Você quase nos matou — ela resmungou.

— Hum, o quê? — Reefer disse.

— Estamos todos no hospital por causa de você! Você realmente odeia a Ivy tanto assim?

Houve uma pausa na linha. — Do que você está falando? — Reefer parecia confuso.

— Eu estou falando do LSD e Metilfenidato que estavam na sua maconha *suave* — disse Spencer entre os dentes, observando seu pulso subindo no monitor. — Você fez isso para ferrar com a gente, não foi?

— Ei, ei, ei! — Reefer interrompeu. — Eu não faço coisas assim. E eu certamente não coloquei isso na minha maconha. Eu lhe dei a mais suave que eu tinha, Spencer. Eu juro.

Spencer franziu a testa. Reefer soava surpreso pela acusação. Ele estava dizendo a verdade?

Alguém poderia ter adulterado os brownies? A comida da festa estava à vista de todos, no entanto, teria sido difícil alguém furtivamente colocar várias drogas nos brownies. E Spencer não havia deixado a panela ou os brownies fora de sua vista desde que ela tinha preparado eles na noite anterior.

Ela arregalou os olhos. Na verdade, ela os tinha deixado fora de sua vista — ela tinha adormecido enquanto eles estavam assando. Alguém poderia ter entrado no motel naquele momento e sabotado o prato dela? Também haviam na festa mais panelas do que ela se lembrava de ter levado — alguns brownies haviam sido levados secretamente e se passado pelos dela?

— Spencer? — A voz de Reefer veio do outro lado da linha.

— Uh, eu te ligo depois — resmungou Spencer e depois desligou.

De repente, o quarto estava tão frio que sua pele se arrepiou. Seu celular, que ela ainda estava segurando, soltou um *bloop*. Ela olhou para a tela. Seus sinais vitais no monitor dispararam novamente. *Uma nova mensagem Anônima.*

Falando em viagem ruim, hein? Isso é o que você ganha por deixar os seus doces do potluck desacompanhados. —A

ARQUIVOS PERSEGUIDORES

— Você tem certeza de que não podemos fazer nada para ajudar? — Hanna perguntou ao seu pai quando ele ajeitou de novo a gravata no lobby do Museu Gemológico de Hollis, onde iria ser realizado o baile de arrecadação de fundos. O museu era enorme, bonito, com piso de mármore, paredes com azulejos de mosaico, toneladas de vitrines cheias de diamantes de valor inestimável, rubis, safiras, esmeraldas, meteoritos e geodes. O lugar era limpo e lindo, com toalhas brancas sobre as duas dúzias de mesas ao redor do salão, enormes buquês de flores em todos os lugares e uma tranquila área de leilão leiloando um ovo de Fabergé, um casaco vintage de zibelina Louis Vuitton e uma viagem marítima por três meses ao redor do mundo.

— Sim, Tom, por favor, nos deixe fazer alguma coisa. — Kate, que estava usando um vestido beringela e saltos de tiras pretos e de veludo, também começou a se ajeitar na frente do espelho.

O Sr. Marin sorriu para as garotas. — Vocês duas já fizeram muito. — Ele pensou por um momento, depois levantou um dedo. — Você poderia mostrar as coisas a Sra. Riggs. Você costumava vir a esse museu o tempo todo, não era, Hanna? Você poderia mostrar a ela as vitrines.

Hanna reprimiu uma careta. Ela realmente costumava ir ao museu com Ali na sexta série, mas ser guia de Gayle era a última coisa que ela queria fazer. Mas isso poderia lhe dar a chance de roubar o celular de Gayle e provar que ela era A. Agora, havia mais de um motivo para isso: Spencer tinha ligado dizendo a Hanna que estava no hospital — A tinha drogado ela e um monte de adolescentes da Universidade de Princeton, e se elas pudessem

provar que A era Gayle e que Gayle definitivamente adulterou os brownies, elas poderiam se livrar dela por um longo tempo.

— Então ela vem? — Hanna tentou parecer indiferente.

— É claro. — O Sr. Marin checou seu relógio Rolex. — Na verdade, eu estou surpreso por ela não ter chegado ainda. Ela quer falar com você, Hanna, antes de começar as festividades.

— S-sobre o quê? — Hanna resmungou. A ideia de ficar sozinha com Gayle parecia aterrorizante.

— Eu também fiquei surpreso. — O Sr. Marin levantou uma sobrancelha. — Uma das instituições de caridade dela está ajudando a induzir os adolescentes a participarem de atividades comunitárias. Ela disse que realmente estava impressionada com o seu envolvimento com a campanha, especialmente com a organização da Multidão Instantânea. Eu acho que ela quer o seu cérebro.

O estômago de Hanna revirou. Ela tinha certeza de que não era só seu cérebro que Gayle queria dela. Ela conheceu Liam na Multidão Instantânea e A — Gayle — sabia disso.

Ela ergueu os ombros, respirou fundo e olhou para o celular de novo. *Plano de ataque*, Aria tinha escrito em um e-mail para ela e Emily. *Hanna, você distrai Gayle, falando sobre a campanha. Se isso não funcionar, Emily, você se aproxima e olha para Gayle diretamente nos olhos. Quando ela não estiver prestando atenção, vou me aproximar sorrateiramente e pegar o celular dela. Nos encontramos no meu carro, olhamos as mensagens dela e passamos tudo para os nossos celulares.*

Hanna só podia torcer para que fosse tão fácil assim.

As portas se abriram e as pessoas começaram a chegar. Hanna colocou seu sorriso eu-sou-a-filha-de-um-politico no rosto e cumprimentou os VIPs. Rupert Millington, que sempre estava nas páginas da alta sociedade porque seus bisavós uma vez já foram donos de Rosewood, se aproximou e apertou a mão do Sr. Marin. Fletch Huxley, o prefeito de Rosewood, deu a Hanna um beijo na

bochecha. Um grupo de senhoras de instituições de caridade e clubes de equitação deram beijos no ar e pequenos abraços. Ela procurou por Gayle, mas ela ainda não havia chegado. Nem Aria, nem Emily, tampouco. Então, passando pelas portas duplas como se fosse da realeza, um menino de familiares cabelos negros usando um smoking ajustado e uma menina usando um vestido rosa da bebe irridantemente lindo que não parecia nem um pouco de vadia. Estavam Mike e Colleen, conversando profundamente.

O coração de Hanna começou a bater rapidamente. Havia outra coisa que ela tinha que fazer essa noite. Ela se escondeu atrás de uma coluna para ouvir.

— Eu não sei o que aconteceu com as fotos — Colleen estava dizendo. — O fotógrafo disse que alguém pegou elas para mim, mas isso é impossível!

Hanna mordeu o interior de sua bochecha. Ela realmente não queria admitir o fato de que ela tinha roubado as fotos de Colleen. Talvez ela pudesse apenas enviá-las de volta anonimamente e atribuir o dinheiro que ela tinha pago por elas como o preço que ela teve que pagar para conseguir Mike de volta.

Nessa hora, Mike virou a cabeça e notou Hanna atrás da coluna. Hanna desviou o olhar, mas depois Colleen também a viu e soltou um grito feliz. — Beijo, beijo — ela disse em êxtase, correndo e beijando Hanna nos dois lados do rosto antes que Hanna pudesse detê-la. — Isso é tão incrível.

Muito obrigada por me convidar!

Hanna bufou. — Eu não convidei você — ela disse, as palavras como bile em sua boca.

Colleen entristeceu. Mike deu a Hanna um olhar fulminante, depois deu de ombros e foi na direção de um monte de caras da equipe de futebol, que trouxe, sem dúvida, um frasco de cervejas de gengibre com vodca.

Colleen observou Mike ir embora, em seguida, virou-se para Hanna. Seus olhos se arregalaram um pouco. — Uh, Hanna? — Ela se inclinou para frente. — Tem algo preso no seu sapato.

Hanna olhou para baixo. Um longo pedaço de papel higiênico estava colado no calcanhar dela.

Calor atravessou seu corpo. Quanto tempo isso tinha estado lá? Ela realmente tinha cumprimentado o prefeito de Rosewood com isso? Mike tinha visto?

Hanna se abaixou e puxou o papel, que estava repugnantemente encharcado, para fora de seu pé. Quando ela olhou para cima novamente, Colleen estava na mesa com Mike e os amigos dele. Ela se sentiu mais enfurecida do que nunca.

Quando a sala encheu e o barulho aumentou, Hanna se meteu em um corredor que continha ágatas do Brasil e pegou o celular. Ela clicou no comercial do iogurte e o assistiu mais uma vez, sorrindo para o rosto com prisão de ventre de Colleen. *Impagável*. Então, ela copiou e colou o link em uma nova mensagem e selecionou todos da Rosewood Day que ela tinha na agenda como destinatários.

Quando terminou, o dedo de Hanna pairou sobre o botão ENVIAR. Ela olhou para o salão, observando a banda se preparar e os festeiros tagarelarem. Colleen e Mike estavam sentados em uma mesa com os amigos de Mike do lacrosse. Mike estava tendo uma intensa conversa com o goleiro, que Hanna sempre chamava de Frankenstein por causa de sua cabeça quadrada. Colleen estava sentada ao lado dele, tomando água com gás e parecendo um pouco perdida. *A pequena atriz perfeita não sabe como se socializar*, ela pensou com satisfação. *Eu acho que manter a popularidade é um pouco mais difícil do que parece, não é?*

Mas, de repente, a expressão de peixe fora d'água de Colleen incitou uma memória. Hanna viu ela mesma e Mona sentadas na melhor mesa do refeitório. Colleen aparecendo e perguntando se poderia sentar com elas e ambas rindo. — Nós não sentamos com meninas que usam sapatos Hobbit — Mona havia dito, apontando

para os sapatos Mary Janes de bico quadrado nos pés de Colleen. E Hanna sussurrou — O ciclo da vida — porque Colleen levou uma lancheira do Rei Leão para a escola até a oitava série.

Por uma fração de segundo, mágoa ficou evidente no rosto dela, mas depois ela deu de ombros e falou — Ok! Bem, tenham um ótimo almoço, pessoal! Mona e Hanna tinham caído na gargalhada quando ela se afastou.

O problema era que, não muito tempo atrás, Hanna tinha rido de Mona quando ela estava no grupo de Ali. E não muito tempo antes disso, a Verdadeira Ali ria de Hanna. Do modo que sua enorme barriga aparecia sobre os jeans. De que ela não conseguia dar cambalhota no ginásio.

Hanna se lembrou do quão humilhada e envergonhada ela se sentia. E ainda assim, quando foi a vez dela de usar a coroa de abelha rainha, ela ridicularizou as pessoas tão facilmente, como se ela nunca tivesse estado do outro lado.

A popularidade havia transformado Ali, Mona e Hanna em vadias sem remorsos. Ela não tinha infectado Colleen nem um pouco, no entanto — mesmo namorando Mike, ela permanecia exatamente a mesma garota de antes. E agora, Hanna estava sendo atormentada pela pior vadia popular de todas — A. Hanna realmente queria fazer isso com outra pessoa?

Seu celular tocou de repente, estridente e alto no corredor silencioso. Um ícone de uma nova mensagem apareceu na tela. Franzindo a testa, Hanna saiu da mensagem que estava planejando escrever e abriu a nova. O remetente era uma série de letras e números misturados.

Qual é, Hanna. Envie o vídeo. Você sabe que você quer.

O estômago de Hanna parecia estar pegando fogo. Ela queria mesmo? Ela sentia falta de Mike desesperadamente. Ela queria que

ele fosse o par *dela* hoje, não o de Colleen, e que eles participassem de corridas, se aconchegassem no cinema e passassem horas e horas jogando Gran Turismo como eles costumavam fazer. Mas ela poderia viver consigo mesma se a forma que ela conseguisse isso fosse enviando o vídeo? Isso a fazia lembrar do jeito que ela se sentia quando usava um par de sapatos ou uma pulseira que ela tinha roubado das lojas: Era incrível ter uma joia da Tiffany em torno do seu pulso, mas algo nisso também a fazia se sentir um pouco suja. Colleen podia ser chata, mas ela não merecia sua própria A.

Hanna voltou para a mensagem com o link do vídeo, respirou fundo e pressionou DELETAR.

Fazer isso a fez se sentir limpa. Quase.. bem. Como se ela tivesse ganhado de A num jogo de A.

Um riso estridente soou vindo de um dos cantos, e ela se virou. Passos soaram atrás dela. De repente, Naomi Zeigler e Riley Wolfe caminharam até Hanna com seus celulares nas mãos.

— Você se superou dessa vez, Hanna — Naomi riu.

— Muito boa — Riley acrescentou, empurrando uma mecha de cabelo vermelho brilhante para trás da orelha.

— Do que vocês estão falando? — Hanna perguntou.

— Do vídeo. — Naomi balançou o celular de um lado pro outro.
— É impagável.

O estômago de Hanna revirou. *Vídeo?* Naomi quis dizer o que ela estava pensando? Mas Hanna tinha excluído a mensagem! A tinha enviado e colocado Hanna como remetente? — Não fui eu — ela falou abruptamente.

Riley deu-lhe um olhar louco. — Ah, essa com certeza parece com você.

Ela empurrou o celular na cara de Hanna. Hanna olhou para ele, esperando ver Colleen no comercial de iogurte da Letônia, mas a sua própria imagem apareceu ao invés. A primeira parte do vídeo era

Hanna na aula de pole dance. Seu pequeno top subiu e seus shorts desceram, exibindo um pedaço de sua calcinha rendada. Seus quadris pareciam enormes quando ela fez giros e viradas, e quando tentou subir no poste, ela pareceu uma macaca enlouquecida. A câmera capturou um relance infeliz de sua virilha quando ela caiu no chão.

— O quê? — Hanna sussurrou.

O vídeo continuou. A próxima parte mostrava Hanna se escondendo nos arbustos do Shopping King James, olhando para a Victoria Secret com os binóculos. A roupa de camuflagem fez sua pele parecer vermelha, manchada e sua cintura parecer muito maior do que ela realmente era. E quando ela saiu dos arbustos, ela tinha duas folhas em sua bunda. A câmera aumentou o zoom sobre as folhas enquanto ela seguia Mike e Colleen pela multidão.

Hanna olhou para as meninas com o coração batendo mais rápido. — Eu não entendo.

— Espionando, Hanna? — Naomi deu uma risadinha.

O vídeo continuou. Em seguida era um vídeo de Colleen indo ao estúdio fotográfico, Hanna escondendo-se atrás dela, parecendo desesperada e ridícula. E então, ele mostrou Hanna em apenas algumas horas antes, pegando as fotos de Colleen, olhando para elas com raiva e jogando-as em seu porta luvas. O final era uma mensagem escrita em negrito e na cor vermelha. *Hanna Marin, a perseguidora desesperada!*

— Oh meu Deus. — Hanna se sentiu enjoada.

Naomi riu. — Eu sempre achei você uma perdedora por sair com um cara mais novo, mas espioná-lo depois dele te dar um fora? Isso é de baixo nível, até mesmo para você. E agora todo mundo sabe.

— Todo mundo? — Hanna resmungou.

Ela olhou para o salão e conseguiu sua resposta. Vários adolescentes da Rosewood Day estavam boquiabertos com seus celulares, em seguida, levantaram a cabeça em conjunto e olharam

para Hanna. — Você fica sexy com roupa de camuflagem, Hanna! — Seth Cardiff disse. — Ei, Mike, você tem uma admiradora secreta! — Mason Byers riu.

Mike. Hanna encontrou ele e Colleen perto da janela, olhando para seus celulares. Hanna saberia dizer o momento exato em que Colleen chegou à parte do vídeo que Hanna roubou as fotos dela. Ela cobriu a boca com a mão e, em seguida, virou-se para Hanna com um olhar de traição em seu rosto. Mike ergueu a cabeça e também olhou para ela, seus olhos faiscando. Colleen virou-se e saiu pelo lobby. Mike a seguiu.

Hanna deu alguns passos trôpegos para trás, quase tropeçando numa cortina comprida que separava o salão principal de um pequeno corredor. Como isso tinha acontecido? Quem estava seguindo ela por aí? Quem havia enviado o vídeo para todo mundo?

Mas é claro: A. Essa tinha sido uma das razões de A tê-la encorajado a espionar Colleen: usar isso contra ela e garantir que ela perdesse Mike de uma vez por todas.

— Eles viajaram total, hein? — Isaac disse enquanto ele e Emily entravam no Museu Gemológico de Hollis.

— Fala sério — Emily sussurrou, olhando ao redor. Ela nunca tinha ido a um baile político de arrecadação de fundos antes, mas este era incrível, melhor do que o baile de formatura. Toneladas de balões brancos enchia o teto arqueado. Uma banda ao vivo estava tocando uma música de jazz, e alguns casais de smoking e vestidos estavam dançando lentamente. Emily nunca tinha visto tantos diamantes — e ela não estava falando dos das vitrines. Um ladrão de joias teria um dia bastante lucrativo apenas tirando os anéis dos dedos das mulheres ricas desta festa.

Ali havia trazido Emily, Spencer, Hanna e Aria neste lugar. Elas tinham, às vezes, passado tardes inteiras no museu, fantasiando sobre como devia ser usar diamantes enormes em festas extravagantes. — Quando eu for mais velha, eu vou ter um anel de noivado tão enorme como esse — Ali disse, apontando para a pedra de dez quilates na vitrine. — Ninguém vai me parar. — Emily se perguntou se ela queria dizer a Verdadeira Ali. Ela provavelmente assumiu que ela ficaria com a vida encantada da sua irmã gêmea para sempre.

— Este lugar é lindo — Emily murmurou.

— Mas você é a coisa mais linda daqui — disse Isaac, apertando a mão de Emily.

Emily deu um sorriso vacilante para Isaac, tentando admirar seu lindo smoking, seu cabelo penteado para trás e seus sapatos brilhantes. Mas ela não podia realmente gostar de estar aqui. Seu vestido longo e preto era decorado com contos no corpete e parecia grudado em torno de suas costelas e seus pés tremiam nos saltos altos que tinha encontrado na parte de trás do seu armário.

Ela praticamente traçou uma confusa linha vermelha em seu rosto ao aplicar o batom, suas mãos tremiam tanto.

A ideia de ficar frente a frente com Gayle a aterrorizava. Gayle iria contar a todos sobre sua gravidez. . e Isaac saberia. Ele

perguntaria por que eles saíram três vezes até agora e Emily não tinha dito nada. Ele iria odiá-la, e ele diria a sua mãe, aos pais dela, a todo mundo.

Ela sabia que ir ao baile era parte do plano de pegar o celular de Gayle e determinar se ela era A, mas assim que Isaac tinha aparecido na porta de Emily, ela sentiu como se isso fosse um grande erro. Mas se ela fugisse, Isaac faria perguntas que ela não saberia como responder.

Ela examinou a multidão, procurando por suas amigas, era importante que Aria e Hanna estivessem aqui, também, caso contrário, o plano não iria dar certo. Um grupo de adolescentes estava rindo de alguma coisa em seus celulares. Mason Byers e Lanie Iler estavam rindo sobre um prato de macarrão. Sean Ackard estava conversando animadamente com Nanette Ulster da escola Quaker. Uma loira alta em um vestido vermelho de aparência cara saiu do banheiro. Emily enrijeceu, subitamente em alerta. *Gayle?*

Ela agarrou a manga do smoking de Isaac e conduziu-o de volta para o saguão. Eles pararam em um pedaço gigante de quartzo rosa que era pendurado no teto, e Emily prendeu a respiração.

Por mais que ela tivesse se preparado para este momento, confrontar com a possibilidade na prática a aterrorizava.

— O que está acontecendo? — Isaac perguntou, confuso.

— Hum, eu só queria... — Emily olhou para a mulher de vermelho de novo — ela aceitou um coquetel de um garçom que passava e virou-se para eles. Seu rosto tinha rugas, e seu nariz era fino e pontudo, não pequeno e redondo como o de Gayle. *Oops.*

É claro que isso pode significar que Gayle estava entrando pela porta da frente neste exato momento — e a primeira coisa que ela veria seriam eles. — Eu mudei de ideia. Vamos dançar. — Emily puxou Isaac para o salão principal novamente, quase atropelando um grupo de mulheres de aparência arrogante da Main Line usando broches VOTE EM TOM.

Isaac riu nervosamente enquanto ele caminhava atrás dela. — Você está bem?

— Claro! — Emily sabia que ela devia parecer insana. Ela colocou os braços em volta de Isaac e começou uma valsa lenta com a música de Sinatra que a banda estava tocando. A pista de dança tinha uma boa visão de cada mesa, do bar, e do tranquilo estande de leilão. Toneladas de pessoas que ela reconhecia das festas dos Marins estavam ao redor batendo papo. Vários fotógrafos rodeavam o salão, tirando fotos.

Isaac girou Emily. — É divertido ser um convidado em vez de um fornecedor.

— Como você convenceu sua mãe a deixar você vir para isto comigo, afinal? — Emily perguntou à toa.

— Na verdade, eu disse a ela a verdade. Ela está lidando bem com a ideia de nós ficarmos juntos outra vez, acredite ou não.

Emily não podia acreditar, mas ela não tinha tempo para pensar nisso. Seu olhar se moveu da entrada da frente para a saída de emergência em um pequeno recanto perto dos banheiros. A mãe de Noel Kahn deslizou através de seu campo de visão, usando uma tiara. O pai de Hanna estava recepcionando as pessoas num canto, conversando com um grupo de empresários com aparência de ricos.

— Eu realmente senti sua falta — Isaac continuou.

Emily voltou-se para ele, sentindo-se mal. Isaac merecia toda sua atenção. Era bom estar envolta em seus braços, mas ela estava com tanto medo de que a qualquer minuto a delicada casa de cartas que era a sua vida tombasse.

Ela não conseguiu evitar olhar ao redor da multidão novamente. O Sr. Marin levantou-se e atravessou o salão até alguém que tinha acabado de surgir de uma entrada lateral. Emily esticou o pescoço para ver, mas a sua visão estava bloqueada.

— Então, o que você diz? — Isaac perguntou.

Emily piscou estupidamente. Isaac tinha falado o tempo todo e ela não tinha ouvido uma palavra. — O quê?

Isaac lambeu os lábios. — Eu queria saber se estamos namorando de novo.

A boca de Emily se abriu, mas as palavras não saíram. Apesar da sua distração, apesar do fato de que ela estava escondendo algo enorme de Isaac, as palavras pareceram bem-vindas.

— Há apenas uma coisa — Isaac interrompeu antes que Emily tivesse a chance de falar. — Alguma coisa está incomodando você. Algo que você acha que não pode falar. Mas você pode, Emily.

Seja o que for, eu estou aqui por você. Se é algo com aquele cara que vimos na Hollis no outro dia, não tenha medo de me dizer.

Emily fechou os olhos. — Isso não tem nada a ver com Derrick.

— Mas é alguma coisa?

As trombetas soando no palco estavam começando a fazer a cabeça de Emily doer. — Não é nada. — Você parece tão estressada. — A voz de Isaac estava implorando. — Eu só quero ajudar.

Emily concentrou-se nos passos de dança, atrasando sua resposta. Isaac se importava e queria fazer tudo ficar bem, o que a fez se sentir aliviada e terrível ao mesmo tempo. Ela queria que ele gostasse dela. Ela queria que ele quisesse voltar com ela. Mas o que ela queria para ela mesma?

— Nós terminarmos foi um grande erro, Emily — disse Isaac, olhando profundamente nos olhos de Emily. — Eu quero começar de novo. O que você acha?

— Eu.. — Emily começou, mas então ela notou outra figura loira na beira da pista de dança.

Ela tinha a altura e o peso certos, e o Sr. Marin estava falando com ela feliz e graciosamente. Emily se abaixou, seu coração batendo como uma britadeira novamente. — Oh, meu Deus — ela sussurrou.

Ela agarrou Isaac mais uma vez, puxou-o para fora da pista de dança, e fugiu ao redor de uma esquina para uma pequena alcova que continha uma variedade de meteoritos atrás de um vidro.

Isaac cruzou os braços sobre o peito, parecendo de saco cheio. — Você vai me dizer o que está acontecendo com você esta noite?

A mulher falando com o Sr. Marin virou-se ligeiramente. Apenas mais alguns graus, e ela ia ver Emily e Isaac. Pensando rapidamente, ela agarrou os lados do rosto de Isaac e plantou seus lábios diretamente sobre os dele. Os olhos de Isaac se arregalaram por um momento, mas então eles estremeeceram e se fecharam, e ele apaixonadamente a beijou de volta. Emily sentiu o pulso batendo firmemente na ponta de seus dedos e seus lábios. O beijo foi bom, mas ela sabia que era apenas um meio para um fim. Ela se sentia como a pior pessoa do mundo.

Isaac se afastou por um momento e deu um sorriso torto. — Então isso é um sim?

Emily engoliu em seco, sentindo-se como se ela tivesse acabado de fazer algo que não podia desfazer. Ela não estava mais agindo como ela mesma de nenhuma maneira. Ela olhou novamente para o salão do baile. A mulher que estava falando com o Sr. Marin não estava mais lá.

Beep.

O celular dela estava brilhando através do tecido de malha frágil de sua capinha de prata.

Emily olhou para ele com horror. — Parece que você recebeu uma mensagem — disse Isaac, parecendo relaxado e feliz.

Um nó se formou na garganta de Emily. Ela tirou o celular e olhou para a tela. Seu sangue gelou. — Isaac, eu tenho que ir — ela sussurrou.

— *Ir?* — O olhar contente no rosto de Isaac desapareceu. — Do que você está falando?

Emily deu alguns passos frenéticos de volta para o salão de baile. O Sr. Marin ainda estava falando com a mulher e, apesar de Emily estar quase certa de que ela era Gayle, seu rosto ainda estava virado. Emily olhou em volta do resto do salão. Ele estava ainda mais lotado do que há alguns segundos atrás. Onde diabos estava Hanna? Por que ela não via Aria? Não havia tempo a perder.

— Emily? — Ela sentiu uma mão em sua manga. Isaac estava olhando para ela, sua boca em uma linha reta. — Quem mandou uma mensagem pra você?

A banda terminou a música, e todos na pista de dança aplaudiram. Emily olhou para o rosto de Isaac, ele tinha uma expressão de preocupação. Ela sabia o que ir embora sem explicar pareceria.

Mas ela não sabia mais o que fazer.

— Eu sinto muito — ela sussurrou, e então virou-se e correu pela pista de dança.

— Emily! — Isaac chamou atrás dela, mas Emily continuou correndo, contorcendo-se através da multidão até chegar ao lobby. Ela vasculhou dentro de sua capinha, tirou seu celular, e leu a mensagem horrível mais uma vez. Bastou olhar para as palavras que seu estômago revirou. Isso não poderia estar acontecendo.

**Eu estou com a sua bebê. Se você quer que ela fique segura, venha para a Mockingbird Drive, 56. Tique-Taque! —
A**

Aria entrou no estacionamento do Museu Gemológico, arrumou seu cabelo e verificou a maquiagem no espelho retrovisor. Ela tinha feito um bom trabalho ao limpar a bagunça de lágrimas que ela ficou depois de sua briga com Noel, mas ela ainda estava estressada e cansada. Então, novamente, ela não tinha ninguém para impressionar em uma festa.

Depois que ela estacionou, ela pegou o celular e escreveu uma mensagem para Noel. *Por favor, me deixe explicar, ela escreveu. Tudo o que aconteceu... estava meio que fora do meu controle. Alguém me obrigou a romper com você. Alguém está me ameaçando e controlando a minha vida.*

Então ela clicou em APAGAR rapidamente. A mensagem dizia muito. Ela não podia contar a Noel sobre A.

Engolindo um soluço, ela fechou a porta e caminhou em direção à entrada, que estava iluminada de cada lado por brilhantes lanternas japonesas. Uma rajada de vento soprou, rolando uma lata de Coca-Cola vazia pela calçada. Aria ouviu um sussurro e se virou, olhando para a fila de carros estacionados.

Depois de alguns segundos perscrutando o nada, sentindo nenhum movimento, ela seguiu em frente. Alguns adolescentes estavam agrupados nas coberturas da frente, olhando para algo em seus celulares. — Tão desesperada — Riley riu.

— Ela é uma perdedora, não? — Klaudia estremeceu em seu vestido preto sem alça que mal a cobria.

Aria olhou para a tela do celular por cima do ombro de Riley. Havia uma foto de Hanna vestindo um uniforme militar e se escondendo nos arbustos artificiais no saguão do shopping. Aria não tinha ideia do que se tratava, mas antes que pudesse fazer qualquer pergunta, Emily saiu correndo para fora das portas duplas, agarrou seu ombro e puxou-a para o outro lado da passarela.

— Graças a Deus que eu te encontrei — Emily disse, sua voz cheia de medo. — Preciso do seu carro. — O que aconteceu? — Aria perguntou. — Você já conseguiu pegar o celular de Gayle?

— Não, mas isso é muito mais importante.

Emily segurou seu celular na frente do rosto de Aria. *Eu estou com o seu bebê*, dizia a tela. Aria colocou a mão sobre sua boca. — Você acha que é verdade?

— Eu não vou ficar esperando para descobrir. — Emily começou a andar em direção ao estacionamento, então notou Hanna caminhando para fora da porta com um olhar envergonhado no rosto. Ela acenou para ela. — Você tem que ver isso.

Hanna parecia ressentida, como se ela não tivesse vontade de lidar com mais nada agora, mas ela se aproximou e inspecionou a mensagem. A cor do seu rosto desapareceu. — Merda. Como isso pôde acontecer?

— Eu não sei. Mas eu tenho que salvá-la. — Os olhos de Emily se lançaram para trás e para frente. — Se Ali está com ela, quem sabe o que ela vai fazer?

— Em, não é Ali quem está com Violet — Aria sussurrou. — Você não vê? É Gayle. Eu a vi entrar na Babies "R" Us ontem à noite com um sorriso enorme e estranho em seu rosto. Ela estava se preparando para quando ela encontrasse o bebê.

Emily franziu a testa, em seguida, olhou para o museu desmedido atrás delas. — Mas Gayle não está aqui? Eu pensei que eu tinha visto ela conversando com o seu pai, Hanna.

Hanna mordeu o lábio. — Na verdade, eu não vi ela a noite toda.

— É claro que ela não está aqui — disse Aria. — Ela está nesta casa em Mockingbird Drive! — Ela olhou para Hanna. — Você está comigo, certo? Você acha que é Gayle?

Um olhar conflituoso atravessou o rosto de Hanna. — Eu acho que sim. Mas por que Gayle nos diria que ela está com Violet se ela queria ficar com ela para si mesma? Parece uma armadilha.

— Eu não me importo! — Emily pegou as chaves do carro de Aria das mãos dela. — É da vida da minha filha que estamos falando! Eu

sinto muito, Aria, mas eu vou para a casa, mesmo que eu tenha que ir sozinha!

Aria apertou a mandíbula. — Nós não vamos deixar você ir sozinha.

— Não vamos? — Hanna rangeu.

Aria lançou um olhar para Hanna. — É claro que não. — Ela pegou as chaves do carro de volta de Emily, caminhou para o estacionamento, e deslizou para o banco do motorista. — Vamos lá, Em.

Você também, Hanna.

As meninas entraram no carro e fecharam a porta. Aria tirou os sapatos de salto alto, ligou o motor e aumentou a temperatura do ar-condicionado. Quando ela saiu do estacionamento, ela olhou para trás e viu um círculo perfeito e estranhamente amarelo da lua refletido nas janelas do museu. E ali, ao lado do reflexo da lua, havia uma silhueta de uma pessoa. Assistindo. Talvez até mesmo rindo do quão idiotas elas eram.

Aria respirou bruscamente, seu cabelo da nuca estava em pé. Mas, quando ela olhou para a janela novamente, somente a lua estava lá, brilhante e cheia, enchendo a extensão do vidro.

A MENINA DA FOTO

Vinte e cinco minutos e três voltas erradas mais tarde, as meninas entraram na Mockingbird Drive, uma rua serpenteante do outro lado de Mount Kale. — Whoa — Hanna resmungou, olhando através da neblina que tinha se levantado pesadamente. Cada propriedade era em um grande lote de terra. Calçadas sinuosas levavam a falsos castelos, propriedades francesas, mansões Tudor, e os edifícios que pareciam um cruzamento entre o Capitol e uma obra-prima de Frank Gehry. Havia Ferraris paradas nas calçadas. As luzes da quadra de tênis brilhavam nos quintais. Hanna estava acostumada com casas de luxo, como a de Noel, a de Spencer, e até a nova casa de seu pai, mas as pessoas que viviam neste bairro tinham mais dinheiro do que eles sabiam o que fazer com ele, e não se importavam de ostentar isso.

A caixa de correio mais próxima mostrava o número 56 em uma letra gótica, e Aria dirigiu lentamente subindo pela longa rua. Árvores altas e imponentes faziam um dossel sobre a estrada, criando um túnel assustador. Elas passaram por uma enorme garagem para seis carros e um estábulo de cavalos, e então chegaram na casa, uma imponente mansão com colunas e grandes janelas em arco. Ela era posicionada um pouco torta no lote, provavelmente em um ângulo que ficava mais bem exposto ao sol da manhã. Não havia nenhuma luz ligada na janela.

— Hum, e agora? — Hanna sussurrou quando Aria desligou o motor.

— Vamos. — Emily abriu a porta do carro e correu até a frente do caminho. Hanna e Aria arrastaram-se atrás dela. Quando Hanna ouviu um som de sussurro, seu coração começou a bater forte. E se A as tivesse levado direto para uma armadilha?

— Onde você acha que Spencer está? — Emily disse sobre seu ombro. — Ela não tem respondido às minhas mensagens. — Elas

enviaram mensagens para Spencer sobre o que estava acontecendo e pediram que ela as encontrasse aqui.

— Talvez ela tenha levado um tempo para ser liberada do hospital — Hanna sussurrou.

— Ou talvez ela ficou tão perdida quanto nós. — Aria pisou na varanda e olhou para a campainha. — O que devemos fazer, tocar a campainha? 'Ei, A, estamos aqui!' — Ela olhou para Hanna. — Você faz isso.

Os olhos de Hanna se arregalaram. — De jeito nenhum!

— Eu faço isso. — Emily tocou a porta, e ela abriu com um rangido que soou exatamente como uma entrada numa casa mal assombrada. Hanna estremeceu. Que tipo de pessoa deixava sua porta aberta no meio da noite?

Emily passou por elas e entrou no foyer. — Olá? — ela chamou.

Hanna a seguiu. O foyer cheirava estranhamente a removedor de esmalte de unha. Uma única lâmpada em uma mesa console estava ligada, mostrando uma escadaria dupla, um lustre de cristal impressionante, e uma parede cheia de fotos preto e branco de dunas de areia ondulantes, crânios de animais e falcões que pareciam possuídos. Havia pesadas cortinas penduradas nas janelas na sala à direita; tapetes de lã grossa decoravam os pisos. A porta do armário de casacos estava entreaberta, e várias jaquetas balançavam nos cabides. O lugar tinha a quietude de um museu, como se ela fosse o set de filmagens de um filme, e não a casa real de alguém.

— Olá? — Emily chamou novamente.

Não houve resposta. Emily olhou para cima das escadas. Aria vagou em direção à cozinha.

Hanna pegou um coelho de pedra sobre a mesa ao lado da porta da frente e colocou-o novamente no lugar. Estava tão tranquilo que ela começou a ouvir ruídos que podiam nem estar lá. Um nervoso engolir. Um ruído leve. Um som de estalo.

— Tem alguma coisa errada — Emily sussurrou de repente, empurrando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Onde está Violet?

— Eu disse que isso era uma má ideia — Hanna sussurrou.

— Gente. — A voz de Aria era tão fina quanto um fio apertado. Ela estava de pé ao lado de uma mesa na sala de estar com um envelope na mão. — Olha isso.

Hanna olhou para as palavras. No canto superior esquerdo havia um logotipo da Energia Elétrica da Pensilvânia. No centro tinha o endereço, Mockingbird Lane, 56. Então seu olhar moveu-se para o nome do destinatário.

— Oh meu Deus — Hanna sussurrou. *Gayle Riggs*.

Aria abaixou o envelope com os olhos arregalados. — Gente, essa é a casa de Gayle. Eu disse a vocês. Emily piscou rapidamente. — O que isso significa?

— Isso significa que devemos dar o fora daqui — Hanna falou rapidamente. — Gayle não está com seu bebê. Ela só usou isso para nos fazer vir aqui, porque ela quer nos machucar.

Ela caminhou de volta para a porta, atenta a cada sombra e cada fenda escura. Uma escultura de um salgueiro parecia perigosa e viva. O cabideiro a fez se lembrar de um corcunda velho e louco.

Uma série de fotografias estava alinhada acima da verga da chaminé como dentes tortos em uma boca faminta. Na penumbra, ela podia distinguir uma foto do casamento de Gayle e seu marido.

Próximo a ela tinha uma foto instantânea deles dois em férias e, em seguida, um retrato de família de Gayle, seu marido e uma menina loira sorridente. Talvez esta seja a filha que Gayle tinha falado a Emily, a que ela disse que tinha perdido. Hanna apertou os olhos, tentando ver como ela era, mas a foto era muito pequena e era muito difícil ver as feições.

Até que ela olhou para a foto ao lado, uma 20 x 25 cm em uma moldura de madeira. Era uma foto de escola do rosto de uma adolescente loira e bonita. Assim que Hanna viu seus astutos olhos azuis e seu sorriso diabólico, um gosto de metal encheu sua boca. Ela reconhecia aquele sorriso de algum lugar.

Hanna parou de repente. — Oh meu Deus. — Ela apontou um dedo trêmulo para a foto. Emily se aproximou, seguiu seu olhar e se inclinou, seus joelhos ficando fracos.

— Esta é.. ? — Emily sussurrou.

Aria apenas soltou um suspiro aterrorizado.

Hanna pegou a foto da prateleira. Isso explicava tudo — como Gayle sabia de tudo e por que Gayle não queria apenas que elas sofressem. . mas que morressem.

— Tabitha é a filha dela? — A voz de Emily tremia incontrolavelmente.

— Como você não sabia disso? — Hanna exigiu. — Você não se encontrou com o marido dela?

Você não perguntou o nome da filha dela? Você não descobriu o que aconteceu com ela?

Emily balançou a cabeça, atordoada. — Eu nunca conheci o marido — e não teria importado, de qualquer maneira, já que nós não sabíamos como ele era até que o corpo de Tabitha foi encontrado. Além disso, Gayle usava o sobrenome Riggs, não Clark. Ela nunca me disse todos os detalhes do que aconteceu com sua filha, tampouco, apenas disse que ela desapareceu. E nada disso apareceu em uma busca no Google!

Hanna passou as mãos ao longo do seu rosto. — Por que ela não nos entregou? — Ela mal conseguia pronunciar as palavras, pois estava fazendo esforço para respirar.

Emily mordeu o lábio. — Talvez ela não saiba ao certo. Talvez esta seja a sua forma de nos atrair e nos fazer confessar. Ela está

tentando nos enlouquecer, fazer com que digamos a verdade.

— Então, você ainda acha que Ali é A, Em? — Aria estalou.

Emily parecia aterrorizada. — Eu acho que não.

Todas se viraram e olharam para a fotografia novamente. Por uma fração de segundo, parecia que Tabitha estava piscando para elas. *Peguei vocês!* Era a mesma expressão que Ali costumava ter quando ela pressionava as meninas a fazer algo que elas não queriam fazer.

E depois, claro como o dia, veio um gemido agudo e desesperado. As meninas se viraram.

Hanna agarrou a mão de Aria, e Aria agarrou a de Emily. O lamento persistiu cada vez mais alto e mais urgente.

— Um bebê — Hanna sussurrou.

— Violet! — Emily gritou.

Ela disparou pelo corredor, correndo cegamente em direção ao som. Aria correu atrás dela, e Hanna foi logo atrás, seu coração batendo rapidamente. Elas passaram rapidamente por um escritório, um banheiro, e uma enorme cozinha em mármore imaculadamente limpa que cheirava a limões frescos. O som parecia vir de um pouco além de um conjunto de portas francesas do outro lado da ilha. Emily virou o trinco e abriu uma das portas.

Elas caminharam para um pátio de tijolos maciços. O nevoeiro tinha crescido ainda mais denso desde que elas tinham estado lá dentro. O choro de um bebê ecoou no ar, mas não havia sinais de um bebê em nenhum lugar.

— Violet? — Emily virou-se com lágrimas nos olhos.

De repente, o barulho cessou. O silêncio era ensurdecedor. Hanna olhou para suas amigas, a neblina caindo sobre seus rostos. Ela pensou o pior: Será que o bebê estava morto?

Snap.

Hanna ficou ereta, olhando para a garagem e as árvores através do nevoeiro. Mesmo que ela não conseguisse ver nada, ela sentiu uma presença. Em seguida, ela ouviu passos.

— Gente. — Sua voz tremeu.

— Talvez seja apenas Spencer — Emily disse corajosamente. A tela de seu celular brilhou na escuridão. — Ela me mandou uma mensagem dizendo que está aqui.

— Então onde está o carro dela? — Aria apontou para a calçada. Além do Subaru de Aria, não havia nenhum outro veículo lá.

Emily mordeu o lábio. — Talvez ela tenha estacionado no final da Colina e está vindo andando.

Hanna caminhou pelo pátio em direção à calçada. — Alguém está aqui, e não é só Spencer.

Precisamos avisá-la.

Ela estava a meio caminho da garagem quando ouviu o som de algo de metal — as chaves de um carro, talvez — cair no asfalto. Ela congelou e olhou em volta, mas tudo o que ela podia ver era neblina. Passos soaram novamente, e depois sussurros tensos, uma conversa que ela não conseguia escutar. Finalmente, houve um *boom* tão alto que fez os dentes de Hanna doerem.

Ela virou-se e olhou para suas amigas. Elas ficaram paralisadas no pátio. Então ela se virou e olhou para a calçada novamente. Quando ela viu uma figura borrada deitada estendida perto de um dos canteiros de flores, ela gritou. Quem quer que fosse usava um casaco pesado com um capuz que lhe cobria o rosto virado; a única parte dela que Hanna podia ver era uma mão pequena e delicada.

— Essa é Spencer? — Aria chiou.

Hanna tateou através da névoa até a figura. Lágrimas escorriam pelo seu rosto incontrolavelmente. Spencer tinha um casaco assim? Será que ela tinha botas de couro pontudas?

De repente, Hanna parou. Será que o assassino estava por perto à espreita? Elas seriam as próximas?

— Spencer? — Emily apareceu por atrás de Hanna. — Spencer?
— Ela olhou para Hanna com horror. — Você acha que ela está. .?

Hanna chegou a tocar o capuz de plumas, mas em seguida puxou a mão. Ela estava com medo do que ela veria. O rosto de Spencer congelado em um grito? Metade do cérebro de Spencer espalhado no interior do capuz?

Um carro passou na estrada, os faróis iluminando momentaneamente seus corpos. Quando as luzes ricochetearam na figura no chão, Hanna notou que algo não estava certo. Os poucos fios de cabelo que estavam aparecendo por debaixo do capuz eram mais claros do que os de Spencer. A mão era mais velha e cheia de veias evidentes. Havia um enorme anel de diamante no quarto dedo.

— Quem é essa? — Aria sussurrou.

Prendendo a respiração, Hanna puxou o capuz da figura. Aria gritou. Emily cobriu os olhos. E

assim que o som de sirenes encheu o ar, Hanna olhou para baixo. Os dois olhos estavam fechados e os lábios entreabertos. Parecia que a pessoa estava dormindo, exceto pelo corte horrível logo acima de sua têmpora direita. Ela olhou todo o rosto, e então se deu conta de quem era. Ela caiu de joelhos, sentindo-se aliviada, horrorizada, e confusa ao mesmo tempo.

A figura no chão não era Spencer. Era Gayle.

31

A VERDADE VEM À TONA

Emily olhou para as feições inertes de Gayle, sua pele pálida e o sangue escorrendo de sua cabeça. Um barulho estridente soou em seus ouvidos, e ela levou alguns segundos para perceber que era o

som de seus próprios gritos. Ela se virou e se inclinou, quase vomitando na grama.

O som das sirenes rugiu mais perto, e um carro rugiu na estrada. Era Spencer. Ela fechou a porta e deu alguns passos em direção a elas com um olhar confuso em seu rosto. Então ela viu a figura de Gayle no chão e parou. Seu rosto registrou uma série de emoções — surpresa, horror, medo — em uma fração de segundo. — Oh, meu Deus — ela gritou. — Essa é. .?

— Gayle — resmungou Emily com a voz trêmula.

Spencer parecia que ia vomitar. — O que aconteceu?

— Nós não temos certeza. — Lágrimas correram pelo rosto de Aria. — Viemos para o pátio porque ouvimos um bebê chorando, havia toda esta neblina, ouvimos passos e, em seguida, algo que soou como um tiro, e depois..

Carros da polícia apareceram no começo da rua, e as meninas congelaram. Os veículos aceleraram até a entrada da garagem e pararam atrás do carro de Spencer. A boca de Hanna se escancarou. Spencer, instintivamente, levantou as mãos em sinal de rendição. Emily deu um grande passo para longe do corpo de Gayle.

As portas dos carros de polícia se abriram e quatro policiais saíram. Dois deles correram para o corpo caído, pedindo por reforços, enquanto os outros dois seguiram até onde Emily e suas amigas estavam. — O que diabos está acontecendo aqui?

Emily olhou para o policial que tinha falado. Ele tinha um cabelo loiro espetado, cicatrizes de acne, e usava um distintivo de Tenente de ouro brilhante, que dizia LOWRY. — Nós não fizemos isso!

— Nós podemos explicar! — Aria gritou ao mesmo tempo.

Lowry virou e olhou para a escuridão além dos carros da polícia. — Onde está a pessoa que ligou para nós?

— Eu estou aqui — uma voz respondeu.

Outra figura surgiu através do nevoeiro. Emily presumiu que seria um vizinho, mas depois ela notou o smoking preto do cara, sapatos brilhantes e os cabelos castanhos na altura dos ombros. Seu estômago caiu a seus pés. Era Isaac.

— O-o que você está fazendo aqui? — Emily balbuciou.

Isaac olhou para ela. — Eu segui você — eu estava preocupado com você. Então eu ouvi o tiro, e chamei a polícia.

A cabeça de Emily girou. — Você não tinha o direito de me seguir! Isso é particular!

— Se você tivesse me dito o que estava acontecendo eu não teria feito isso! — A voz de Isaac estava rígida. — Eu estava com medo de que você estivesse em apuros! — Seu olhar caiu para o corpo de Gayle e sua boca tremeu.

Lowry pegou seu walkie-talkie do cinto e checkou os reforços e a ambulância. Então ele olhou para as meninas. — Vocês sabem quem é esta mulher?

— O nome dela é Gayle Riggs — Aria disse em voz baixa.

Lowry as encarou, mastigando seu chiclete ruidosamente. — Vocês estavam tentando roubá-

la? — Claro que não! — Emily gritou. — Nós estávamos.. aqui! Alguém fez isso! — Ela olhou para Isaac. — Diga a ele que eu não faria algo assim.

Isaac rolou sua mandíbula. — Bem, eu realmente não vi o que aconteceu, havia muito nevoeiro. Mas Emily não faria algo assim, policiais. Ela não é uma assassina.

O cara que estava segurando Spencer bufou. — As pessoas podem te surpreender.

Lowry mascou seu chiclete e olhou para Emily. — Você quer explicar o que vocês estão fazendo aqui?

Emily olhou com culpa para Isaac. As luzes girando em cima do carro da polícia lançava luzes azuis e vermelhas em seu rosto. Ele

ainda estava olhando para ela com amorosa dedicação. — É pessoal.

Lowry parecia irritado. — Se você não pode explicar por que vocês estão aqui, vamos ter que levá-las para a delegacia como suspeitas.

Suas amigas engasgaram ao lado dela. O estômago de Emily se apertou. Será que ela ia permitir que elas fossem acusadas de um crime que não cometeram apenas para manter seu segredo?

Ela limpou a garganta. — Eu estou aqui porque eu pensei que meu bebê estivesse em perigo.

Eu pensei que ela tinha sido sequestrada. Nós não sabíamos que Gayle Riggs morava aqui — nós só recebemos uma dica de que o bebê estava neste endereço.

Os olhos de Isaac se arregalaram. — *Que* bebê?

Baixando os olhos, Emily respirou profundamente. — Eu tive um bebê neste verão. — Ela disse as palavras rapidamente.

Isaac parecia atordoado. — É mesmo?

Ela assentiu com a cabeça. — Ela é sua, Isaac.

Por um momento, tudo no mundo ficou imóvel. Isaac franziu o rosto. — Uh... *o quê?*

— É verdade. — A voz de Emily tremeu. — Eu descobri vários meses depois que terminamos.

Eu me escondi no verão passado em Philly e procurei alguém para dar o bebê para adoção. Eu conheci Gayle, e ela estava interessada em adotar o bebê, mas eu decidi que eu queria dar o bebê para outra pessoa. Depois, Gayle fez ameaças que soavam como se ela pudesse tentar roubar o bebê da nova família. Então, quando recebi a dica de que o bebê estava aqui, eu arrastei minhas amigas junto para ver se era verdade. — Emily imaginou que isso fosse o mais próximo da verdade que ela poderia falar. — E nós

realmente pensamos que ela estava aqui — nós ouvimos um choro de bebê.

Mas, então. . parou. Nós não fizemos nada para machucar Gayle — ela acrescentou. — E não puna as minhas amigas. É por minha causa que elas estão aqui.

Quando ela terminou, sua garganta estava seca e ela sentia como se tivesse acabado de nadar no Canal Inglês. A expressão de Isaac se transformou de descrença para confusão, depois raiva, tudo em apenas alguns segundos. — A... *bebê*? — ele guinchou, com a voz embargada. — Uma menina?

— Sim. — Emily sentiu lágrimas nos olhos.

Isaac passou a mão por cima de sua cabeça. — Inacreditável. — Ele deu um passo para a direita, em seguida, uma guinada cambaleante para a esquerda. De repente, ele se virou e balanceou em direção aos outros dois policiais com uma postura rígida. Emily adiantou-se para ir atrás dele, mas Hanna tocou suavemente as suas costas.

— Deixa ele ficar sozinho — ela sussurrou.

Segundos depois, mais carros da polícia, uma ambulância e um caminhão de bombeiros rugiu na estrada. Os policiais saltaram dos carros e montaram um perímetro ao redor da cena do crime.

Um detetive com uma jaqueta cinza puxou uma câmera e tirou fotos da figura sem vida de Gayle.

Um homem com um casaco que dizia LEGISTA nas costas examinou o corpo, garantindo que ela estava de fato morta. Cães policiais latiam em suas coleiras, saliva pingava de suas mandíbulas. As sirenes soavam sem parar, deixando Emily com uma dor de cabeça.

O policial ao lado de Aria, um cara grande e forte com uma cabeça careca, virou-se para Emily.

— Você realmente espera que acreditemos na sua história? — perguntou.

— É a verdade. — Emily sentia que ia desmoronar. — Você pode olhar os meus registros médicos do Hospital Jefferson.

— Por que você não veio à polícia quando a Sra. Riggs supostamente fez essas ameaças?

Emily olhou para suas amigas. Spencer limpou a garganta. — Ela não queria que seus pais soubessem que ela estava grávida — disse ela. — Ela pensou que poderia lidar com as coisas sozinha.

— E essa dica que você recebeu, dizendo que o bebê estava aqui? Quem a deu?

O estômago de Emily capotou. A última coisa que ela queria era dizer aos policiais sobre A. — Eu acho que foi uma farsa. Alguém brincando com a gente.

— Então por que a Sra. Riggs está morta? — Lowry estalou.

— Eu não faço ideia — Emily sussurrou.

— Então, você não sabe de onde veio isso? — Lowry apontou para algo no chão.

Emily seguiu seu dedo. Deitada ao lado do cotovelo de Gayle havia uma arma preta. Estava misturada com o pavimento escuro. Ela saltou para longe dela como se fosse uma cascavel. — Oh, meu Deus.

— Nós ouvimos alguém atirar — disse Aria.

— Você viu quem atirou? — Lowry perguntou.

Todas trocaram um olhar desamparado. — O nevoeiro era muito denso — disse Emily. — Tudo o que ouvi foram passos.

— Eu vi alguém correr na frente do meu carro — Spencer falou, — mas eu não vi o rosto.

Lowry pegou a arma com dois dedos enluvados, colocou-a dentro de um saco plástico, e entregou-a a um dos detetives. O homem

digitou algo em um laptop. Emily estremeceu ao lado de suas amigas, tentando transmitir o que ela estava pensando sem falar. *Como isso tinha acontecido? E*

quem matou Gayle? Isso era completamente sem relação conosco ou com o bebê?

Ou, Emily pensou com um arrepio, o assassino estava absolutamente relacionado com elas?

Seria possível que Gayle *não fosse* A, afinal? Seria possível que A tivesse matado Gayle?

Mas por quê?

Depois de alguns minutos de tortura, o detetive voltou para as meninas.

— Tudo bem. A arma foi registrada por uma Gayle Riggs. De acordo com os registros, não havia sido roubada. Quem atirou deve tê-la pegado de sua casa.

O policial que segurava Aria projetou um polegar para a escuridão. — Isaac viu vocês entrando na casa. Coincidência?

— Sim — Aria disse fracamente. — Foi outra pessoa.

Lowry olhou o corpo de Gayle no chão, que agora estava coberto com um lençol. — Vamos analisar as impressões digitais na arma. Os resultados devem demorar algumas horas. — Então, ele olhou para as meninas. — Até então, as quatro vêm com a gente.

HORA DA CONFISSÃO

A última vez que Spencer tinha estado na delegacia de Rosewood foi quando Darren Wilden trouxe ela e suas amigas um ano atrás — a polícia havia acusado as meninas de ajudar Ian Thomas a fugir da custódia da polícia, bem como ajudar e ser cúmplice no assassinato de Ali. A delegacia tinha mudado desde então, tinha uma nova camada de pintura, vidros dianteiros novos, uma dessas máquinas de café modernas que também fazia cappuccino e chocolate quente, e uma sala de interrogatório marginalmente melhor. Em vez da mesa surrada de madeira com riscos em toda a parte de cima, havia uma de metal nova e brilhante.

Não que isso fizesse Spencer se sentir mais confortável de estar aqui.

Ela e suas amigas se sentaram silenciosamente ao redor da mesa. Hanna mordida incansavelmente sua unha do polegar, que ainda estava manchada de tinta da impressão digital.

Aria continuava despedaçada em lágrimas, o rímel escorrendo pelo seu rosto. Emily estava chupando seu lábio com tanta força que parecia que ele ia desaparecer. Spencer levantou e começou a andar ao redor da sala, o remoer em seu intestino era demais para suportar. E se elas fossem acusadas do assassinato de Gayle? E se eles prenderem elas para sempre?

Ela parou de andar. — Gente, talvez nós devêssemos apenas dizer-lhes que A nos deu uma dica para ir à casa de Gayle. Eles provavelmente vão perguntar sobre isso novamente de qualquer maneira.

Os olhos de Aria se arregalaram. — Você sabe que não podemos fazer isso. A vai nos delatar.

Spencer sentou-se na cadeira. — Mas e se A for o assassino de Gayle?

Hanna franziu o cenho. — Mas eu pensei que A era Gayle.

— Sério? — Spencer olhou para ela. — Depois do que acabamos de testemunhar?

— Não parece provável. — Emily inclinou-se sobre os cotovelos.

— E se A planejou tudo isso? Nos atrair para Mockingbird Drive, tudo? É possível que não houvesse um bebê na casa dela de jeito nenhum. Talvez fosse uma armação.

Aria apertou os olhos. — Mas por que A mataria Gayle?

— Para nos culpar, talvez. — Spencer pensou por um momento. — Ou talvez A tinha intenção de chegar até nós primeiro, mas Gayle ficou no caminho. Ela não deveria estar na arrecadação de fundos?

Ela fechou os olhos e pensou naqueles segundos aterrorizantes quando ela entrou na entrada de Mockingbird Lane. Uma figura tinha corrido na frente do carro, em seguida, disparou para o outro lado da rua para dentro da floresta. Quem quer que fosse estava todo de preto e tinha um capuz apertado — Spencer não tinha sido capaz de dizer se era um cara ou uma mulher.

Hanna limpou a garganta. — Mas Gayle é a mãe de Tabitha. Ela estava querendo roubar Violet.

Ela estava em Princeton quando Spencer estava, ela se infiltrou na campanha do meu pai, ela me ameaçou na corrida. Faz muito sentido ela ser A.

— Eu concordo — disse Aria.

— Então, por que Gayle está morta agora? — Spencer exigiu.

A porta se abriu e todas pularam. Lowry entrou e fez um movimento para as meninas se levantarem. Havia um olhar incomodado em seu rosto, e ele estava segurando uma xícara de café na mão. — Bem, nenhuma das impressões sobre a arma combinou com a de vocês.

Spencer se levantou abruptamente. — As impressões de quem estavam na arma?

— Da Sra... Riggs. — Lowry bebeu um gole de café. — E um monte de impressões que não temos no registro. Elas podem ser do marido dela. Ele acabou de chegar de Nova York, e eu quero que todos nós conversemos juntos.

Spencer trocou um olhar aterrorizado com as outras. O marido de Gayle era o pai de Tabitha.

Antes que elas pudessem dizer uma palavra, um homem alto e magro entrou na sala. Spencer o reconheceu das notícias sobre Tabitha, o pai de luto que faria qualquer coisa para ter sua filha de volta. Seus olhos estavam tingidos de vermelho, e ele tinha um olhar em seu rosto como se tivesse acabado de ser atingido por um raio. Ela encolheu os ombros, com medo de que ele soubesse o que elas tinham feito para sua filha, mas o Sr. Clark parecia catatônico demais para notá-las.

Lowry colocou suas mãos sobre as costas de uma cadeira vazia. — Sr. Clark, eu gostaria de esclarecer uma história que a Sra. Fields nos contou sobre sua esposa. — Ele olhou para Emily, em seguida, para o pai de Tabitha. — Peço desculpas por nós termos que fazer isso logo depois da morte dela, mas é importante para a nossa investigação.

Ele repetiu o que Emily havia dito a ele sobre Gayle querendo adotar seu bebê neste verão, terminando em como Emily estava preocupada que Gayle tivesse roubado o bebê esta noite — elas tinham ouvido um bebê chorando na varanda de trás. O Sr. Clark olhou para Emily, parecendo assustado. — Ela nunca me disse que queria adotar um bebê no verão passado — disse ele fracamente.

Spencer olhou para ele, mal acreditando no que estava ouvindo. Como Gayle poderia não ter dito a seu próprio marido?

— Ela disse que você sabia — disse Emily. Spencer estava surpreendida com a capacidade dela de falar — se não fosse ela que estivesse sendo questionada agora, ela provavelmente se esconderia debaixo da mesa. — Ela disse que ia colocar você no telefone, mas ela nunca o fez.

— Provavelmente porque eu disse a ela de forma muito clara que eu não queria adotar. — O

Sr. Clark esfregou o topo de sua cabeça. — Então o que aconteceu? Por que você não lhe deu o bebê?

A garganta de Emily se apertou. — Eu escolhi outra família. Isso é tudo.

O Sr. Clark piscou rapidamente. — Foi porque você nunca falou comigo? Foi porque você pensou que não fosse um bom acordo?

— É difícil de explicar — Emily murmurou, olhando para os saltos altos.

Os olhos do Sr. Clark estavam vagos e vazios enquanto ele olhava para a parede atrás das meninas. — Às vezes Gayle coloca ideias na cabeça que ela não consegue tirar. Ela pode ser muito determinada, até mesmo teimosa, para conseguir o que quer. — Ele assuou o nariz. — Eu as asseguro, porém, que nós não raptamos crianças. Nós não havíamos contado a ninguém ainda, mas Gayle tinha acabado de fazer um teste de gravidez na semana passada. Deu positivo, e ela ficou tão feliz. — Ele balançou a cabeça. — Nós tínhamos trabalhado tanto para engravidar. Esta foi a nossa quinta rodada de tratamentos de fertilidade. Nós tínhamos passado por tanta dor. — Seus ombros começaram a tremer. — Isso não pode estar acontecendo. Primeiro Tabitha, agora Gayle.

Tabitha. Só de ouvir o nome dela era uma tortura. Spencer estendeu a mão e pegou a mão de Emily. Hanna e Aria pareciam que estavam prestes a explodir.

Emily mudou seu peso. — Eu sinto muito sobre sua filha. Isso deve ter sido tão difícil para vocês dois como pais.

As sobrancelhas do Sr. Clark franziram quando ele se virou em direção a elas. — Bem, Gayle era madrasta de Tabitha. Foi difícil para ela, é claro, especialmente porque elas tinham alguns...

problemas. Tabitha tinha problemas comportamentais. Gayle me pressionou para internar Tabitha, e eu finalmente cedi.

Spencer trocou um olhar secreto e assustado com Emily e as outras. *Madrasta?* Isso explicava por que ela nunca aparecia nas notícias e tinha um sobrenome diferente.

O Sr. Clark colocou a cabeça entre as mãos. — Eu não deveria ter cedido à pressão de Gayle para enviar Tabitha para longe. E eu cometi tantos erros com Gayle, também. Eu não deveria ter incomodado ela sobre todas as despesas que ela estava tendo, todo o dinheiro que ela gastava em festas. Eu não devia ter gritado com ela por causa do dinheiro que ela gastou no último verão. Eu só a queria de volta. Eu preciso dela de volta.

Ele soltou um gemido baixo. Lowry levantou-se e espantou as meninas para fora da sala, seguindo-as. Quando eles estavam longe o suficiente, ele colocou as mãos nos bolsos e moedas tiniram. — Eu não acho que precisamos lhe perguntar mais sobre se ele sequestrou o bebê, Sra.

Fields. Eu só posso dar a minha palavra de que a polícia fez uma busca na casa deles, também. Eles não encontraram nenhuma pista, e eles certamente não encontraram nenhuma criança.

A garganta de Emily doeu quando ela engoliu. — Tudo bem — ela disse calmamente.

Lowry fez uma careta. — Você sabe quem poderia ter enviado você para a casa do Sr. Riggs, até mesmo como uma piada?

Emily lançou um olhar nervoso para as outras, então balançou a cabeça. — Eu não sei. Mas eu não sei qual era a intenção da pessoa que nos enviou para lá — ou se teve alguma coisa a ver com o assassinato de Gayle. Nós somos as *Pretty Little Liars*. As pessoas nos enviam mensagens falsas o tempo todo, e isso foi apenas uma coincidência terrível.

Seus lábios tremiam. Spencer sabia que ela detestava mentir. Ela quase se levantou para contar tudo sobre A ao policial, mas depois se conteve. Lowry soltou um frustrado suspiro de *por que vocês estão desperdiçando meu tempo*. — Vocês já podem ir. Mas não pensem que vocês se safaram totalmente. Vocês ainda estavam na

propriedade de alguém sem permissão, e vocês ainda são testemunhas de um assassinato. Se há alguma coisa que vocês não estão me dizendo — como sobre quem enviou a mensagem — é melhor falarem logo. E as que forem menores de 18 anos, eu vou ter que chamar os seus pais.

Emily se encolheu. — E dizer a eles o quê?

Lowry olhou para ela. — Que vocês invadiram uma casa. Que testemunharam um assassinato.

Pessoalmente, Sra. Fields, eu acho que você deveria dizer a eles toda a verdade. Mas eu não posso tomar essa decisão por você.

Com isso, ele abriu a porta da frente e deixou Spencer e as outras saírem. O relógio digital do lado de fora do banco do outro lado da rua mostrava que eram quase três da manhã. Nenhum carro estava passando na Avenida Lancaster. Spencer tirou seu casaco e lançou um olhar longo e duro para suas amigas. — Ok. Acabei de ouvir o que eu pensei que eu ouvi?

— Eu também estou achando difícil de acreditar — Hanna sussurrou.

— Foi por isso que eu a vi na Babies “R” Us — Aria murmurou. — Eu pensei que era para se preparar para o seu bebê, Em, mas ela devia estar fazendo compras para seu próprio bebê.

— Mas ela me ameaçou — Hanna disse em voz baixa.

Spencer bateu nos lábios, pensativa. — O que exatamente ela disse?

— Que ela queria o que ela tinha direito. Ou seja, o bebê.

— E se Gayle não estivesse falando sobre o bebê? E se ela estivesse falando sobre o dinheiro?

— Spencer fez um gesto na direção da delegacia de polícia. — O Sr. Clark apenas disse que ele foi muito duro com Gayle por gastar tanto dinheiro durante o verão. E se foi o dinheiro que ela deu a Emily pelo bebê?

— Eu devolvi o dinheiro — protestou Hanna.

— Você o colocou na caixa de correios de Gayle. Alguém poderia facilmente ter roubado — Spencer apontou. — E se Gayle pensou que Emily tinha enganado ela? E se ela estivesse chateada todo esse tempo porque ela pensou que você pegou o dinheiro e saiu correndo? — Ela piscou com força, as peças do quebra-cabeça de repente se juntando de uma maneira diferente. — Isso pode fazer sentido. E se A roubou o dinheiro da caixa de correios de Gayle para fazê-la ficar com raiva, e fazer parecer como se ela estivesse aqui para nos pegar? E se A se aproveitou da situação e da suspeita lançada sobre alguém inocente, assim como o que aconteceu com Kelsey?

— Mas... — Aria mordeu uma unha. — Gayle é a mãe de Tabitha.

— Ma *drasta* — Spencer corrigiu. — Parece que não havia nenhum amor entre elas, também.

— A poderia ter nos atraído para a casa de Gayle, levando-nos para uma armadilha, como você disse, Spence — disse Emily. — Talvez A não esperasse que Gayle estivesse lá hoje à noite, ela deveria estar no baile. Mas, ela estava. Talvez ela pegou A de surpresa. Então, A a matou.

Spencer concordou, pensando a mesma coisa. Gayle tinha inadvertidamente salvo suas vidas?

Se ela não tivesse estado na casa, A teria matado elas ao invés?

Aria e Hanna se moveram, mas não disseram nada. Um longo silêncio se seguiu. Um solitário Honda Civic rolou através de um semáforo sem esperar que a luz ficasse verde. Uma placa de néon piscava do outro lado da avenida.

— Vocês acham que é verdade? — A pele de Hanna estava pálida. — Vocês acham que nós estávamos erradas, *de novo*?

Spencer estremeceu, olhando para longe. — Talvez — ela sussurrou.

E outra pessoa foi morta por causa disso.

33

A CONFIDENTE DE ARIA

Na manhã seguinte, Aria estava sentada de pernas cruzadas no chão da sala de estar na casa de seu pai, tentando meditar. *Deixe de lado todo o seu estresse, uma voz suave disse através de seus fones de ouvido. Inspire e expire e imagine tudo lentamente flutuando para longe.* .

Era mais fácil dizer do que fazer, porém, porque a imagem do rosto de Gayle pálido continuava saltando na mente de Aria. Os noticiários estavam falando nada mais além do assassinato de Gayle por toda a manhã, e todo mundo estava histérico que outro assassino pudesse estar solto em Rosewood. Milagrosamente, Aria e as outras não foram mencionadas na história.

Ontem à noite, quando o pai de Spencer descobriu que as meninas haviam sido levadas para a delegacia de polícia para serem interrogadas sobre o assassinato de Gayle, ele imediatamente deixou seu apartamento na Filadélfia, conduziu para Rosewood, e teve uma longa conversa com o Tenente Lowry, que era o filho de um de seus melhores amigos. Porque não havia nenhuma evidência de que as garotas tinham feito algo, porque as meninas tinham passado por tanto escrutínio da mídia no ano anterior, e porque o Sr. Clark não ia prestar queixa por invasão, os policiais haviam concordado em não liberar os nomes das meninas para a imprensa.

Havia muita especulação na imprensa sobre quem poderia ser o assassino de Gayle — alguém atrás do dinheiro de Gayle, ou um inimigo de seu marido, ou um parceiro de um negócio que não deu certo. Ninguém havia imaginado que as Pretty Little Liars estavam envolvidas.

A ideia de que Gayle não era A e que A tinha feito uma armadilha para elas na casa de Gayle aterrorizava Aria — quem quer que seja a pessoa com quem elas estejam lidando, era diabólica e brilhante. E elas ainda não sabiam o que havia acontecido com o bebê de Emily. Nenhuma delas tinha recebido uma mensagem de A desde a que Emily recebeu no baile beneficente, por isso talvez a coisa toda — incluindo os sons de um bebê chorando — era um blefe. Ao menos uma coisa boa aconteceu: No início da manhã, Aria recebeu uma mensagem de Hanna dizendo que ela finalmente localizou o endereço da família que havia adotado Violet, usando os registros dos eleitores de seu pai. *Eles moram em Chestnut Hill*, a mensagem dizia. *Em quer ir até a casa, e ela quer que a gente vá com ela*. Elas combinaram de ir até lá mais tarde naquela noite. Hanna tinha acrescentado que ela pediu o carro de Kate emprestado — pode ser bom ir com um carro que as pessoas não associem com nenhuma delas. Aria entendeu o porquê sem Hanna ter que explicar: Um carro irreconhecível significava que era menos provável que A as seguisse. Se A estava à solta — e não tinha problemas em matar pessoas — elas não podiam correr o risco de levar A direto para Violet.

Agora passe para a posição cachorro olhando para baixo, disse a voz melodiosa nos fones de ouvido de Aria.

Aria colocou as mãos no tapete e apontou sua bunda para o ar. Ela ouviu passos e olhou para cima. Meredith se apoiou no batente da porta, seus dedos inquietos contra um avental em sua cintura. — Eu pensei que você tinha dito que não gostava de yoga.

Aria sentou-se rapidamente, sentindo-se pega em flagrante. — Uh.. — Ela parou, incapaz de encontrar uma desculpa apropriada.

Meredith sentou-se na beira do sofá e ficou mexendo nas franjas de uma das almofadas. — Foi muito bom falar com você sobre aquelas coisas entre mim e seu pai no outro dia.

A boca de Aria se contraiu. — Hum, é — ela murmurou, não tendo certeza se ela quis dizer isso. — Eu nunca fui capaz de dizer a ninguém sobre o quão difíceis eram as coisas — Meredith continuou.

— Eu sei que você não era a pessoa certa, e eu entendo que você provavelmente não se importa se as coisas foram difíceis para mim ou não. Mas eu sei que eu te machuquei. E eu quero que você saiba que eu nunca tive essa intenção. Eu não queria destruir sua família. Eu me sinto terrível sobre isso todos os dias.

— Pense em como eu me sentia — Aria disse, sentindo uma onda de raiva. — Eu sentia como se eu fosse destruir a minha família se eu não guardasse o segredo. Mas também me sentia como se eu estivesse traindo a minha mãe por não dizer nada.

— Eu sei — disse Meredith sinceramente. — E eu sinto muito por isso. Mas depois que as coisas foram esclarecidas, você se sentiu melhor?

Aria arqueou as costas, examinando a luminária de madeira pendurada no teto. — Foi horrível esconder isso. A expectativa de se descobrir era ainda pior do que quando a pessoa descobre a verdade. Eu acho que eu me senti melhor, eventualmente.

Meredith girou o anel de compromisso que Byron tinha dado a ela em torno de seu dedo. — Posso perguntar uma coisa? Você estava me perguntando tudo aquilo porque você estava curiosa sobre mim, ou porque você estava lidando com um segredo seu? Algo que você não quer contar a ninguém?

A cabeça de Aria levantou-se, e por um momento, ela temia que A tivesse enviado uma mensagem para Meredith contando-lhe tudo. Mas a expressão de Meredith era inocente — até afetuosa. Como se ela se importasse com o que aconteceu com Aria. Por um momento, ela quase pareceu como, bem, não uma mãe, exatamente, mas da família.

— Algo como isso — murmurou Aria.

— Você está bem?

Aria encolheu os ombros, sem responder.

Meredith suspirou, em seguida, tocou o joelho de Aria. — Eu realmente sinto muito. Segredos podem te comer vivo. Eles

danificam sua alma. É sempre melhor deixar as coisas em aberto.

Aria acenou com a cabeça, desejando que Meredith tivesse dito isso a ela há alguns dias atrás, em vez de dizer tolices sobre como guardar segredos era às vezes bom se fosse para proteger a pessoa. *Sem mais segredos*, Noel tinha dito a Aria na semana passada. Claro que ele tinha o direito de estar furioso com ela — ela tinha escondido algo enorme dele, algo que ele merecia saber. Como ela podia esperar ter um relacionamento real com ele se ela não compartilhasse seus sentimentos mais íntimos, aquelas coisas que unem ou separam um casal? Era o que Noel queria. Era o que Aria queria também — com ele.

De repente, uma porta se abriu em sua mente. Ela olhou para o relógio. Noel provavelmente não tinha ido para a escola ainda. Com alguma sorte, ela poderia pegá-lo.. e tentar consertar as coisas.

*

Os pesados passos reveladores de Noel soaram do outro lado da sua porta da frente. — O que você está fazendo aqui? — ele perguntou rispidamente quando a abriu e viu Aria.

Aria estava brincando com o seu lenço de pêlo de cabra angorá enrolado em torno de seu pescoço. — Eu vim pedir desculpas e explicar.

Noel se virou. — Poupe seu fôlego.

Ele estava prestes a fechar a porta na cara dela, mas Aria o impediu. — Me ouça, ok? Me desculpa por eu não ter lhe dito o que aconteceu com seu pai. Eu estava com medo do que isso faria com a sua família. Eu odiava a ideia de estarmos juntos enquanto eu sabia um segredo sobre você, então eu pensei que seria melhor se nós estivéssemos separados.

O telefone dos Kahns tocou dentro da casa, deixando escapar um par de sons estridentes. — Noel, você pode atender? — a Sra. Kahn pediu. Mas o olhar de Noel permaneceu no de Aria. Ele não disse

nada, apenas encarava. — Eu estava tentando protegê-lo. — Aria continuou, preenchendo o silêncio. — Eu já tinha machucado a minha família por causa de um segredo. Eu não queria fazer isso com a sua família, também. Eu me importo mais com você do que conosco, se isso faz algum sentido. E eu sabia que a família é tudo para você. É por isso que eu fiz isso.

Ela fechou a boca, seu coração estava acelerado. Mesmo que não fosse toda a verdade, era o mais perto que ela poderia chegar sem contar a ele sobre A. Como não havia nenhuma maneira de ela poder fazer isso — não com A à solta, não com A tão disposta a matar pessoas. Aria amava Noel demais para colocá-lo em perigo.

Houve uma longa pausa. Noel olhou para seus pés, aparentemente pensando suas emoções.

Aria inspirou, seu estômago nervoso. E se ele batesse a porta na cara dela? E se ele não se importasse?

Mas, de repente, Noel esticou os braços. — O problema, Aria, é que eu me importo mais conosco do que consigo. Não importa o que você tiver que me dizer, é só dizer, ok?

Aria se jogou nele, e eles se abraçaram por um longo tempo. Pela maneira que seus braços circularam firmemente em torno dela era como se ele nunca quisesse mais deixá-la ir, e ficou claro que ele a tinha perdoado.

— Eu sinto muito — ela sussurrou em seu ouvido.

— Eu sei — disse Noel. — Eu sinto muito, também. Eu deveria ter lhe contado sobre o meu pai, em vez de deixar você descobrir por si mesma. Eu escondi algo de você, também. — Ele se afastou e tocou a ponta de seu nariz. — Você pode me perdoar?

— É claro — disse Aria, abraçando-o ainda mais apertado. Ela nunca se sentiu tão conectada com Noel, nem com qualquer outra pessoa, em toda a sua vida. Mas, quando ela aninhou o nariz em seu peito, ela ouviu algo do outro lado do pátio e olhou para cima. Parecia que alguém estava limpando a garganta. Ela examinou as

árvores procurando por um sinal de vida. As janelas da casa de hóspedes estavam fechadas. Havia um pássaro em cima do muro, levantando e abaixando sua calda. *Não há ninguém aqui*, ela disse a si mesma, e tentou engolir o medo da melhor maneira possível. Mas ele ficou preso em sua garganta, deixando um gosto ruim em sua boca.

A ainda estava lá fora, afinal de contas. E era muito possível que A estivesse perto, ouvindo.

Mas A tinha tirado muita coisa dela. A não iria tirar Noel, também.

34

UM SURPRESO EFEITO COLATERAL DA

PERSEGUIÇÃO

Mais tarde naquela manhã de segunda-feira, Hanna entrou no estacionamento da Rosewood Day. As nuvens pendiam pesadamente no céu, combinando com seu humor. Kate, que estava ao lado dela, havia ligado na rádio de notícias WKYW. O locutor local estava recapitulando o assassinato trágico de Gayle. — A Sra. Riggs era uma grande benfeitora para o Museu de Arte da Filadélfia, o Aquário

de Camden e Big Sisters Big Brothers da Nova Jersey — disse o repórter, o som de notícias tocando no fundo. — Ela fará muita falta. O funeral é amanhã de manhã e multidões estão previstas para participar. A Sra. Riggs deixa o marido, embora ela recentemente tivesse perdido uma enteada, Tabitha.

Hanna desligou o rádio abruptamente. — Isso é tão horrível — Kate murmurou, cutucando sua manicure. — Você realmente não viu quem matou ela?

— Shh — Hanna sibilou, mesmo que elas fossem as únicas pessoas do carro. Quando ela deixou a delegacia na noite passada, ela ligou para seu pai e disse a ele o máximo da história que ela pôde explicar, que ela tinha feito uma busca desesperada com Emily, que ela não sabia que era a casa de Gayle e que ela ficou surpresa ao encontrar Gayle morta na calçada. Naturalmente, seu pai tinha ficado horrorizado, e ele havia chamado seu gerente de campanha e secretário de imprensa para aconselhá-lo sobre a melhor forma de expor a notícia. Kate tinha estado a par da conversa, mas, em vez de olhar para Hanna como se ela fosse uma aberração da natureza ou uma assassina louca, ela tinha sido simpática. *Deve ter sido horrível*, ela havia dito com um olhar preocupado no rosto.

Felizmente, o pai de Spencer tinha dado um jeito de fazer a polícia de Rosewood não dizer à imprensa que as meninas estavam na propriedade de Gayle, e todos os outros que também sabiam juraram não contar. Mas o pai de Hanna ainda lhe deu um sermão em privado, no quarto dela. — Aquelas fotos que você me falou não foram ruins o suficiente? — Ele disse com os dentes cerrados.

— O que você estava fazendo invadindo uma propriedade? Você poderia ter morrido!

Hanna odiava ver seu pai decepcionado com ela, e ela mais ou menos havia prometido não sair de casa até as eleições acabarem. Mas quando seu pai começou perguntando o que ela estava fazendo na casa de Gayle, ela se atrapalhou com uma desculpa. De jeito nenhum ela poderia contar a ele sobre o bebê de Emily ou A.

Hanna parou em um local de estacionamento e saiu do carro. Ela caminhou em direção à entrada lateral e Kate se dirigiu para a ala de arte, onde ela tinha aula. Alguns adolescentes pararam para olhar para Hanna como se ela estivesse em chamas. — Perdedora — murmurou Devon Arliss, tirando o esqui da equipe de patinação da parte de trás do seu carro. Kirsten Cullen parou de mandar mensagens em seu celular e começou a rir. Phi Templeton e Chassey Bledsoe cutucaram uma a outra numa colina onde todos os fumantes estavam, e Lanie Iler e Mason Byers pararam de se agarrar o suficiente para sussurrarem *Perseguidora Psicopata* em uma voz suficientemente alta para ela ouvir. Hanna pensava que um assassinato local teria superado o vídeo estúpido sobre ela, mas ela estava errada.

A tortura não parou quando ela chegou nos corredores, tampouco. Todo mundo que estava sentado no Steam, a cafeteria da escola, levantou a cabeça e sussurrou sobre o vídeo que tinham recebido ontem à noite. Até mesmo alguns professores olharam para ela com as sobrancelhas erguidas. Hanna abaixou a cabeça e correu para o seu armário o mais rápido que pôde, mas os risos desagradáveis pareciam com farpas em sua pele. O nariz dela começou a contorcer, mas ela não podia deixar ninguém vê-la chorar. Ser a perdedora da escola já era ruim o suficiente.

Ela abriu seu armário e tirou um punhado de livros sem olhar se eram os certos para suas aulas. Em seguida, uma pessoa familiar no final do corredor chamou sua atenção. Mike estava de pé ao lado de Colleen, com a mão no ombro dela. Hanna se virou, desejando que eles desaparecessem.

Ela não podia lidar com a visão dos rostos sorridentes deles agora.

Ela fechou os olhos, contou até dez e depois checou o corredor novamente. Eles ainda estavam de pé. Mas quando Hanna prestou mais atenção, ela viu lágrimas nos olhos de Colleen. Mike estava segurando as mãos dela. Então, ele abaixou a cabeça, afagou o braço de Colleen e desceu o corredor.

Diretamente-na-direção-de-Hanna.

Merda. Hanna fechou seu armário com uma batida e empurrou seus livros em sua bolsa o mais rápido que pôde. O olhar de Mike estava em sua direção enquanto ele ziguezagueava em torno de um grupo de calouros na frente de uma das salas de química. Obviamente ele iria brigar com ela por ter espionado Colleen e roubado as fotos dela. Por um lado, Hanna realmente não queria enfrentá-

lo, mas por outro, ela sabia que merecia. Ela não iria querer gritar com a Nova A se elas ficassem cara-a-cara algum dia?

— Hanna — disse Mike quando se aproximou.

— Eu sinto muito — ela revelou. — Eu sou a maior idiota do mundo e eu nunca deveria ter seguido Colleen por aí. Eu estou com as fotos dela. Ela pode pegá-las de volta e eu até paguei por elas. Hanna se preparou, mas depois sentiu a sensação inesperada da mão de Mike deslizando na dela. Havia uma expressão no rosto dele que ela não pôde decifrar. — Eu tenho certeza de que Colleen gostaria de ouvir isso, Hanna. Mas, na verdade, eu acho que o que você fez foi.. incrível.

De primeira, Hanna pensou que a música clássica que estava bombeando através dos alto-falantes do corredor estava mexendo com seu cérebro. — O quê?

Os olhos de Mike brilharam. — Você seguiu Colleen por aí porque você queria ver o que ela tinha que você não tinha, certo? Por que eu estava saindo com ela ao invés de com você?

Hanna mordeu o interior de sua bochecha. — Bem, meio que..

— Você me queria de volta tanto assim. — Mike ergueu sua mochila em seu ombro. — Ninguém nunca gostou tanto de mim assim.

— Colleen gosta de você tanto assim — Hanna resmungou.

Mike olhou por cima do ombro para os estudantes que entupiam os corredores. — Eu sei. Eu me sinto mal. Mas. . ela não é pra mim. — Ele se aproximou mais. — Você é.

Um músculo na mandíbula de Hanna se contraiu. Ela cheirou o familiar perfume de pinheiro de Mike. Ela sempre costumava provocá-lo por ele cheirar a loja de esqui. Ela sentiu muita falta disso.

Mas então ela fez uma careta. — Então, espere. Você dorme com Colleen, então rompe com ela uma semana depois? Isso não é uma coisa legal de se fazer, Mike.

Mike deu-lhe um olhar louco. — Por que você acha que Colleen e eu estávamos dormindo juntos? Eu sei que sou um garanhão e tudo mais, mas nós só saímos por duas semanas.

— Mas Mason e James. . eu ouvi eles dizendo... — Hanna passou a língua sobre os dentes. — Espere. Aquilo foi apenas uma coisa de meninos? Fazer os caras assumirem que estão transando com suas namoradas?

Mike encolheu os ombros. — Eu acho que sim. — Ele deu um sorriso doce e vulnerável. — Honestamente, Hanna? Eu estou me guardando para você.

Fogos de artifício explodiram na cabeça de Hanna. — Bem, é seu dia de sorte — ela murmurou. — Eu também estou me guardando pra você. Lembra o que eu disse na Corrida de Marwyn? Eu estou dentro se você estiver.

Mike se inclinou para ela novamente, e Hanna saboreou cada segundo do seu beijo. Então, Mike se afastou e cutucou o lado de Hanna. — Então, Srta. Perseguidora.. o que você descobriu sobre Colleen, afinal? Alguma coisa boa?

A música entre classes parou, e quando Hanna olhou ao redor, ela percebeu que a maioria dos alunos tinha saído dos corredores. Ela lambeu os lábios, considerando contar tudo, mas, de repente, isso não importava mais. Expor um segredo apenas era importante

quando você se sentia ameaçada por alguém — quando eles faziam você se sentir insegura ou tinha algo que você queria ou te deixava com medo — e Colleen não fazia mais ela sentir nenhuma dessas coisas. Ela não era como A, à procura de vingança.

— Não, nada de bom — ela falou, pegando a mão de Mike e puxando-o pelo corredor. Parecia libertador deixar de ser a A de Colleen.

A única coisa que poderia deixar tudo perfeito era A desaparecer, também.

35

NENHUM CLUBE QUER SPENCER COMO

MEMBRO...

Naquela tarde, Spencer estava sentada na mesa da cozinha com seus pais. Seu pai estava olhando para o celular e sua mãe estava

tomando uma xícara de chá gelado. Era quase como nos velhos tempos, quando seus pais ainda estavam juntos. Mas o Sr. Pennythistle também estava lá, encostado na ilha da cozinha e com os braços cruzados sobre o peito.

— Eu não posso agradecer o suficiente pelo que você fez, Peter — a mãe de Spencer disse, amassando um guardanapo entre as mãos. — A última coisa que essa família precisa é de mais um escândalo.

— Eu fico feliz por poder ajudar — o Sr. Hastings disse. — Eu quis proteger todos nós e a ida de Spencer para Princeton. — Então ele deu a ela um olhar severo. — Eu ainda não entendo o que você estava pensando, no entanto. Alguém tinha uma arma, Spencer. E se você tivesse sido pega no fogo cruzado?

— Não foi suficiente o que você passou? — A Sra. Hastings se intrometeu. — O que nós temos que fazer? Te trancar em seu quarto até você ir para a faculdade, para você não se meter mais em problemas?

— Eu já disse que estou arrependida — Spencer murmurou. Ela já tinha recebido essa mesma bronca três vezes.

A campainha tocou, assustando tanto a Sra. Hastings que ela quase deixou a xícara cair. — Quem será? — ela resmungou.

— Eu atendo. — Spencer se levantou de seu assento, fechou o zíper do seu moletom e foi em direção à porta, rezando para que não fosse um policial com mais perguntas. Uma cabeça loira se moveu atrás da janela. Spencer parou no meio do caminho. Essa era.. Harper?

Ela abriu a porta. O ar frio invadiu o corredor. Harper estava com seu casaco abotoado até o pescoço e a ponta do seu nariz estava vermelho. Seus olhos também estavam vermelhos, como se ela tivesse chorado sem parar. Os cantos de sua boca estavam virados para baixo, e por alguns longos segundos, ela não disse uma palavra, apenas ficou olhando.

— Uh, por que você não está em Princeton? — Spencer perguntou cautelosa.

Os olhos de Harper brilharam. — Porque eu estou em liberdade condicional acadêmica. Por causa de você .

Spencer olhou por cima do ombro para se certificar de que sua mãe não estava escutando. — O que você quer dizer?

Harper colocou a mão no quadril. — Não é óbvio? O comitê disciplinar me culpou por uma festa com drogas. — Um olhar sinistro atravessou seu rosto. — O engraçado é que, eu me lembro de você ter me dito que o monte de brownies que você levou tinha alguns ingredientes especiais neles.

Você parecia muito orgulhosa de si mesma, na verdade.

Spencer levantou as mãos em um gesto de *whoa*. — Eu não coloquei LSD neles! Foi outra pessoa!

Um bufo desagradável saiu da boca de Harper. — *Certo*. Eu vou te destruiu. Eu vou garantir que você não seja bem-vinda em Princeton no ano que vem.

O estômago de Spencer se contorceu. Ir para Princeton parecia que seria um início surpreendentemente novo, uma fuga de Rosewood, e ela estava tão animada com sua amizade com Harper e as outras meninas. Mas, enquanto A estivesse em sua vida, ela nunca seria capaz de seguir em frente. A iria segui-la onde quer que ela fosse. As mensagens, fotos e vídeos ainda viriam rápidos e selvagens mesmo se ela fosse para a China. Mesmo se ela fosse para a lua.

Vídeos. De repente, uma luz se acendeu em sua cabeça. — Não vá ainda. Eu tenho uma coisa que você deveria ver.

Spencer entrou pelo saguão e encontrou seu iPhone em sua bolsa. Em seguida, caminhou triunfantemente de volta para a porta aberta. Harper ainda estava de pé na varanda, parecendo irritada.

Spencer colocou o celular na cara de Harper e pressionou PLAY. O vídeo de Harper destruindo a Casa da Ivy apareceu. Primeiro, ela arrancou as cortinas das paredes e as cortou. Em seguida, ela tirou a espuma de dentro dos travesseiros. Ela tirou os livros das prateleiras, quebrou um vaso e decorou um quadro com um rímel.

Harper fez uma careta. — Essa não sou eu.

Spencer zombou. — Boa tentativa. — Ela pegou o celular da mão de Harper antes que ela pudesse apagar o vídeo. — Eu não quero fazer isso, mas se você me dedurar, eu deduro você. Eu duvido que o clube da Ivy goste de vandalismo. E você não tem nenhuma prova sólida sobre os meus brownies terem drogas, só o que eu disse quando estávamos drogadas. Eu, por outro lado, tenho esse vídeo. Você pode se meter num problema pior do que já se meteu.

O olhar confiante no rosto de Harper desapareceu. Ela abriu e fechou a boca algumas vezes, e seu rosto ficou roxo. — Ok — ela finalmente falou. — Mas não se atreva a pensar que você vai entrar no clube da Ivy. Eu posso estar em liberdade condicional, mas eu ainda tenho influência lá. E

eu vou me certificar de que você fique bem longe, bem longe deles.

— Eu realmente não me importo — disse Spencer, tentando soar o mais indiferente que ela pôde, apesar das palavras de Harper terem magoado ela. — Eu não gosto de nenhum de vocês mesmo.

Em seguida, ela bateu a porta na cara de Harper, sentindo lágrimas nos olhos. Tudo parecia tão ferrado e errado, o projeto perfeito para sua vida tinha ficado aos pedaços. Ela deveria se juntar à Ivy. Era para ser sua conexão com um futuro incrível. As meninas e os rapazes da Ivy deveriam ser seus amigos instantâneos, pessoas que ela deveria conhecer para sempre. Agora, a única pessoa da Princeton que ela falaria seria Reefer.

Ela trocou seu peso. Mas talvez isso não fosse tão ruim. Ela pensou no quão interessado nela Reefer tinha estado no jantar da Princeton. O quão animado ele ficou quando a fez sentir o cheiro da

sua maconha caseira. Ela não deveria ter empinado o nariz quando estava com ele. Ela não deveria ter abrido mão de seus princípios quando foi persuadi-lo.

Reefer foi a pessoa mais legal da Universidade de Princeton que ela conheceu até agora. E pra ser honesta, essas adolescentes da Ivy eram um pouco... vadias. E esnobes. E superficiais. Ela realmente queria sair com elas?

Spencer enxugou as lágrimas e começou a voltar para a cozinha, sentindo-se estranhamente contente. Ela ficaria bem. Talvez Reefer estivesse certo sobre os Clubes de Comer serem estúpidos e elitistas. Não que Reefer estivesse certo sobre tudo. Não que isso significasse que ela gostava dele.

Quando ela passou pelo antigo escritório do pai dela, ela sorriu para si mesma. Ok, talvez ela gostasse um *pouco* de Reefer. Pelo menos ela devia a ele um pedido de desculpas. E, quem sabe, talvez ela ainda o acompanhasse no próximo protesto Ocupar Filadélfia ou algo assim. Apenas para ser legal.

36

SÃ E SALVA

— Ok, o GPS diz que são mais 150 metros para a saída. — Emily olhou para o painel de controle de multimídia no desconhecido sedan Audi. — Vire aqui, vire aqui!

— Em, eu vi essa entrada há um quilômetro de distância. — Hanna dirigiu o carro para fora da estrada em uma saída sinalizada com CHESTNUT HILL e deu a Emily um sorriso preocupado. — Você está bem?

Emily deslizou para baixo em seu banco e mordeu a pele em torno de seu polegar. Eram algumas horas mais tarde da noite de segunda-feira, e todas elas estavam amontoadas no carro da meia-irmã de Hanna para irem juntas à casa nova dos Bakers. Era desnecessário dizer que Emily estava nervosa. E se ela chegasse lá e os Bakers tivessem se mudado de novo? E se ela chegasse lá e o bebê não estivesse com eles?

Foi a pior coisa que Emily poderia pensar. A ainda podia estar com Violet. Ela ainda poderia estar vivendo um pesadelo.

A podia ser a Verdadeira Ali, afinal? Será que ela tinha armado para Gayle parecer a vilã, roubando o dinheiro da caixa de correio de Gayle, enviando mensagens de textos para Spencer quando ela estava em Princeton, talvez até mesmo dirigindo Gayle na direção da campanha do pai de Hanna? Será que a Verdadeira Ali tinha atraído as meninas para a casa de Gayle com intenção de machucá-las? Será que Ali realmente tinha tão pouco respeito pela vida humana?

É claro que sim, disse uma voz na cabeça de Emily. De repente, seu sangue começou a ferver.

Esta não era uma trágica história de uma confusa garota que Emily podia salvar — era uma história sobre uma vadia psicopata que queria pegar Emily de qualquer maneira, mesmo que isso significasse prejudicar uma criança inocente. Se a Verdadeira Ali era A, então Emily faria de tudo o que pudesse para derrotá-la.

Essa era uma revelação estranha. Por um lado, Emily se sentia vazia por dentro, como se alguém tivesse acabado de roubar um órgão vital dela. Por outro lado, parecia de repente que ela tinha uma visão clara e firme, como se ela tivesse feito uma cirurgia ocular a laser e pudesse ver tudo corretamente pela primeira vez. Isso a fez se sentir ainda pior por deixar a Verdadeira Ali escapar, no entanto. Talvez ela tenha trazido tudo isso a si mesma.

O sinal ficou verde, e Hanna passou por uma Barnes & Noble e uma Starbucks. O celular de Emily tocou e ela deu um pulo. Uma

mensagem de Isaac tinha chegado. *Eu pensei sobre as coisas, e eu quero conversar*, dizia.

Emily olhou para as palavras enquanto elas paravam em uma placa de pare. Esta era uma boa mensagem.. ou uma horrível? A expressão de raiva e nojo de Isaac na casa de Gayle tinha permanecido com ela. Ele tinha que estar louco, certo? Será que ele já tinha dito a mãe dele? Será que a Sra. Colbert já tinha contado para todo mundo? Será que ela iria se tornar a vergonha de Rosewood em meros dias — horas?

Mas por outro lado, isso iria vir à tona mais cedo ou mais tarde. A polícia já havia rastreado os pais de Emily no Texas, e disse a eles que ela tinha testemunhado um assassinato. Eles iriam pegar o primeiro voo que pudessem amanhã de amanhã, e eles estariam de volta no momento em que Emily retornasse do funeral de Gayle. Apesar de a polícia não ter revelado o segredo de Emily, seus pais fariam perguntas. Talvez fosse melhor se esse segredo fosse revelado. Tinha que ser ela que contasse a eles. Tudo o que ela podia esperar era que eles não a matassem.

— Em, este lugar é adorável — Aria murmurou. Emily olhou para fora da janela. Elas estavam dirigindo pela Main Street em Chestnut Hill. Ela era cheia de padarias calmas, elegantes restaurantes, lojas de móveis antigos e boutiques de luxo. Uma enorme biblioteca com uma grande vitrine para crianças na janela estava à esquerda, várias igrejas de pedra antigas estavam do lado direito, e ruas laterais ostentavam maravilhosamente restauradas casas antigas com caminhonetes e balanços. Famílias caminhavam empurrando carrinhos de crianças e com cachorros nas calçadas.

Crianças corriam ao redor de um campo de beisebol.

Um sorriso esperançoso atravessou o rosto de Emily. Este lugar parecia agradável.

— Vire à direita, e você terá chegado ao seu destino — o GPS proclamou. Hanna sinalizou com a seta de virar e entrou em um lugar de estacionamento na rua. As meninas saíram e começaram a

descer a calçada, olhando para cada uma das casas antigas que passavam.

— É aquela — disse Aria na metade da quadra, apontando para uma casa do outro lado da rua.

— Número 86.

Emily engoliu em seco e se atreveu a olhar. A casa em questão tinha tapume branco, venezianas pretas e uma grande varanda frontal. Havia um regador verde nos degraus, tinha narcisos nos canteiros de flores, e uma coroa de flores de frutas na porta.

— É realmente agradável, Em — Spencer inspirou. — Melhor do que o antigo lugar, mesmo.

E então Emily viu algo que fez seu coração saltar. Lá, através da cerca rachada do quintal, havia uma garagem.

A porta se abriu, revelando duas latas de lixo de plástico, uma bicicleta com dez marchas e um carrinho de bebê. Havia uma piscina infantil no formato de um sapo apoiada contra a parede. Emily apertou as mãos na boca, sentindo as lágrimas virem aos olhos. *Coisas de criança*. Será que seu bebê ainda estava aqui?

Como se fosse uma resposta cósmica, a porta da frente da casa se abriu. Emily gritou e se escondeu atrás de Spencer. Um homem familiar de compleição fina e cabelo cor de areia saiu primeiro. — Você pegou ela? — ele perguntou a alguém atrás dele.

— Uh huh — uma voz de mulher disse.

Emily olhou em volta do ombro de Spencer a tempo de ver Lizzie Baker caminhando para a varanda e fechando a porta. O rosto de Lizzie parecia fresco e feliz, e ela vestia calças de yoga pretas e tênis Nike. Em seus braços havia uma menina de sete meses de idade rindo, com as bochechas rosadas e com olhos brilhantes, em um vestido de veludo rosa e sapatos pretos Mary Janes. Ela acenou com um chocalho em torno de sua mão e deixou escapar um alto arrulho. Seu cabelo era um escuro loiro-avermelhado, exatamente como o de Emily.

— Oh, meu Deus — disse Emily, lágrimas vindo aos seus olhos. Era o seu bebê. Violet. E ela parecia linda e feliz e melhor do que ela jamais imaginou.

— Em — foi tudo o que Aria disse. Spencer agarrou o braço de Emily e apertou. Hanna se apoiou no ombro de Emily e soltou um fungado feliz.

Violet estava segura — *segura!* Era tudo o que importava. Ela podia lidar com seus pais. Ela podia lidar com Isaac. Ela podia lidar com todas as outras pessoas de Rosewood, também. Iria ficar — bem, não tudo bem, mas administrável. Se algo tivesse acontecido com o bebê, ela nunca teria perdoado a si mesma.

Ela se virou para as outras. — Eu estou bem agora — ela sussurrou. — Vamos embora antes que eles nos vejam.

Elas se moveram para ir embora, quando de repente a Sra. Baker parou, notando Emily.

Instintivamente, ela segurou Violet um pouco mais apertado. Seu marido se virou para ver o que sua esposa estava olhando, depois empalideceu também. Engolindo em seco, Emily levantou a mão em uma tentativa de aceno de eu-não-quero-causar-nenhum-dano. Depois de um momento, os Bakers acenaram de volta. Então eles disseram algumas coisas que Emily não conseguiu ouvir.

Depois de um momento, a Sra. Baker atravessou a rua em direção a Emily com Violet em seus braços.

— O que vocês estão fazendo? — Emily gritou, em pânico. Quando ela olhou para cima, Spencer, Aria, Hanna estavam se afastando. — Não me deixem!

— Você vai ficar bem — Spencer incentivou, correndo ao redor da esquina.

Emily virou-se e viu a Sra. Baker pisar na calçada e agarrou Violet mais alto em seu quadril. As duas olharam uma para a outra por uma pulsação. Emily não tinha ideia do que a Sra. Baker poderia dizer. *Como você se atreve? Dê o fora daqui?*

— Uau — exclamou a Sra. Baker. — Heather. Oi.

— É Emily, na verdade — disse Emily. — Emily Fields.

A Sra. Baker riu nervosamente. — Eu sei. Eu vi você em uma cópia antiga da *People* no consultório do pediatra. Eu não pude acreditar que eu não sabia que era você. — Então ela pegou a mão de Violet e fez ela dar um aceno. — Eu acho que você sabe quem esta é. Nós a demos o nome de Violet.

— Oi, Violet. — Emily quase não conseguia pronunciar as palavras. — Ela está maravilhosa.

Ela está. . feliz?

A Sra. Baker empurrou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Bem, ela não pode falar ainda, mas acho que ela está. Estamos felizes, também. — Um olhar tímido apareceu sobre seu rosto.

— Vocês se mudaram — Emily apontou.

A Sra. Baker concordou. — Sim. Pouco depois — bem, você sabe. Achamos que as pessoas podiam fazer perguntas. Decidimos que era melhor nos mudar para algum lugar onde ninguém nos conhecia. — Quando ela levantou a cabeça e olhou para Emily novamente, havia lágrimas em seus olhos, também. — Não sei por que você mudou de ideia, mas não podemos agradecer o suficiente.

Nós esperamos que você saiba disso.

Parecia que ela tinha injetado luz solar em Emily. Ela enxugou uma lágrima, olhando de novo para o sorriso bobo e babado de Violet. — Eu não posso agradecer a *vocês* o suficiente.

Um duplo *bipe* de um carro sendo destravado soou outro lado da rua, e a Sra. Baker virou e sinalizou para o marido, que estava ligando um Honda SUV. — Eu vou dizer a todos sobre o bebê — Emily desabafou. — Mas eu nunca vou dizer a eles sobre vocês.

A Sra. Baker concordou. — Vamos manter o seu segredo, também.

Elas trocaram um olhar significativo. Havia tantas outras coisas que Emily queria perguntar sobre Violet, mas talvez na sua posição ela não tivesse que saber. Ela tinha dado o direito de ser mãe de Violet. Tudo o que podia esperar era que os Bakers dessem a seu bebê a melhor vida possível. Todo o dinheiro do mundo não poderia ter dado uma vida melhor para Violet do que a que os Bakers estavam dando a ela.

Emily beijou o topo da cabeça macia de Violet. — Mantenha ela segura, ok? Mantenha ela trancada todas as noites. Nunca a deixe fora da sua vista.

— É claro que vamos fazer isso — disse Lizzie.

— Ótimo — disse Emily. E então ela se virou desajeitadamente e caminhou tão rápido quanto ela pôde de volta para as meninas, com medo de que se ela não saísse rápido, ela nunca seria capaz de sair do lado de Violet novamente. Ela olhou para trás, vendo enquanto Lizzie fazia um aceno com a mão de Violet novamente. Um soluço subiu em sua garganta. Ela pensou em A iminente em algum lugar perto, só esperando para arrebatá-la para longe. Ela não podia suportar a ideia.

Engolindo em seco, ela olhou para o tráfego na estrada principal. *Se o próximo carro que passar for azul, Violet vai ficar bem, ela pensou. Se for vermelho, A vai fazer algo horrível com ela.*

Ela ouviu um grunhido de um motor e fechou os olhos, com medo de ver o que o futuro pudesse trazer. Ela nunca se importou tanto com algo em sua vida. Assim que o carro estava passando, ela abriu os olhos e viu o ornamento do capô de um Mercedes. Ela soltou um longo suspiro, e lágrimas vieram aos seus olhos mais uma vez.

O carro era azul.

UMA ESTRANHA NA MULTIDÃO

A Abadia de Rosewood era um antigo edifício de pedra no meio da cidade com lindos vitrais, uma torre de sino e jardins imaculadamente cuidados. Havia parentes de luto vestidos de preto amontoados no gramado, isso deu a Aria uma sensação estranha de deja-vu. A última vez que ela tinha estado lá, foi no funeral de Ali há um ano e meio atrás. E agora, nesta manhã de terça-feira ensolarada, ela estava lá para marcar outra morte: a de Gayle.

Emily e Spencer, que tinham vindo com ela, encararam a igreja em silêncio quando elas entraram no estacionamento. Todas elas tinham vindo como um favor a Hanna — o pai dela estava obrigando-a a vir porque Gayle significava muito para sua campanha, e ela estava muito assustada para vir sozinha.

O Prius de Hanna encostou ao lado delas. Hanna desligou o motor, saiu e cumprimentou as outras. Então, ela olhou em volta com um estremecimento, seu olhar se estreitando para uma árvore salgueiro próxima ao caminho da frente. — *Isso não traz boas lembranças* — disse ela em um tom de voz de mau pressentimento.

Aria sabia exatamente o que ela queria dizer. Foi sob esse salgueiro que elas tinham recebido uma mensagem ameaçadora da primeira A. *Eu ainda estou aqui, suas vacas, e eu sei de tudo.*

Agora elas estavam na mesma posição. Uma nova A ainda estava aqui. Uma nova A sabia de tudo. E nenhuma delas sabia onde ou quando A atacaria novamente.

A nave da Abadia estava ainda mais cheia do que o gramado, o ar estava úmido e abafado com corpos e o nível de ruído era ensurdecedor. O pai de Hanna estava junto às portas, falando com um repórter. Um grupo de pessoas do Clube Rosewood Rotary conversava perto da água benta. Naomi Zeigler e seus pais estavam

quietos em um canto, olhando para o evento. Aria se perguntou como a família de Naomi conhecia Gayle.

O sacerdote assinalou para todos entrarem no salão. No final do longo corredor havia um caixão de mogno fechado coberto com enormes buquês de flores. O Sr. Clark estava ao lado dele, com as mãos cruzadas e de cabeça baixa. Parecia que ele não tinha dormido desde a noite em que elas o tinham visto na delegacia — havia olheiras roxas sob seus olhos, sua pele parecia escamosa e pálida e seu cabelo precisava ser penteado. De vez em quando, ele se afastava, como se estivesse assustado. E quando Aria estreitou os olhos para ver melhor, ela jurou que viu seus lábios se movendo levemente, como se estivesse falando sozinho.

Hanna inclinou-se para Aria. — Meu pai me disse que a polícia acha que o assassino de Gayle é um cara que tem estado invadindo casas no bairro de Gayle. Eles o levaram para interrogatório. E se eles o condenarem?

Spencer deu de ombros. — Melhor esse cara do que nós.

Os olhos de Emily se arregalaram. — Como você pode dizer isso? Foi horrível quando eles pensaram que nós fizemos, mas não podemos simplesmente deixar que outra pessoa leve a culpa.

Spencer levantou uma sobrancelha quando ela deslizou para o banco. — Quem sabe? Talvez a pessoa que está invadindo casas seja A.

— Ou talvez a pessoa que está invadindo casas tenha assassinado Gayle, talvez ela seja relacionada com A — Aria sugeriu. Mas mesmo enquanto ela dizia isso, ela não parecia convencida.

Nem as outras, também.

Spencer cruzou as pernas, alisou sua saia preta, e olhou para frente. Depois de uma pausa, Aria deslizou para o banco ao lado dela, e as outras meninas a seguiram.

A música do órgão parou, e as pesadas portas foram fechadas com um *clonk*. As pessoas se moveram para seus assentos. Aria

esticou o pescoço por cima das cabeças à sua frente. O Sr. Clark estava em cima do pódio e ajustando o microfone. Quando ele limpou a garganta, um chiado ecoou pelo salão, e ele fez uma careta. Depois, houve uma pausa terrivelmente longa. O Sr. Clark olhou para a multidão de pessoas com a boca trêmula. Houve algumas tosses educadas e várias acotoveladas interessadas. Durante todo esse tempo, o Sr. Clark não se mexeu.

O estômago de Aria revirou. Era terrível ver esse homem tão destruído, especialmente sobre algo que elas possam ter causado. E se A tivesse matado Gayle só por causa delas? Isso significava que elas tinham arruinado a vida dele não uma vez, mas duas vezes, por causa de Tabitha. E Aria ainda tinha mais coisas para se culpar — tinha sido as mãos dela que tinham empurrado Tabitha daquele telhado. Ela olhou para elas agora, horrorizada com o que ela tinha feito de novo. Seus dedos começaram a tremer.

Finalmente, o Sr. Clark limpou a garganta. — Eu nunca pensei que eu teria que fazer isso duas vezes em um ano — disse ele, com a voz embargada. Ele agarrou um lenço firmemente em seu punho. — É devastador o suficiente quando sua filha é tirada de você, mas quando você perde sua esposa, também, o seu mundo começa a desmoronar. — Ele fungou e limpou o nariz. — Muitos de vocês conheciam Gayle como uma filantropa incrivelmente generosa. Mas eu conhecia outras partes dela, também. Lados dela tão especiais e únicos...

Ele passou a dizer como Gayle resgatava todos os cães que ela via, que ficou com pena de uma família pobre que eles conheceram durante umas férias em Curaçao e pagou para eles construírem uma nova casa, e se voluntariava nas cozinhas públicas em cada Ação de Graças. Cada uma das histórias era incoerente e muitas vezes sem sentido, mas fizeram parecer totalmente improvável Gayle ser A. A tinha tão habilmente convencido-as de que ela era de outro jeito.

O Sr. Clark continuou com seus elogios, de vez em quando parando para olhar para o espaço ou para limpar uma enxurrada de

lágrimas. Quando Aria ouviu a palavra “assassinato”, ela animou-se, de repente alerta.

— Por mais que eu não queira dar ao assassino da minha mulher nenhuma atenção em seu dia, eu tenho que dizer algo sobre isso — o Sr. Clark continuou com uma voz grave. — Seja você quem for, seja qual for o motivo pelo qual você fez isso, eu vou te encontrar. Assim como eu vou encontrar a pessoa que matou a minha filha.

A multidão irrompeu em sussurros. Aria piscou com força, as palavras demorando alguns segundos para serem entendidas. Ela olhou para suas amigas. *O que ele acabou de dizer?*, ela balbuciou. Sua cabeça começou a girar. *Isso não pode estar acontecendo.*

O Sr. Clark fez um movimento acenando para todos se acalmarem. — Isto vai vir à tona, então eu posso muito bem dizer a todos aqui. Eu estou com uma autópsia feita nos restos de Tabitha. A causa da morte dela não está relacionada com o álcool. Ela foi assassinada.

Todo mundo começou a falar ainda mais alto. A parte de trás da garganta de Aria se apertou tanto que ela mal conseguia respirar. Suas amigas estavam olhando para ela, também atordoadas.

Um zumbido alto soou do celular de Aria. Meio segundo depois, o celular de Emily se iluminou, assim como o de Hanna e Spencer. Aria olhou perplexa para as outras, em seguida, olhou para o celular. Sua garganta se fechou e seu estômago de repente parecia em chamas. *Uma nova mensagem de texto*, a tela dizia.

Aria a abriu. Sua visão momentaneamente ficou branca.

É isso mesmo, vadias — papai está de olho em vocês. Quanto tempo vocês acham que vai levar para a polícia perceber que vocês estavam em ambas as cenas dos crimes? —A

— Oh, meu Deus — sussurrou Spencer. Ela girou a cabeça e olhou em volta. — Gente, A está...

— . .aqui? — Hanna terminou.

Aria olhou para a igreja cheia de pessoas da escola, da cidade, de seu passado. Um riso estridente ecoou através do ar e, naquele momento, uma figura saiu pela porta de trás fechando-a com uma batida.



O QUE ACONTECE DEPOIS. . .

Vocês não amam quando uma história termina com um estrondo? E esses

não são os únicos fogos de artifício que eu tenho na manga para as mentirosas.

Elas estão se preparando para uma semana no Caribe com estudantes de toda a

Pensilvânia — e comigo! Eu vou estar equipada com um binóculo observando

Spencer, Aria, Emily e Hanna se darem mal.

Vamos começar com Spencer. Ela tinha tanta esperança de entrar no clube

mais exclusivo de Princeton. Mas depois do pequeno incidente com os brownies,

parece que o único Clube de Comer que ela vai se juntar é à fila de comida no

navio do Cruzeiro-Eco. Dedos cruzados para que ela não ultrapasse os limites...

Aria está pronta para deixar o drama-Kahn para trás e se aconchegar com

Noel no convés traseiro. Mas enquanto Aria pode parecer melhor em um biquíni

do que o Sr. Kahn, pelo menos ele se expressa abertamente. Noel perdoou desta

vez, mas quando ele descobrir que Aria ainda está escondendo segredos será que

ele vai querer ficar com ela?

Quanto a pobre Emily, agora que o gato — ou melhor, o bebê — está

escondido com o rabo de fora, a Casa Fields vai virar um inferno. Será que o

cruzeiro vai ser o refúgio perfeito de todo o drama mamãe-bebê? Ou vai trazer de

volta o drama da causa da morte de Tabitha para Emily se afogar em suas

mágoas?

E Hanna podia ter parecido como uma baleia encalhada em sua aula de pole

dancing, mas ela conseguiu Mike de volta. Agora se ao menos o resto da escola

esquecesse seu cargo mais recente em Rosewood — e, ahã, ineficaz — de

perseguidora. Mas algumas coisas nunca serão esquecidas ou perdoadas. Como,

por exemplo, a coisa horrível que ela fez no verão passado. A menina pode bater e

correr, mas ela não pode se esconder. Especialmente em águas abertas.

É melhor as mentirosas aproveitarem a viagem sem sacolejos enquanto

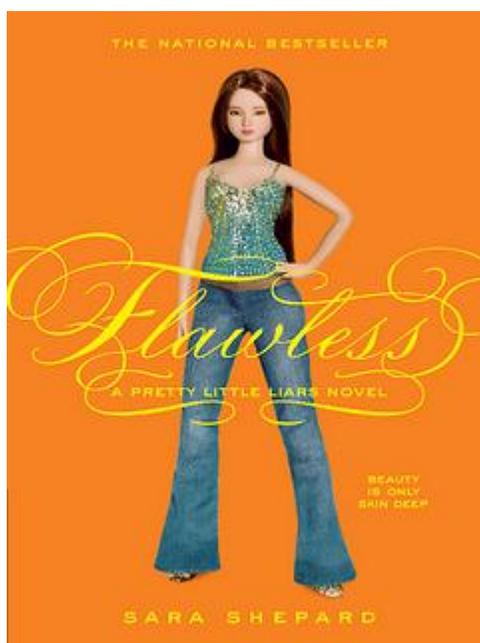
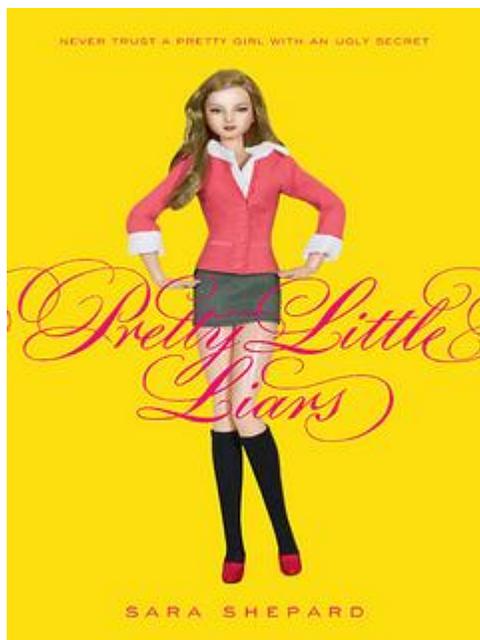
puderem. Eu ouvi dizer que há tubarões no Mar do Caribe, e eles sempre

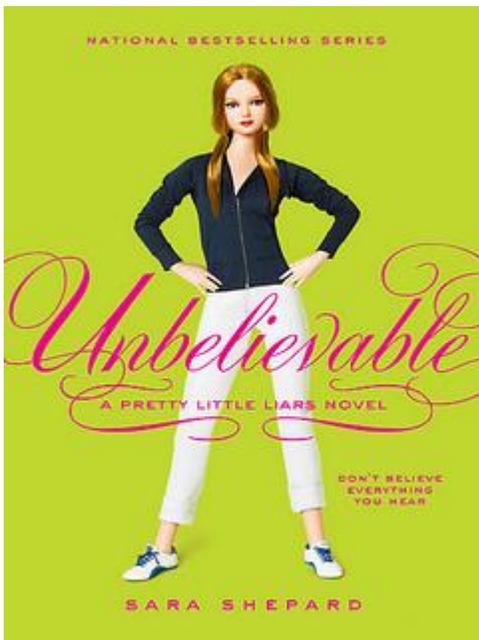
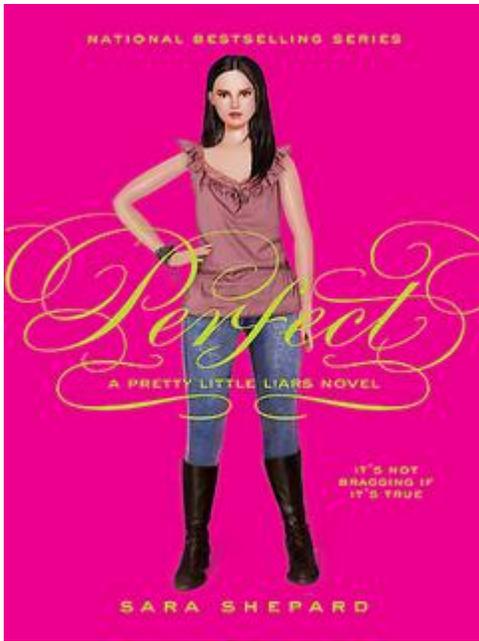
conseguem sentir cheiro de sangue...

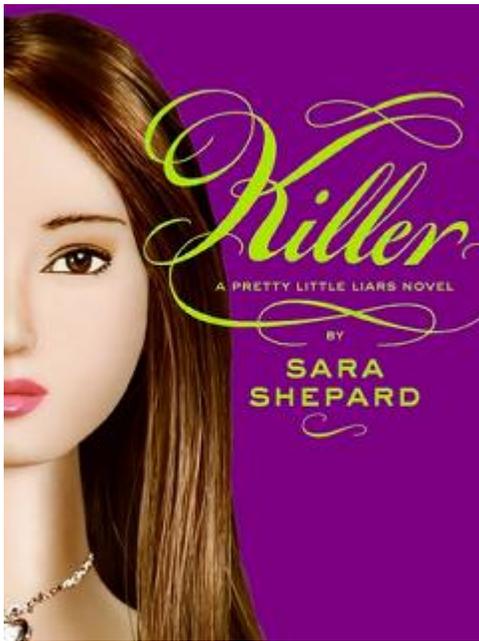
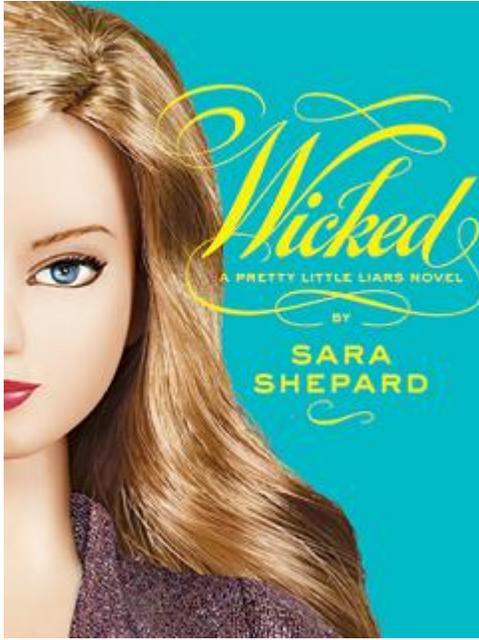
Suspendam a âncora!

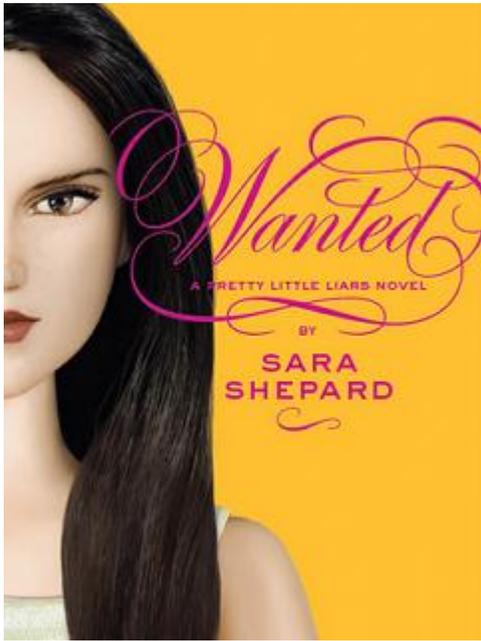
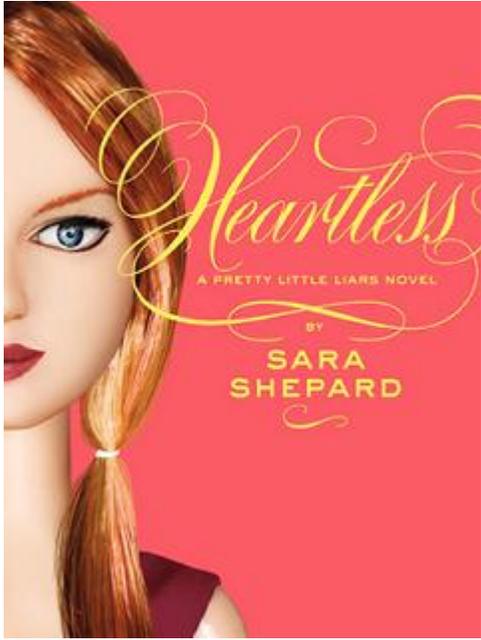
—A

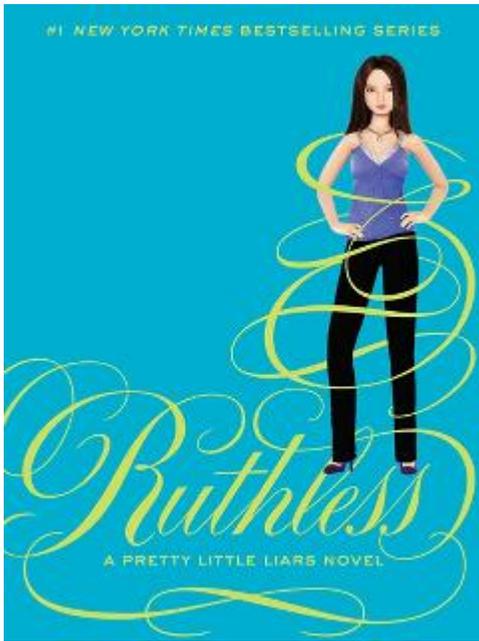
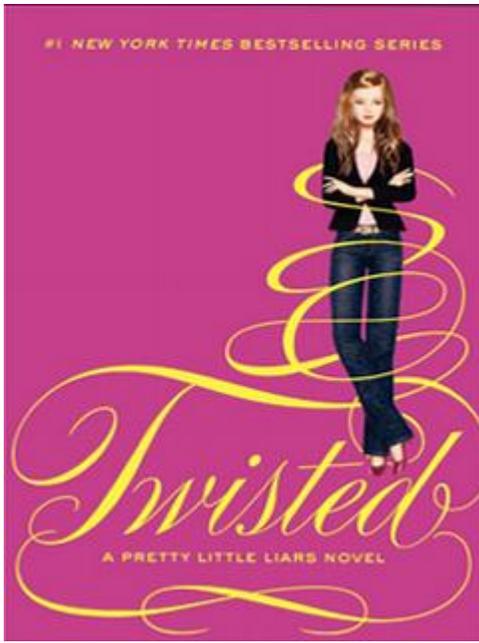
FIM!

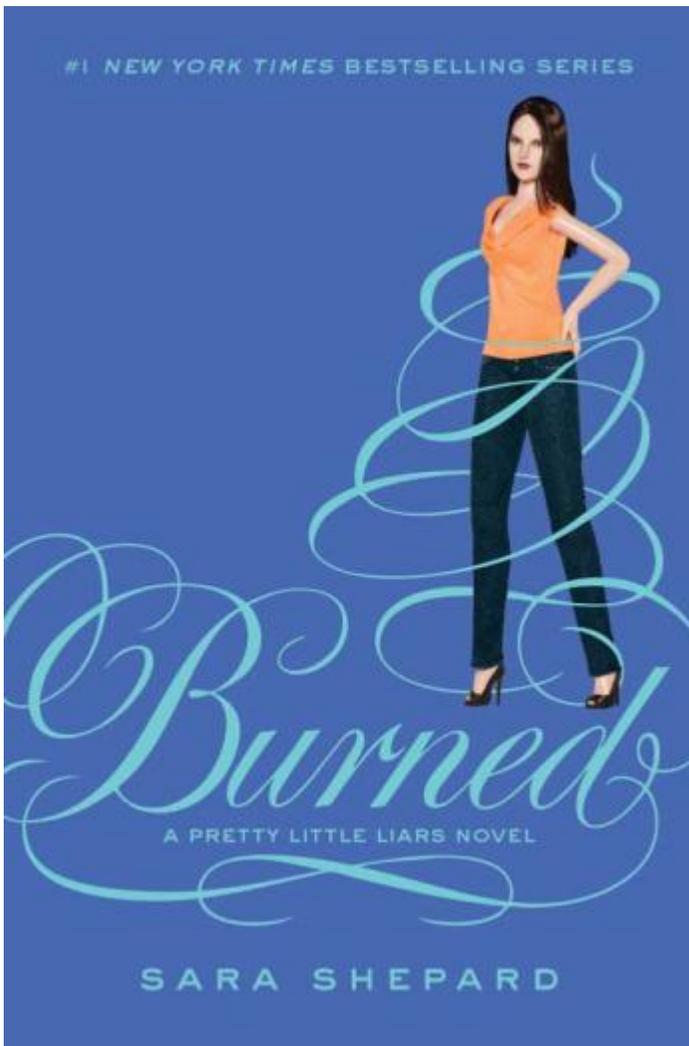
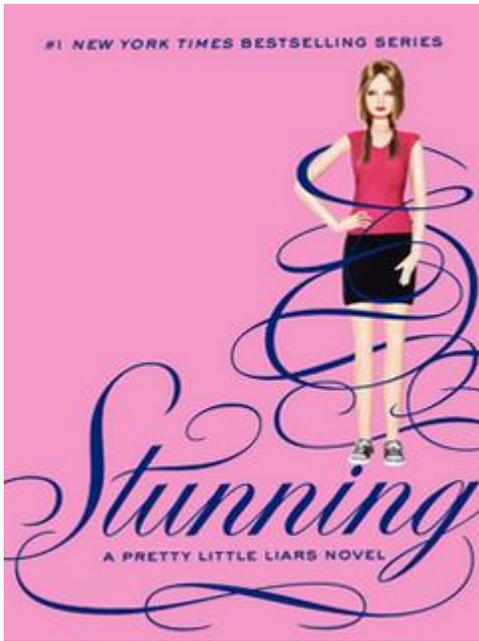












A Pretty Little Liars Novel

Próximo livro: